Herberto Sales

SUBSI

EU DE MIM COM CADA UM DE MIM

DIÁRIO 3

Confidências & penitências

EDITORA DO BRASIL S/A

Foto - Herton Sales

SUBSIDIÁRIOS

Ao *Subsidiário* seguiu-se o *Subsidiário 2*, referencial na seqüência, de título autônomo *Andanças por umas lembranças*. Encerrando o tríptico vem, agora, este volume, *Eu de mim com cada um de mim*, título por sua vez autônomo do serial *Subsidiário 3*. De resto, o último dos três volumes da memorialística de Herberto Sales. Levando hoje uma vida isolada, no seu auto-exílio de uma pequena cidade fluminense (São Pedro da Aldeia), o autor não pretende voltar a publicar livros, embora continue a escrever. Afinal, segundo suas próprias palavras, os livros póstumos também são filhos de Deus.

Os volumes anteriores do *Subsidiário* caracterizam-se por sua pungente nota humana. E por seu destemor confessional. Este novo e último volume segue a mesma linha dos primeiros. São livros abertos de uma alma aberta. Herberto Sales não tem segredos para o leitor, e se os tinha para consigo mesmo faz questão de revelá-los neste seu ajuste pessoal de contas com a vida.

Escrevendo a Herberto Sales sobre o Subsidiário 2, disse o grande ANTONIO HOUAISS as seguintes e consagradoras palavras:

"... lendo um livro como suas *Andanças por umas lembranças - Subsidiário 2 - Segredos & revelações*, caio em mim: que imbecil tu és (bem entendido, *tu* sou *eu*) que estavas perdendo tanta gostosura...

"O prazer da leitura - que você revela tão funda e belamente e consegue transmitir tão meiga e docemente (mesmo quando haja uns rápidos surtos de ira sacra) - foi o que eu tive durante as duas noites em que me debrucei sobre suas *Andanças*, lamentando reiteradamente (porque o lembrava reiteradamente) não haver antes lido o *Subsidiário*. Até agora não me explico por que não o li. Mas vou remediar o fato, pois hoje mesmo farei empréstimo à biblioteca da Academia do exemplar que espero esteja lá.

"O fato é que você está escrevendo diabamente bem: limpeza, elegância, modéstia moderada (e por isso não falsa, pois há em você, claro, um sentimento não direi de orgulho, mas de consciência de sonho sonhado e realidade realizada), correção, fluência, clareza - e que mais irei dizer?, para quem é senhor - e como! - do seu empenho, destino, garra, amor e esperança.

"Vê você, meu caro amigo e confrade maior, que não me poupo de agradecer-lhe os momentos que tive com lê-lo com tanto encantamento".

MEMORIALÍSTICA DE HERBERTO SALES

Subsidiário * *Andanças por umas lembranças (Subsidiário 2)* * *Eu de mim com cada um de mim (Subsidiário 3)*

HERBERTO SALES EU DE MIM COM CADA UM DE MIM

À ORELHA
O AUTOR

Empréstimo tomado ao Teatro, quando à cena reclamam a presença do autor. Ou do teatrólogo. Todavia com uma diferença, na ordem das coisas. Aqui o autor vem antes do texto que o leitor irá ler, independentemente de lhe reclamarem ou não a presença no fim do livro. Inverte-se a situação, na antecipação do aplauso problemático, que aliás o autor, sem o perseguir, todavia não o desdenhará. Na voz do povo, saber do povo, temos o paradoxo pastoril do carro adiante dos bois.

Este é o *Subsidiário 3*, da série tríplice, com seu título autônomo de *Eu de mim com cada um de mim*. Nada porém há nele de cabalístico. Nem de pretensa originalidade. É o que é, o título. O autor vive atormentado de eus. Ele não é apenas ele, em estado digamos de integridade unitária humana. De berço e de primeiro choro, ele é ele, sou eu, além dos nossos outros. Dos outros dele e dos outros de mim. Quase poderia dizer que formamos juntos (todos nós juntos), um cacho variado de pessoas e de sentimentos: ódios, amores, mágoas, angústias, horrores, medos, e não sei mais quê. Sentimentos que aqui, na chamada geral deste livro, vêm dizer: – Presente!

Chamou-se ao primeiro desses três livros *Subsidiário*, só e só. Escrevi o segundo volume, tão grande fisicamente quanto o primeiro, que se chamou *Subsidiário 2*. Houve a sugestão (prática) de dividi-lo em dois volumes, de modo a viabilizar a sua edição (ou fabricação) em plena crise editorial da vez, de resto costumeira, para variar. Tornou-se então o *Subsidiário 2* apenas um sub-título referencial, com o volume autonômo recebendo um título autonômo: *Andanças por umas lembranças*. Depois dele veio o *Subsidiário 3*, este já falado, *Eu de mim com cada um de mim*. Hoje me arrependo de ter feito isso. Podia ter ficado tudo como estava antes. Mas agora é tarde. Enfim, sou uma pessoa, e por extensão um autor, que se arrepende de tudo que faz. O arrependimento é o estado natural de minha alma. Sou um mísero pecador que somente no arrependimento encontra a salvação. Deus seja louvado.

E, dito isto, só me resta dizer - adeus.

HERBERTO SALES

EU DE MIM COM CADA UM DE MIM

Herberto Sales

SUBSI

EU DE MIM
COM CADA UM
DE MIM

DIÁRIO

Confidências & penitências 3

EDITORA DO BRASIL S/A

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sales, Herberto, 1917–
Subsidiário 3 : eu de mim com cada um de mim : confidências e penitências / Herberto Sales. – São Paulo: Editora do Brasil, 1992.

1. Sales, Herberto, 1917 – I. Título.

92-3174 CDD-928.699

Índices para catálogo sistemático:
1. Brasil : Escritores : Reminiscências 928.699

Copyright, 1992 - Herberto Sales

Impresso no Brasil

Capa
MARIA LUIZA FERGUSON
Foto do autor
HERTON SALES
Revisão
CLARA KOTAKE

Dedico este livro ao romancista

JORGE AMADO

amigo meu e meu confrade, baiano
como eu, e em grau de afeto quase
meu parente –
na alvorada dos seus oitent'anos.

"... é franco e sincero; franco e sincero no seu amor e no seu ódio; usa verdade e di-la, sem curar se dói ou näo dói".

HERCULANO (**O monge de Cister**)

E is-me de novo aqui, nesta minha desrumorosa pedreira, com a idéia de continuar a escrever estas confissões, memórias, histórias, que mais sei? Enfim, estas minhas coisas tão minhas, lembranças e andanças de uma alma, que reunidas uma a uma no dia-a-dia de um livro que comecei a escrever em Paris, tão longe de mim estando quanto perto de mim estava, tomaram o título inaugural (e geral) de **Subsidiário**. Diário aliás elas também o são, à sua maneira: sem data e sem folhinha, sopro livre no tempo, subsídios para uma recomposição do que sou ou do que fui, nos incertos caminhos por onde andei. O meu rasto nas areias do mundo.

O título **Subsidiário** eu o restabeleci em sua ordem normal de escrita, assim mesmo escrito, como é: sem o artifício do **D** maiúsculo intermediário que por algum tempo adotei, em homenagem ao meu falecido amigo Franco de Barros, inventor da novidade.

O **Subsidiário** devia ser o meu adeus à Literatura, essa incruenta conquanto cruel guerra em que uns homens que se julgam deuses se engalfinham entre si, para tirar da janela quem lá está e ocupar na janela o lugar de quem de lá foi tirado e convenientemente enfiado no porão.

Acabei no entanto cedendo à tentação de prolongar a minha conversa comigo mesmo, no reencontro diário de mim comigo em minha mesa de trabalho, no silêncio de um novo livro, ele e eu, nós dois. E um belo dia estava eu com o meu segundo **Subsidiário** pronto. Trouxe-o comigo para o Brasil. Eram 830 páginas de originais que atemorizaram os editores: investimento inevitavelmente alto, levando inevitavelmente a um preço de capa proibitivo. Meu irmão Fernando me sugeriu então que eu dividis-

se em dois livros independentes aquele que em sua unicidade titular seria contudo o **Subsidiário 2**. E eu assim o fiz. Dois livros independentes foram organizados com o material dos alentados originais que trouxe comigo de Paris. O **Subsidiário** ficou sendo o que era, como nascera e se publicara, em sua autonomia editorial, preservado todavia no fio de sua referência. Os dois volumes novos guardaram, por sua vez, em relação a ele e entre si autonomia. Eis os seus títulos respectivos, pela ordem de publicação: **Andanças por umas lembranças**, e este **Eu de mim com cada um de mim**, uno e múltiplo.

O **Subsidiário** foi escrito para levar a alguma parte o meu recado sem rumo e talvez final de escritor, garrafa atirada ao mar que um casual leitor (quem sabe) piedosamente recolhesse. Ou a recolhesse apenas curiosamente. Livro que eu fiz fazendo: escrevendo-o e lendo-o, letras derradeiras de mim. Coisas que, antes de dizer adeus a mim mesmo, e à minha talvez ex- literatura, eu precisava deixar escritas. Lembranças e testemunhos. Segredos e revelações. Confidências e penitências. O segundo **Subsidiário**, que vi crescer em minha mesa contra o meu desejo mais íntimo, devia ficar como tal. Prosseguiu contudo nos citados dois livros independentes, dele derivados. Este ficou sendo, na seqüência, o **Subsidiário 3**. Mas... eu não disse que seria o último. Digo-o agora, pois não havendo a esta altura da vida, quando já pouco importa o que me possa acontecer, nada mais que conversar comigo mesmo, não há em verdade mais motivo para haver depois dele um livro congênere.

✲✲✲

1º de agosto, 1989. Morreu José Cândido de Carvalho. Perdi o meu maior amigo, dos escassos que tenho, ou que consegui na vida fazer. Amanhã tentarei escrever sobre ele. O dia de hoje é só para derramar sobre a lembrança dele as minhas grandes lágrimas de saudade e de calada dor.

✲✲✲

Meus filhos Heitor e Beto vinham acompanhando com desvelado interesse a doença de José Cândido. Sabiam grave o estado dele, mas o ocultavam de mim, com pena de mim: não queriam me ver sofrer com o sofrimento do meu amigo. Era toda uma vida juntos convivida, José Cândido e eu, ameaçada de interromper-se na minha encompridada ausência, como pelas costas, à traição, sem que eu pelo menos uma derradeira vez ainda pudesse ver com vida o meu amigo dileto. Terrível. E meus filhos tudo faziam para me poupar essa dor.

Morre José Cândido. Meus filhos se reuniram, e com eles Antônio Celso, nosso amigo de verdade. Decidiram que tinham de preparar o meu espírito para receber a muito triste notícia. Beto ligou para Montello, pediu-lhe que se encarregasse da delicada missão. Montello é homem de palavra persuasiva e confortadora. Sabe conversar com as pessoas, falar às pessoas, é amigo que costumo ouvir nos meus, digamos, momentos difíceis - embora muitas vezes acabe fazendo exatamente o contrário do que ele me aconselha. No caso da comunicação da morte de José Cândido era realmente a pessoa mais indicada para o fazer, porque tem, de nascença, o senso perfeito da oportunidade e do tato. Eu diria mesmo a arte do tato. Entregue a Montello eu estaria em boas mãos.

Mas, antes que ele tivesse tempo de me telefonar, toca o telefone em meu apartamento. E veio então, de chofre, do Brasil o aviso que aparentemente em nome da Academia me transmitiu uma neutra e açodada voz recadeira.

– O acadêmico José Cândido de Carvalho acaba de falecer... etc., etc.

Fiquei perplexo. Desabei. Em verdade, podia ter morrido do choque. Nesse caso, logo e logo, haveriam de arrumar um candidato para enfiar na minha vaga antes de me enterrarem. Exatamente como fizeram com José Cândido.

José Cândido foi o único acadêmico que até hoje recebi na Academia. Ele assim o quis, e eu também. Qualquer outro con-

frade escolhido para o fazer poderia fazê-lo com mais brilho que eu, mas estaria irremediavelmente fora do lugar. Seria um intruso. José Cândido foi não apenas o único acadêmico que até hoje recebi na Academia. Foi também, e definitivamente, o último. Nada me fará dar em nome da Academia as boas- vindas a outro acadêmico chegante. Nem a vontade expressa do empossando, nem a formalização do convite através da designação protocolar do presidente da Casa. Quando entrei para a Academia, fui recebido pelo meu em vida maior amigo, Marques Rebelo. E quando me coube a mim receber na Academia um confrade, esse confrade foi outro grande amigo meu, exatamente José Cândido de Carvalho. Em sua homenagem, em homenagem à sua memória, guardarei um silêncio de reverência privilegiada, que nas solenidades sociais da Academia balizará para sempre a minha entrada para ela e a entrada para ela de José Cândido de Carvalho.

Escrevi em Brasília o discurso com que o receberia na Academia. E li para ele ainda em Brasília, num recanto sossegado do Heron Palace Hotel. Queria afinal a sua opinião, saber se o discurso lhe agradava, ou se era necessário mexer em alguma coisa. Retocá-lo em alguma passagem. Cortar talvez alguma coisa. José Cândido deu-lhe plena e carinhosa aprovação. E eu mandei datilografar o discurso, confiando à minha então amiga M, do INL, esse novo desafio de decifração de minha letra.

A partir de uma edição ou reedição que já não sei qual do **Coronel**, José Olympio, em pessoa e em estado de autoridade, determinou que enquanto ele vivesse o meu discurso ficaria integrando como posfácio todas as edições posteriores do grande romance. E com isso concordou José Cândido. Por quê? Acredito que simplesmente porque o meu discurso, sendo em essência a história de **O coronel e o lobisomem**, era um complemento de irrecusável interesse para o leitor do romance e mesmo para o estudioso da obra do meu amigo. Esse posfácio, que aliás é no livro muito propriamente designado **discurso**, também é, por sua vez e em sua natureza, um subsídio indispensável para a leitura

destas notas que sobre a morte do meu amigo alinhavo nestas páginas.

Adeus, José Cândido. Adeus, não; até breve, pois onde eu estiver, e como puder, você estará sempre comigo.

Passou o 1º de agosto , esse dia em que José Cândido me deixou na orfandade do seu afeto. Nem no dia seguinte, nem no que veio depois, nem nos outros que depois vieram, me achei realmente em condições de escrever sobre ele, com os vagares de uma curtida saudade. Eu andava com idéia de visitar o Marrocos, e a perda do meu amigo me fez pôr em execução essa idéia logo e logo. A viagem possivelmente me ajudaria a me reencontrar comigo mesmo na lembrança dele, evocada em terras distantes, na solidão viajora que eu ia carregar na alma, por outras paisagens, sob outros céus, entre gente estranha.

A última vez que estive com José Cândido foi nas férias que passei no Rio, entre dezembro e janeiro, no findar de um ano e no começar de outro, mal supondo que era o ano em que ele ia para sempre separar-se de mim. Pareceu-me mais inquieto que de costume, havia nele um nervosismo que como dissimulava um desinteresse melancólico pelas coisas, e talvez mesmo pelas pessoas. Almoçamos em companhia de Antônio Celso, o romancista e professor tão querido e admirado nosso, de Constantino Koracakis, também nosso velho amigo, que secretariou a edição internacional em espanhol da revista **O Cruzeiro**, na época em que José Cândido foi seu diretor, e por fim na companhia do meu filho Herberto, que adorava o meu amigo, freguês de caderno do seu sempre engraçado e tão pessoal conversar.

Ao longo dos nossos anos de intemporal e predestinada amizade, que começou antes de nos conhecermos e creio que até mesmo antes de nascermos, José Cândido fez sempre questão fechada de pagar a despesa do restaurante quando me convidava para almoçar. No tempo em que trabalhávamos os dois n' **O Cruzeiro**, nossos almoços eram raros, e em geral na Colombo. Depois, ele descobriu o restaurante da Aeronáutica, perto do

aeroporto, economicamente mais interessante. Nesse amável e aliás modesto restaurante, José Cândido estava docemente convencido de que recebia um tratamento especial, porque o **maître** o tratava por coronel, confundindo-o com algum militar. Em verdade qualquer cidadão que até ali fosse receberia um comum e geral tratamento de urbanidade paisano-civil. Lembro-me que pelo menos uma vez Aurélio Buarque de Holanda, e em várias ocasiões Mauro Mota, quando vinha ao Rio, foram almoçar conosco no simpático restaurante, onde realmente se comia bem e barato. Na entrada, Aurélio teve um momento de hesitação civil, lembro-me bem. E logo José Cândido, tranqüilizando-o: "Pode entrar, aqui eu mando. O **maître** pensa que eu sou coronel". Rimo-nos e nos rimos muito com essa tirada do folclore de uso pessoal do meu inesquecível irmão fraterno. Enfim, tinha ele de certa maneira patente de coronel, por efeito de sua imortal criação Ponciano de Azeredo Furtado, dos antanhos legais da Guarda Nacional e da perenidade de nossa mais alta literatura.

Nos tempos de Brasília, quando eu vinha ao Rio para as reuniões do Conselho Federal de Cultura, passamos a almoçar num restaurante ainda da Aeronáutica, na chamada Torre, desdobrado aliás (salvo engano) em dois níveis de serviço: um popular, e outro, que eu brincando chamava de impopular, por causa do preço e da qualidade da clientela. De toda maneira, esse "5 estrelas" da Aeronáutica tinha preços convidativos, inigualados pelos restaurantes de sua categoria. O querido José Cândido continuou culinariamente coronel, e continuou a seu modo um bom garfo. Ele gostava mais de ver a gente comer do que propriamente de comer. Tinha horror a saladas, que englobava na rubrica de vegetal desdém de - **verde**. Nada de verde, nada de verde, recomendava ao garçom, quando pedia o seu prato predileto: bife com arroz. E o prato era em verdade mais de arroz que de bife. O bife era praticamente um pretexto para ele comer arroz. Adorava doces, não fosse ele um homem da nação goitacá, adoçado no açúcar mascavo de Campos. Me levava com freqüência a uma casa que na Galeria Nacional vendia doces de Campos,

muito especialmente o chuvisco, com os seus grossos pingos de prodigiosa chuva de ovos.

E veio, um dia, o insuspeitado último abraço nosso, nas férias de fim de ano que passei no Rio, depois de dois consecutivos natais desvividos em Paris, longe de meus filhos, longe de meus netos, e certamente longe de mim mesmo. José Cândido comeu muito pouco. E isto me preocupou. Que estava havendo, que estranha inapetência era aquela, que rejeitava até mesmo o arroz de que ele antes gostava tanto? Não era nada, andava sem apetite nos últimos tempos, mas isso nada tinha que ver com regime alimentar ou coisa parecida. Era mesmo só e só falta de apetite, ele dizia.

O curioso é que José Cândido então descobrira, nas imediações do Ipase, na Esplanada, um restaurante que era mais uma casa de família que uma casa de comércio. Uma senhora portuguesa era aparentemente a dona do restaurante, e nele se movimentava com uma desenvoltura doméstica de dona de casa, ajudada pelas filhas, também portuguesas, que serviam os fregueses. Era um aconchegante lugar muito simples, com jeito de fundo de cozinha. E José Cândido tinha ali um tratamento especial, de grande carinho e de afetuosa atenção, não mais o tratamento circunstancial de algum confundido coronel à paisana, mas para bem dizer o de um membro muito querido da família: estava em casa. E embora sem apetite, sem querer comer, pedia José Cândido para os seus convidados Antônio Celso e Constantino, e para meu filho Beto e para mim, reforço de munição de boca de ovos fritos na manteiga, numa preocupação de não sairmos dali com fome, não obstante a essa altura estarmos já chegando a remo ao fundo do prato. José Cândido me pareceu triste, sem a sua verve crítica de pessoa naturalmente engraçada, que é engraçada sem fazer graça. Estava muito curioso do meu **Subsidiário**, de que eu lhe lera em Niterói alguns trechos que diziam respeito ao nosso Eça. Infelizmente o livro só ia sair depois da minha partida. Não tinha importância, ele pegaria com Daniel um exemplar na José Olympio assim que o livro botasse a cabeça de fora.

Fiquei de lhe mandar por Heitor (meu filho) o meu romance **Na relva da tua lembrança**, que também seria lançado na minha ausência. Dois livros de uma vez ? Safra dos setent'anos, Zé. Eu precisava de comemorá-los de alguma forma. É o começo de um fim. Que nada. Você ainda vai viver muito tempo. Aliás, já está na hora de você voltar de Paris. Você disse que ia passar um ano, e já está fazendo mais de três. Tenho saudades suas. E eu, querendo tranqüilizá-lo, e de alguma maneira me tranqüilizar também: da próxima vez, quando eu vier é para ficar.

Saímos do restaurante, prometeu-me que iria almoçar comigo no sábado em São Pedro da Aldeia, como tantas vezes o fez. Abracei-o, abraçamo-nos. Andei uns passos, olhei para trás. E vi o meu amigo desaparecer numa esquina. Foi a última vez que o vi. Me telefonou para dizer que não ia poder almoçar comigo em São Pedro. Não foi, nem já vai mais. Que farei agora sem o meu amigo?

Em Paris, passei a receber por outros notícias dele. Já não me telefonava regularmente, pelo menos uma vez por mês, como antes. Antônio Celso ligou um dia para mim dizendo que o meu amigo não estava bem, quase já não vinha ao Rio. Ficava mais tempo em Niterói, em casa. Antônio Celso achou-o muito magro quando casualmente o encontrou. Meu filho Heitor, que o vira algumas vezes em suas rápidas vindas de Niterói ao Rio, também o achara magro. Mas, preocupado comigo, querendo me poupar o coração, atenuava como podia a notícia: o meu amigo estava se recuperando, prometeu que ia me telefonar na semana seguinte. E o telefonema não vinha. Nesse período, inquieto como eu estava, liguei três ou quatro vezes para Niterói. Da primeira vez falei com Amelinha, que não querendo certamente me sobressaltar disse que ele estava melhor. Da segunda vez consegui falar com o meu amigo. Então, rapaz, que é que está havendo com você? Nada... Estou aqui às voltas com o coração, mas tá tudo bem. E com um cuidado prático: desligue o seu telefone, rapaz. Uma ligação de Paris para o Rio é muito cara. Grandes saudades. Havia em sua voz qualquer coisa de desconsolador, uma emoção

penosa, uma tristeza reprimida. Ainda me prometeu, antes de eu desligar, que na semana seguinte me telefonaria do Ministério. Não telefonou. Naquele dia foi pela última vez que ouvi a voz do meu amigo. Grandes saudades, me tinha ele dito então. E eu agora repito, e pelo resto da vida repetirei: grandes saudades. Até o dia em que eu também emudecer, e sermos os dois uma só voz emudecida nas sombras da eternidade.

Houve ainda um dia em que liguei para Niterói, antes de pela última vez nos falarmos. Veio ao telefone uma pessoa, talvez, quem sabe, hoje o admito, um possível enfermeiro que atendia ao meu amigo. A D. Amelinha saira por um instante. E ele, o Dr. José Cândido, podia falar ? Não: estava dormindo. E hoje, nesses dias sombreados de dor em que vivo, não consigo desprender da morte do meu amigo a idéia desse profundo sono repousante, em que ele iria remergulhar para sempre.

Aqui em Paris, em nossos habituais telefonemas, Jorge Amado, Josué Montello e eu falávamos e falávamos de José Cândido, preocupados com o seu estado de saúde, que sabíamos não ser bom. Eram as notícias que nos chegavam, e que entre nós checávamos. Um dia acordei com um pressentimento estranho. Sonhei com o meu amigo, o que talvez se explicasse pelas intensas lembranças dele que ultimamente eu tinha, suscitadas por sua doença. Eu não conseguia pensar em outra coisa. E, dormindo, essas lembranças me vinham em forma de sonho. Mas, na noite essa que acabei de dizer, foi um sonho confuso, que pela manhã não consegui contar a Juraci. Pareceu-me no sonho ver o meu amigo sentado, sozinho. Logo em seguida ele começou a flutuar em volta de uma mesa. Era um negócio de mágica. De repente ele me olhou e sorriu, como se estivesse achando graça naquela história de flutuar no ar como uma pena, em volta de uma mesa. Que brincadeira mais boba. Eu devia mesmo estar sonhando. E nisso ficou o sonho. Mas fiquei preocupado. Sabe, Juraci, não estou gostando nada do sonho que tive com José Cândido a noite passada. Liguei para Niterói. O telefone chamou, chamou, ninguém atendeu. Meu Deus, que é que está havendo ? Eu não

tinha o número de Ricardo (Ricardo de Carvalho, diplomata, recém-promovido a ministro, filho do meu amigo). Depois de haver servido em Londres, onde ainda estava quando vim para Paris, Ricardo fazia agora o seu compasso de espera em Brasília. Me lembrei de Tereza Quintela, minha muito amiga Tereza, diplomata como Ricardo, e como ele também servindo em Brasília. Tereza me deu o telefone dele. Liguei, e de Brasília me informaram que Ricardo viera naquela manhã para Niterói. Estava em casa da irmã, e com essa informação me foi dado o número do telefone dela. Falei com Ricardo. Ainda não vira o pai, estava indo naquele momento para o hospital onde em Niterói estava internado o meu amigo. Era patente a gravidade da situação. Ricardo saíra para o hospital; e eu, em Paris, com céus e mares me separando do meu amigo, fiquei em casa, moído de tristeza, aguardando de alguma forma uma notícia, no pressentimento do pior. Peguei um exemplar do **Coronel** que trouxera do Rio em minha última viagem, reli o meu posfácio, e relendo-o me reencontrei em estado de lembrança com o meu amigo, entre as galas da noite de sua posse na Academia, quando tão emocionado o saudei. Depois, reli salteadamente vários trechos do seu grande romance. E tive de interromper várias vezes a leitura para enxugar os olhos. Ao mesmo tempo pedia fervorosamente a Deus que salvasse o meu amigo, não queria perdê-lo, o pressentimento de não mais o ver me fazia sofrer ainda mais a sua possível perda. Nisso, toca o telefone. Era a pessoa que falando aparentemente em nome da Academia, me avisava que acabara de falecer em Niterói, na casa de saúde onde estava internado, o acadêmico José Cândido de Carvalho. Deixei cair no gancho o fone, e corri em busca de Juraci. Ela estava regando os gerânios do nosso **balcon** florido. Juraci, Juraci, José Cândido morreu ! foi tudo que pude dizer, na funda, entranhada saudade do meu amigo. E ela me levou para a sala, me deu um calmante, tentando em vão me confortar com palavras de fé, o pensamento dela e o meu voltados para Deus. Que de lembranças não tive então do meu amigo... O passeio a Campos, os almoços em São Pedro da Aldeia, na minha

tão fluminense e tão nossa casa de São Pedro da Aldeia, de que ele tanto gostava, não tendo descansado enquanto não mudei o telhado de telha francesa para - como ele dizia - "telha de padre". Os velhos tempos d'**O Cruzeiro**. As noites em que ele em Brasília dormiu no meu apartamento, onde tantas vezes nos divertimos lendo e relendo os duelos do Sr. Paulo, no velho Eça da gente. Enfim, toda uma vida de afeto e estima, que nem mesmo a morte interromperá, porque pelo menos enquanto eu viver, há de viver comigo em perene lembrança o meu amigo. Nos meus silêncios ouvirei a sua voz, e no sussurro das casuarinas de São Pedro surpreenderei a sombra dos seus passos atravessando a aléa da entrada.

E eis que, de repente, toca de novo o telefone. Juraci vai atender. Na volta me conta do telefonema. Era um candidato à Academia que desejava saber como eu receberia a sua inscrição na vaga do meu amigo. Eu sacudi desconsoladamente a cabeça. Que gente, meu Deus ! E senti uma grande vergonha do candidato, uma grande vergonha de mim mesmo, uma grande vergonha da Academia. Que gente, meu Deus ! Insepulto ainda o meu amigo, o cadáver ainda morno no caixão, já havia candidato crocitando ao telefone, atrás do meu voto. Juraci disse ao homem que eu não estava em condições de falar ao telefone. Meia hora depois, voltava o candidato para saber – explicou-me Juraci - se eu já podia falar. Aí eu virei bicho. Veio de dentro de mim, do mais fundo de mim, suplantando mesmo por um momento a dor da perda do meu amigo, um impulso de cólera. Não, não ! gritei. Não vou votar em ninguém. Para mim, a vaga de José Cândido é uma vaga impreenchível. Estou farto já de substituir amigo meu na Academia por acadêmico que não é meu amigo. Ou melhor: que não tem categoria moral de afeto para ser meu amigo. E, no caso de José Cândido, a coisa se agravava com as desrespeitosas circunstâncias que cercavam a consulta. Sonhei com José Cândido dois ou três dias depois de sua morte. Ele não morrera, estava vivo, e vivo me aparecia, lépido, moço, como nos tempos do **Cruzeiro**, origem do nosso conhecimento e de nossa amizade,

como contei no **Subsidiário**. Eu o via esplendidamente vivo, risonho, passando pelo cabelo muito liso as mãos ainda úmidas da torneira do lavatório, como habitualmente fazia quando voltava do toalete. Eu perguntava-lhe, num regozijo perplexo: Mas quer dizer que você não morreu ? E ele: Não, não morri. É como você vê: estou vivo. Foi mesmo um estranhíssimo sonho. Acordei Juraci, contei-lhe o sonho. E fui até o oratório, onde estão os santos de minha mãe, e fiz uma oração pela alma do meu amigo. José Cândido vivo. Só mesmo em sonho.

Carta de Francisco Marins. Fala de José Cândido. Conta que "esteve no Rio na tarde do dia 6 de abril, quando se deu a eleição para a vaga de Menotti Del Picchia", a que ele Marins concorria. "Sabia que eu não saíria vencedor (continua Marins) e que possivelmente ocorreria um impasse, face aos 19 votos necessários". E conta ainda: "Cerca de seis horas, na tarde fria e chuvosa, avisam-me no hotel que uma pessoa me procurava. Era José Cândido. No **hall**, ao ver-me, abraçou-me com ternura, encostando o seu rosto no meu. Não disse uma só palavra. E foi-se. Não havia votado em mim, mas era o primeiro a me levar conforto, como o fizeram depois o presidente e vários acadêmicos. Sua visita foi, entretanto, para mim a mais tocante".

Quem como eu conheceu tão bem José Cândido de Carvalho não estranhará a delicadeza humana desse seu gesto. O que deve ter sensibilizado Marins foi exatamente essa tímida reparação de ternura que lhe levou depois da derrota acadêmica o acadêmico que não pôde votar nele. A mim no entanto o que me estranha é o silêncio que José Cândido deixou ficar em lugar da palavra, ele que a tinha tão pronta em seu trato de generoso afeto, quando tolhido em sua mudez limitou-se a tocar com o seu o rosto de Marins. E logo depois saiu, sempre em silêncio, e no silêncio como numa névoa desapareceu. Isto me dá a impressão dolorosa de que o meu amigo já não estava bem. Talvez não fosse mais o mesmo. Talvez dava os primeiros sinais de que começava a deixar a vida, naquela hora premonitória do fim, quando entre a vida e o homem já não há mais nada que conversar.

Outra carta também me traz notícias evocativas do meu muito querido amigo José Cândido de Carvalho. (Às vezes ele chamava Juraci de comadre, como numa achega de afeto à estima que ela e eu lhe votávamos, embora de compadre nunca me chamasse a mim, chamando-me no entanto não raro de irmão.) Essa outra carta é em verdade uma carta muito especial. Vem da sua grande amiga e devotada companheira Amelinha, tão querida dos amigos dele, entre eles reinando como uma rainha em sua nobreza humana. Amélia, Amelinha, Meli no carinhoso apelido.

Amelinha me escreve para agradecer a carta que lhe fiz quando perdemos o nosso Zé e também para agradecer o recorte do **Figaro**, com nota sobre a morte dele, que em seguida lhe mandei. Leio na bela, enternecida carta da Amelinha: "Estou escrevendo na casa silenciosa, nesta tarde de domingo. Domingo para mim sempre foi dia desgostoso, sem graça, até que apareceu Zé Cândido na minha vida e o tornou um dia rico, com passeios, restaurantes de beira de estrada, imprevistos. Alguns desses passeios foram à sua casa em São Pedro da Aldeia. Depois os domingos ficaram mais calmos, terminando por serem apenas de companhia mútua, quase sempre eu, o cachorrão, o Bentinho, tomando conta do doente. Mas ainda assim estava bem. Havia uma esperança. Agora, é o dia mais vazio que existe".

Mais adiante diz Amelinha em sua carta: - "Tanto tempo juntos, ficamos eu e Zé Cândido tão amigos, me distraí e não me preparei para o rompimento de nossa eternidade particular. É isso, Herberto, enfrento tudo, mas com um peso no coração. Reparei ontem que Zé Cândido e o Eça foram embora em agosto. Os dois, misturados por Brasil e Portugal, os dois magros, espirituosos, atribulados com dívidas, com cargos de aparente importância e soldos parcos, os dois que nos encantaram tanto!"

Lendo a carta de Amelinha lembrei-me das vezes de resto inesquecíveis que estive na casa da rua Gonçalves Ledo em visita ao meu amigo, quando ali como em São Pedro nos reuníamos os quatro, Amelinha e ele, Juraci e eu. José Cândido não bebia. Mas nunca deixou de me festejar com um **whisky** de boa marca. Às

vezes de uma para mim até desconhecida marca reveladora, sempre na potente garrafa dos 12 anos. E quando, no louvor do **whisky**, eu lhe dizia - mas que grande **whisky**, seu Zé Cândido; ele me respondia: É seu. Vai ficar guardado aqui para você. Sempre um perfeito cavalheiro. Houve não sei quem que para elogiá-lo em sua habitual fineza comparou-o a um diplomata. Certamente essa pessoa não conheceu bem José Cândido, ou não conhece bem os diplomatas. O que no seu habitual cavalheirismo havia de espontâneo, há de estudado e posado em muito diplomata convencionalmente diplomata, que só faz as coisas que lhe parecem bem, porque aprende que elas lhe ficam bem. É o bom-tom afinado na craveira do aprendizado. Em José Cândido, que deixou aliás um filho diplomata, esse tão inteligente e com ele tão parecido Ricardo de Carvalho, a sua finura era um dom de Deus. Deus o fez um fidalgo homem, como ele sempre foi em vida. E na medida em que era um homem de trato fino, era um homem extremamente simples. Ou, melhor dizendo, se assim se pode dizer: um homem descomplicadamente simples. Um homem desconstruidamente simples. Os artifícios dos convencionalismos não entravam em sua casa. Ele não sabia o que era isso. Na vida ele sempre fez o que lhe mandou o seu grande, generoso coração. Naturalmente. Como se cumprisse um fadário.

Na casa da Rua Gonçalves Ledo, sombreada de velhas árvores, onde em sossego lhe faziam companhia uns repousados móveis antigos, li para José Cândido vários trechos do **Subsidiário**, ainda em originais.

E ele, depois de rir e rir com as nossas aventuras bancárias evocadas no livro, pedia que eu relesse os trechos em que falava do nosso Eça. Eu estava então de volta a Paris, e contei-lhe da visita que havia pouco fizera à casa da Rua Charles Laffite, uma das três em que morou em Neuilly o grande romancista: a da Avenida Roule fora já demolida. A conversa sobre a minha peregrinação eciana em Paris me levou a relembrar com o meu amigo as nossas andanças pela Lisboa de Eça, aproveitando numa manhã a folga que tivéramos os dois na programação da visita do

presidente Sarney a Portugal. Fora um passeio muito grato, e proveitosíssimo para José Cândido, que ainda não conhecia os lugares da geografia lisboeta de Eça de Queirós. Começamos pelo Rossio, onde numa placa alusiva está indicado o prédio onde com o pai morou o escritor de nossa mútua e devotada admiração. E veio depois o Chiado, as livrarias, os cafés, a Casa Havanesa (hoje completamente destruída pelo incêndio), a Calçada dos Caetanos, onde noutra placa alusiva indica-se a casa em que morou Ramalho Ortigão, tão freqüentada ao seu tempo por Eça. Como foi bom recordarmos, revivermos ali em Niterói, na casa da Rua Gonçalves Ledo, essas nossas lembranças e essas nossas emoções já um pouco distantes. E em verdade não voltaríamos a fazê-lo nunca mais, na casa da Rua Gonçalves Ledo, que conheci tão cheia da luz de sua inteligência e do encanto de sua alma. Como lembrança muito especial e viva que guardei de José Cândido nesse encontro, nesse almoço tão nosso e só para nós, foi quando um rosnar dos cães no pomar ao lado, para o qual se abriam as janelas da sala de jantar onde então já depois da sobremesa falávamos de Eça - ele levantou-se naturalmente, como se fosse deixar a mesa. E, de pé, erecto, para assim deixar-se ver e mostrar-se, olhou em silêncio para fora, fitando muito sério qualquer coisa do outro lado da janela. E logo os cães silenciaram. Fiquei impressionadíssimo com aquela forma de alguém ralhar com cães: a força pura e simples de uma presença, na energia silenciosa e serena de um olhar. Ainda o vejo até hoje nessa postura única. Fiz uma brincadeira qualquer com a sua autoridade napoleônica de comando, e logo voltamos todos a rir, Amelinha lembrando mais uma vez a história dos duelos do Sr. Paulo, uma das mais divertidas páginas **hors** romance do nosso cronista supremo José Maria d'Eça de Queirós.

Em sua carta Amelinha me fala de um desses cães, "o cachorrão", que fazia companhia a José Cândido no seu quarto de doente, quando ele deliberadamente ao que suponho passara a evitar visitas, pois mais de um dos nossos companheiros, com quem pelo telefone falei de Paris pedindo notícias do nosso Zé,

me deu a entender isso. Eu próprio, pelo menos em dado momento da minha angustiada curiosidade e do meu angustiado carinho, não consegui falar-lhe. A minha última tentativa foi no dia em que, ligando para a casa da Rua Gonçalves Ledo, atendeu-me uma voz masculina, que imaginei ser de um enfermeiro, e que hoje pela carta de Amelinha vejo que era possivelmente do Bentinho que ela menciona, criatura aliás que eu não conhecia e ainda não conheço.

Veio dela a última informação que tive de José Cândido antes de ele deixar a casa da Gonçalves Ledo para internar-se na clínica de Niterói onde morreu e cujo nome infelizmente não guardei. O que então me disse a pessoa que atendeu ao telefone e com quem falei na ausência momentânea de Amelinha, possivelmente o Bentinho, que imaginei tratar-se de um enfermeiro - foi que o "Dr. estava dormindo, descansando naquele instante". Deviam ser 3 horas da tarde no Brasil. Depois, tendo conseguido o número do telefone de Ricardo em Brasília, e sendo então informado por pessoa de sua casa que ele se achava em Niterói, liguei para o número que me deram, e soube afinal por ele Ricardo que José Cândido estava internado na UTI da clínica. Horas depois deram-me de supetão a notícia de sua morte. Terrível.

E agora, saudoso do meu amigo, que a carta de Amelinha tornou tão presente nas notícias dos seus derradeiros dias, fico a imaginá-lo no instante mesmo do último telefonema que dei para a casa da Rua Gonçalves Ledo: ele dormindo no seu leito de doente, o "cachorrão" a seu lado fazendo-lhe companhia, e pelo quarto o silêncio duma solidão feita de cansaço e de incertezas, numa atmosfera impregnada de lembranças antigas, de hábitos de toda uma vida, duma vida que lentamente começava a extinguir-se ali, numa desesperançada despedida de si mesma.

Mais uma notícia relacionada com o desaparecimento do meu muito amigo José Cândido, vinda desta vez de Daniel Pereira, pessoa da minha estima, irmão do grande editor José Olympio. É aliás só uma breve conquanto muito significativa referência ao

nosso saudoso amigo comum. No seu bilhete, que veio acompanhando recortes sobre mim que gentilmente me enviou, diz o bom Daniel: "-E lá se foi o nosso Zé Cândido. Senti muito a morte dele. Era a pessoa nos últimos tempos mais ligada a mim. Falava muito sobre a morte - mas sem medo."

Falava muito sobre a morte... Isto não me surpreendeu. Também a mim me falou muitas vezes José Cândido sobre a morte, e também sempre "sem medo". Ele tinha, assim como eu, horror da velhice - de uma certa velhice envelhecida e sórdida, no sentido ou no conceito romano de doença. Muitas vezes, num exagero grotesco do nosso horror da decadência física, cantarolávamos de farra o começo de uma velha marcha de carnaval, no prenúncio alegre da inevitável catástrofe: "Estou ficando velho, estou ficando feio". E ríamo-nos a bom rir, no fundo com uma ponta de tristeza.

Ele amava o meu romance **Dados biográficos do finado Marcelino,** desde a leitura que gradativamente lhe fiz dos originais, talvez porque - embora numa linha de ética criadora - eu fizera um melancólico e um tanto mordaz retrato da velhice. E éramos a esse tempo relativamente moços. Depois foi vindo a velhice, nele não apenas mais acentuada que em mim, mas infelizmente mais devastadora. Ele dizia que a gente acaba se habituando com a morte porque a morte vem aos poucos. Em verdade a morte vai pouco a pouco tomando conta da gente, estabelecendo com a gente uma espécie de camaradagem sinistra: hoje é o cabelo que escasseia, é a papada que cresce, é a memória que falha, amanhã é uma dor reumática, a vista fraca, a pele que vai perdendo o viço e se deixando plissar em pelanca. Enfim, em vez do homem, a caricatura do homem, preço da sobrevida que paga na velhice o homem. José Cândido costumava citar uma frase que atribuía a Proust, autor da admiração desse eciano fanático. Nisso éramos também irmãos, em nossos espíritos afins. Cito a frase como sempre a ouvi de José Cândido, que a citava de memória: **A velhice é a caricatura do homem feita pelo Tempo.** Ainda não encontrei essa frase em Proust, quando ele fala da velhice dos

celibatários, que é de uma ou de outra forma o drama de todo homem na solidão da velhice, ou do abandono disfarçado ou não que lhe votam e em que ele se vê, há expressões cruéis de qualificação da velhice, tais como "velhice anormal, excessiva, vergonhosa". É quando o homem, no reduto da sua dignidade, é atingido pela velhice, acostuma-se à idéia da morte, e na morte vai encontrar o descanso merecido da vida. Já não tem mais nada que fazer aqui. Por que então há de temer a morte?

A última vez que conversei com José Cândido sobre a velhice - ou mais exatamente, como digo, a velhice envelhecida, pré-fim da decadência física do homem a partir dos 75 - foi por coincidência na minha última ida ao Brasil, quando pela última vez o vi com vida. Rimo-nos muito. José Cândido estava muito envelhecido, magrinho, doente, mas ainda lhe sobrava verve. Me falou de uma entrevista que dele haviam extraído para a televisão, e que o deixara em pânico quando vira o programa. "Seu Herberto, virei um bofe, estou feio demais. De agora em diante, entrevista minha para a televisão só de costas". E achou muita graça quando eu lhe disse que com televisão ou sem televisão a salvação para velho era andar de capuz todo o tempo, inclusive em casa. E ele, arrematando a minha idéia, disse que ia sugerir ao Athayde incluir nos paramentos ritualísticos da Academia um capuz. Teríamos uma novidade na Academia: fardão com capuz.

✲✲✲

Volto a São Pedro. Olho as mangueiras carregadas, os limoeiros com limões no ponto de tirar (e eu os tiro para levar comigo para Paris, ingrediente fluminense do meu imemorial **lemon tea,** no desjejum nada brasileiro mas honesto que adotei lembrando os hábitos do meu tio Araújo, ficcionalmente **Marcelino**). Olho e reolho São Pedro, e vejo São Pedro reverter à simplicidade antiga da nossa antiga casa. Uma casa mais de brinquedo que de habitar. Juraci e eu como duas crianças grandes brincando de família, com a alegria dos nossos filhos enfeitando em volta os nossos sonhos.

✲✲✲

A desconfiança das outras pessoas, que fez de mim um ser retraído e solitário, vai sendo substituída por uma descrença em tudo. Um tédio da vida. Uma talvez raiva da vida. Sempre fiz tudo para me defender dos outros. Agora a situação inverte-se: tudo faço para me defender de mim mesmo. Descubro por vezes que sou de mim mesmo o maior inimigo.

***

A natureza sempre foi uma astuciosa inimiga dos que tentam descrevê-la sob o pretexto literário de se sentirem extasiados com ela. A floresta amazônica já fez a desgraça de muito romancista que quis descrevê-la. Marques Rebelo costumava me dizer que os escritores que a tinham descrito em seus amazônicos livros, apenas a haviam enfeitado com flores de papel de seda. Sim, papel de seda, modesto material de prendas domésticas, com que antes do advento do plástico se faziam flores artificiais. Mais tarde aprendi com Virginia Woolf que uma coisa é o verde na natureza, e outra coisa é o verde na literatura. E explica a romancista: "Entre a natureza e as letras parece haver uma natural antipatia; basta juntá-las para que se estraçalhem."

***

Palavra de honra?

Nem sempre há razão bastante para em determinados casos te prenderes a ela.

***

Tenho muitos amigos em Brasília. Quem são eles? São os que a cada encontro nosso me dão a certeza de que não mudaram com o tempo, embora com o tempo tenha mudado a cidade sem que o sentíssemos. Eles são as boas lembranças que deixei em Brasília, mas sobretudo as amizades de fé que lá deixei, sem encontrar uma boa e nova razão para fazer outras.

***

O pior é descobrir que é demasiado tarde para voltar a morar em Brasília. E pior ainda é ser condenado a sentir saudades de Brasília, claro que para sempre.

✲✲✲

O Estalão, em Brasília, com os seus destroços de desejos cheirando a álcool.

✲✲✲

Ah, se eu tivesse descoberto mais cedo aquele botequim de Brasília, ainda a tempo de não levar a minha vida a sério!

✲✲✲

No meu amor só uma coisa sei: ela me ama.

✲✲✲

Cartão de João Condé, com fotos pessoais nossas e de amigos nossos, coisas em formato de afeto, provindas de Lisboa, num envelope cheirando a rosmaninho. Diz o bom João que continua a ler o **Subsidíario** - "com grande encanto e entusiasmo". O entusiasmo, que me enternece, leva-o a soltar um terno palavrão: "Porra!" E depois de num recato, entre parênteses, pedir que eu "não deixe a suave Juraci ler o palavrão", atira-me com um generoso brado: "Como você escreve bem!"

✲✲✲

Tiram-se as mentiras pelas verdades.

✲✲✲

A guerra... uns homens que matam por amor da causa, e outros que morrem por temor da autoridade.

✲✲✲

Chego ao Rio e encontro à minha espera sentado e me olhando o novo romance de Jorge Amado, que ele em Paris me disse que me mandaria assim que o publicasse. Eu saí de Paris

poucos dias depois de Jorge. Se não nos encontrássemos no Brasil, pelo menos no Rio, para onde eu ia, o seu novo romance e eu nos encontraríamos. E não deu outra coisa. **O sumiço da santa** (título por sinal ótimo do romance) eu ainda em Paris o conhecia de provas do primeiro caderno impresso, que Jorge me mostrou para eu ver a epígrafe que ele tirou do meu romance **Os pareceres do tempo,** que figura entre outras epígrafes no **Sumiço da santa.** Fiquei emocionado. Mas havia mais: me disse, na ocasião, Jorge que eu entrava no romance como personagem. Vejam só. Quando li mais tarde o romance, lá me encontrei, como de fato estou, citado; e com muita honra tive então a minha carteira assinada como personagem do grande romancista. O que aconteceu foi o seguinte, e por partes iremos ver: nos **Pareceres do tempo** eu inventei entre as minhas personagens um talvez possível bisavô ou tetravô português do baiano Mestre Manuel, personagem do **Jubiabá.** Jorge ficou sensibilizado que só vendo; ou lendo. E então, fabuloso ser humano e rara gente, me disse num cartão que as duas coisas que mais o haviam comovido nos últimos tempos esses, foram: ter recebido das mãos do presidente Mitterrand a **Légion d'Honneur,** e haver encontrado no meu romance **Os pareceres do tempo** os parentes do seu saveirista Mestre Manuel de **Jubiabá,** personagem que me ficou na memória e na alma quando li fascinado o belo romance de Jorge. Pelas águas do Recôncavo viajei nesse romance ouvindo cantar Maria Clara, sereia destraiçoeira no seu vero amor por esse Ulisses mulato dos mares baianos, sem jangada mas com saveiro - e, pegando-o como eu dizia, resolvi dar-lhe também, personagem de Jorge, uma família de personagens inventada por um amigo de Jorge. Como não sabe quem não leu **Os pareceres do tempo,** a minha personagem, homem do mar, descende de uma família de homens do mar da Póvoa de Varzim. (Aproveito para dizer que com isso quis também homenagear o Eça, depois de por três dias haver curtido a Póvoa e adjacências ecianas, numa viagem que com esse especial fim fiz a Portugal.) O meu português da Póvoa também se chama Manuel; e o seu barco, tal como o

saveiro da personagem de Jorge, tem por nome **Viajante sem porto.** Tanto o nome do homem quanto o da embarcação foram passando de pai para filho na família, até que foi ter à Bahia o último rebento português desse clã de pescadores, e com ele a lusa tradição do nome do barco. E assim temos lá nos **Pareceres** o Mestre Manuel, amancebado já de corpo e alma com uma linda negra da Bahia, via África, que na Bahia lhe deu uma prole luso-afro-baiana, dessas que só a Bahia tinha. Ou tem. Mas a mulher do meu Mestre Manuel não se chama obviamente Maria Clara. Era só o que faltava, à falta de imaginação. Todavia Maria é o nome dela. E o nome do saveiro é - como já disse - **Viajante sem porto.** Nome e tradição na família. Desde as priscas eras poveiras da família, da qual a última notícia que pelo menos na Bahia do meu romance se tem é a do seu luso descendente pescador, Manuel também chamado, e em pescaria de mar feito mestre. Depois dele veio o ramo baiano e mestiço de **Jubiabá.** Mas isto é outra história, que Jorge Amado aliás como ninguém já conta.

Disse que iríamos por partes, e aqui vai a segunda e última parte deste registro preliminar do romance de Jorge Amado **O sumiço da santa,** que explicando-a envolve a minha presença nele, em feitio de epígrafe e de personagem.

E disse mais Jorge: que gostava e gostava tanto dos **Pareceres do tempo,** romance a seu ver "importante em nossa literatura", considerando-o mesmo com todas as letras uma "obra prima", que se eu quisesse ele o trocaria pelo seu **Tocaia grande,** dando outro romance dele "de quebra" - e me perguntava: "negócio fechado"?

Não vá pensar nenhum imbecil desses que andam aí pelos jornais que Jorge estava querendo trocar romance comigo, embora tenhamos de reconhecer à margem disso que a qualificação de "obra prima", com a sua autoridade de mestre do romance, ele não deu a nenhum outro romance da minha geração. Por isso eu acreditei na sinceridade dele. Quanto à troca pelo seu fabuloso

Tocaia grande (com outro romance seu de quebra), é claro que ele só quis significar com isso a alegria e o estímulo do mestre ante o trabalho de um discípulo.

Li **O sumiço da santa** com o encantado interesse com que leio todo livro novo de Jorge Amado. Livro novo de Jorge é sempre para mim uma festa, alegria acrescentada à festa geral da sua obra, romances com cheiro de mar e com cheiro de terra, ora docemente varridos dum sopro de poesia, ora asperamente batidos dum vento selvagem de epopéia. Uma obra. O mundo de Jorge Amado.

Me surpreenderam em certa imprensa do eixo Rio- São Paulo alguns desartigos em feitio de campanha contra Jorge, tomado o seu novo livro como pretexto. O seu novo livro servindo de bode expiatório. Jorge Amado é hoje o mais importante romancista brasileiro, na medida em que é o único romancista brasileiro universalmente conhecido. Talvez não haja em qualquer país do mundo outro romancista mais traduzido que ele. Quer isso dizer que nenhum livro novo de Jorge Amado pode ser julgado sem que se tome em consideração no seu formidável conjunto o mundo ficcional que esse livro novo integra. Com **O sumiço da santa** aconteceu o contrário, em certos segmentos influentes da imprensa brasileira. Pelo menos de certa imprensa hoje em moda no Brasil: uma certa imprensa cevada nos cochos da má fé, em regime de tempo integral de falta de caráter. Mas, o mais impressionante não foi a tentativa de demolição do romance em nível de crítica deliberadamente negativa - que, como se sabe, houve. Crítica em geral de crítico sem obra crítica e sem um mínimo de autoridade crítica para criticar um autor cuja obra descabia e descabe em importância no comentário dele crítico. Isto, porém, seria apenas o que se poderia chamar de falta de respeito literário. E é preciso respeitar literariamente as pessoas, os escritores reconhecidamente dignos de respeito. Em suma - como se dizia em português quinhentista - é preciso respeitar as caras. O pior foi o que fez um jornal do Brasil, divulgando em desfraldada matéria de enormíssima página inteira, em números mercantis e

em mercantis quadros comparativos de venda, uma pesquisa de balcão para caixeiralmente provar que o romance de Jorge não estava vendendo nada, em comparação aliás solerte e mofina com um detonado **best seller** do dia que, esse sim, estava botando pra quebrar em todas as listas e adjacências de mais vendidos. Nunca houve em qualquer parte do mundo tamanha escrotidão com um livro e com um autor. E - já que insistem em considerar o livro uma mercadoria como outra qualquer - nunca houve por extensão semelhante escrotidão com uma mercadoria em qualquer balcão do mundo.

Imagine-se uma quitanda, no varejo competitivo das quitandas, botar uma tabuleta deste tamanho na porta avisando: "A banana prata encalhou. O que tá vendendo mesmo é banana d'água. Agora as donas de casa só querem comprar banana grande. Banana pequena já era".

Ainda **O sumiço da santa.** Lá está de corpo e alma inteiro Jorge Amado, com todo o seu gênio criador, fazendo do seu romance o que quer fazer, dele fazendo o que bem quer e entende, senhor e possuidor de suas artes e artimanhas, homem danado, encantatório e mágico, provido dos poderes de Deus e do Diabo. Pornográfico o romance? Era só o que faltava. A pornografia está hoje em toda parte, por que não haverá também de estar num romance? Pornografia só na televisão? Pornografia só no teatro? Pornografia só no cinema? Pornografia só nas revistas, na imprensa, nos anúncios? Pornografia só na praia, com fio-dental entalado na regada do bum-bum das moças? Aliás, a maneira mais eficaz e absolutamente correta de um artista criticar essa sociedade pornográfica em que vivemos é mostrá-la em toda a sua pornografia. É estimular os chamados bons costumes mediante uma boa carga de pornografia. O incentivo à virtude pelo horror ao vício, como fez Flaubert no tempo do adultério de Madame Bovary, quando adultério dava drama de consciência e dava suicídio. Hoje é só trocar de mulher. Não. **O sumiço da santa** não é um romance pornográfico. O que há nele de pornográfico é tão natural que chega a ser inocente.

Diz Jorge que se divertiu muito escrevendo **O sumiço da santa** e que espera que o leitor também se divirta com a leitura dele. Perfeito. Dickens fez muitas vezes isso. Thacheray nem se fala. Outra coisa não fez Swift. Meter amigos num romance atribuindo-lhes ações de personagens como Jorge fez no **Sumiço,** é também válido e mesmo um velho recurso de romancista. Jorge, por exemplo, diz que eu - então "figurão" em Brasília, no que aliás exagerou - telefonei de lá para a Bahia intercedendo em favor de Mestre Manuel, preso em pleno desenrolar do romance, como suspeito do dito sumiço da imagem que de Santo Amaro para Salvador ele trouxe no seu saveiro - e não há nada demais nisso. Afinal sou amigo de Jorge, e o Mestre Manuel dos meus **Pareceres** é parente do Mestre Manuel dele. Talvez até seja o mesmo. Aliás, Umberto Eco põe coincidentemente Jorge Amado de personagem no seu último romance. Camilo Castelo Branco, nos seus grandes romances de ontem e de hoje, sempre misturava personagens com pessoas da vida real. Quero aproveitar para dizer que a obra tão brasileira e tão baiana de Jorge Amado tem como uma das suas vertentes portuguesas o romance camiliano. A obra de Camilo, como a de Jorge, tem um formidável substrato popular. É isso aliás que fez dele o mais entranhadamente autêntico romancista do povo português. **A filha do arcediago** é, talvez, na obra de Camilo, o romance que ele escreveu com a mais visível e mesmo deliberada intenção de se divertir com as personagens e divertir também o leitor. É bem um romance a um só tempo de arte literária e de arte popular. Uma expressão em suma da cultura popular. As belas embora discretas descrições do Minho que nele faz de permeio Camilo, encontram no **Sumiço** uma contrapartida perfeita, na ambientação lírica e mágica que Jorge fez da sua interessantíssima e nova história passada na Bahia. Evidentemente são livros entre si dessemelhantes em muitos pontos. Mas têm basicamente raízes comuns: as raízes da alma popular.

✲✲✲

Cheguei a pensar outro dia que sabia alguma coisa. Pego hoje para ler um livro, e no folheá-lo começo a encontrar palavras que nem de vista quanto mais de leitura conhecia. Resolvi copiá-las: **diacronia; anacronia; analepse; prolepse; hormodiezética; isotropia; oximórico; polissemia; heteróclito.** Vou ficar por aqui. Não quero sofrer mais com esta iniludível impressão de ignorância que se apodera de mim e me achata: não sei nada.

✲✲✲

De repente paro de escrever, e sinto dentro de mim e lá fora uma irritação, assim como em alguma parte uma torneira pingando água. Não. Não é a torneira, que afinal fechei. É a certeza incessante de que aquele crítico canalha é mesmo um canalha. E fica então pingando todo o tempo na minha irritação a coisa: canalha, canalha, canalha...

✲✲✲

Não conheci pessoalmente Miroel Silveira. Nem mesmo de vista o conheci, ou de apresentação circunstancial, num desses por mim chamados convescotes lítero-sociais, quando eu tinha ainda a fraqueza de a eles comparecer: uma noite de autógrafos, um coquetel editorial, um congresso de escritores, ou de homens de letras, em que há com muita prosápia mais ruído que letras. Não conheci Miroel Silveira em qualquer momento, conhecer de ver, de falar; mas, em compensação, sempre o admirei: o contista, e também o múltiplo homem de teatro - o animador, o douto conhecedor de teatro, o autor. Quando diretor do Instituto Nacional do Livro apoiei a publicação do seu magnífico estudo **A contribuição italiana ao teatro brasileiro**. Fazendo ontem em São Pedro da Aldeia uma triagem nos meus livros dos outros, para uma doação à biblioteca da prefeitura, encontrei esse trabalho de Miroel Silveira, com a dedicatória seguinte: - "Herberto Sales, este livro é muito seu, pelo seu interesse amigo em editá-lo. Aqui fica meu reconhecimento e com ele toda minha simpatia pelo seu trabalho e por sua obra, que admiro. Miroel Silveira.

Abril, 76''. Creio que pouco depois de me haver oferecido esse livro Miroel morreu. O livro ficou na minha estante; e Miroel na minha saudade obscura.

***

Ainda em São Pedro da Aldeia, mexendo em velhos papéis, revendo velhos livros, velhas lembranças, encontro esta dedicatória de setembro de 1958: - "A Herberto Sales, de quem gosto como romancista e ser humano, com a alta consideração intelectual de Gilberto Amado". Em **Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa**. Alguém - não precisa ser um magnífico espírito como Gilberto Amado - gostar de mim como ser humano me faz bem, talvez até me envaideça. Gostar de mim também como romancista não me parece tão importante na avaliação das minhas possíveis virtudes.

***

Nesse reencontro com velhos livros na minha casa de São Pedro da Aldeia, em lindos dias de muito azul e muito sol, em tudo e por tudo desaconselhados para ficar uma pessoa em casa mexendo em livros próprios ou alheios, eis que me cai ou me volta às mãos um exemplar do meu livro de contos **Uma telha de menos**, de que aliás já não me lembrava. Um exemplar da primeira edição (Tormes), com dedicatória para Juraci, em dezembro de 1971, na noite em que pela madrugada adentro quase me acabo comigo mesmo, em absoluto estado de desespero literário e sobretudo moral, relatado já no **Subsidiário**. Eis a dedicatória, que vem completar o relato desse triste episódio: - "Juraci, este livro - o primeiro que lhe dedico - me fez passar, com a sua precipitada publicação, momentos de grande angústia. Quiseram os companheiros deste sonho editorial que foi a Tormes ajudar de alguma forma a minha candidatura à Academia. Imaginaram que uma telha de menos pudesse significar um voto a mais. Duplo sonho: da editora e da urna. Os erros de revisão agravaram o pior de todos os erros - a publicação precipitada

(repito) e quase clandestina do livro. Este exemplar contém as correções a serem observadas em edições futuras. Aliás, na **Seleta**, que José Olympio prepara no momento, os textos daqui retirados já se acham em ordem. Fiz as mesmas correções no exemplar que para aquele fim ofereci ao Ivan Cavalcanti Proença. Um beijo. Herberto".

Será que Juraci, com tantas coisas mais importantes em que pensar, e de que se lembrar, se lembra ainda desse exemplar da primeira edição de **Uma telha de menos**, que hoje encontrei no meu baú de guardados? Será que ela ainda se lembra dessa dedicatória, da qual nem mesmo eu me lembrava mais? Não cometerei a indiscrição de perguntar a ela isso.

***

Peço a Alberto da Costa e Silva, meu embaixador em Lisboa, e meu poeta em qualquer latitude, que me mande com urgência o novo número do telefone do nosso comum amigo e meu editor em Portugal Antonio Luís de Souza Pinto. Na volta do correio, Alberto me manda com um carinhoso e pressuroso bilhete o número pedido do telefone. Tudo rápido. De boa vontade. Um exemplo de solicitude afetuosa. Vejo que Alberto não me esquece, não esquece este seu fiel admirador e ainda e sempre - mais uma vez - agradecidíssimo amigo.

***

Um dia, numa aldeia distante... Que singelo e simpático começo para uma narrativa campestre, com um barulhinho de água saltitando no silêncio das pedras de um regato. Só que não vou mesmo começar a escrever nada com esse começo. É só uma idéia, uma vaga idéia, que me roça como uma asa na escuridão do meu quarto, neste começo de sono que aliás já devia ter começado.

***

A **rentrée** literária em Paris neste setembro (1989) registra 54 romancistas estreantes. Ou seja, 1/4 da produção geral de

romances. O **Figaro** entrevista a metade deles. Dá uma pequena notícia biográfica e do assunto do livro de cada um e a cada um pergunta "Quais são os seus autores preferidos?" Resolvi antes de mais nada verificar a idade média dos vinte estreantes entrevistados: 35 anos (há até gente de 21 anos, como há também de 42 e até de 55 anos). Levantei depois as preferências literárias. Dos vinte, apenas 4 citam Dostoievski entre os autores de sua predileção, enquanto 3 citam Proust, Flaubert e Maupassant, citando entre os contemporâneos Julien Gracq, Marguerite Duras, Nabokov e René Char, que assim também atingem a cotação preferencial 4. Somente 2 citaram Balzac. Nenhum citou Camus. Nenhum citou Malraux. Nenhum citou Françoise Sagán. E apenas um citou Hemingway. É isso aí.

E daqui a 50 anos, será que algum estreante da época vai lembrar-se de um desses estreantes de agora e citá-lo como autor de sua predileção?

Daqui a 50 anos, não; daqui a 50 meses.

✲✲✲

Cascalho foi traduzido há alguns anos na Coréia. Antes de sair em feitio de livro, foi publicado num maciço folhetim (dois números) da revista cultural de maior tiragem de Seul. Foto do autor na capa. Todavia não recebi direitos autorais. A Coréia não pagava direitos autorais. Agora já está pagando. E daqui pra frente vai pagar. Antes nunca do que tarde.

✲✲✲

He said. She said. He said. She said. He said. She said. Musiquinha chata da literatura de Hemingway.

✲✲✲

N era meu amigo, e era escritor. Me dedicou um livro ainda em originais. Depois, um dia, tivemos uma discussão. Não houve, felizmente, nem mortos nem feridos. Houve apenas o livro dele, afinal publicado. Fez-se de esquecido o meu amigo e me ofereceu um exemplar do livro. Abri o livro. O homem me havia demitido da dedicatória.

✲✲✲

Soube, hoje, da morte do talvez último sobrevivente dos meus, de uma ou de outra forma, escassos inimigos. Que Deus, em sua infinita misericórdia, receba a alma desse desgraçado.

✲✲✲

Ouvi muitas vezes de meu pai, que pela vida a fora o repetiu, este pequeno conselho com ares de anexim: - Se fores andando por um caminho e encontrares um homem na iminência de cair no fundo de um abismo, não o salves, ainda que possas fazê-lo. Empurra-o sem perda de tempo para o abismo.

E justificava o conselho:

— Será um ingrato a menos no mundo.

Lembrei-me outro dia do conselho do meu velho e saudoso pai. Acabava de regressar de Paris, depois de cerca de quatro anos de ausência, e fui a Brasília me apresentar no Instituto Nacional do Livro, a cujo quadro continuava a pertencer. Lá encontrei duas mulheres falando de literatura pelos cotovelos. Uma delas fora aliás nomeada por mim, em algum momento dos dez anos em que fui diretor desse órgão cultural. Me lembrava bem dela, do dia em que me procurou pedindo um emprego. Arranjei-lhe o emprego, ela me disse assim: Nem sei como lhe agradecer o grande favor que acaba de me fazer. Aí terminou a conversa, e começou o emprego dela. Na minha ausência, quer dizer, depois que deixei a direção do órgão e fui trabalhar em Paris, a grata funcionária tratou de esquecer de mim. Organizou e fez publicar pelo INL um opúsculo intitulado **30 autores de novelas de la Literatura Brasileña Contemporânea**, ou coisa que o valha. Assim mesmo, em espanhol, pois se tratava de uma peça promocional que representava a "continuidad de un trabajo que el Instituto Nacional do Livro viene desarrolando con el objectivo de divulgar nuestra literatura en el exterior", como se lia na **Presentación** do cultural opúsculo.

Encontrei-o em cima de uma mesa, folhei-o, e com facilidade descobri que entre os 30 autores da relação elaborada e divulgada pelo INL eu não estava. Não se mencionava o meu nome, nem o

nome de nenhum livro meu. Nisto, entra a cavalheira em questão, organizadora do opúsculo. E, quando me viu:

— Que bom o senhor estar aqui. Estou preparando a reedição desta publicação nossa e gostaria de incluir nela o senhor.

Para tanto, segundo me explicou, eu teria de enviar-lhe, além dos meus dados biográficos sucintos, a minha bibliografia, e o romance meu que eu preferisse ver resumido no respectivo verbete. Tudo devia ser mandado logo e logo, pelo correio.

Prometi-lhe mandar tudo, assim que chegasse ao Rio. Três ou quatro dias depois recebo um recado de Brasília. A moça pedia urgência na remessa do material solicitado.

Urgência? mas por que tanta urgência agora, se a opuscular organizadora me conhecia de cor e salteado, desde o dia em que lhe arranjei um emprego no INL? Ora, com a minha ida a Brasília para me apresentar à nova direção do órgão, correu o boato pressuroso de que eu ia voltar a dirigi-lo.

Boato, só mesmo boato, porque em nenhum instante me passaria pela cabeça a cansada idéia de retornar a um cargo que eu com calos na alma espontaneamente deixei. Mas o boato explicava uma coisa. Explicava o empenho que punha a moça em incluir o meu nome na sua nova lista de 30 romancistas brasileiros contemporâneos.

Não mandei o material urgentemente solicitado. Entre o remendo e a omissão do opúsculo, preferi continuar fora dele. Era melhor deixar como estava. Era mais natural. A recenseadora dos 30 romancistas brasileiros contemporâneos ganhara de mim um emprego no INL. Não ia me perdoar isso, nem por isso ia se lembrar de mim. Afinal eu não era mais diretor do INL. Nem de coisa alguma.

✲✲✲

O amor verdadeiro? O verdadeiro amor? Quem chegará a conhecê-lo, se apenas o conhece quem viva o suficiente para vencer as provações de uma série infinitamente recomeçada de amores enganosos?

✲✲✲

Tinha o dobro da idade da mulher. Todavia parecia ter mais.

***

Um meu amigo diplomata me contou que ontem, num falsificado jantar elegante de brasileiros arranchados em Paris, um professor brasileiro de literatura disse que eu não entendo nada de literatura. Grande novidade. E quem disse que eu entendo? Com o passar do tempo vou desentendendo cada vez mais das coisas de que não cheguei em qualquer tempo a entender. Não apenas de literatura, mas também do caráter de certos ou incertos professores de literatura.

***

Desgraçada sociedade esta em que vivemos. Nela vivendo, estamos em verdade assistindo ao seu fim, que não será contudo o fim do homem. Estamos vivendo numa sociedade em processo de liquidação, velho mundo perdido e podre, que o homem tenta em desespero substituir sabe Deus por que outro tipo de mundo, de sociedade, de vida. Começaremos um novo mundo? Que mundo haverá o homem de inventar, depois de acabar de destruir este mundo em que vive? Talvez fosse bem melhor - para o homem e para a humanidade - começar não um novo mundo, mas recomeçar o mundo que perdemos. Penso num mundo como foi um dia o dos godos na Espanha, que Herculano resume dizendo que ali os homens "possuiam de pais a filhos o campo agricultado, o lar doméstico, o templo da oração e o cemitério do repouso e da saudade". Desconfio que o homem não ia gostar nada disso. E que o mundo, um mundo assim, nos novos séculos futuros que haverão de vir, voltasse aos poucos ou voltasse mesmo mais depressa ainda que antes em sua velha História, a ser o mesmo mundo dos nossos dias. Porque uma coisa que o homem não há de ter mesmo nunca é juizo. Nem memória.

***

Recebo carta de Ronaldo Fernandes, escritor, atualmente em função diplomática, dirigindo em Caracas o Centro de Estudos Brasileiros. Não lhe mandei o **Subsidiário**, que de resto só a seis ou oito pessoas mandei. É um livro volumoso, de tarifa postal desencorajadora, e eu, como não se sabe, sou um homem pobre. Mas lhe mandei o meu romance **Na relva da tua lembrança**, de cômoda remessa e portátil leitura, livro pequeno, na bitola digamos da **Sinfonia pastoral** de Gide. Digo isto porque me lembrei que houve um bedel da crítica literária no Brasil, que, por causa de um prêmio que não lhe deram, cortou relações com o meu romance **O fruto do vosso ventre**, que com desdenhosa inveja chamou brasileiramente de novela. Nesse andamento, ou nesse trote, como não haveria de chamar o meu pequeno romance **Na relva da tua lembrança?** Seguramente iria chamá-lo de conto. Mas, ignorar de leitura e até mesmo de vista certas obras primas **mignons** do romance universal, em cujo exemplo de formato se encaixaria o meu romance, não é o maior defeito desse bedel da crítica literária.

Diz Ronaldo na sua carta que "acabei de ler **Na relva da tua lembrança** e ainda estou sob o impacto de uma história aterrorizante: história cheia de fúria, ódio, desencanto e aviso". E ainda: "Grandes elipses, em termos de drama, dão uma condução moderna à narrativa". Diz que recebeu tarde o meu livro, o que se explica. Na embaixada em Paris, meu correio pessoal, que é grande, é todo ele feito também em caráter pessoal, eu pagando do meu bolso todas as cartas e registrados para o Brasil ou para qualquer parte do mundo. Mas, como o meu livro, enviado a Ronaldo Fernandes, pegou a rubrica postal do Centro de Estudos Brasileiros em Caracas, a minha secretária o enviou pela maleta do Itamaraty. O que quer dizer que ele saiu de Paris para Caracas via Brasília. Tinha de chegar tarde. Por um triz, diz Ronaldo que quase comprou o romance no Rio. A valença dele é que a pessoa encarregada de comprá-lo não o encontrou em nenhuma livraria. O que afinal não era novidade, em se tratando da brincadeira de

esconde-esconde da distribuição de livros no Brasil. Talvez no mundo.

Ronaldo estranha que eu tenha mudado de editora. Não, não mudei de editora, simplesmente porque não tenho contrato de exclusividade com nenhuma editora, nem sei se existe - afora o caso de Jorge Amado com a Record- um documento formal estabelecendo exclusividade de publicação da obra de um determinado autor por uma determinada editora. O que há é amizade editorial, ligação editorial afetiva e de prestígio, que se vai tornando digamos um hábito de editar e publicar, entre um editor e um autor. Quando vim para Paris o Gregori me pediu que escrevesse um livro para a José Olympio. Escrevi o **Subsidiário**, que para sorte dele e minha se esgotou em meses. Além do **Subsidiário** escrevi aqui em Paris exatamente o romance **Na relva da tua lembrança**. Pedro Paulo de Senna Madureira me perguntou se eu estava escrevendo algum romance. Eu disse que estava terminando um, que gostaria de ver editado nos meus anos 70. Ele disse que faria o livro imediatamente, e Paulo Rocco, dono da editora, não apenas concordou de pronto como prometeu lançar o livro na Bienal Internacional do Livro. Uma boa idéia, desde que eu não estivesse presente. Fui-me embora e o livro saiu como saem os meus livros: sem precisar de mim, salvo para escrevê-lo. Em alguma parte deste livro, aliás, conto essa história. A rigor não havia muito que contar, além do acolhimento gentil e prestigioso que encontrei na Rocco.

Enfim, Ronaldo encerra a sua carta dizendo que **Na relva da tua lembrança** é livro para ser relido, um desses livros de que se tem saudade e com frequência se volta a ele, em busca do prazer da leitura renovada.

Muito obrigado, Ronaldo Fernandes. Eu também, quando gosto mesmo de um livro, volta e meia o estou relendo. É preferível reler um livro de que gostamos que correr o risco de uma leitura que se vai fazer pela primeira vez. Não é apenas uma questão de prazer. Sobretudo é uma questão de segurança, com tanto livro que anda batendo chifre por aí.

✲✲✲

Nome da revista: **Les nouvelles esthétiques**. Paris, setembro de 1988. Revista altamente especializada. Lê-se (pág. 19): "Combien de femmes ou d'homens se pommadent, se parfument, se mettent au sport et toujours pas à l'eau: les chiffres le confirment, la française utilise quatre savounettes par an, pendant que l'américaine en fait mousser neuf!"

É isso aí: quatro sabonetes por ano gasta a mulher francesa.

✲✲✲

Accioly Netto, meu compadre de todos os tempos e meu companheiro dos tempos da revista **O Cruzeiro,** me manda com um cartão o recorte de um artigo seu sobre Carlos Drummond de Andrade, curiosa e terna evocação de idos dias do Colégio Anchieta, em Friburgo, onde foi em 1922 colega do futuro grande poeta de Minas e do Brasil, com presença na poesia do mundo.

Conta Accioly que o padre Armando Lochú, que no colégio ensinava Português, deu para a classe como tema de composição a descrição de uma tempestade. Todos os alunos trataram de mobilizar os relâmpagos e trovões do conhecimento pessoal ou de leitura deles, e mais um mar devidamente encapelado, e mais um céu convenientemente escuro, e com muita chuva sobressalente meteram no papel da prova a descrição da solicitada tempestade. Menos Drummond, que descreveu pura e simplesmente - e muito originalmente - uma tempestade de areia no deserto. Tinha mesmo de ganhar a nota mais alta. E ganhou. Eis em que dá quando um professor inteligente encontra um aluno inteligente.

✲✲✲

Alexandre Herculano escreveu numa prosa grave e bela, que torna impraticável qualquer elogio que se lhe queira fazer. No entanto Camilo Castelo Branco o fez em poucas palavras, quando numa passagem sobre Herculano se referiu ao seu "lucidíssimo cérebro, estrelado de auroras"!

✲✲✲

Juraci acaba de entrar no quarto, deixa na minha mesa de trabalho um bilhete escrito num pedaço de papel de embrulho; e de novo sai, sem nada dizer.

Leio o bilhete:

"Herberto. Obrigada por tudo. Continue bonzinho. - Juraci."

Mal sabe Juraci o que aqui estou escrevendo. Nem adivinha as coisas por vezes melancólicas que aqui estou evocando. Enfim, fique ela tranqüila. Continuo bom como sempre fui. Ou "bonzinho", como ela carinhosamente diz. Mas, por que o agradecimento, por que o "obrigada" do bilhete? Ela não tem nada que me agradecer. Eu é que tenho tudo que agradecer a ela.

***

Estava eu um dia posto em sossego de correspondência quando uma carta me foi bater à porta, ainda no apartamento da Avenida Rui Barbosa (ah, que saudades da Avenida Rui Barbosa, saudades dos meus filhos ainda pequenos, descuidado tempo em que Juraci e eu pensávamos que a vida da gente não ia mudar nunca!). Isto faz muitos anos. Guardei a carta, que veio sem data, como acabo de verificar ainda agora. É uma carta manuscrita, assinada por Thomas Colchie, que então morava (certamente não mora mais) neste endereço indicado: 740 End Avenue. New York 10025. Enviei-lhe por indicação de uma minha amiga americana o meu livro **Transcontos**, com uma carta de oferecimento. Ele era para mim um desconhecido. Passam-se os anos, e um dia Thomas Colchie torna-se muito conhecido nos meios intelectuais brasileiros, com a sua agência de traduções de livros brasileiros nos Estados Unidos. Eis a integra da carta, escrita, ou melhor dizendo, manuscrita em português:

"Prezado Herberto Sales:

Recebi os **Transcontos** com muito prazer e um sentimento profundo e estranho.

Sabe, os **Dados biográficos do finado Marcelino** foi o livro com que aprendi português. Faz mais do que dez anos, livro

totalmente branco com letras azuis na capa, livro tão fora do comum que li e reli a estranha história muitas vezes desde então. O dono da livraria Las Américas na Rua 23 de NYC me disse: quer ler coisa boa, leia isto, e me vendeu. Esquisito, esquisito então receber sua carta.

Agora sou tradutor de alguns escritores como João Cabral, Carlos Drummond, nosso amigo Murilo Rubião, etc., e também agente literário para muitos deles. Por causa de tentar ler um dia, faz anos, os **Dados biográficos,** tanto como os belos **Transcontos** que gostaria de traduzir, livro que tanto conheço, tão meu.

Tudo isso para lhe dizer que se você precisar de tradutor ou agente literário, para mim seria uma honra (sic), um prazer tão extraordinário trabalhar para você e sua obra.

Abraço do admirador de já muitos anos. a) Thomas Colchie".

Thomas Colchie colocou realmente muitos livros brasileiros nos Estados Unidos através de sua agência literária e também os traduziu. Menos livro meu. Depois de sua carta, livro meu nem na lembrança. Coisas da vida. Coisas de agente literário. Contato com agente literário - mesmo quando por iniciativa dele, como no meu caso - é feito conversa de coquetel. Na hora do coquetel, tudo bem. Depois do coquetel ...coquetel? Qual foi mesmo o coquetel?

***

A primeira arma que tive no Rio de Janeiro foi um revólver Smith and Wesson calibre 32, oxidado, cano curto. Comprei-o a Luciano Carneiro, então meu colega em **O Cruzeiro.** Fiquei de pagar quando recebesse um dinheiro que estava para chegar. Tudo bem. Tirei porte de arma (o secretário de Segurança era Danilo Nunes, com quem o pessoal do **Cruzeiro** tinha ótimo relacionamento), botei o revólver na cintura. Antes, porém, que eu tivesse oportunidade de despachar para o chamado outro mundo algum mau caráter em exercício, Luciano Carneiro veio me pedir notícia do dinheiro do revólver. O dinheiro ainda não chegara; e, sinceramente, eu não tinha idéia de quando fosse

chegar, embora admitisse que ele podia risonhamente chegar de uma hora para outra - uma boa surpresa. Então o bom Luciano, que não podia esperar mais, me perguntou se eu me incomodaria em devolver-lhe o revólver, visto que ele tinha um comprador que lhe pagava na hora. Tudo bem. Devolvi o revólver. Mas não dei baixa no porte de arma. Durante alguns anos corri o risco de alguém matar alguém com o meu desbaixado revólver e, apreendido o revólver, a arma do crime ir encaixar-se direitinho no meu porte de arma. E eu podia nesse caso me ver na contingência, de resto incômoda, de ser envolvido como suspeito. Que vexame! Enfim, a essa altura do campeonato o meu porte de arma já caducou, já ninguém sabe que eu fui dono de um revólver, nem sabe o que eu seria capaz de fazer com um revólver. Isto aliás nem eu mesmo sei.

***

Já disse em algum lugar do **Subsidiário** que fui um impertinente rasgador de papéis. Digamos destruidor, porque muitas vezes os queimava. Depois que entrei para a Academia passei a deixá-los de molho numa pasta, e periodicamente os submeto a uma triagem de qualidade e de interesse evidente, para encaminhamento do saldo aos arquivos da Academia. Todavia, ficou da mais antiga papelada, ou **paperasse,** como dizem os franceses, uns restos papeleiros esquecidos numa pasta que encontrei ou reencontrei outro dia em São Pedro da Aldeia. Dessa pasta retirei umas avulsas coisas que julgadas de interesse para este livro trouxe comigo para Paris. Uma delas foi a velha carta de Thomas Colchie, já aqui transcrita. Outra é a carta do tradutor alemão Curt Meyer Clason, que transcreverei e comentarei adiante. Meyer Clason traduziu Guimarães Rosa e Adonias Filho. Rosa, que nunca deixou de recomendar meus livros aos tradutores estrangeiros que passavam pelo seu meridiano literário, indicou para leitura de Meyer Clason o meu romance **Cascalho.** O Meyer Clason, que estava então no Rio de Janeiro, me telefonou, mar-

camos um encontro, conversamos, dei-lhe o romance. Depois ele jantou em minha casa, creio que com Adonias Filho e meu irmão Fernando. Uma semana depois, ofereceram-lhe um almoço no restaurante do Museu de Arte Moderna, presentes vários escritores, além de diretores da José Olympio, a editora de Rosa. Festejava-se o aparecimento da tradução alemã de **Grande Sertão: Veredas.** Dos escritores, além obviamente de Guimarães Rosa, me lembro de Magalhães Júnior, Adonias Filho, Valdemar Cavalcanti e... não me lembram outros afora eu. Da José Olympio vieram Athos e Geraldo, e creio que ainda Daniel, já então meu velho amigo. Rosa saudou Meyer Clason, elogiando-lhe a tradução. Tinha para isso autoridade: era o autor traduzido e conhecia o idioma alemão. No seu agradecimento o Meyer Clason falou de livros brasileiros que, além de outros de Rosa, pretendia traduzir. Entre esses livros citou **Cascalho**, que acabara de ler e de que gostara. Depois, debandada geral do restaurante, e ao fim e ao cabo de alguns dias sumiu-se de volta aos seus pagos alemães o tradutor Meyer Clason.

No dia 24 de outubro de 1966 recebo a seguinte carta dele:

"Meu caro Herberto Sales, faz tempo que não lhe escrevo. Mas, infelizmente, não havia motivo. **Cascalho** está fazendo a **tournée** através de casas editoriais, e um dia mais, um dia menos, haverei de conseguir colocação para seu belo livro.

No entanto, a coisa é dura e depende muito da sorte. Não se esqueça que Rosa levou quatro anos - de 1958 até 1962. Antes de dar o golpe junto a Kiepenheuer, tinha enviado o **Grande Sertão** de um editor a outro, muitas casas deram um parecer positivíssimo e - desistiram. Não há regras.

Atualmente, **Cascalho** está com duas casas simultaneamente. Pensei que seria interessante juntar traduções de cortes (sic) de jornal. Tem algo?

Caso afirmativo me mande-o por via aérea, registrada. Assim poderei fazer mais pressão. E é isto para hoje. Neste ínterim, receba um abraço forte de seu sempre, a) Curt Meyer Clason."

Há ainda este PS: "Interessante seria um estudo pormenorizado se o tiver. Não se esqueça que embora seja uma recomendação, ninguém aqui lê tcheco."

Explica-se: Curt Meyer Clason sabia que **Cascalho** fora traduzido para o tcheco e publicado em Praga.

Quanto ao material que pediu, embora não me lembre de o haver mandado, certamente que o mandei, como de resto qualquer autor o faria.

A importância desse documento epistolar não está todavia no que aconteceu ou deixou de acontecer ao meu romance **Cascalho,** que afinal não saiu até hoje em alemão. O que importa e impressiona nessa carta de Meyer Clason é a história editorial secreta da tradução alemã do grande livro de Rosa. É bom reler a carta e meditá-la. Oh, o calvário da tradução de certos livros brasileiros, que depois de traduzidos e publicados, em geral o autor quer fazer crer que foi uma barbada! Os editores estrangeiros estavam só esperando por eles, acenando com o contrato.

Pois sim.

***

Cascalho está traduzido em dez línguas: tcheco, romeno, italiano, polonês, russo, japonês, coreano e espanhol. E já agora, francês e chinês. Mas até hoje continua inédito em alemão. (Há também dele uma edição portuguesa.) É engraçado, para não dizer outra coisa, mas há uma caveira de burro alemão na tradução alemã desse meu, modéstia à parte, afortunado romance. Uma editora de Berlim Oriental, apesar da recomendação obviamente favorável de Jorge Amado, recusou-o, aliás com a manjada desculpa de que no momento havia muitos compromissos editoriais com obras estrangeiras, o que lamentavelmente impedia a contratação de novas traduções. Que gracinha! Mas, antes das frustradas ou mal recebidas tentativas do tradutor de Rosa (Curt Meyer Clason), houve na Alemanha outra tentativa de tradução de **Cascalho**, dessa vez um tanto misteriosa, que acabou desaparecendo no seu próprio mistério. Há muitos anos, estava eu

fazendo um dia não sei o quê, quando enviada da Suíça pousou na minha vida uma misteriosa carta. Era de um alemão que vivera no Brasil e que então estava morando na Suíça. Já não me lembra o nome dele, o que a esta altura dos acontecimentos desacontecidos no resultado final da carta torna-a ainda mais misteriosa. O homem estava traduzindo por auto-recreação o meu romance **Cascalho**. Pedia-me permissão para, concluída a tradução, procurar para ela um editor. Permissão dada. Não sei até hoje, e se algum dia o soube já não me lembra, como esse misterioso tradutor descobriu o meu endereço. Desconfio que pela revista **O Cruzeiro,** em algum exemplar em que ele por acaso pusera a vista. Ou os seus olhos azuis. No expediente da revista estava lá com todas as letras o meu nome.

E evidentemente a carta fora mandada para o endereço da revista. Permissão dada ao misterioso tradutor, como disse. E daí por diante, por vários meses, trocamos cartas e cartas, ele me pedindo esclarecimentos sobre dúvidas surgidas no curso da tradução, e eu ajudando-o como podia. Por fim, ele me anunciou haver concluído a tradução. Ia agora contactar uma editora alemã para publicá-la. E... nunca mais tive notícias dele. Terá morrido? ou teria morrido? Afinal, nem que fosse para me transmitir a recusa da editora ou das editoras a que submetera para apreciação o romance, ele haveria de me escrever, com dó de mim e sobretudo de si próprio e do seu devaneio tradutorial. Também podia ser que ele ficasse tão puto da vida com a recusa da tradução que resolvera jogá-la fora. E pronto. Seja como for, o mistério dessa misteriosa tradução alemã de **Cascalho** encerrou-se aí. Misteriosamente.

Tempos depois, estava eu por acaso em Salvador quando um literato local me disse sem mais nem menos que vira na mão de alguém, sabe-se lá quem, a bordo dum navio alemão, um exemplar da tradução alemã de **Cascalho**. Uma beleza! Que livro lindo...

Me lembrei do meu misterioso tradutor alemão que morava na Suíça. (De repente me vem à lembrança, precisamente neste

instante, um nome que talvez fosse o dele: Reinhardt, ou qualquer coisa assim. Seria esse o nome dele?) Mas vamos em frente. Fiquei invocado com a notícia que em Salvador me deu o literato baiano. Esse rapaz, segundo eu soube algum tempo depois do alvissareiro anúncio da edição alemã de **Cascalho,** morreu. Indicarei aqui apenas as iniciais dele: **MN.** Eu ainda tinha comigo o endereço do possível Reinhardt (desconfio que esse nome está escrito errado). Mandei-lhe uma carta pedindo-lhe esclarecimentos. A carta ficou sem resposta. Deixei para lá. Uma noite encontro Jorge Amado em casa de Mauritônio Meira. Conto-lhe a história da misteriosa tradução e da já agora também misteriosa publicação de **Cascalho** na Alemanha. Jorge (com a sua graças a Deus imensa cancha de autor traduzido) foi taxativo: Impossível! Isto seria uma coisa que absolutamente não se faz nem nunca se fez na Alemanha: uma edição clandestina. Simplesmente - e infelizmente - **Cascalho** não saíra na Alemanha. E o **MN,** como ficava em tudo isso? Jorge, discreto, sorriu discretamente. A notícia e **MN,** para não dizer que era uma invenção, era também um mistério. Um mistério a mais na misteriosa história da tradução alemã de **Cascalho.**

***

A escritora mandou-me o último livro que acaba de acrescentar à sua própria obra. Não consegui lê-lo. É um livro indigno da minha leitura.

***

*U*ma freqüentíssima burrice dos filmes de **far-west** de Hollywood, ambientados nos desertos do Novo México e em outros desertos do cinema americano, é aquela que todos estamos amarelos de ver. Vem um sujeito morrendo de sede em cima do cavalo, pega no arção da sela o cantil de água. Destampa o cantil, emborca o cantil na boca ansiosa d'água. Pô! A água acabou. O cantil está vazio. Então, o sujeito esse do cantil pega o cantil e

com raiva joga o cantil fora. Eu fico dizendo de mim comigo: Não é possível! Mas é o que a gente vê. Outras vezes o cantil tem um resto de água. Esvaziado porém desse resto de água que não deu nem dava mesmo pra matar a sede de ninguém, o desgraçado que esvaziou o cantil também o joga fora. E ainda por cima dá um tiro no cantil, só de raiva. Pergunto: e quando, mais adiante, esse desgraçado encontrar - porque certamente há de encontrar - um poço onde podia muito bem encher de novo o cantil, que cantil vai ele encher?

Seria ótimo que à falta do cantil que jogou fora ele enchesse de água a cabeça do diretor do filme, depois de com um facão partí-la ao meio, como se partisse um coco. Afinal ele não ia encontrar nada na cabeça do diretor. Era só enchê-la de água, ali mesmo, ao pé do poço.

✲✲✲

Ainda bem que o recorte de jornal do recortado crítico literário que infausta e acidentalmente me chegou às mãos (o recorte, não o crítico, graças a Deus) apenas me amolou o suficiente para chamar-lhe com desprezo crítico literário de merda. Mas bem que podia ser pior. Por um momento pensei em partir para a porrada, valendo o facão, o bacamarte ou simplesmente o pau-de-mocó.

✲✲✲

Enviado por Marcos Vinicius Vilaça recebo com dedicatória (amável, de compadre e amigo) um exemplar do seu novo livro, **Intenção e gesto,** que tinha outro título quando a pedido do autor e ainda em originais o prefaciei. Encontro no lugar do meu prefácio um prefácio de Luís Forjaz Trigueiros. O meu prefácio foi escanteado para as orelhas. Tudo bem. Só espero é que em caso de encadernação do volume não me cortem as orelhas.

✲✲✲

Nestes Brasis das comunicações da gente, em que todo mundo se comunica, e onde quem não se comunica (como dizia o outro) se trumbica, ninguém faz idéia do que aí pela altura dos

anos 40, entrando pelos 50 e possivelmente (não estou fazendo estatística) pelos anos 60, foi no rádio brasileiro a popularidade do locutor César Ladeira. César Ladeira, sem saudosismo, o mais correto, o melhor, o maior locutor que até hoje tivemos. O comunicador por excelência de antes da comunicação ser assim chamada. Ou apelidada. Uma senhora voz encantadora, que em verdade encantava os ouvidos dos ouvintes. Na asa dessa voz ia diariamente pelos céus hertzianos do Brasil a palavra escrita de Genolino Amado: lida e escutada. Não havia ninguém que deixasse de ouvir no rádio a voz de César Ladeira, e na voz de César Ladeira a crônica de Genolino Amado, sempre inteligente, na graça e no talento do comentário flagrante da vida captado no dia-a-dia da vida, e depois solto no ar como um pássaro. Quando cheguei ao Rio, e fui morar no apartamento de Marques Rebelo como se em minha própria casa estivesse, vi um dia na calçada da praia de Botafogo Genolino Amado. Conhecia-o de retrato, de foto. Reconheci-o sem dificuldade em pessoa. A pessoa era a cara da foto. Soube que ele era vizinho de Rebelo. Morava então no 22, e Rebelo no 48 do mesmo endereço. Ou da mesma praia de Botafogo. Mas nunca o vi na casa do meu grande amigo. Soube, um dia, que Genolino no entanto a freqüentara em certa época, para jogar pôquer. Como tenho mais horror a baralho do que tem da cruz o Diabo, a informação não teve nenhuma importância para mim, não mexeu com a minha curiosidade. Me lembro que vi Genolino umas poucas vezes descendo do bonde na Marquês de Abrantes, na rota habitual de sua casa. Ah, que tempo bom esse, em que as pessoas viajavam de bonde, liam no bonde! (Eu mesmo li no bonde alguns livros, inclusive o **Bubu de Montparnasse**, de Charles Louis Philipe, de que Rebelo tanto gostava e que me emprestou numa consolada edição argentina.) Pois é, vi umas poucas vezes Genolino descendo do bonde na Marquês de Abrantes, assim como o vi em inversa situação tomando o bonde na parada da Senador Vergueiro, a caminho da cidade. Notei certa vez que ele levava na mão umas folhas de papel, que logo imaginei tratar-se do texto de alguma crônica que ele ia entregar

a César Ladeira para ler ao microfone da rádioMayrink Veiga. Só faltava o meu ouvido ir atrás. Loucura. Era uma época em que eu só pensava em literatura, e em quem fazia literatura, coisas de que hoje tanto quanto possível fujo, sobretudo quando se trata de professor de literatura, curioso espécime da fauna literária especializada na literatura de livros que os outros escrevem sobre o autor que ele estuda sem nunca o haver no duro lido. Enfim, vi algumas vezes nessa época Genolino Amado, mas nunca me senti desacanhado o suficiente para abordá-lo e dizer-lhe que eu era seu fã. Depois, nunca mais vi Genolino. Voltei para Andaraí. E lá, mesmo que eu quisesse vê-lo, só podia mesmo ouvi-lo. Ouvi-lo na voz de César Ladeira. Exatamente como antes. Apenas com diferença de prefixo: rádio Nacional, em vez da velha e gloriosa Mayrink Veiga, paraíso do rádio brasileiro. Certo dia que não sei quando, saiu o livro de ensaios chertestonianos de Genolino, **Vozes do mundo,** que comprei e li. E, também num depois que não sei quando, saiu **Um olhar sobre a vida,** que li emprestado do meu irmão Fernando. Só de títulos no entanto fiquei conhecendo **Os Inocentes do Leblon** e o **Pássaro Ferido.** E também ouvi falar das suas peças **Avatar** e **Dona do mundo,** teatro de qualidade, com Dulcina de intérprete e Medalha de Ouro da Associação de Críticos Teatrais de quebra e de prêmio. Isto ocorreu por volta de 1948, quando eu estava já voltando ao Rio para ficar com o meu romance **Cascalho** embaixo do braço. De toda maneira não vi as peças de Genolino. Mas acompanhei pela imprensa o êxito delas. O cronista de rádio e de jornal, nome consagrado e sem trocadilho amado, cobria-se de glória literária.

***

Genolino, que por anos a fio escreveu em **O Jornal,** passou a escrever uma crônica semanal na revista **O Cruzeiro,** onde eu então trabalhava. Estávamos coincidentemente reunidos na mesma empresa, os Diários Associados, de que era unidade toda poderosa a Empresa Gráfica O Cruzeiro S/A, eu na redação, ele na colaboração. E assim reunidos figuraram os nossos nomes

(coisas do Destino) no sumário da revista. Mas, lá eu nunca via Genolino. Suas crônicas, que eu não perdia, sendo que algumas vezes cheguei a lê-las nos originais na secretaria da revista, eram o nosso único ponto de contato. Se é que se pode chamar de contato essa admiração a distância.

Mas, um dia, num dos grandes e profusos coquetéis que **O Cruzeiro** passou a oferecer em seu deslumbramento ascensional de tiragem, João Martins, meu colega de redação e de romance, e talvez o amigo mais ligado a Genolino, desses amigos que Nelson Rodrigues com muita graça catalogava de "irmão íntimo", me apresentou o grande cronista. E eu afinal o conheci pessoalmente. Engraçado é que eu então, flutuando nos vapores de uma euforia coqueteleira de uísques, passei depois disso nunca menos de seis anos sem vê-lo. Andávamos por diferentes caminhos, embora nos encontrando na leitura semanal da crônica de **O Cruzeiro**, a revista que era a um tempo nosso ponto de encontro e o esconderijo pessoal de cada um de nós, onde sem nos vermos exercíamos no entanto numa mesma empresa a nossa atividade profissional. Coisas do Rio.

E eis que um dia, depois de longo e tenebroso inverno, publico o meu segundo romance, **Além dos marimbus.** Sai o romance, e por sugestão de João Martins enviei um exemplar a Genolino Amado. O próprio João, que ia visitá-lo naquele dia, foi o portador. Agora, de repente me pergunto: será que foi a primeira edição, ou foi a segunda que ofereci a Genolino Amado? Se foi a segunda, quer isto dizer que em vez de ter passado seis anos sem vê-lo, depois de apresentados num coquetel, passei pelo menos dez. Quem sabe doze? O que importa é que Genolino, indiscutivelmente depois de haver lido o romance, me mandou numa longa e generosa carta as suas impressões. Infelizmente não tenho comigo neste momento essa carta. Deve estar em São Pedro da Aldeia. Não fosse isso, e eu para melhor lembrá-la a transcreveria aqui pelo menos em parte.

Depois disso, e passados anos, em que os nossos encontros continuaram raros, publiquei **Dados biográficos do finado**

Marcelino. Fui levar-lhe o romance pessoalmente a casa, pegando uma carona na habitual visita que lhe fazia João Martins. Dias depois, outra longa e carinhosa carta de Genolino, sobre o meu romance novo, onde ele talvez tenha reencontrado uma Bahia do seu tempo de estudante: uma Bahia desapressada e doce, que dormindo de noite o seu tranqüilo sono bom, pelas manhãs acordava com uma floração de sons de piano nos sobrados, enquanto das torres das igrejas, no balanço de rede dos sinos, escorria pelas ladeiras uma gostosa santa paz de Deus, que dava vontade da gente não fazer nada. Foi essa a Bahia que conheci quando morei com o meu tio Francisco Araújo, Marcelino no romance.

Torno a perder de vista Genolino Amado. Mas com ele me reencontrei quando publicou o seu primeiro livro de memórias: **O Reino Perdido.** Um admirável livro evocativo dos seus tempos de professor na escola André Cavalcanti, livro a um só tempo belo e triste, porque era e é um livro de saudade. Sei lá, às vezes penso que a saudade é uma espécie de desculpa que a vida nos pede em voz baixa e nos dá de consolo quando por nós já não pode mais fazer o bem que fez antes por nós. As nossas emoções da adolescência. As alegrias distraídas da mocidade. Os sorrisos. Os amores. A força enfim da própria vida irrompendo através de nós mesmos como uma luz acesa numa modulação musical, cantando em tudo e por toda parte. Pode haver saudade de tudo. Mas a saudade mais da gente e mais terna que a gente sente é quando descobrimos que já não somos mais o mesmo, e os mesmos já não são mais os outros que antes eram como nós: todos moços, a vida em volta da gente fazendo ciranda no jardim, com repuxos e flores em volta de nós, que bom, que beleza. A saudade da despedida. Genolino despedindo-se de si mesmo na despedida dos seus alunos da escola André Cavalcanti, moças e rapazes seus amigos, lembranças e saudades da vida que não volta - seu reino perdido.

Ainda Genolino. Depois de (precisamente) 18 dias de interrupção, quando em andanças andei por velhíssimos burgos e

velhíssimas ruas que guerras de vária idade (todavia de igual ferocidade) ensangüentaram nesta velhíssima Europa guerreira, que quando não faz a guerra passa o tempo da paz mostrando à gente o que foi a guerra e como se faz a guerra, volto ao cabo desta interrupção a estas notas. E volto, também, a Genolino Amado.

Um dia entrei para a Academia, como não se sabe. Ainda vou contar a história da minha eleição, quando, não sei, mas certamente que o farei antes de me converter de frente e de perfil numa vaga. Por enquanto contarei apenas como foi no tocante a mim a eleição de Genolino. Um dia Hermes Lima me chamou e me perguntou assim - como é, vamos trazer o Geno para a Academia? Eu só entendi depois que Hermes Lima me explicou que Geno era o apelido de Genolino. Eu nunca tinha ouvido falar antes nesse apelido. Fiquei conhecendo-o nesse dia. Mas evidentemente nunca fiz uso dele nas minhas relações com Genolino, que a Academia tornou cordiais. Tudo bem, eu disse ao Hermes, o qual embora não houvesse votado em mim - diga-se - tornou-se meu amigo e até mesmo meu admirador na Academia. **O fruto do vosso ventre**, na palavra escrita dele, era um "livro simplesmente extraordinário".

Candidata-se Genolino. Já não me lembra na vaga de quem. Eu podia ir ver no **Anúario**, mas depois de 18 dias de interrupção destas notas não vou, mal retomando-as, interrompê-las para ir procurar um livro onde eu encontraria o nome do antecessor de Genolino. De resto, esse pormenor não é, pelo menos aqui, e agora, rigorosamente indispensável.

Genolino foi o mais perfeito candidato que a Academia teve até hoje. Discreto, polido, admirável homem de admirável prosa, cumpriu com rigor talvez até excessivo o rito daquilo que à falta de uma palavra mais decente chamarei mesmo de campanha. Campanha acadêmica. De candidatura acadêmica. Visitou todos os acadêmicos, tendo nisso o bom-gosto de não confundir visita - um ato social - com pedido de voto - uma descortesia para com o acadêmico visitado. Durante a campanha, que coincidiu com

o ciclo habitual de conferências de acadêmicos que a Academia promove anualmente, Genolino compareceu a todas, e foi, em todas elas, sempre, um ouvinte atento e interessado, ainda que algumas vezes, dependendo do conferencista, isto lhe possa ter custado não pequeno sacrifício. Enfim, deixou sempre em todos os conferencistas, seus futuros colegas, essa amável impressão de cordialidade auditiva. Certo dia programou-se uma solenidade em Niterói, em que seria homenageado Peregrino Júnior, e para surpresa dos acadêmicos presentes - e muito especialmente do homenageado - Genolino estava firme no cais, na hora prevista no convite, esperando a barca. E foi a Niterói e de Niterói voltou com os acadêmicos, como se já fosse um deles, fazendo-o no entanto com uma dignidade rara em candidatos, que nessas aparições de resto dispensáveis acabam sempre enterrando o time com a falsa esperteza da sabujice simplória.

Um dia estava eu debaixo do chuveiro quando a nossa empregada - a inesquecível Vitalina - veio me avisar que o Dr. Genolino Amado estava ao telefone. Pedi a ela que lhe dissesse que eu ligaria para ele quando saisse do banho. No dia esse, por fatal coincidência, eu tinha hora marcada num banco; e, quando soa a hora bancária, como todos os infelizes que de alguma forma se enrolaram com bancos o sabem, não há hora que mais alto soe que ela. Me vesti e me mandei para o banco, pensando que desculpa ia arranjar para reformar o meu desvalido **papagaio**. O gerente reempinou-o afinal com a aragem de uma boa conversa. E quando, mais tarde, voltei para casa, Vitalina me disse que o Dr. Genolino ligara de novo, depois de esperar mais de duas horas pela minha de resto prometida ligação. E contou-me ainda Vitalina que quando ela lhe dissera que eu sairá logo depois do banho, o Dr. Genolino Amado respondeu de um modo que ela quase morre de vergonha: **Ah, o Dr. Herberto Sales saiu? Muito gentil, muito gentil. Obrigado.** Essas palavras ficaram até hoje grudadas em minha memória, que se para outras coisas é fraca, para elas não foi. Ficaram mesmo grudadas em mim. Tudo fiz para esquecê-las, e da mancada que lhes deu origem procurei me

redimir como pude. Peguei o telefone, liguei no mesmo instante para Genolino, me desfiz em desculpas em verdade sinceras, ele de bom- humor aceitou-as, e eu como que o via do outro lado do telefone entreabrindo no ar o seu malicioso sorriso de indulgente ironia. Combinamos o dia em que eu o receberia. Ele chegou pontualíssimo, às 8h 30min da noite. Foi uma festa lá em casa, casa dele também. Juraci, desde quando morávamos ainda em Andaraí, era ouvinte das crônicas de Genolino. Agora, de repente, entrava pelo nosso apartamento o cronista tão admirado dela, pessoa de seu longo relacionamento de fã, desenvolvido na distância da intimidade ilusória de ouvinte, em cuja presença ela no entanto se tomava de um encabulado respeito, tratando-o todo o tempo por **Dr. Genolino**. Era engraçado. Estava ali o ídolo dos nossos ouvidos andarienses e baianos, em nossa casa, na casa da gente, em carne e osso. Passara o tempo. O cronista radiofônico e ao mesmo tempo admirável escritor era candidato à Academia, aonde eu chegara antes dele. Coisas da vida. As imprevisíveis coisas da vida, no caminho imprevisível que na vida percorremos até a morte, rebanho pastoreado por Deus.

Quase às vésperas da eleição Genolino pela primeira vez me falou sobre o assunto dos escrutínios, pois sabia que eu ia dividir os meus votos com Bernardo Elis e com ele. Perguntou-me se eu podia dar-lhe o primeiro escrutínio. Não; não podia, eu iria com Bernardo até o segundo escrutínio, quando ele Bernardo com os votos que sabíamos contados e certos, e que não chegariam a 10, bateria em retirada no segundo escrutínio. Prometi a Genolino que a partir do terceiro escrutínio os meus votos seriam dele. E que ele aliás deveria eleger-se – de acordo com todas as previsões – no terceiro escrutínio. Ele não discutiu, respeitou as minhas razões, a minha decisão, quando se sabe que a essa altura do campeonato em geral o candidato molesta a gente com as indelicadezas da sua insistência.

Chega o dia da eleição. Aurélio (Aurélio Buarque de Holanda) tinha uma posição análoga à minha no respeitante a Bernardo Elis, nosso amigo comum e incomum pessoa. A partir do terceiro

escrutínio, com Bernardo já fora do páreo, Aurélio votaria em Pascoal Carlos Magno. (Não tinha entusiasmo pela candidatura de Genolino, e nunca lhe perguntei a razão.) Acontece que Pascoal, para surpresa pelo menos de Aurélio, teve votação irrelevante, faltando-lhe condições de chegar ao terceiro escrutínio. Pedi a Aurélio, em boa conversa eleitoral ao pé do ouvido: Mestre, vamos eleger o Genolino. E ele próprio, num apaziguamento da consciência, justo e reto como era, me disse assim - sabe, pensando bem, eu não tenho nada contra o Genolino, e ele afinal é um escritor. E assim dizendo, acompanhou o meu voto. E no terceiro escrutínio Genolino elegeu-se. Fomos os dois a casa do eleito abraçá-lo. Genolino, que nem de perto nem de longe contava em nenhum momento com o voto de Aurélio, acabou se elegendo com o voto dele. As imprevisíveis coisas da vida e da Academia.

O convívio acadêmico só fez acentuar as minhas relações de amizade com Genolino, começadas na correta campanha dele para a Academia. Cuidei do projeto gráfico e da publicação do seu discurso de posse, pela própria Academia, que tinha então uma pequena oficina gráfica. Na dedicatória do exemplar que me ofereceu do seu discurso Genolino aludiu carinhosamente a esse encargo que espontaneamente tomei. Quando publiquei **O fruto do vosso ventre,** Genolino disse sobre esse romance palavras muito belas, conquanto ditadas pela sua generosidade de amigo. Ele o fez numa carta que tenho guardada em São Pedro da Aldeia, e da qual infelizmente não posso, como desejaria, transcrever alguns trechos aqui. Poderia com eles encerrar estas evocações. Terei de encerrá-las com as saudades muito grandes que me deixou esse admirável companheiro de Academia, saudades que de resto me acompanharão aonde eu for ou onde eu estiver, não importa se em Paris ou em São Pedro da Aldeia, em qualquer instante meu ou de minhas coisas, numa folha de papel ou no fundo de uma gaveta. Ou na música de um rádio tocando.

✲✲✲

Reconheço quando no quarto comigo mesmo estou diante do meu espelho invisível, que não sou um sujeito de convívio fácil. Juraci, não sei até que ponto com razão, me disse ontem que eu não gosto de ninguém. Com isto ela procurava me explicar a mim mesmo o meu íntimo desencanto comigo mesmo. Mas, pelo menos de você eu gosto, repliquei. E ela, com impressionante serenidade: você gosta de mim porque sabe que não havia nem há outra mulher no mundo capaz de agüentar você como eu.

Por um momento me calei. Depois, dei uma boa gargalhada. Enquanto isso Juraci repetia: Estou falando sério. Estou falando sério.

***

Morreu ontem Celso Cunha, e quem aqui em Paris me dá a notícia de sua morte é o seu em vida fraterno amigo Dionísio Toledo, professor brasileiro da Sorbonne. Não votei em Celso Cunha quando ele se candidatou à Academia, para a qual afinal entrou. Nunca tivemos relações afetuosas. Apenas relações sociais. Sentamo-nos lado a lado durante algum tempo no Conselho Federal de Cultura, quando pela primeira vez tivemos um ainda que circunstancial convívio de duas horas por dia, durante quatro dias por mês. Na sua **Gramática** estou citado muitas vezes. Isto denota o seu apreço à minha literatura. Eu também admirava – e admiro – a sua obra de filólogo. Fomos dois admiradores recíprocos, separados por uma amizade que nunca houve.

***

A menos que você queira deliberadamente cometer uma gafe, nunca pergunte a um brasileiro:

— Conhece Paris?

A pergunta correta é:

— Quando chegou de Paris?

Ou, o que será mais lógico:

— Há quanto tempo você está morando em Paris?

***

Darei aqui notícia sucinta do modo pelo qual no frigorífico o homem mata o cavalo com a finalidade de resto natural de comer-lhe a carne.

São três os principais instrumentos utilizados pelo homem para matar um cavalo no frigorífico: um cassetete de madeira de lei, com ponta de metal, passando pelo dito metal da ponta do cassetete uma corrente elétrica de 120 volts; uma marreta de porte médio, de ferro, cujo golpe, se convenientemente aplicado, equivale a três quilos de peso; uma carretilha de metal de liga de aço, especificamente utilizada para tirar ou remover o couro do cavalo, mesmo estando ele ainda vivo.

Primeiro o cavalo, depois de encaminhado ao matadouro, é devidamente preso num curral convencional de madeira, como se estivesse num curral de fazenda, só que bem menor; no curral ele é deixado sem comer por um período que varia de 12 a 24 horas, antes de ser abatido. Essa providência tem o objetivo salutar e prático de amaciar-lhe a carne.

Ao ser retirado do curral, e tendo já cumprido o prazo regulamentar de reclusão e jejum, o cavalo é conduzido ao longo de um corredor estreito, vulgarmente apelidado "corredor da morte".

O corredor leva a um cubículo de metal cuja porta - como seria natural - é trancada pelo lado de fora, embora se trate de uma porta automática.

Nesse cubículo é o cavalo introduzido, não sem antes percorrer até o fim o corredor. No corredor aplicam-se-lhe sucessivos choques mediante o emprego do cassetete com ponta de metal, choques como já se disse elétricos, de 120 volts.

Promove-se durante a travessia do corredor o asseio do cavalo, com uso abundante de água. Chega ele assim ao cubículo de metal ainda muito molhado. Em geral o cavalo oferece resistência para entrar no cubículo, talvez por medo, talvez - o que não é de todo impossível - por pressentir a morte. Num ou noutro caso intensifica-se o emprego dos choques elétricos, os quais, devido a estar molhado o cavalo, têm aumentado de 120 para 240 o teor da voltagem.

Obviamente o cavalo cede. Afinal o seu instinto vital leva-o a entrar no cubículo para livrar-se dos choques elétricos aumentados.

É quando dentro do cubículo vai ao seu encontro o marreteiro, evidentemente portando a marreta de ferro. Um só golpe da marreta, desde que convenientemente aplicado pelo marreteiro na cabeça do cavalo, é suficiente para fazer o cavalo desmaiar.

Tendo perdido já os sentidos, e por efeito natural do seu próprio peso, o cavalo projeta-se para o exterior do cubículo através da porta automática.

É então o cavalo amarrado pelas pernas a uma engrenagem que uma vez acionada o suspende a uma altura de dois a três metros do chão, mantendo-o em posição vertical, de cabeça para baixo.

Nessa fase do abate, sangra-se o cavalo, o qual, ainda com vida, debate-se inutilmente no ar, com os pés e a cabeça.

Uma espécie de carretilha é então empregada para tirar o couro do cavalo, uma operação extremamente rápida, que não exclui certa violência. Há casos em que o cavalo ainda vive quando lhe tiram o couro.

Em pouco mais de três minutos, está o cavalo sem a cabeça e, naturalmente, sem o couro. Uma serra elétrica abre-o de ponta a ponta ao meio. Cortam-lhe as patas, ainda com a carne a estremecer-lhe em todo o corpo.

É então o cavalo introduzido numa câmara de refrigeração, onde permanece por um período ininterrupto de 12 horas, para ser em seguida desossado.

Uma vez desossado o cavalo, a carne é encaminhada ao açougue para consumo, e era uma vez um cavalo. Um cavalo que o homem matou.

Viu-se no tópico acima o modo pelo qual o homem mata o cavalo para comer-lhe a carne. Agora, ver- se-à como o homem mata outro homem, não propriamente para comer-lhe a carne

(salvo caso de canibalismo), mas para fazer que a terra lhe dê a ele sumiço antecipado, revertendo-o antecipadamente ao pó de que proveio.

São infinitos para isso os meios. Limitar-me-ei a citar como exemplo apenas um desses meios, embora atualmente em desuso, visto não mais ser ele compatível com a simplicidade dos novos tempos, que por sua vez trouxeram meios mais simples do homem matar o homem, ora em vigência.

Numa das obras mais que primas de Camilo - **O perfil do marquês de Pombal** - fui buscar o exemplo que aqui darei, de como em tempos não tão simples como os de agora o homem matava o homem.

Conta Camilo que o Duque de Aveiro, "consoante o alvitre" de Pombal, "devia ser sentenciado a morrer lentamente na fogueira".

Entretanto o Rei, contrariando "essa refinada crueldade", optou pelo emprego da maça de ferro; concedeu porém que, "em vez de lhe malharem no peito com a maça de ferro, a pancada batesse no ventre, a fim de que se prolongasse a agonia". E explica: "A pancada no peito fraturava as costelas de encontro ao coração e pulmões, causando hemorragias fulminantes; porém, no ventre, por causa da elasticidade das vísceras, era atroz, mas não matava de pronto".

Que coisa, meu Deus!

Não matava de pronto, mas acabava matando. Era um dos meios que nesse tempo o homem tinha de matar o homem. Hoje ele se vale de outros meios. E para cada um deles arranja sempre uma boa desculpa. Ou uma justificação.

✲✲✲

Geneviéve Leibrich traduziu para a Gallimard o **São Benardo** de Graciliano Ramos. Também traduziu outros livros brasileiros para outras editoras. Tenho um exemplar da sua tradução de **São Bernardo** com esta dedicatória escrita em português: **A Herberto Sales, o "meu" futuro autor, lembrança de Geneviéve Leibrich.** Explica-se: é que Geneviéve Leibrich foi a

tradutora escolhida pela **maison d'edition** de Anne-Marie Métailié para traduzir para o francês o meu romance **Os pareceres do tempo.** Só aceitou o encargo depois de ler o romance, como aliás costuma escrupulosamente fazer, para ver se vai gostar do livro cuja tradução lhe foi proposta. Gostou graças a Deus dos **Pareceres** e já vai bem adiantada a tradução dele. De vez em quando ela me telefona (como aconteceu ainda há pouco) para esclarecer alguma dúvida. E, como Geneviéve é muito inteligente, viva, sensível, nem bem começo a explicar- lhe, ela pega no ar a resposta e me diz, de pronto, aquilo que não tive tempo de lhe dizer. A publicação da tradução francesa dos **Pareceres** deverá ocorrer brevemente. Terei afinal - depois de umas risonhas promessas esquecidas - um livro meu traduzido para o francês: - e não apenas traduzido, mas traduzido por uma das melhores tradutoras do Português na França. O que é outra coisa. Talvez o título seja **Les visages du temps.** Gosto do título. Teremos assim os **Pareceres** em sua edição francesa com um título muito bom, uma tradução muito boa e - como é de se prever - uma muito boa apresentação gráfica, com o charme das bonitas edições de Anne-Marie Métailié.

***

Salon du Livre, 1989. Estive lá. Comprei o terceiro volume do **Journal** de Charles Juliet. Quem é Charles Juliet? Não sei. Perguntei a quatro ou cinco amigos (inclusive Jorge Amado, que é mais que meu amigo) e nenhum deles sabia. Não há dúvida que Charles Juliet é um escritor pouco conhecido, **malgré** seu incontestável valor. E como o conheci? Peguei na televisão por acaso uma entrevista que ele concedia a Jacques Chancel, que fez aliás há algum tempo também para a **telé** francesa uma ampla reportagem com Jorge Amado. Para isso foi especialmente à Bahia com a sua equipe. Charles Juliet me pareceu uma pessoa extremamente simpática, simples, que dizia coisas inteligentes e simples. Comprei o terceiro volume do seu **Journal** por ser o mais recente. Embora não seja no meu programa de leituras uma leitura prefe-

rencial, leio-o aos poucos, às vezes por desfastio traduzindo-o. Juliet é um espírito que no torvelinho de sua angústia luta para se pôr em ordem, e dentro da ordem realizar a sua unidade.

Pelo menos nesse dia em que lá estive, o **Salon du Livre** tinha movimento pequeno, embora a presença de Jacques Chirac despertasse a curiosidade do público, sobretudo dos jovens, que num grande grupo o acompanharam em sua descontraída visita aos **stands.** Mas logo a onda passou.

Era aliás esperada essa diminuição de afluência de público ao **Salon du Livre** de 89 em relação aos anos anteriores. Desde o início os editores se mostraram com pouco entusiasmo. Alguns deles decidiram mesmo não participar do **Salon,** enquanto uma maioria reduzia as habituais proporções de suas representações. Muitos dos grandes editores de Paris já vinham descontentes com as vendas realizadas em 88, quando o **Salon** deixou pela primeira vez o Grand Palais e se transferiu para a Porta de Versailles. A Gallimard, por exemplo, reduziu consideravelmente o seu **stand,** que de 300 metros quadrados nos outros anos passou para apenas 70 metros. Albin Michel desinteressou-se pura e simplesmente do **Salon.** Enquanto Clarede Durand, da Fayard, que deu o primeiro sinal de defecção, declarava que o **Salon** não tinha mais significação.

No Brasil, quando a Feira do Livro não produz os resultados de venda desejados, alega-se como explicação a falta de dinheiro. E em Paris, onde não há - pelo menos para os franceses - esse tipo de problema? Como explicar o declínio do **Salon du Livre** na maior usina editorial do mundo?

Este ano houve como atração o comparecimento dos editores ingleses e alemães. Mas mesmo assim o **Salon** deixou a desejar como promoção de venda de livros. **Stands** muito visitados. Francos pouco desembolsados. Enfim, um consolo para o Brasil que lê pouco. Ou que, salvo engano, só lê **best-seller.**

***

Eu também já fiz 20 anos. E também já fiz um dia 50 anos. Nesse dia fizemos (idéia de Juraci) uma comemoração familiar

em São Pedro da Aldeia, ainda na casa antiga, pequena casa branca de janelas azuis, onde moraram no sobradinho do forro os pardais de um livro meu para crianças. O título não vem ao caso.

De fora, nesse dia cinqüentenário que não volta mais, só compareceu a nossa vizinha D. Noemi, cujo coração hoje só pulsa na saudade que deixou na gente. D. Noemi puxou o terço, que nós em coro acompanhamos. Foi uma coisa simples e bonita. Na hora eu chorei. Minha mãe, ainda viva, foi do Rio passar comigo esse meu já distante aniversário. Dois dias depois retornou ao Rio, onde meu pai, doente (embora sem gravidade) ficara à espera dela, com saudades dela. Antes de ela sair eu lhe entreguei uma carta que escrevera pela manhã. Em verdade um pequeno bilhete, em que lhe agradecia o sacrifício de ter deixado meu pai no Rio, no apartamento onde viviam no Meier, para ir até São Pedro passar comigo o meu aniversário. Anos depois, minha mãe morria. Deixou com a minha irmã Margarida, para fazer retornar às minhas mãos, duas ou três coisas que lhe dei. Uma dessas coisas era o terço bento que eu trouxe de Fátima para ela, e que hoje tenho guardado no meu oratório. É nas contas desse terço, que tanto me lembra ela, que rezo comigo mesmo as minhas rezas. A outra coisa foi a carta que lhe dei em São Pedro da Aldeia dois dias depois do meu aniversário. Recentemente encontrei entre uns esquecidos papéis meus, amarelecida pelo tempo, essa velha carta. Vou transcrevê-la aqui, sem nada alterar nesse texto que escrevi com o coração guiando a minha mão:

"Mamãe:

O meu cinqüentenário não teria sentido sem a sua presença. Agradeço-lhe do fundo do coração o sacrifício de vir até São Pedro abraçar-me nessa data que, sendo minha, era sobretudo da senhora, pois tudo lhe deve esta vida que chegou, com paz e saúde, aos 50 anos.

Infelizmente papai não pôde estar a nosso lado. Mas V. trouxe, com o calor da sua presença, um pouco da presença dele.

Receba, com um carinhoso abraço, a profunda gratidão e o beijo comovido do seu filho mais velho, que aqui se despede enternecido.

a) Herberto

São Pedro da Aldeia, 23 de setembro de 1967".

Meu Deus, já lá se vão 21 anos! Já não tenho mais a minha mãe.

***

Estou cansado. Não vou mais escrever hoje. A mão me dói. E me dói a alma. Eu sou todo eu uma dor só.

***

Fui ontem à tarde à editora José Olympio. Tinha um assunto a tratar com Daniel. Tratei, tratamos do assunto. Como não dependia de nós, o assunto não se resolveu. Era a primeira vez que eu voltava a José Olympio depois de publicado o **Subsidiário**, que Daniel aliás estava lendo. De repente ele me perguntou se eu o mandara a Otto Lara Resende. Não, não mandara. Se não me engano, nunca mandei livro meu a Otto, embora o admirando de tempos idos: um realmente admirável escritor.

Já há algum tempo venho restringindo o oferecimento de minha literatura às pessoas das minhas relações. E às outras, nem se fala. Como posso mandar um livro meu a alguém sem estar seguro de que o livro vai de alguma forma lhe dar prazer? lisongear-lhe a atenção? Há muitos anos peguei dois livros novos meus e enviei-os a um escritor com quem tinha relações aparentemente cordiais. Nada de amizade. Mas havia entre nós (segundo eu imaginava) uma recíproca simpatia. Ele trabalhava numa repartição pública. Para lá mandei os livros. Nenhum agradecimento dele, uma palavra de gentileza convencional dele, para me dizer pelo menos que havia recebido os livros. Dois anos depois, entrando um dia na sala onde trabalhava um amigo comum nosso, ele me apontando uma mesa onde havia em cima um esparramado caos de livros e papéis, num modelar cuidado de esculhambação funcional, me disse por acaso que ali trabalhava o Fulano esse a quem eu mandara os livros. As gavetas estavam entreabertas,

engasgadas num transbordante recheio de livros amontoados. Qualquer coisa naquela desordem de gavetas denotava que nem a pontapés fora possível fechá-las. Numa delas vi os meus livros. As dedicatórias não quis ver.

Estava falando em Otto Lara Rezende, e de repente entrou na conversa a má lembrança essa que afinal acabo de expelir. Vamos voltar a Otto, velho conquanto por mim não muito visível amigo e confrade da Academia. E eis que Daniel, tendo sabido enfim que eu não mandara ao Otto o **Subsidiário**, me diz que no entanto o Otto, numa carta de assunto editorial, lhe dissera haver gostado do meu livro. E, pegando a carta, me mostrou o final dela, em que num PS dizia Otto a Daniel: "Como está bonito o livro de Herberto Sales - **Subsidiário**. Quase me desbloqueou a ponto de sonhar com a edição de um livro meu..." Ora, Otto Lara Resende dissera apenas haver gostado do meu livro por fora. Daí a gostar dele por dentro, lendo-o, ia uma grande distância. De toda maneira o elogio, mais do editor que meu, me sensibilizou. Já era uma coisa boa de ouvir, vinda de um tão exigente espírito como Otto. O meu livro quase o desbloqueando na resistência obstinada em reeditar os seus tão belos livros, de bela e saudável prosa. Certa vez eu trouxe de Brasília e levei comigo para a Academia um exemplar da edição **hard cover** do Círculo do Livro do seu romance **Pompa e circunstância**, para recolher o seu autógrafo. Raramente faço isso, mesmo com os companheiros da Academia. Mas queria ter um exemplar autografado do romance de Otto, juntando nele com a admiração minha de leitor a alegria de lê-lo num volume autenticado com a sua dedicatória de próprio punho. Era como se o livro ficasse assim mais dele, e também mais meu.

Dois dias depois de haver estado com Daniel na José Olympio, encontro na Academia um cartão de Otto. Considero-o um documento literário e humano muito importante para deixar de transcrevê-lo aqui. Primeiro, Otto me agradece o telegrama em que lhe transmiti o meu pesar pela morte de seu pai. E ao agradecimento seguem-se estas palavras: – "Desculpe-me aproveitar este cartão, que devia ser só de agradecimento, para lhe dizer que li,

encantado, o seu **Subsidiário**, como tenho lido sempre os seus livros, desde **Cascalho**. Você se aborrece, com razão, com o silêncio de alguns(?) confrades. Senti-me incluído na sua justa censura, mas me pergunto se não tenho atenuantes. Tenho o vício epistolar, que me dá mais trabalho agora e vivo me prometendo fazer como todo mundo (ou todo brasileiro) - calar, ou pôr a culpa no Correio. Aliás, o Correio anda cometendo as suas falhas (eu escrevo até para a Diretoria da ECT!). De qualquer forma, me pergunto se a sua mudança para Brasília, ou suas andanças entre Rio e Brasília, não serão um pouco responsáveis pelo que pode parecer o meu silêncio, mas nunca será indiferença. Se é que houve silêncio mesmo. Ainda agora, sei que você está no Rio, mas não tenho certeza de seu endereço - será ainda na Av. Rui Barbosa? Por mal dos meus pecados, perdi a minha agenda velhíssima e estou como você, antes de achar a sua. Já desisti de achar a minha- e não terei tempo de fazer outra... Você sabe que hoje, numa cidade como o Rio, convívio é quimera (ou tema de discurso acadêmico). Mais uma vez obrigado, com recomendações de Helena para Juraci. Receba o abraço amigo de seu velho - **Otto**. PS. O único telefone da Academia é outra quimera."

Li duas, três, quantas vezes não sei, o anúncio da leitura que Otto fez do meu livro: "Li, encantado, o seu **Subsidiário**." E essas palavras eram tanto mais significativas em sua espontaneidade quanto eu não lhe enviara o livro. Certamente o editor o fizera, pois é de imaginar-se que um nome tão prestigioso como Otto Lara Resende receba normalmente as novidades editoriais do país, embora desobrigado de registrá-las em sua lidíssima coluna no **Globo**. Pensei em escrever-lhe agradecendo as suas para mim tão honrosas palavras e em especial para agradecer-lhe o lisonjeiro apreço que lhe despertara o **Subsidiário**, no testemunho da leitura do adjetivo "encantado". Depois, decidi mandar-lhe o meu novo romance, **Na relva da tua lembrança**, saído quase simultaneamente com o **Subsidiário**. Com isto eu o homenagearia como me era possível, com o melhor do meu afeto agradecido, enviando-lhe afinal um livro meu; e transformaria em

dedicatória a carta de agradecimento. Dedicatória que realmente se alongou numa carta. Tive o cuidado de mandar deixar o romance no endereço particular do destinatário, pois a vigilância postal do ECT poderia me multar pela grave transgressão de acobertar numa só tarifa um livro e uma carta. O impresso e a dedicatória epistolar. Ou a carta contrabandeada.

Aqui vai a resposta de Otto:

"Caro Herberto,

Gostei de V. ter gostado do meu cartão, que valeu, entre outras vantagens e desfazimentos de eventuais equívocos, a remessa do seu **Na relva da tua lembrança.**

Que já li, apesar do atropelo destes escaldantes dias de fim-de-ano. Fujo do corre-corre consumista, mas não escapo do vai-e-vem entre o Rio e Minas, entre a serra, Petrópolis e o Rio.

A leitura de seu romance confirmou no meu espírito o que está, mais do que nas linhas, nas entrelinhas da sua dedicatória quase espistolar.

Ou seja: um desalento, um entristecer que o tempo - ou a idade - traz, acompanhado da sensação de desconforto, de estar fora-do-lugar, quem sabe até... marginalizado, diante da onda avassaladora dos que vão chegando (tempos, costumes, gerações).

Então, como na sua história apologal, os jovens exilam os velhos, os filhos matam os pais, como em antigas civilizações e culturas. Há por isto uma beleza triste no seu livro, uma meditação de sabedoria que só a experiência permite.

Que o Novo Ano lhe traga paz e até, se for o caso, a renovação de forças que nunca lhe faltaram, com alegrias para toda a família.

Desculpe este papel, desculpe a pressa, que é fatal, e receba, com Juraci, em nome de Helena também, o abraço sempre amigo do seu velho - **Otto.**

PS.No seu endereço, V. se esqueceu do CEP, que hoje é exigência dos Correios. Tanta carta nesta época tem-se extraviado! Espero que este bilhete pífio ao menos chegue..."

Cheguei a pegar a caneta para responder a Otto. Uma súbita alegria comovida me esvaziou porém de palavras o coração. Se tivesse como escrever alguma coisa, não teria escrito mais que isto: já não há mais nenhum motivo imaginário que me impeça de enviar a Otto um livro meu, desde que haja para isso o livro. E isso realmente me alegrará. Guardei no coração a carta dele, tão cheia de solidariedade compreensiva, achando que afinal um gesto de afeto é a melhor companhia para a gente se sentir feliz sozinho.

***

Já quando em 1948 eu morava com Marques Rebelo (não há considerar senão moradia uma hospedagem de oito meses), apareciam no Rio uns em geral simpáticos professores universitários americanos interessados em literatura brasileira. Contactavam escritores brasileiros estabelecidos na literatura brasileira. Ficavam amigos deles, **oh, yes!** E voltavam para as universidades de onde provinham, falando em tradução nos Estados Unidos de autores brasileiros, **oh, yes!** Numa dessas levas de boa-vizinhança literária com pedal de tradução, apareceu um dia no Rio e por lá ficou algum tempo Mr. William L. Grossman. Nunca tinha visto até ontem nenhum livro brasileiro traduzido por ele e graças a ele publicado. Ontem chegou a vez. Estávamos dando o possível apoio a Mario Carelli e Anna-Marie Métailié para uma exposição machadeana, na oportunidade do lançamento aqui em Paris do **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Figurarão na exposição outras edições estrangeiras – não necessariamente francesas – de Machado. Recorri a Antonio Olinto, que me mandou de Londres **Helena** (mantido na edição inglesa o título em português) e **The psychiatrist and other stories**, seleção de contos machadeanos com **O alienista** dando a partida e o título. E lá vejo: tradução de William L. Grossman e Helen Caldwell. Prefácio de William Grossman. Embora norte-americano, e (pelo menos na época em que andou pelo Rio) professor na Universidade da Califórnia, Grossman só conseguiu fazer editar a sua tradução na Inglaterra

(Peter Owen Limited/London), conquanto o livro tenha sido impresso nos Estados Unidos: Printed in the U.S.A. Mas isso não é nada, nem é tudo.

Começo a ler o prefácio de William L. Grossman:

"Machado de Assis (1839-1908), the shy, epileptic mulatto"... etc. Paro. Mas, logo na primeira linha? Mulato epilético... Não. Será mesmo um prefácio?

Ou será um insulto?

✲✲✲

*B*om título para uma valsa, quando a valsa voltar: **Dispendioso amor.**

✲✲✲

*M*orte de Menotti Del Picchia. Na minha vida só uma vez vi o grande poeta. A principal razão disso é que ele não vinha mais à Academia, estava muito velho, não saía da sua São Paulo e, na sua São Paulo, não saía da sua casa na Avenida Brasil. Desde que entrei para a Academia (em que ano foi mesmo?), Menotti só uma vez lá apareceu. Creio que para receber uma homenagem, na possível passagem dos seus 90 anos. Nessa ocasião eu estava morando em Brasília, período em que só muito raramente visitava a Academia, ainda que estando eventualmente no Rio. Menotti morreu beirando o centenário. Uma longuíssima vida, conquanto respeitável, visto que conservou até o fim a lucidez.

A única vez que o vi foi quando o visitei em São Paulo, na minha campanha - não! não vou dizer campanha, porque o que fiz não foi campanha de candidato, mas só e só cumprir um amável programa social de visitas aos acadêmicos. Primeiro passei a todos eles o telegrama protocolar, em que comunicava a minha candidatura e manifestava a esperança de merecer a honra do sufrágio de cada um deles. Depois, por telefone, fui solicitando a cada um deles a gentileza de marcar um dia para visitá-lo. **Venha quando quiser, Herberto,** me disse, por exemplo, Hermes Lima. Outros no entanto marcavam o dia. **Quarta-feira**

estará bem para o senhor? me perguntou por exemplo Elmano Cardim. E assim visitei todos os acadêmicos residentes no Rio, ou que no Rio eventualmente se encontravam na ocasião. E nada de pedir voto, de perguntar ao acadêmico que em casa pela primeira vez me recebia, e a quem em muitos casos só então pela primeira vez eu falava, se ele podia votar em mim; e, na hipótese de compromisso já assumido com outro candidato, pedir-lhe pelo menos um escrutínio, um escrutiniozinho. Cassiano Ricardo, que nessa época vinha de São Paulo todos os meses ao Rio para as reuniões do Conselho Federal de Cultura, me recebeu no Hotel Serrador, onde se hospedava. José Américo, que viera de João Pessoa visitar no Rio o filho, me recebeu em casa deste, em Botafogo. A João Cabral, então servindo na Europa, creio que em Barcelona (ou terá sido no Paraguai?), enfim, a João Cabral, então residindo no exterior, eu escrevi. E - que eu me lembre - foi só. Todavia visitei fora do Rio, em São Paulo, Fernando de Azevedo e Menotti. Insisto em dizer que rigorosamente visitei os acadêmicos, porque depois de eu haver entrado para a Academia verifiquei com surpresa que em geral os candidatos o menos que fazem em suas visitas é mesmo a visita, quer dizer: o ato social e civilizado da visita. Em vez de visita - tem-se o peditório pessoal do voto, reforçado por subseqüentes telefonemas pidões, num caso como no outro extremamente incômodos para o acadêmico. Marques Rebelo, o grande amigo que tudo fez para me ver a seu lado na Academia, me deu dois importantes conselhos para a maratona das minhas visitas de candidato. Primeiro conselho: eu devia visitar rigorosamente todos os acadêmicos, mesmo Osvaldo Orico, que era seu inimigo pessoal. **Ele é meu inimigo, não é inimigo seu,** me disse Rebelo. Segundo conselho: na visita eu devia falar sobre o assunto que quisesse, menos sobre voto. A visita era um pretexto para o acadêmico conhecer melhor, inclusive sob o aspecto humano, o companheiro que ele, ajudando com o seu voto a eleger, ia escolher para o resto da vida. Segui à risca os conselhos de Rebelo.

Quando cheguei a São Paulo, na casa da Avenida Brasil onde morava o poeta, ele veio me receber à porta. Trazia na mão um exemplar do meu romance **Dados biográficos do finado Marcelino,** entre cujas páginas enfiara um dedo, dando com isso a impressão de uma leitura momentaneamente interrompida. **Que belo romance,** me disse ele. **Agora mesmo eu o estava lendo.** Não sei se nesse episódio havia simulação. Mas reconheço que foi um gesto delicado. À saída, ele me veio deixar à porta, onde me recebera. E só então, pela primeira vez em quase 1 hora que durara a visita, e em que conversamos e conversamos, Menotti tocou na eleição para a Academia. **E como vai a campanha?** me perguntou de repente. Apertando-lhe já a mão, respondi-lhe: "Depois de haver conhecido pessoalmente o poeta das **Máscaras,** posso dizer que vai bem". Ele sorriu, e me disse que esperava votar em mim. Não sei se votou. A eleição, renhida, com Carlos Castello Branco e Djacir Menezes, então reitor da UFRJ, como meus principais competidores, desembocou num impasse. Ninguém se elegeu. Voltei a me candidatar em outra vaga, ainda com Djacir Menezes. Não renovei visitas, de resto dispensáveis, dado o breve intervalo entre uma e outra candidatura. Limitei-me ao telefonema de praxe comunicando a minha nova inscrição. E recebi de Menotti, trazidos por Francisco de Assis Barbosa, os seus votos para os quatro escrutínios. Poeta, se podes me ouvir de alguma parte onde estejas, e hás de estar no céu dos poetas, fica certo que os teus votos, trazendo-me com a florada dos teus escrutínios a tua amizade, significaram para mim a glória machadiana que fica, eleva, honra e consola.

***

Clarice Lispector, embora tendo em sua condição de mulher de diplomata vivido muito tempo no estrangeiro, não gostava de viver em países estrangeiros, vendo e ouvindo por toda parte gente estrangeira. E no entanto - russa de origem - nascera no estrangeiro. Na Rússia. Mas Clarice, que viera criança para o Brasil, era em verdade tão brasileira como se brasileira fosse de

nascença. Numa carta que escreveu a Lúcio Cardoso, transcrita no livro excepcional de Mario Carelli sobre o redescoberto romancista (**Corcel de fogo**), ela diz em certa passagem: "É ruim estar fora da terra onde a gente se criou, é horrível ouvir ao redor da gente línguas estrangeiras, tudo parece sem raiz".

***

No **Subsidiário**, adotei digamos como prévia precaução **post-mortem** de autor o inventário dos erros, lapsos, falhas, etc., nos textos dos meus livros, pelo menos dos livros que representativamente compõem a minha **soi disant** obra. Levou-me a isso o temor da desenvoltura com que impunemente agem nos textos alheios os chamados estabelecedores de texto. Mesmo em vida, antes de se expor portanto à necrofilia dos abelhudos e virgulativos consertadores de textos segundo eles presumivelmente mal revistos e até mesmo mal escritos, o autor está sujeito a ver-se impresso no que não escreveu. Mário de Andrade já falava do revisor metediço, que quer consertar o português dos artistas". No Brasil tem havido coisas horríveis, também nessa matéria. Mas o mal não é só do Brasil. Em Paris os editores submeteram o texto de um dos maiores escritores da França - Marcel Proust - a um crivo diacrítico prévio, objetivando (**hélas!**) alinhar pelas normas de pontuação francesa a pontuação de um autor francês que tinha as suas próprias normas pontuativas. Como observa Jean Milly, em seu prefácio à edição estabelecida sob a sua direção para a Flammarion, "Proust ponctuait en réalité beaucoup moins ses phrases que ne l'on fait ses éditeurs dans un souci de correction scolaire. Il se conformait à l'usage du débit oral, qui indique moins par de pauses que par des changements d'intonation les limites entre les différentes segments syntaxiques. Et, de même qu'il n'aimait pas découper ses longues phrases parce que leur dimension lui paraissait nécessaire, il ne voulait pas fragmenter son récit par de nombreuses alinéas". Por essas e outras foi que no **Subsidiário** eu peguei nos meus livros e neles dei uma varredura revisora de alto a baixo, com alterações, correções,

cortes e não sei mais quê, tudo feito e indicado para ser observado em subseqüentes reedições eventuais deles. As últimas edições em vida do autor só estarão valendo como texto -base para novas edições depois de ajustadas ao inventário revisor do **Subsidiário**, com ele formando um todo revisor. A coisa se fez exaustivamente, para evitar dúvidas futuras. Assim a palavra final, para qualquer reedição que venha a fazer-se, caberá sempre a quem de direito - isto é, ao autor, eu, Herberto Sales. Mas, nem tanto nem tão pouco, em matéria de fidelidade revisora nem tanto à terra nem tanto ao mar. Vamos citar um exemplo. Nas **Memórias do Cárcere**, diz a certa altura Camilo que tem "pedido aos seus maus julgadores que o reputem menos ranhudo que o leão de Numídia e o tigre de **Benguala**". (Assim mesmo: Benguala.) Ao pé da página vem a nota do revisor: "Em Benguala não há tigres; em Bengala, sim. Como a 3ª edição, que serviu de original, é revista pelo autor, mantemos Benguala, embora convencidos de se tratar de um lapso".

Não exageremos.

O autor, nenhum autor, é infalível. Mesmo numa revisão pessoal rigorosa, criteriosa, ele pode deixar escapar o erro evidente de Benguala em lugar de Bengala. Porque não é só o revisor que cochila. Há, também, o cochilo do autor. E, em caso de erro evidente, cumpre ao revisor socorrê-lo e cumpre socorrê-lo o estabelecedor de texto. A liberdade presumida, tomada com o texto de um autor por quem o revê, é tão condenável quanto a fidelidade ao pé da letra, com que numa revisão é seguido o seu texto.

***

Leio em Herculano (**Lendas e narrativas**) o juízo que ele fazia do dicionário de Morais como um todo, e do verbete **brial** em particular: - "O dicionário de Morais afirma que o **brial** era o **manto** dos cavaleiros: é um dos bastos destemperos daquela babel da língua portuguesa".

***

Emboscada na sua cultura havia uma vocação de engraxate. Tinha sempre reluzentes os seus sapatos de vitrine, em geral cor de chocolate.

***

Tradução de romance brasileiro para o francês, com a sua respectiva edição em Paris: vi ontem exposto na vitrine da Livraria de Língua Portuguesa, de Michel Chandeigne, um exemplar de **Belmiro (Belo Horizonte, 1935)**, de Cyro dos Anjos. Trata-se (lógico) de **O Amanuense Belmiro**, com o título ajeitado para o gosto e sobretudo para o entendimento do leitor francês, na medida em que é mais inteligente e talvez de mais cabalístico **marketing** para ele. É de supor que o leitor dirá de si consigo próprio assim: Que será? Só mesmo lendo se verá.

A edição tem o **charme** habitual da **griffe** de Anne- Marie Métailié. A tradução é de Cécile Tricoire, que teve a gentileza de me alcançando ainda em Paris me oferecer um exemplar antes de eu embarcar para o Rio. Esperava abraçar o caro Cyro dos Anjos na Academia por esse tão importante e tão grato acontecimento em sua vida de escritor. Imagino o que para ele - escritor de formação francesa, lido e criado na literatura francesa, vida vivida na intimidade da obra tão francesa de Marcel Proust - significa a edição francesa do seu modelar **Amanuense**, esse Belmiro de Belo Horizonte e dos horizontes todos onde haja sol brilhando em feitio de estilo e boa escrita.

Cyro não apareceu na Academia. Me disseram que estava adoentado.

Em meu apartamento, quando lhe foi possível me levar a sua esmerada tradução, Cécile Tricoire me disse que também estivera doente.

Havia e há contudo a alegria vital do **Belmiro** francês no meio deles, autor e tradutor, ajudando-os a se restabelecerem mais depressa - e já. Estou com a garrafa de **champagne** prontinha para abrir na hora, à saúde deles.

***

Ficou para trás a nota que fiz sobre o novo romance de Jorge Amado, **O sumiço da santa**. Me esqueci de transcrever na nota a dedicatória tão carinhosa que para mim e para Juraci ele pôs no exemplar que recebi no Rio, que estava como me esperando no Rio, para um fraterno abraço de livro no leitor. O normal a esta altura do esquecimento descoberto seria eu correr ao local da nota e acrescentar a dedicatória esquecida. Mas isto eu não faço. É contra o espírito deste livro como foi dos anteriores **Subsidiários**, a regra é andar para a frente. As omisões, as falhas, as mancadas serão corrigidas ou saneadas no ponto em que no seu andamento normal ele estiver. É como se eu entrando numa casa esquecesse de deixar o - só para efeito de metáfora - chapéu no cabide do **hall** e meia hora depois resolvesse voltar ao **hall** para ali deixar no cabide o chapéu. Não. O chapéu eu deixo em cima da primeira mesa que encontrar. E vou em frente. Pois bem, aqui está o chapéu, que no caso é esta ainda lembrada a tempo dedicatória: "Para Juraci e Herberto, queridos amigos - para o mestre do romance brasileiro e para a sua santa Juraci inspiradora, com todo o carinho do velho Jorge."

***

Me veio ontem à noite uma reflexão, estava eu já recolhido, esperando a graça do sono. A qual reflexão seria esta, a respeito de felicidade, da felicidade: a felicidade consiste em não querer a pessoa ser mais feliz que o necessário. Hoje, no lembrar essa reflexão, me veio com a lembrança dela a de um momento muito simples de minha vida, e que por ser simples me deve ter dado então a sensação de uma perfeita felicidade. Estou porém em dúvida se já contei neste livro o distante episódio; e como não quero correr o risco de aqui de novo o contar, vou fazer uma leitura das novas páginas datilografadas que a querida Márcia me trouxe, para me certificar se o que aqui queria dizer já foi dito antes. Para não deixar esvair-se a minha reflexão noturna sem o apoio de um exemplo, vou buscar um em Alexandre Herculano, o extraordinário escritor sem cuja leitura - ou releitura - eu já não

posso passar. É um hábito vital meu. A passagem é quando Ana Margarida, ama do mestre Afonso Domingues, avisa-o da janela que é hora de recolher. E lhe diz: - "Está pronta a ceia, e começa a cair a orvalhada, que a tarde vai nevoenta". Esse doce quadro campestre de fim de dia, com um homem que de uma janela é chamado para a ceia, numa tarde nevoenta, em que começa a cair do céu o orvalho, é um instante pleno de felicidade, com a sua singeleza de coisa pouca, quase de coisa nenhuma, num mundo complicado e cheio de tanta coisa. Uma coisa natural e linda. Enfim, a felicidade. E note-se que o homem era cego.

***

Ah, se eu fosse escrever um livro contando digamos as minhas memórias de tocador de obras ao nível de consumo caseiro, eu ia ficar sentado o resto da vida enchendo papel e lingüiça com o insabido fraco maníaco-obcessivo que tenho da construção. Já desconfiei, e com o possível acanhamento de quem faz uma confissão vou aqui dizê-lo pela primeira vez, que já tenho mandado fazer obras só pelo prazer de ver um pedreiro levantando uma parede. É uma bela coisa, que me distrai e fascina. A massa, os tijolos, inertes materiais que no entanto, de repente, ganham movimento, e como ganham um desabrochar carnudo de vida, no caminho inquieto e criador da colher do pedreiro, também sua batuta: mestre e maestro construindo e regendo a sua obra, ritmo e forma no espaço, tijolos rejuntados de massa ganhando altura no muro e na casa, fronteiras do homem no mundo. Já construí pelo menos quatro casas. E de muro muitos metros muitos. Derrubei paredes, ampliei cômodos, refiz divisões e comunicações na planta baixa de um apartamento que comprei, mapa da minha ilha sem tesouro. Conheci muitos operários, boa gente de boa mão-de-obra, desde o Andaraí do sobrado de meu pai, em cujo andar térreo morei depois de casado, e sobretudo depois de ter feito rasgar numa de suas paredes de fortim uma janela para o quintal. Ficou uma beleza o quarto. Através da janela encaixada na severa parede de prisão a gente via lá fora a

mangueira que alegrava a vista. E de noite entrava pelas reixas da janela fechada, e vinha refrescar a gente, o olor suave e doce do caramanchão de madresilva de minha mãe.

***

Mandei reformar o banheiro dito social no então meu apartamento da avenida Rui Barbosa. Azulejamento de alto a baixo nas paredes. Teto pintado a óleo. Tudo pronto. Fui com o operário (não me lembra o nome dele, não foi dos mais assíduos nas obras que então toquei) ver como ficara a reforma. Paredes de corpo inteiro brilhando nos azulejos novos. Olhei o teto. Descobri no teto pintado a óleo uma pequena mancha. Era de estranhar a tal mancha num teto rigorosamente novo. Perguntei ao operário:

— Que mancha é aquela?

E o operário, voz baixa, como a pedir desculpa:

— É humildade do teto, doutor. É humildade do teto.

Nunca vi ninguém exprimir com tamanha humildade uma coisa. Deixei ficar a mancha. Deixei ficar como estava o meu humilde teto úmido.

***

Morreu em Spandau Rudolf Hess. 1987. Spandau: vi em minha segunda viagem a Berlim a prisão-fortaleza onde, depois de julgados em Nuremberg, foram como num saldo hitlerista das condenações à morte encerrados sete antigos chefes do nacional-socialismo. Com penas de 20 a 30 ou mais anos de prisão, e para Rudolf Hess prisão perpétua. Em Spandau estiveram presos entre outros Albert Speer (o arquiteto da sonhada Berlim de pedra) e Baldur von Schirach, organizador da juventude nazista, cuja exata nomenclatura partidária não me lembra no momento. Enfim: o insinuante líder dos garotos de Hitler, os jovens arianos pré-fabricados que faziam estágio no fanatismo nazista, com hinos, tambores e desfiles, e que ungidos e sacramentados na idéia da guerra iam depois fazê-la na tropa.

Certa vez, há 20 anos, conversando num pequeno grupo de jornalistas (eu era então jornalista) no Rio de Janeiro, eu disse

assim sem mais nem menos que a reportagem do século estava por ser feita com uma entrevista com Rudolf Hess em Spandau. Estávamos por sinal bebericando num coquetel na embaixada soviética, onde eu tinha relações circunstanciais de simpatia com um dos seus diplomatas, Casimirov, cujo nome eu iria dar muitos anos depois a uma personagem do meu romance **A porta de chifre**, russo como ele. Embora isso não venha ao caso, Casimirov foi depois embaixador soviético na Índia. Presente ao grupo estava um então muito conhecido jornalista especializado em assuntos internacionais, que me fulminou. Spandau? Que coisa era essa de Spandau? Rudolf Hess, condenado à morte em Nuremberg, já estava do inferno para dentro umas 300 léguas. Spandau, que idéia.

Os livros sobre a Segunda Guerra só então começavam discretamente a chegar ao Brasil, em certos casos através de edições portuguesas, como fora aliás o caso do notável e fundamental **Julgamento em Nuremberg**, que na edição que li trazia o Nuremberg lusamente estropiado para Nuremberga. Eu me calei, encerrei o assunto, e encerrando-o recolhi a minha infeliz idéia, que o jornalista especializado superiormente fulminara com a sua especialização. Depois, chamei à parte um meu amigo que ouvira a conversa e lhe disse com absoluta convicção: Fulano pode entender muito de política internacional, mas não tem uma informação tão boa assim da história política contemporânea; a verdade é que Rudolf Hess está vivo, e preso em Spandau; e que afinal Spandau também existe. E peguei o meu sono e fui pra casa dormir.

Libertados os outros seis prisioneiros de Spandau, depois de naturalmente cumprirem as suas penas, só Rudolf Hess permaneceu na tenebrosa prisão- fortaleza, que sob pressão dos soviéticos e dos judeus, numa das poucas vezes que sem desarmonia se entenderam, foi ou será a esta hora demolida, depois da morte de Hess. Motivo: eliminar preventivamente a terrível possibilidade de converter-se a fortaleza em lugar de peregrinação nazista, por extensão da peregrinação turística. Foi esta aliás como que a apoteose do lento desmonte moral e físico sofrido durante qua-

renta e um anos por Rudolf Hess entre as paredes de Spandau: um enorme edifício de tijolos vermelhos, com espaço suficiente para abrigar seiscentos prisioneiros e onde ele - durante anos e anos o único prisioneiro - viveu confinado numa cela de cerca de nove metros quadrados. Havia no entanto ao lado da cela um compensativo armário e em frente uma peça maior, composta de celas conjugadas, onde por sua vez havia um aparelho de televisão e uma pequena biblioteca com umas poucas centenas de livros. Tanto a televisão quanto os livros eram submetidos ao crivo de uma censura rigorosa. A qual censura, como toda censura, tinha a sua filosofia. E as suas razões. Na televisão estava vedado a Hess ver todos os noticiários, todas as "atualidades"; em compensação, também lhe era vedado ver todos os programas que mostravam o passado, muito especialmente os que de uma ou de outra forma se relacionavam com o regime nazista, a guerra, os campos de concentração. Ele não viu nenhuma das superproduções cinematográficas anti-nazistas, tipo **Holocausto**. Essas restrições agravaram de forma insuportável o seu isolamento em Spandau e foram consideradas pela Anistia Internacional uma forma de tortura.

Em sua cela, Hess não podia ver sua mulher ou seus filhos senão uma vez por mês, ainda assim em presença dos quatro diretores da prisão (um russo, um francês, um inglês, e um americano) e de um guarda-intérprete, que intervinha a todo momento na conversa para adverti-lo: "O assunto desta pergunta não está autorizado". A mulher e os filhos estavam proibidos de apertar-lhe a mão. Mme Hess revelou um dia a Charles A. Gabel, pastor francês e capelão de Hess, que sobre ele escreveu o espantoso livro **Conversations interdites**, que o único contato físico que ela e o seu marido tiveram em 41 anos de prisão em Spandau foi um breve roçar de dedos, quando no curso de uma visita ele lhe emprestou por um instante os óculos, por ter ela esquecido em casa os seus.

Em torno de Hess havia em Spandau oitenta pessoas encarregadas da manutenção burocrático-administrativo-militar da pri-

são, das quais trinta militares. Os militares eram de nacionalidade americana, inglesa, soviética e francesa. Representavam ali as quatro potências aliadas que com a ajuda de outros países derrotaram os alemães. Todos os meses, com o respectivo comando diretor da prisão, os militares obedeciam a um sucessivo rodízio de nacionalidade. O pessoal civil era no entanto permanente, compreendendo o pessoal da manutenção, médicos, intérpretes, etc. Ao contrário dos militares, os civis eram de nacionalidades as mais diversas: enfermeiras tunisianas, secretárias chilenas, polonesas, iugoslavas, cozinheiros italianos, arrumadeiras marroquinas, etc. Uma espécie de mapa humano de nações, que obviamente não incluia os alemães. Os guardas civis, em número de vinte, sendo cinco de cada uma das quatro nações dirigentes da prisão, inclusive um guarda-chefe, eram também permanentes.

Todos esses dados que aqui estou alinhando para informação de um eventual leitor e, sobretudo, para lembrete pessoal meu, entre outros tantos que na medida do possível registro neste livro, compõem um protesto ou pelo menos um alerta contra a violência no mundo, qualquer que seja a sua latitude ou a forma ou disfarce com que ela se apresente - são, esses dados, baseados na obra impressionante e já citada do pastor francês Charles A. Gabel, **Conversations interdites**, editada pela Plon.

Fizeram outro dia uma pesquisa junto a uns jovens estudantes talvez menos estudantes que roqueiros, sobre os nomes que de uma ou de outra forma marcaram a história contemporânea, e muitos deles não sabiam quem tinha sido Adolf Hitler. Certamente também não saberiam - se na pesquisa coubesse a pergunta - quem foi Rudolf Hess. Mas, sem desmerecer a memória geral contemporânea, acredito que um grande número de pessoas no mundo sabe que Hess foi um chefe nazista que num vôo solitário foi de Berlim à Escócia - em plena guerra - para aparentemente tentar uma paz em separado com os ingleses. Até hoje o verdadeiro motivo desse audacioso vôo permanece no entanto um mistério. A prisão de Hess, primeiro em Londres e depois em

Spandau, e sobretudo o fato de ele ter sido julgado em Nuremberg, tem levado à suposição apressada de que ele, como os demais chefes nazistas que compareceram ao famoso tribunal, era um criminoso de guerra. E que, como criminoso de guerra, livre contudo da morte na forca, foi encerrado em Spandau para cumprir a sua pena de prisão perpétua.

O livro de Gabel refresca e esclarece o assunto.

Em verdade, Rudolf Hess não foi condenado em Nuremberg por crimes de guerra, nem por crime contra a humanidade, mas apenas por haver participado de uma conjuração contra a paz e de ter cometido crimes contra a paz. Os campos de concentração, os massacres, as câmaras de gás, a solução final, tudo isso - segundo relata Gabel - lhe parecia inconcebível, louco ("impensable, fou"). De resto, tudo isso se fez depois de ele estar na prisão. E Hess confessou a Gabel que jamais teria concordado com esses crimes, inclusivamente o aniquilamento dos judeus. E que, com certeza, teria para evitá-los intervindo junto ao Führer.

Já se disse que nos seus 41anos de prisão em Spandau era vedado a Rudolf Hess apertar a mão da mulher e do filho que a acompanhasse quando o iam visitar. Naturalmente, também lhe era proibido apertar a mão de Gabel, o último capelão que teve, bem assim a dos seus antecessores. Gabel no seu livro conta que ao ser pela primeira vez levado à presença de Hess, pelo diretor francês da prisão, que então dava o seu turno rodizial das quatro potências, instintivamente lhe estendeu a mão, esquecido da recomendação que nesse sentido lhe havia feito. Então, mergulhando os seus olhos nos de Gabel ("il a plongé son regard dans le mien"), Hess lembrou-lhe em francês: "Vous ne pouvez pas me donner la main". Nem o seu capelão pessoal podia lhe dar a mão. Nessa época Hess já perdera a sua identidade, era em Spandau nada mais que o nº 7, tanto nas conversações quanto nos documentos oficiais. Em Spandau era terminantemente proibido pronunciar ou escrever o seu nome. Ele próprio, quando fazia (sempre por escrito) um pedido qualquer, um disco, um livro, um objeto de toalete, devia obrigatoriamente mencionar no papel: "nº 7".

Conta o pastor Gabel que Hess era então já um homem muito doente. Sofria dos intestinos, próstata, pernas, tinha uma bronquite crônica. Houve uma ocasião em que estava na iminência de ficar cego. Quando na direção da prisão, em seu rodízio de comando, era a vez dos ingleses, ele tinha melhor assistência. Ou uma assistência mais humana. No hospital britânico davam- lhe um bom quarto, com vista sobre Berlim, reservado aos oficiais de Sua Majestade. No entanto - conta Gabel - Hess preferia Spandau, onde podia passear uma hora por dia no jardim, que ele considerava o seu "pulmão". Sem esse jardim não teria chegado a quarenta e um anos de prisão, dizia Hess. Gabel faz uma revelação extraordinária quando diz que Hess, muito interessado em ecologia, tinha como leitura predileta os livros sobre a proteção de florestas, o cosmos, tudo enfim que pudesse melhorar a qualidade de vida dos seres humanos ("tout ce qui pouvait améliorer la qualité de vie des êtres humains").

Outra grande paixão sua era a música clássica. Acima de todos os grandes amava Beethoven. Tinha especial predileção pelo **Concerto de Violino**, com sua intérprete favorita, Anne-Mutter. Também gostava de esportes, e pela televisão acompanhava os grandes jogos de campeonato de tênis e de futebol. E lendo, e vendo jogos esportivos na televisão, e sobretudo ouvindo música, ia passando como podia o tempo, tentando esquecê-lo. Afinal tinha de fazer alguma coisa nos seus 41 anos de prisão. E a principal delas era realmente esquecer.

Gabel visitava-o no único dia da semana para isso fixado: às quartas-feiras. Dia fixado, tempo e duração da visita também fixados. Gabel chegava à cela de Hess por volta das 14 horas. Hess preparava ele próprio o chá em sua chaleira elétrica, e a primeira chávena ele oferecia a Gabel. Depois do chá, leitura, por vezes de passagens da Bíblia, seguida de audição de um disco. De resto, Hess não tinha o direito de ouvir música senão em presença do seu capelão. Na ausência do capelão era o silêncio.

Uma coisa realmente monstruosa é o que Gabel conta do irracional arrocho burocrático do atendimento médico de Hess

em Spandau. Nenhum médico de uma das quatro nações administradoras da prisão podia tomar qualquer decisão sobre o estado de saúde dele sem a concordância prévia dos respectivos colegas de cada uma delas.

Conta o pastor Gabel em seu impressionante livro que no primeiro dia dos nove anos que iria conviver com Hess, e que coincidentemente era no mês da administração ou comando rodizial francês da prisão, ele o encontrou doente. Estavam presentes não apenas o diretor como o médico francês de Spandau. Para examinar o prisioneiro e prescrever-lhe a necessária medicação, o médico francês só o pôde fazer depois de ouvir, numa junta burocrática médica, a opinião dos seus respectivos colegas russo, inglês e americano, para com eles chegar a um acordo, a uma opinião comum. Todavia, o médico russo só podia emitir a sua opinião depois de previamente obter para esse fim a concordância das autoridades soviéticas. Por vezes, mesmo em caso de urgência de atendimento médico, as conversações burocráticas entre os médicos duravam três, quatro horas. E é fácil imaginar quanto duraram naquele dia as discussões preliminares para decidir se Hess devia ou não naquele dia ser enviado ao hospital - e se ele estava realmente doente. Diz Gabel que teve a impressão de estar num mundo de loucos ("j'avait l'impression de vivre dans un monde de fous"). E não hesitou em dizer que Spandau lhe pareceu como um monumento erguido à estupidez humana ("Spandau m'apparaissait comme um monument élevé à la bêtise humaine").

Hess estava proibido de ver qualquer alemão, e nenhum alemão tinha permissão de vê-lo, ainda que de relance, em circunstâncias de trabalho. Quando, por exemplo, um operário alemão vinha fazer algum conserto nas vizinhanças das celas ocupadas por Hess, ele era previamente trancado na cela propriamente dita onde dormia, enquanto os vidros das janelas eram cobertos com cartolina, para que ele nada pudesse ver através delas nem através delas ser visto. Os únicos alemães que ele podia ver eram a sua mulher e os filhos, além do seu advogado, que

aliás só raramente ia vê-lo. No ínicio a sua família só podia vê-lo por meia hora. Com o correr dos anos a duração da visita estendeu-se no entanto a uma hora.

Embora Rudolf Hess, depois de por sete vezes haver inutilmente suplicado aos governos dos Estados Unidos, Inglaterra, França e Rússia a sua liberação, que verdadeiramente já não desejava, o pastor Gabel fez neste sentido várias **démarches**, de resto também inúteis. A seu ver, um excesso na aplicação da justiça conduz a uma injustiça ("un excès dans l'application de la justice conduit à une injustice"). E achava enfim que manter em cativeiro um ancião como Rudolf Hess, ainda por cima doente, era inconcebível do ponto de vista humanitário, vazio de sentido, mesmo ridículo, tanto mais que Hess não podia ser considerado um símbolo do nazismo, visto que em Nuremberg ele fora absolvido dos dois principais crimes do nacional- socialismo: o crime de guerra e o crime contra a humanidade. Mas aos apelos do pastor Gabel em cartas às altas autoridades mundiais só responderam - embora **pro forma** - Mrs. Thatcher, e o chanceler Kohl. Mitterrand e Reagan nem sequer acusaram a recepção das cartas.

A ineficácia das organizações humanitárias cujo objetivo - como lembra Gabel - é lutar para melhorar a condição dos que sofrem, foi realmente trágica, na defesa dos direitos humanos de Hess. E assim, velho e doente, com mais de 90 anos, ele continuou a ser até a morte apenas o "nº 7", nos seus 41 anos de cativeiro em Spandau - enorme e aparatosa máquina penitenciária que mantinha um só homem preso ("machine pénitentiaire pour maintenir un seul homme en prison").

Ninguém sabe onde foi sepultado Rudolf Hess. Terá sido cremado? Ninguém sabe. Onde estarão os seus despojos, o que dele de alguma forma restou? Ninguém sabe. Mistério. Morreu, é o que se sabe. Mas não se sabe se ele se suicidou. Enfim, terminou o seu cativeiro. Terminou a sua tortura. Já não será mais torturado. Tortura nunca mais.

***

Mota, Carlos Guilherme Mota, me manda de São Paulo um cartão. Fala do meu romance **Os pareceres do tempo,** que "se inscreve - com seus personagens que o situam no patamar de **Cascalho** - definitivamente na Cultura Brasileira". Fico contente com o cartão do Mota. Afinal ninguém é de ferro, para ouvir sem contentamento o que ele disse de mim, podendo dizê-lo. Porém, o cartão do Mota veio em má companhia. Trouxe a reboque no mesmo envelope o recorte de um recortado crítico que outra coisa não tem feito até hoje senão cortar e recortar coisas, para com elas montar o castelo de recortes de sua crítica de escola pública. Eu supunha que esse crítico já havia morrido. Continua vivo. O que dele está morto e bem morto é o que ele nestes anos todos ingloriamente escreveu. E escreveu escrevendo mal. E falando mal dos outros. Sempre o mal: um mal de corpo e alma. Mal que aliás lhe ia bem, como à Electra ia bem o luto.

✲✲✲

Não é difícil dois homens se desentenderem. Mais difícil é se entenderem entre si dois irmãos.

✲✲✲

Eu até certo momento, certo dia, certa época, tive da vida uma idéia que só não chamo de imbecil para não magoar a palavra inocência. Eu era então uma pessoa inocente. Um tico-tico cantando numa roseira. Eu imaginava que a pessoa nascia para ganhar de Deus um lugar no mundo, onde pudesse ficar feliz, sentada num tamborete com os pais e os irmãos da gente em volta da gente, sem incomodar ninguém nem ser incomodado por ninguém. Que coisa. Casei, custei a me habituar à idéia de que era preciso trabalhar em algum lugar que não fosse a minha casa, tive filhos, e eles para minha surpresa cresceram, ficaram descrianças. Escrevo descriança porque tenho até hoje horror à palavra adulto, que para mim tem uma conotação de violência contra a vontade mais legítima do ser humano, que é não fazer nada. Adulto é sinônimo de profissão. E o que é pior - de emprego.

O que por sua vez é uma desgraça, sabendo-se como se sabe - embora nem sempre se diga - que não há emprego que preste. Só haverá emprego que preste no dia em que não houver patrão, esse monstro que devora as pessoas a pretexto de demiti-las. Ou as torna desgraçadas cortando-lhes os salários. Pois vi, com surpresa, meus filhos crescerem, e por sua vez casarem, e por sua vez terem filhos, e de repente descobri que eu tinha envelhecido. Veja. Eu nunca pensei que as pessoas envelhecessem. Para mim o velho já nascia velho. E criança ficava a vida toda sendo criança. Como estava enganado. Eu era mesmo um animal inocente. E com a velhice, com a idade que ia passando e que passou, eu descobri coisas piores. Descobri, por exemplo, que entre 50 pessoas há pelo menos 49 patifes. Eu estava uma vez aqui em Paris esperando no abrigo fazia meia hora um táxi, quando vi andando aparentemente em minha direção uma mocinha risonha. Imaginei que ela vinha tomar lugar a meu lado e comigo formar uma natural e incipiente fila para o táxi. (Era uma **tête de station**, que como qualquer francês, inclusive qualquer brasileiro sabe, quer dizer **ponto de táxi**.) Pois bem, de repente pintou na esquina um táxi, e a mocinha, dando uma corridinha para o táxi, fez parar o dito cujo e nele entrou antes de ele chegar ao ponto, onde segundo todas as regras de táxi eu estava e o esperava. E desapareceu, com táxi e tudo, para o meu espanto de ludibriado pedestre. Mas esse caso da esperta mocinha francesa, que me ocorreu nem sei mesmo por que, não é nada. É coisa do varejo da deslealdade humana nas cidades grandes. (Em compensação, nas pequenas cidades é a mesma coisa.) Coisas mais graves e de todo piores me aconteceram e acontecendo foram ao longo de minha já longa vida revelada, que nunca pensei fosse isto que em volta de mim e em mim ainda está: a vida em tudo diferente daquilo que em minha inocência sonhei. Estou me lembrando por exemplo de uma ministrona que mandou me demitir do INL, onde eu vinha fazendo um trabalho reconhecidamente bom e sério, e que depois ficou mandando uma assecla do seu gabinete cobrar a minha demissão do meu então chefe, que no entanto segurou-a até que

em vez de mim quem saiu do ministério foi a ministrona. Essa ministrona, deixando- se emprenhar pelo ouvido por uma megera da UNESCO, queria me botar para fora do INL só por maldade do seu mau coração e do seu cruel ouvido, pouco ligando para a qualidade do meu trabalho e para o bom conceito profissional do meu nome. Por um triz, eu, pessoalmente eu, que sou e sempre fui um homem pobre e probo, criado na escola da pobreza e probidade de meu pai, não fui para olho da rua desempregado, sem direito ao pão que Deus me deu, e que a ministrona tentou amassar de parceria com o diabo. Ah, quanta maldade, quanta injustiça, quanta mentira, quanta sorridente traição fui encontrando pela vida, vida que em resumo é isto mesmo que ela é e sempre foi: uma moenda de moer o ser humano, acionada por canalhas bem sucedidos. Eu sou hoje um homem velho. Daqui a pouco estou indo ao encontro misericordioso de Deus, levando comigo num caco de cuia a minha vida lavada e limpa. Vida que, diga-se de passagem, quase estrago quando em mais de uma oportunidade tive vontade de dar um tiro na cara de um desses canalhas que encontrei pela vida e que me deixaram calos na alma. Que destruíram a minha inocência, a minha fé nos homens. Só espero chegar até o dia de minha morte sem perder a paciência que a duras penas conservei até hoje.

✡✡✡

No dia 3 de agosto de 1989, dois dias depois da morte do meu amigo José Cândido de Carvalho, Le Figaro publicou a seguinte nota sobre a morte do grande romancista:

"L'écrivain brésilien José Cândido de Carvalho, hospitalisé ces jours-ci à Niterói, ville voisine de Rio de Janeiro, est décédé d' une crise cardiaque à l' âge de soixante-quinze ans.

"Né en 1914 à Campos, dans l'Etat de Rio de Janeiro, il a été journaliste dans sa ville natale, puis à Rio, avant de publier son premier roman, en 1939: **Olha para o céu, Frederico! (Regarde le ciel, Frederico!)**. Vingt-cinq ans plus tard, il publiait son deuxième roman: **Le Colonel et le loup-garou**. 'Contribution

majeure à la création d'um langage proprement national', écrivait alors la critique, au moment de la parution du seul livre traduit en France (Gallimard, 1978) de l'auteur d'une des plus importantes oeuvres de fiction contemporaines, publiées en Amérique latine. **Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicão (Pourquoi Lulu Beergantin n'a pas traversé le Rubicon)**, et plusieurs autres titres allaient de paraitre au fil des ans, célébrés chaque fois pour la richesse de leur langue, classique et moderne tout à la fois.

José Cândido de Carvalho figurait parmi les écrivains invités a participer à Paris aux premières rencontres d'écrivains brésiliens en France, au moment du Salon du livre, en mars 1987."

V.K.

As iniciais são de Vera Kornicker, redatora do **Le Figaro**. Não é todo dia que sai na imprensa de Paris nota sobre escritor brasileiro, mesmo para dizer que ele morreu. A nota sobre a morte do meu amigo é por isso mesmo muito significativa.

***

Jorge Amado, constância de afeto na minha vida literária, exemplo de correta dedicação, uma amizade que de outras eras vem, chega de Londres, aonde foi para lançar de uma só vez três obras suas, nas respectivas edições inglesas, que na forma da antiga e carinhosa praxe me ofereceu: **The violent land, Tent of miracles** e **Shephards of the night**. Ou seja: **Terras do sem-fim, Tenda dos milagres** e **Pastores da noite**. Edições lindas. Na mesma semana ele recebeu de Roma os primeiros exemplares da tradução italiana do **Sumiço da Santa (Senta Barbara dei Fulmini)**, de que me mandou igualmente um exemplar. Também uma linda edição, por dentro e por fora, também em **hard cover**. Do mesmo romance estão no forno, para sair dentro de uns dois meses, a edição francesa, a edição alemã e a edição norte-americana. De quebra, Jorge me mandou duas edições de livros de bolso dele publicadas nos Estados Unidos: **Sea of death (Mar Morto)** e **Captains of the sands (Capitães da areia)**. Uma beleza de edição de bolso. Me lembrei com saudades da leitura

desses dois dos meus prediletos romances de Jorge, que descobri no tempo das edições da José Olympio, com capa de Santa Rosa. Uma emoção entrou como um pássaro pelo meu apartamento com esses velhos e tão queridos livros, agora percorrendo na edição americana os caminhos do mundo. Tudo isso em poucos meses, acontecendo numa simultaneidade maravilhosa de línguas e povos, sob os céus deste velho mundo de Deus. Se Jorge não é incontestavelmente um grande romancista internacional, então eu não sei mais o que é um romancista, nem sei o que é internacional. Opinião do **Newsweek** sobre ele: "Jorge Amado is adored around the world." E a do **The York Times**: "Amado is Brazil's most illustrious and venerable novelist." É isso aí.

***

*D*efinição d'**Os Lusíadas**: "Epopéia que sagrou em idolatria de semideuses uma falange de piratas".

Vou dar o serviço: Camilo Castelo Branco, "Luís de Camões, estudo aliás magistralíssimo", in **Boemia do Espírito** (5ª edição), pág. 210.

***

*M*ontello aqui em Paris costuma me falar dos seus projetos literários, me dá notícias do andamento dos seus livros, não raro lendo para que eu escute passagens deles. E eu vou assim aos poucos antegostando dos belos romances que ele tem em preparação, até o dia em que afinal posso um a um fruí-los na leitura completa e toda do texto impresso entregue aos leitores. Foi assim que me chegou às mãos o novo romance que Montello acaba de publicar e que eu li na curiosa alegria de uma espécie de reencontro ansioso, entreligando os trechos que conhecia com os trechos que os complementavam, como peças ajustadas na harmonia de um conjunto cheio de surpresas. Chama-se **A última convidada** o novo romance de Montello. Há nele uma intriga atraente, mas isto não bastaria para conferir uma qualidade especificamente romanesca ao livro, se não houvesse para urdi-la o talento consumado do autor na arte de armar e contar uma história , pren-

dendo do começo ao fim a atenção do leitor, sem o cansar nem lhe esmorecer o interesse. E com saber urdir com eficaz experiência e brilho uma boa história, Montello dá uma dimensão de profundidade humana às suas personagens, realizando assim, na melhor tradição do romance e das suas conquistas técnicas de narração, o romance por excelência genuíno do estudo de caráter e do conhecimento da alma humana. **A última convidada** é um belo exemplo disso. E louve-se, ainda, nesse romance magistral, o desenrolar da história em dois planos, tão díspares nas ações secretas das personagens quanto harmoniosos na identificação ostensiva do assunto, e que resultam - esses dois planos de fabulação - num contraponto da memória com a ação presente, no efeito admirável e lúcido de uma montagem teatral em dois palcos simultâneos. Uma beleza. Fico satisfeito com mais esse êxito de criação literária do romancista Josué Montello, cuja arte de escritor admiro e de cuja amizade me envaideço. É ele um grande romancista, que por coincidência é meu amigo. E não é meu amigo apenas por ser um grande romancista.

✲✲✲

E scritor que diz haver mudado de linguagem, não muda com a linguagem. A linguagem é que muda com o escritor.

✲✲✲

*N*o dia 10 de agosto de 1580 morria na obscuridade Luís de Camões.

✲✲✲

E ntrou, grave, de chapéu, no restaurante. Tirou o chapéu. E em sua cabeça luziu um brilho súbito de polimento. Não havia como evitar. Careca em flagrante delito.

✲✲✲

*D*iz o crítico literário que no **Subsidiário** eu confundo embalagem com embalo. Vê-se. Ele pegou o dicionário português que tinha à mão, ou ao pé, leu: - "**Embalo**: Balouço, balanço". E leu adiante: - **Embalagem**: Empacotamento; enfardamento, encaixotamento". E logo tirou da sua enxofrada bufa de diabo a

conclusão de que empreguei errado a palavra **embalagem**, "confundindo-a" com **embalo**, que seria outra coisa. Se houvesse o crítico se dado ao trabalho de consultar um dicionário francês moderno, por exemplo o da Flammarion, veria que a palavra **embalagem**, que é aliás um galicismo, tem duas acepções, infelizmente ainda não verbetadas em muitos dicionários brasileiros. E as acepções são exatamente as que se seguem: "**Emballage** : Action d'emballer", que é o nosso **empacotar**, etc.; e "**Emballage**. 2: Effort suprême et rapide d'un coureur prés du bout." Que vem aliás do verbo emballer, na acepção correspondente, e que significa: – "Provoquer l'enthousiasme, l'admiration. Provoquer une accélération excessive du moteur".

O que quer dizer que a **embalagem** que empreguei é embalagem mesmo. Inclusive nas melhores famílias de empacotadores.

***

Lendo na **Boêmia do espírito** os comentários de Camilo ao **Memorial** que D. Francisco Manuel de Melo ofereceu a el rei D. João IV para defender-se das calúnias de que era vítima, encontrei na página 110 a citação seguinte: "Senhor: os romanos costumavam ouvir em seu Senado os reis", etc. Adiante, pág. 112, na íntegra do traslado, lê-se: "Senhor: os romanos costumavam ouvir no Senado os réus". E agora? É réu ou é rei? Na dúvida, consola-me o fato de que nada impede que um rei se torne um réu. Mais difícil é um réu tornar-se um rei.

***

Creio que em geral os candidatos à Academia ignoram que não é da norma da instituição o acadêmico responder a cartas de candidatos pedindo voto aos acadêmicos. Dessas cartas eu tomo conhecimento, mas não respondo aos candidatos. Quando me candidatei, conhecendo pessoalmente não mais que um terço dos acadêmicos, enviei sem exceção a todos eles a minha carta protocolar de candidato, limitando-me, como seria natural, ao cerimonioso "espero contar com a honra do seu sufrágio", etc.

Quatro ou cinco deles me responderam. Isto bastaria para que eu, feito acadêmico, desse o mesmo tratamento aos candidatos. Essa razão contudo eu não invoco. Invoco,pura e simplesmente a norma da casa. Mas quando o candidato, além de candidato, é meu amigo, eu respondo. Afinal não estou respondendo à carta de um candidato, mas à carta de um amigo meu. Amigo é para essas coisas.

Aproveito para dizer que se um candidato me escrever pedindo o meu voto, posso me predispor a votar nele, conquanto não lhe comunique necessariamente isso escrevendo-lhe. Se, porém, o candidato me faz uma segunda carta, corre o risco de estragar a impressão favorável que a primeira me deixou. Se faz uma terceira carta insistindo no pedido de voto, aí então perde definitivamente o meu voto: voto que eu lhe daria se ele fosse mais discreto em seu comportamento postal de candidato.

***

Marlos Nobre fez 50 anos. Não é tanta idade assim para uma pessoa fazer. Eu por exemplo já entrei na casa dos 70. Hermes Lima dizia que a essa altura etária dos acontecimentos não é mais casa dos 70. É pardieiro dos 70. Marlos Nobre tem apenas 50 anos agora. E já construiu uma obra musical maior que a sua idade, com os belos concertos que para homenageá-lo estão especialmente tocando agora no Brasil e no mundo. Pelo como se diz transcurso do seu cinqüentenário, fui musicalmente abraçar Marlos Nobre em Paris, ouvindo na Unesco em gala a sua bonita música do Brasil.

***

Aviso aos navegantes ou aos contumazes viajantes: tratem de aprender inglês. Não o inglês de recepção de hotel, ajudado com o dedo, mas o inglês de efetiva intercomunicação, inglês falado e entendido, e lido, e tanto quanto possível escrito - quer dizer: redigido pelo próprio anglo-falante. É a língua que vai dominar em muito pouco tempo o mundo: a língua que vai de vento em popa para ser, no mundo, o denominador comum da intercomu-

nicação entre os povos. Agora mesmo a comunidade científica internacional decidiu só tomar conhecimento dos textos redigidos em inglês. Isto num congresso realizado em Paris. Ainda em Paris, neste mesmo Paris "je t'aime" **de la langue française**, o Instituto Pasteur, para se enquadrar na decisão da comunidade científica internacional, decidiu por sua vez só publicar de ora em diante os seus anais em inglês. Já outro dia, numa reunião do Club de Paris para se discutir a dívida externa do Brasil, a língua usada foi o inglês. Como foi também o inglês a língua usada em recente colóquio internacional de aviação, presentes oficiais brasileiros da Aeronáutica. Coisa todavia curiosa (eu soube de fonte fidedigna e participante) aconteceu com a coloquial representante soviética. Embora falando fluentemente - e todo o tempo **hors coloque** - o inglês, nas reuniões do colóquio exigia intérprete, porque em suas intervenções só falava em russo. Entendia tudo em inglês. Mas os outros tinham de entendê-la - se quisessem entendê-la - no seu inglês provindo do russo traduzido.

Isto não impede todavia que a França continue a gastar milhões e milhões de francos para ilusoriamente divulgar no mundo a língua francesa, e no Brasil em particular, além da língua francesa, a cultura francesa, cuja influência no Brasil de hoje vai ficando - em face de outras influências avassaladoras e vivas - cada vez mais no longe-além do passado. O resto é emprego. E bolsa. E faturamento **auprés du gouvernement français.**

***

*F*ala-se e fala-se, e só se fala agora nos Direitos do Homem. E quando vão começar a falar nos Deveres do Homem? No meu romance **A porta de chifre** há um aporte transfigurado desses deveres incumpridos. Mas esse meu romance seguiu o mesmo destino dos outros que escrevi: não foi lido, ou só o foi por umas escassas gentes desprevenidas. Paciência. É afinal um meu dever de homem ter paciência.

***

25 de julho. Aniversário de meu pai. Estaria ele hoje fazendo anos se vivo estivesse. Já não lhe posso dar parabéns. Nem abraçá-lo. Nem vê-lo. Lembro-me do dia em que o médico saiu do quarto onde o atendia no hospital do Ipase. Estava triste, o médico. E ele, doutor? perguntei. O médico deu a notícia de resto já esperada. Meu pai acabara de morrer. Entrei no quarto. Sobre o leito dormia uma sombra gelada.

✲✲✲

De repente acordei sobressaltado. Que dia é hoje? Sábado, me respondeu a folhinha. Suspirei aliviado. Ah! Ainda bem que não é segunda-feira. E acarinhando a cabeça do meu sono voltei a dormir com ele.

✲✲✲

No carnaval faz bom folguedo quem em casa fica e dorme cedo.

✲✲✲

Em 14 de fevereiro (data do aniversário de minha mãe) de 1927 eu tinha 10 anos incompletos. Entre as coisas tão queridas dela e que antes de morrer confiou à minha irmã Margarida para que me entregasse, das quais já mencionei o terço bento que eu trouxe de Fátima para ela e a carta que lhe fiz agradecendo a sua presença em São Pedro nos meus 50 anos, encontrei um pequeno cartão meu, datado de 1927, de que evidentemente não me lembrava. Um cartão de um tênue e já desbotado verde, cartão de visita (vejam só que engraçada extravagância), onde há um ornato gráfico e, em feitio de apelido familiar, o meu nome impresso: **Betinho**. Impresso vem também o nome da minha cidade natal, como então se escrevia: **Andarahy**. Com **h**, **y** e tudo. Com uma letra caprichada, que nem remotamente fazia prever o formigueiro caligráfico a que ela ficaria reduzida no futuro, escrevi no lado impresso do cartão: "Salve 14 de fevereiro de 1927. Salve!" E ao

"Andarahy" impresso juntei em manuscrito a data: "14 de fevereiro de 1927". Do outro lado do cartão lê-se a minha mensagem aniversária: "Minha querida mamãe. Por colherdes uma rosa no jardim de vossa preciosa morada (sic) venho jubiloso dar-vos os meus parabéns. Do teu filho Betinho".

Não sei para que minha mãe guardou por tantos anos esse cartão. Enfim, ele tem um certo interesse, na confusão que eu já então fazia com os pronomes. Era um sinal evidente de que eu ia ser escritor.

***

Às vezes sem favor me considero uma boa pessoa. E digo de mim comigo: Que bom se houvesse dez pessoas iguais a mim! Poderíamos uns dos outros ser amigos verdadeiros, nos encontrarmos, poderíamos viver em boa e compreensiva paz; e, se ainda em maior número fôssemos, e se ainda mais e mais e mesmo legião fôssemos, poderíamos talvez, até, quem sabe, salvar o mundo. Não! Inútil pensar tal coisa. Cada homem é um homem. Cada qual é como cada um.

***

Escreve-me um candidato à Academia, e me pede o voto. Leio mais uma vez (como para me certificar) o cabeçalho: **Hebert Salles**. Leio de novo: **Hebert Salles**. Como se não bastasse o Sales com dois **11**, vem o homem e ainda por cima me chama de **Hebert**. Quer dizer: além de tirar o meu **o** final, o que até certo ponto se compreenderia, se eu fosse xará ainda que retardatário do matusalêmico defunto Herbert Moses, tira também - e aí é que está o mais grave, e talvez o mais estúpido - tira também, como dizendo eu ia, o meu primeiro **r**. Não. Assim é demais. Em hipótese alguma votarei nesse analfabeto do meu nome.

***

Morando em Paris há mais de três anos, o bicentenário da Revolução Francesa me possibilitou observar **in loco**, desde os começos de sua preparação em termos de planos e programas

festeiros, com antecedência possível de dois anos, os reflexos dessa comemoração mais turística que patriótica, apoteosada afinal em 14 de julho de 89. Outro dia, há uma semana acompanhei a reação mais corretamente francesa da imprensa e dos meios intelectuais de Paris, e mesmo a mais livre e legítima reação da opinião pública, em geral contrária uma e outra aos excessos dessa comemoração patrocinada e programada pela dupla Mitterand-Jack Lang no ritmo do espalhafato do primeiro instante até a hora e vez de sua realização.

Essa festança teve para mim um aspecto todavia importantíssimo. O bicentenário foi o grande pretexto para uma séria e isenta revisão histórica da Revolução Francesa, que passara em julgado na história do mundo como sendo um acontecimento de irretocável e entronizada glória, obra de uns homens que eram deuses. Episodicamente, andei já anotando ou documentando nestas minhas (também) memórias aspectos dessa revisão, em verdade uma revolução dentro da Revolução, tão implacável vem sendo ela em suas revelações e em seus questionamentos. Nisto, aliás, louve-se a França: a França do **Bicentenaire,** que faz a sua festa e ao mesmo tempo a sua autocrítica. Os fogos de artifício nas Tulherias não impedem que se fale da **carnage** do Terror. **Son et lumiére.** Sangue e violência.

Breve história de um invento e do seu inventor. Todo o mundo conhece pelo menos de filme a guilhotina, mas a sua **petite histoire** não é tão conhecida assim. Com o **Bicentenaire** a imprensa ocupou-se muito da chamada navalha nacional, refrescando a memória dos franceses. Aqui refrescaremos a memória dos brasileiros, que graças a Deus nunca perderam na guilhotina a cabeça.

Sabe-se sabidamente que a guilhotina foi inventada por um homem chamado Guilhotin, que emprestou seu nome ao invento. Guilhotin, Ignace Guilhotin, não era porém um sinistro homem qualquer. Era um médico, e sobretudo um cidadão francês que nasceu para se tornar famoso. Era da Charente- maritime, e fez estudos brilhantes num estabelecimento religioso de Bordeaux.

Formou-se em medicina, sempre quis ser médico, profissão condizente com a sua índole humanitária. Como era humano! Depois de uma rápida passagem por Reims, vamos encontrá-lo como "docteur-régent" da faculdade de Paris. Por coincidência, ou premonição revolucionária, casou num 14 de julho. Sua mulher, Marie Louise, era filha de um livreiro. Dr. Guilhotin adorava livros. Aliás, interessado na convocação dos Estados Gerais, escreveu e publicou a esse respeito uma brochura, na qual pleiteava que os deputados do Terceiro Estado fossem aumentados de número. O debate em torno da sua proposição lhe traz alguma notoriedade. Começa-se a falar do Dr. Guilhotin. O resultado é que em maio de 1789 é ele escolhido pela cidade de Paris como deputado dos Estados Gerais. O Dr. Guilhotin não se interessou de pronto pelos chamados "grandes princípios", objeto de discussão dos seus colegas de deputação. Mostrou-se desde o primeiro momento como um deputado antes preocupado com os princípios do conforto. Reclamou (e viu vitoriosa a sua reclamação) espaldares para as cadeiras até então incomodamente desprovidas deles, e **chauffage** para a sala. Freqüenta clubes, entra para a Maçonaria (onde é sempre visto ao lado de Lafayette), sem negligenciar contudo a sua assiduidade à Assembléia Nacional Constituinte, emanação dos Estados Gerais. Afinal, no dia 10 de outubro de 1782, ele sobe à tribuna da Assembléia para defender a sua proposição em favor de um castigo igual para todos os criminosos, sem exceção. E o fez, segundo sua própria alegação, em nome da democracia. Era preciso acabar com o privilégio social de um castigo especial para os nobres condenados à morte. Estes eram decapitados a machado ou a espada, enquanto os pobres eram submetidos à desarticulação dos membros na roda até morrerem, ou eram esquartejados ou, na melhor das hipóteses, enforcados.

E o Dr. Guilhotin anunciou à Assembléia a máquina que acabara de inventar, com o propósito de democratizar a condenação à morte. Agora todos os criminosos, sem qualquer distinção de classe social, teriam uma morte rigorosamente igual. Se os

homens nascem livres e iguais, é justo que morram da mesma maneira. A Assembléia escutava-o perplexa. Perplexa e todavia interessada.

Aliando os seus sentimentos democráticos ao seu gosto pelo progresso técnico, e os seus conhecimentos de professor de anatomia às convicções de humanista, o Dr. Guilhotin comunicou enfaticamente à Assembléia as vantagens do seu invento: "Messieurs, avec ma methode, je vou fais sauter la tête en un clin d'oeil et sans que vous est prouvez la moindre douleur". Exatamente isto: a futura guilhotina, uma vez posta em ação, faria saltar num abrir e fechar de olhos a cabeça do condenado à morte, sem que ele sentisse a menor dor. Preocupação de humanista.

Sua proposição para uma execução democraticamente igualitária dos criminosos não foi no entanto acolhida pelos deputados constituintes. Ficou aguardando, na Assembléia, o momento esse tão conhecido aliás de todos nós de - **entrar em pauta.** De resto, um momento de assembléiada tradição, onde quer que haja uma assembléia e a sua respectiva pauta. Enquanto isso, a Assembléia cuidou de promover um quem sabe aperfeiçoamento da máquina idealizada por Dr. Guilhotin, que já então começavam a chamar de **guillotine,** por associação natural do nome do cada vez mais famoso médico que a inventara.

No 1º de janeiro de 1790 retoma o Dr. Guilhotin perante a Assembléia a defesa da sua "machine à decapiter", enfatizando um aspecto que nela lhe parece muito importante: "Le criminal sera décapité, il sera par l'effet d'un simples mécanisme." O que talvez denotasse a sua preocupação humanitária também com o carrasco, e não apenas com o desgraçado a quem o carrasco ia cortar a cabeça. Se por um lado quem ia ter a cabeça cortada se desembaraçaria dela de um modo tão rápido que nem ia sentir dor, o carrasco teria por sua vez aliviada a consciência transferindo para "un simple mécanisme" a sua carrascal ação direta no golpe decapitador.

O poder judiciário ("le pouvoir judiciaire"), embora reconhecendo que a privação da vida era já uma pena suficiente em si ("la

privation de la vie était déjá une peine suffisante en soi"), ponderou que a execução se fizesse com brevidade, e de um só golpe ("en un instant et d'un seul coup"). É quando entra em cena um emérito cirurgião de Paris, o Dr. Antoine Louis, consumada autoridade em Medicina Legal. Consultado sobre a conveniência de aprovação pela Assembléia do novo sistema de decapitação proposto por Dr. Guilhotin, o Dr. Louis, homem muito meticuloso, fez em 7 de março de 1792, perante a dita Assembléia, as seguintes considerações preliminares: um defeito no funcionamento do mecanismo, por falta de experiência, ou mesmo por inépcia ("faute d'expérience, ou encore par maladresse"), podia tornar o suplício horrível para o paciente e para o espectador ("le supplice devient trop horrible pour le patient et pour le spectateur"). Nessa hipótese, Dr. Louis temia que o povo se mostrasse injusto e cruel para com o executor ("se montrâit injuste et cruel envers l'executeur").

E, homem meticuloso como já se disse, o Dr. Louis inventariou perante a Assembléia as diferentes maneiras pelas quais se cortavam cabeças na Europa: com sabre, machado ou cutelo, variando a postura imposta ao condenado, a saber: de joelhos ou deitado, as mãos livres ou amarradas nas costas. Falando todo o tempo para uma Assembléia Nacional atenta, o Dr. Louis pôs em evidência a precariedade do fio da espada ("fil de l'épée"), o qual fio, examinado ao microscópio, revelava uma serrinha mais ou menos fina ("une scie plus ou moins fine"), inadequada ao caso. E por fim concluiu, tendo em vista a ponderação do poder judiciário, que, em verdade, um golpe descarregado em sentido perpendicular, por maior que fosse a força nele empregada, não conseguiria cortar de um só golpe ("ne réussirait pas a décapiter **d'un seul coup**") a cabeça do desinfeliz do condenado. E preconizou sabiamente a adoção de um gume oblíquo ("tranchant oblique"), o único capaz de assegurar ao "mécanisme" uma **performance** satisfatória ("seul capable d'accompter une telle performance").

Ganhava assim o projeto do Dr. Guilhotin uma contribuição técnica inestimável, e de suma importância científica, partindo de quem partia: do emérito cirurgião parisiense Dr. Antoine Louis, autoridade inconteste na área da Medicina Legal.

Só faltava a demonstração prática. E o Dr. Louis, transferindo-se da teoria para a prática, entregou em fins de março de 1792 a um carpinteiro a descrição – ou quem sabe a planta alta – da guilhotina. Em alguns dias estava ela pronta, tal como a conhecemos até hoje. Feita em madeira de lei (carvalho), tinha aproximadamente três metros e meio de altura, com uma pesada lâmina oblíqua de aço, presa ao alto por uma corda, que o carrasco punha em funcionamento apenas soltando a outra parte da corda. Impulsionada pelo seu próprio peso, a lâmina descia a toda velocidade e ia embaixo cortar no respectivo encaixe a cabeça de quem por determinação da lei e da justiça revolucionária tivesse sido obrigado a introduzir-se em tão sinistro colarinho.

Cabe aqui um retrospecto indispensável. Embora, em princípio, aprovada no 1º de dezembro de 1789, a proposição do Dr. Guilhotin teve de aguardar até 21 de janeiro de 1790, pelos artigos que completariam o necessário texto legal definitivo. Por fim, em 3 de junho de 1791, Lepetelier de Saint-Fargeau completou o ato legal do nascimento da guilhotina, por efeito do artigo 3 do capítulo I do Código Penal, que ele assim competentemente redigiu: "Tout condemné à mort aura la téte tranchée."

Voltando à teoria posta em prática do Dr. Louis, foi armada em 15 de abril de 1792, no pátio do castelo de Bicêtre, a guilhotina padrão. E fez-se com ela a primeira experiência. Estavam presentes o Dr. Guilhotin e o Dr. Louis, além do carrasco oficial Sanson, que procedeu a três execuções simuladas com cadáveres. Pôde-se constatar que em todas elas, de acordo aliás com o previsto, as cabeças foram cortadas num abrir e fechar de olhos ("en clin d'oeil"). Todos ficaram satisfeitos.

Numa carta apressadamente enviada ao procurador Roederer a respeito do êxito da experiência, o Dr. Louis comunicou-lhe que já a partir da segunda-feira seguinte podiam começar a

guilhotinar ("qu'on pourrait commencer à guilhotiner dés le lundi suivant").

O carrasco Sanson emitiu a sua abalizada opinião: era uma bela invenção, desde que não se abusasse da facilidade dela ("Belle invention. Pourvu qu'on n'abuse pas de la facilité.").

Infelizmente a história veio demonstrar exatamente o contrário disso. Milhares e milhares de cabeças rolaram da guilhotina na Praça da Concórdia, local de sangrenta memória na história de Paris, que a dupla Mitterand-Lang tão significativamente escolheu para em contrapartida fazer rolar o **champagne** festivo do **Bicentenaire.** Lang chegou a declarar - exibindo a sua **visage de coiffeur** da Bastilha - que a Praça da Concórdia foi escolhida por ser a "a Praça da Amizade".

Praça da Amizade? Pois sim.

Dentre os inúmeros livros, artigos, reportagens aparecidos em Paris em meio aos excessos festeiros do **Bicentenaire** da Revolução, está circulando um impressionante documento histórico: **Le journal des guillotinés,** de que ja saiu este segundo número que tenho sobre a minha mesa. Essa publicação inventariou as 17.500 condenações à morte na guilhotina, deixando evidentemente de fora as mortes que não foram catalogadas. A pesquisa foi feita sobre dois imensos e raríssimos volumes que há dois séculos são acessíveis apenas aos eruditos. Em geral se pensa que a guilhotina - símbolo da Revolução - foi um instrumento do povo contra a tirania. Quer dizer: contra a nobreza, que a Revolução meteu num mesmo saco de estopa sujo e escreveu por fora com o dedo molhado no sangue: **Tyrannie.**

Quem se der à curiosidade de ler a lista dos guilhotinados que **Le journal des guillotinés** vem publicando, não apenas sumariamente com o nome das vítimas, mas dando o seu local de nascimento, profissão, domicílio e – o que é importantíssimo – o motivo da condenação, verá que em sua esmagadora maioria os condenados eram pessoas do povo consideradas inimigas do regime. Ou, segundo o próprio anátema do regime – considerados

cont -révol. O que desabreviadamente e em português quer dizer contra- revolucionário.

O horror que os franceses em sua maioria votam à guilhotina e ao terror revolucionário não é só um problema de sentimento de culpa. Talvez a explicação se deva à revelação feita no **Le journal des guillotinés**: 1 em cada 20 homens teve um ancestral ou um próximo dele que foi guilhotinado sob a Revolução. ("Aujourd'hui, compte tenue de brassage des générations, un Français sur vingt a en un ancêtre ou un proche de cet ancêtre guillotiné sous la Révolution.").

Houve um momento em que a guilhotina, em homenagem ao Dr. Louis e ao seu científico cutelo oblíquo, ganhou o nome de **Louisette**. Mais nome de canção que de cutelo. Foi, também, chamada **"viúva" (veuve)**, numa graçola francesa do mais absoluto humor **noir**. Por fim, foi apelidada de "navalha nacional" **(le rasoir national)**, cabendo aos carrascais Sansons a designação eufemística de "barbeiro" **(son barbier)**. Mas acabou prevalecendo o nome com que entrou para a história da violência no mundo e para a história da França em particular: guilhotina.

Como nas parcerias de samba, em que há sempre aquele parceiro que deita e rola na fama, quem deitou e rolou na fama da guilhotina não foi o Dr. Louis, com a sua meticulosidade e a sua obliqüidade, mas exatamente o seu glorioso parceiro Dr. Guilhotin. Guilhotin, **guillotine**, ainda por cima pegando **surf** em verbete de enciclopédia. É isso aí.

Em 1814, no número 533 da Rua Saint-Honoré, onde tinha o seu gabinete, morreu aos 76 anos o Dr. Guilhotin. De um tumor maligno no pescoço. Pescoço que até o fim da vida ele soube prudentemente conservar longe da sua famosa "filha".

***

Guilhotinomania, ou da **merchandising** da guilhotina nos dias da Revolução. O barrete frígio **(bonnet phryzien)**, símbolo da Revolução Francesa, sofreu uma avassaladora concorrência da guilhotina, que dominou o comércio e a moda desde a sua entrada

em cena como símbolo da dita Revolução no cotidiano parisiense. Em baixelas, a dona da casa podia escolher desde o prato ornado de um medalhão com a efígie de Maria Antonieta sendo executada, à xícara decorada com o suplício de Luís XVI. A guilhotina era também vista e consagrada como o motivo por excelência do charme revolucionário nas tabaqueiras dos homens, nos pingentes de ouro das mulheres, nas miniaturas em marfim e madeira com que as crianças brincavam. No "Guignol" dos Champs Elysées, não muito longe do cadafalso da Praça da Concórdia, um Polichinelo fazia funcionar uma guilhotina de brinquedo, para grande alegria da assistência de crianças e adultos. Era uma verdadeira praga de sanguinária alegria. O cúmulo do refinamento guilhotinesco foi registrado por um deputado girondino, que usava uma miniatura da guilhotina à sobremesa, para cortar cabeças de bonecas em forma de garrafinhas recheadas de licor vermelho.

A guilhotina foi mesmo em dado momento objeto de um verdadeiro culto, com a celebração das chamadas missas vermelhas ("messes rouges"), durante as quais os fiéis naturalmente **rouges** cantavam:

"Sainte Guillotine, protectrice des patriotes, priez pour nous.
Machine admirable ayez pitié de nous.
Sainte Guillotine délivrez nous de nos ennemis."

Meu Deus, me angustia tanto estar aqui relatando tão horrendas coisas do bicho Homem... Mas necessito ir até o fim. Não com a pretensão de tudo relatar, para tudo fazer lembrar com aproveitamento, porque o que aqui faço - ou tento fazer - nada mais é que um brevíssimo resuminho horrífico dos grandes, imensos horrores de uma Revolução que em nome da justiça consagrou a tirania, em nome da liberdade permitiu a escravidão, em nome da igualdade separou homens e baniu princípios. Enfim, que em nome da paz trouxe de volta com Napoleão a guerra. A guerra, essa grande e sinistra orquestração da violência.

A execução igualitariamente democrática dos condenados à morte na guilhotina, como tanto o desejou o Dr. Guilhotin, ao

mesmo tempo que suprimiu dos nobres o privilégio da decapitação a machado ou a cutelo, devia oferecer em relação a esse rude conquanto exclusivista processo de cortar a cabeça dum cavalheiro ou duma cavalheira, a vantagem de um aprimoramento técnico com a adoção do engenho mecânico. Sabe-se que nas decapitações a machado ocorriam casos, embora não comuns, de falha humana do carrasco. Às vezes uma só machadada, ainda que desferida com a força habitual, não bastava para separar do corpo a cabeça. O carrasco era competente, mas não estava num bom dia. E uma segunda machadada, e até em alguns casos uma terceira, eram necessárias para consumar a degola. Na decapitação pela guilhotina, em que o carrasco teria apenas de soltar a ponta da corda, deixando o resto por conta da "navalha nacional", o rigor técnico do mecanismo era - segundo seria lícito esperar - uma garantia para de um só golpe fazer saltar infalivelmente a cabeça da vítima no cesto que embaixo as recolhia. Mas nem sempre o mecanismo foi tão mecânico assim. Hébert (Jacques) "L'Enragé", fundador e diretor do **Pére Duchesne** (1990), o principal órgão da revolução extremista e substituto do procurador da Comuna de Paris (1792), teve uma execução complicada, visto que só depois da terceira tentativa a guilhotina cortou-lhe afinal e certamente em boa hora a cabeça.

E que dizer da execução do próprio Luís XVI?

A guilhotina mutilou-lhe o queixo, sem decepar- lhe todavia o pescoço. E quando o carrasco, seguindo o ritual revolucionário, exibiu para a multidão em volta o troféu sangrento, o que se viu não foi rigorosamente uma cabeça, mas um rosto mutilado pela metade, horrenda máscara trágica escorrendo sangue de uma perplexa boca desqueixada.

Todavia a multidão vibrou de civismo revolucionário:

— **Vive la République! Vive la République!**

O Terror. A chacina guilhotineira não se restringiu aos mártires da Revolução: também pegou pelo pescoço alguns dos maiores incentivadores dela. Houve uma espécie de dança maca-

bra dos maiorais da sangueira, em que um ia puxando traiçoeiramente o outro pela mão, até o momento em que lhe soltando a mão à beira do cadafalso, enfiava-lhe o pescoço debaixo da guilhotina. Saint-Just, que eu na intimidade dos meus papéis chamo de Saint-Injust, acabou de parceria com Robespierre, fazendo degolar Danton, cujo processo de condenação foi - sabe-se hoje - muito especialmente soprado pelo **Incorruptível**. Todavia Robespierre e Saint-Just também seriam depois guilhotinados como o foi o traído traiçoeiro Danton. E tinham, esses dois monstros, respectivamente 29 e 26 anos, quando descabeçados pegaram o último metrô deste para o outro mundo, via Praça da Concórdia.

Ao lado do Terror (chacina com discursos, como já foi chamado), teve a Revolução outra grande mácula, que tentou como pôde esconder: a escravidão nas ilhas da América, que a França, em pleno estado de "liberté, egalité, fraternité", manteve todavia onde estava e como estava, depois de haver pelo verbo revolucionário proclamado perante o mundo que "les hommes naissent et demeurent libres et egaux en droit".

Pois sim.

Quem quiser ficar por dentro dessa terrível história de brancos e negros leia o livro **Le temps de Saint-Dominique (l'Esclavage et la Révolution Française)**, de Jacques Thibau. Exaustivamente documentado. Estridentemente revelador. Um relato que faz frêmir de horror ("fremir d'horreur") no mostrar e demonstrar a crueldade, não geral mas habitual ("montrant la cruauté, non pas générale mais habituelle") dos senhores brancos franceses para com os escravos negros. Aqui citarei apenas o caso em São Domingos de um homem de nome Ogí, que por haver encorajado mulatos livres ("mulatres libres"") a reivindicar os benefícios da Declaração dos Direitos ("Déclaration des droits") foi perseguido e condenado a ser estraçalhado vivo ("à être rompu vit") na praça principal do Cabo.

No dia 13 de julho, véspera do pique das comemorações bicentenárias, **Le Figaro** ouviu os principais chefes de estado que

a convite do governo francês acorreram a Paris, pedindo-lhes uma declaração sobre a Revolução que ia no dia seguinte apagar as 200 velinhas do seu bolo festivo. Em sua maioria, os chefes de estado se limitaram a fazer chover no molhado. A Declaração dos Direitos Humanos redime dos seus excessos a Revolução, perante o mundo e a humanidade. No entanto, Margaret Thatcher, com uma límpida franqueza e uma coragem admirável, sobretudo com uma independência desabusada, que soube colocar acima da sua condição de hóspede oficial do governo francês, declarou algumas verdades que o governo francês bem precisava de ouvir.

Quando lhe perguntaram sobre os Direitos Humanos, "une invention française", ela respondeu que os Direitos eram muito mais velhos que a Revolução Francesa. A Inglaterra tinha a Magna Carta desde 1215. E que a noção de direitos do homem remete à Grécia.

Quando tentaram lembrar-lhe o velho disco de gramofone de que a Revolução Francesa teve uma repercussão de concórdia universal, ela disse, e aqui vou deixar mesmo em francês: "Pardonnez-moi de le dire, mais je pense que non. Il y a en la Terreus, et puis Napoléon, qui a voulu unifier l'Europe par la force."

E concluiu dizendo que a mensagem universal é que cada homem tem direitos inalienáveis, que nenhum Estado pode patrocinar ou arrebatar, e que devem ser respeitados por todos os Estados.

As declarações do "premier ministre britanique" tiveram a maior e mais imediata repercussão em Paris, na França, na Europa, no mundo. Rocard veio correndo e acusou Maggie de "cruauté sociale". Porém Mitterand não teve como deixar de reconhecer a verdade dos reparos dela. Já no dia 15 fazia por sua vez uma declaração a **Le Parisien**, palavra a palavra, que aqui também deixarei em francês: "Soyons justes, nous n'avons pas eté les premiers. Les Anglais ont montré le chemin il y a plusieurs siécles. Ils avaient pris l'avance quant à la définition des equilibres et la liberté du peuple. Admitiu contudo que 'La déclaration des droits de l' homme de 1789 a fait le tour du monde'. E

saiu pela tangente dizendo que não se pode negar a sua universalidade: "Tout le monde s'y reconnait". Em suma, para usar o jargão publicitário, a França apenas vendeu ao mundo os Direitos do Homem.

Mas, **Vive la liberté!** Nas comemorações do **Bicentenaire** os franceses puderam contestar livremente todos os erros da Revolução, os excessos das comemorações, que orçaram a mais de seis milhões de francos, o desfile do fecha-rosca no Champs-Elysées, inventado pelo cenógrafo-publicitário Gouda, com deslumbrado e inequívoco apoio de Jack Lang, e que a melhor imprensa do mundo condenou pelo mau gosto e destrambelhamento. Mas isto não teria tanta importância assim. O importante é que paralelamente ao desfile turístico-patriótico do **Bicentenaire** houve o desfile dos **Bateaux** no Sena denunciando em grandes cartazes os dois milhões de desempregados na França e os mil e um barcos de carga (**peniches**) paralisados à falta de trabalho: "sans afrétement". Mitterand resistiu a todas as críticas com a conhecida impassibilidade do seu segundo setenato, que aliás já vem do primeiro: impassibilidade que de resto está em sua cara. Em certo momento, chegou a declarar: "Se n'attends plus rien de personne. Je ne serai plus soumis au suffrage universal." Sim, grande descoberta: ele não espera mais nada de ninguém; não mais se submeterá ao sufrágio universal. Na idade dele, e com a teimosia dele, era mesmo o que se poderia ou pode esperar dele.

***

As autoridades financeiras brasileiras adotaram com debochativa nomenclatura um sinistro recurso equivalente ao arrocho medieval que os reis punham em prática para encher as burras do tesouro quando elas estavam vazias: o aumento dos tributos contra o povo.

Já tínhamos um escorchante Imposto de Renda.

Agora, reforçando o escorchante Imposto de Renda, temos o escorchante Trileão.

E o escorchante Mensalão.

E o escorchante Carnê-Leão.
O povo não agüenta mais.
O povo geme. Geme e sente dor.
É o enrabamento tributário.

***

Uma vez por ano os mortos vivem durante um dia: no dia 2 de novembro, dia dos mortos, quando na lembrança dos mortos com eles nos encontramos e eles conosco vivem. Ou revivem. Mas já não é bem assim. Hoje no Brasil o dia dos mortos - socialmente abrandado para Dia de Finados - é apenas mais um dia de praia para assim ficar mais tempo na praia. Dia de feijoada. De Brahma. De futebol. Uma vez por ano os mortos já não vivem durante um dia. No dia 2 de novembro eles continuam mortos. Ou morrem de novo.

***

Engarrafamento. Na rua atravancada de carros parados houve de repente uma revoada de buzinas.

***

Telefonema de Osvaldo Peralva comunicando-me em nome de José Aparecido (amigo nosso e ministro de nós dois) que o presidente Sarney me havia designado para integrar pela parte brasileira o júri do Prêmio Camões. Prêmio instituído conjuntamente pelo governo brasileiro e pelo governo português, com primeira reunião de trabalho prevista para 17 de abril deste 1989, em Lisboa. Ato do presidente da República, meu amigo José Sarney, que de mim espontaneamente se lembrou para a missão e à minha revelia para ela me designou. Fato consumado. Se tivesse havido consulta prévia, eu não teria aceito a incumbência, embora muito honrosa para mim, considerada inclusive a companhia não menos honrosa e prazerosa dos dois outros membros brasileiros do júri: os meus confrades e amigos Antonio Houaiss e Afranio Coutinho, que eu, morando então em Paris, ia rever em

Lisboa. E não teria aceito por quê? Porque diante do meu oratório, com vela acesa, jurei pela alma de minha mãe que nunca mais - a partir dos meus 70 anos tolerados - me daria a qualquer forma de exteriorização social da literatura, tais como: entrevistas, conferências, júris literários, etc., etc. No **Subsidiário** deixei isto bem claro. No entanto, de repente, vem a designação oficial, feita pelo presidente da República, e evidentemente publicada no **Diário Oficial**, para eu integrar o júri do Prêmio Camões. Embora a contragosto, tive de capitular. Considerei a minha designação como uma extensão do meu trabalho de adido cultural em Paris, coisa que evidentemente não voltará a acontecer na minha vida, em pré-recesso no serviço público, muito especialmente nesse cu-de-mãe-chica da cultura, viveiro de falsas e arrogantes genialidades em delirante estado de badalação.

Pouco depois me chegava às mãos uma carta em inglês enviada pelo Sr. Rigoberto Garcia, diretor do Latinamerika Instituter Stockholm (Instituto de Estudos Latinoamericanos da Universidade de Estocolmo, obviamente na Suécia) comunicando-me para minha geral e particular surpresa que eu figurava como conferencista no seminário "Brazil: 100 years of Republican Experience and its Futur", a realizar-se de 5 a 6 de dezembro deste ano em Estocolmo. Tema: "The Brazilian Literature Developement and its Futur". Tempo de duração previsto para a conferência: trinta minutos.

Li e reli a carta, dei uma tímida espiada no "Preliminary Program", e logo na primeira página descobri que no dia 5 de dezembro, às 16h45min, havia com todas as letras este item mimeografado e aterrador: "Brazilian Literature, Dr. Herberto Sales".

Chamei Monique, minha secretária francesa, que em francês escreveu a carta que em honesto e sincero português lhe ditei em resposta à amável comunicação do diretor do respeitabilíssimo Instituto de Estocolmo, agradecendo e ao mesmo tempo recusando com desculpas convenientes e absolutamente verdadeiras a alta incumbência. Como, sem risco de escândalo do Sr. Rigoberto

Garcia, eu não podia dizer-lhe que declinava do encargo porque jurara pela alma da minha mãe nunca mais comparecer a atos sociais literários, disse-lhe apenas que "malheureusement il ne me sera pas possible de participer, comme conférenciste brésilien, au Seminaire", tal e tal, etc., etc., etc. E que estava certo de que ele encontraria sem dificuldade outra pessoa mais indicada que eu para me substituir no citado seminário.

Já disse antes, aqui repito com toda a pureza d'alma: tudo que tenho dentro de mim está dentro dos meus livros. Nada tenho a declarar fora deles.

***

Tua alma dorme na minha alma. Dorme, que eu velo por ti com os olhos de minha lembrança.

***

Recebo da editora alemã Verlag Volk und Welt Berlin um exemplar da antologia do conto brasileiro **Erkundungen** (que nem de longe imagino o que queira dizer como título ou como qualquer coisa) que acaba de sair na RDA. Há um conto meu: **Os vigilantes**, que em alemão passou a ser **Die Huter der Ordung**. Deu-me uma alegria modesta, mas honesta. Vejo que não foi em vão que escrevi os meus contos, ora em São Pedro da Aldeia, ora no Rio de Janeiro, ora em Brasília (ah, que saudades de Brasília), ora em São Paulo, num quarto de hotel onde a minha angústia dava pernoite, com os meus sapatos vazios no tapete descansando dos meus pés e do meu corpo.

***

Soube da morte de Dina Sfat. Era uma linda mulher de lindos e profundos olhos que de dentro dela olhavam a vida e nos olhavam. Apenas uma vez falei com ela, em Lisboa, numa recepção onde por acaso nos encontramos. Nunca mais me esquecerei dela. Em tudo vejo o seu rosto lindo, no vento, numa flor, dentro de mim e fora de mim. Agora mesmo vejo o seu rosto

neste papel em que escrevo, sorrindo e olhando de frente para a vida, como numa foto.

***

Na Librairie de Langue Portugaise, onde aqui em Paris me abasteço de Camilo, o mais português dos romancistas de Portugal, e que eu infelizmente só depois de haver aos setent'anos entrado já na faixa de prorrogação da vida humana fui descobrir em toda a sua extraordinária grandeza, encontro e compro uma para mim curiosidade camiliana: a edição brasileira, feita em São Paulo, do romance **A doida do Candal**. Esse livro, segundo sei, já há algum tempo está esgotado em Portugal, onde os principais livros de Camilo se reeditam regularmente. Li o romance, que pretende representar numa coleção universitária de textos capitais da Literatura Brasileira e da Literatura Portuguesa a ficção de Camilo. Não representa. **A doida do Candal** é um dos mais fracos - e sobretudo um dos menos engenhosos - romances do autor. Já que desescolheram os grandes carros-chefes de penacho e coroa do romance camiliano (**Amor de perdição, Euzébio Macário, A Corja**), talvez por serem como tais demasiadamente conhecidos do público, que diabo, podiam escolher por exemplo como livro representativo de Camilo **O retrato de Ricardina** ou **A filha do Arcediago**. Estes pelo menos são romances que carregam no bojo ou no ventre o frêmito de devastação trágica dos grandes textos camilianos. São, em verdade, Camilo, puro Camilo - isto é: um autor aparentemente romântico escrevendo no tom iracundo de certas passagens do Velho Testamento. Qualquer coisa assim como um tufão. Um raio estraçalhado sobre a humanidade como um anátema.

Mas o pior não é a escolha em verdade desrepresentativa do romance **A doida do Candal**. O pior vem no fim: exatamente no fim do volume, onde plantam um glossário sub-estimativo em homenagem à ignorância do leitor. Arrazoa-se o glossário com a alegação de que nele se "compendiam os vocábulos ou passos merecedores de elucidação, entre outras razães porque "(o grifo

é nosso) "o vernáculo camiliano nem sempre é imediatamente acessível ao leitor brasileiro". Por exemplo: **alcatifa**. Vem correndo no glossário a significação, em socorro do leitor, que nem desconfia o que seja - **alcatifa**. E assim **algibebe**, **aluir**, **alvitre**, **Aquiles** (o herói grego de calcanhar vulnerável), **arcanos**, **assacar**, **baluarte**, **bambúrrio**, **baunilha** (sim, a perfumada coisa que se usa em confeitaria), **bonzo**, **cabidela** (a nossa velha e brasileira galinha idem), **caquexia**, **caserna**, **cilício**, **Cirineu** (o dito Simão da Bíblia), **cordoveias**, **carregador**, **cotar**, **curial**, **delíquio**, **devassa**, **dislate**, **dragona**, **egresso**, **ergástulo**, **escabujar**, **escorchar**, **estipendiário**, **fescenino**, **gelosia**, **giesta**, **gizar**, **hausto**, **Hércules** (o próprio, da mitologia grega), **jaspe**, **labéu**, **lenhar**, **lhaneza**, **libelo**, **liça**, **mariola**, **opróbio**, **patacão**, **peralvilho**, **pimpão**, **prosápia**, **segador**, **sangria**, **socalco**, **taful**, **treta**, **turibulário**, **ufania**, **etc.**

Não. Estas não são palavras (ou pessoas) do "vernáculo camiliano nem sempre imediatamente acessível ao leitor brasileiro". São, pura e simplesmente, palavras (ou pessoas) do idioma português, falado por portugueses e brasileiros capazes de, ora direis, ler e entender palavras. O desinfeliz que não conhecê-las, que para conhecê-las precise ler **A doida do Candal,** e na edição brasileira desse romance ler o glossário que lá está para lhe dizer o que elas significam, não é leitor de Camilo nem leitor de coisa nenhuma. Não sabe nada de nada. Não leu nada de nada antes. Nem nada de nada vai ler depois, pelo menos que adiante alguma coisa.

Esse glossário só faz contribuir para a falsa idéia de que Camilo é um escritor difícil de ler. Ao contrário, ele é a mais vigorosa expressão da literatura popular portuguesa do seu tempo. Um escritor que na sua época encarnou como nenhum outro o povo português: sua alma, seus costumes, suas lutas, seus sofrimentos, suas esperanças, sua língua.

***

Recebo carta de Dong Won Park (ou simplesmente Park, como eu lhe chamo), a coreana que em Seul se fez tradutora do

meu romance **Cascalho** e que depois se fez amiga muito querida minha, e eu igualmente me fiz dela. Recebo de Park uma carinhosa carta sobre o **Subsidiário.** Ela fala e fala, em palavra escrita e generosamente demasiada, desse meu livro, ao mesmo tempo em que fala de mim, para dizer por exemplo: como eu conhecia pouco você (antes de ler o meu diário, as minhas confissões). E na carta corrige, a certa altura, um engano meu, que cometi no livro quando falando dos únicos e escassos discursos que fiz em minha vida me esqueci de mencionar o discurso de paraninfo que fiz "para a formatura do nosso saudoso Franco". É verdade. Park tem razão, embora em nenhum momento eu me tenha esquecido de Franco, me esqueci no entanto desse discurso. Foi preciso que Park me viesse lembrar isso, zelosa de mim e da minha memória de Franco, revelando-me de quebra que o original dele eu deixei com ela. E que ela por sua vez o entregou para guardar na Biblioteca Central da UNB. E que Franco se formou nessa universidade. Na UNB. Em Brasília.

Eu estava um dia fazendo qualquer coisa ou talvez coisa nenhuma no meu gabinete no INL, quando Franco me veio dizer que tinha um assunto muito sério a tratar comigo. O assunto muito sério era o discurso de paraninfo da sua turma. Me disse o Franco que os seus formandos colegas se haviam reunido na véspera para escolha definitiva do paraninfo. E que meu nome, lembrado justamente com o de Dom Helder, obteve a preferência final. Aí eu disse assim: Franco, você e os seus colegas inventam essa história de me escolher paraninfo, embrulham tudo numa surpresa, e ainda me põem Dom Helder pelo meio. Pois eu lhe digo que escolheram muito mal. O paraninfo deve ser Dom Helder.

Franco, como eu já disse em algum lugar, era teimoso.

Queria que eu fosse paraninfo da turma. E acabou contagiando de teimosia a turma. Não tive como recusar. Mas impus uma condição: o meu discurso não duraria mais que cinco minutos. Franco sorriu. Já está tudo certo. Tudo certo? (eu perguntei). E Franco, sorrindo um malicioso sorriso, me anunciou que já co-

municara aos seus colegas que em matéria de discurso eu por princípio e fim só os admitia curtos.

Ficou assentado um discurso curto, de cinco minutos. No dia seguinte Franco voltou ao meu gabinete com uma comissão de três colegas, para formalização do convite. Dois ou três dias antes da formatura ditei-lhe o discurso. Depois, cronometrei-o ao longo de repetidas leituras em voz alta, em ritmo de valsa lenta, até (cortando aqui, refazendo ali) ter os cinco minutos convenientemente ajustados ao texto. E na noite da formatura, com vergonha embora do anfiteatro cheio, li desvergonhado o meu discurso de paraninfo. Lembro-me que fui muito aplaudido. Mas só me lembro disso agora, depois da minha amiga Park me haver lembrado o discurso de que me esqueci.

Informação que ainda me dá a minha amiga coreana Dong Won Park, que traduziu em Seul **O meu pé de laranja lima**, de José Mauro Vasconcelos: a tradução coreana desse romance feliz, é lá não apenas um senhor mas um senhoríssimo sucesso. Já está na 32ª edição, sem contar as edições piratas (imagina-se que mais de vinte). No momento está sendo filmado em Seul. Ainda me lembro de quando a imprensa literária do Rio, incomodada com o sucesso que mal começava do romance **O meu pé de laranja lima**, apedrejava com o seu desprezo o romancista José Mauro de Vasconcelos. Que afinal não tinha culpa nenhuma de haver nascido romancista. E que havendo sem ninguém saber morrido em São Paulo, sobrevive no mundo com o seu hoje lindíssimo e amado romance. Um livro simples, terno, quem sabe talvez eterno.

***

E stive hoje (exatamente há 5 minutos) a ponto de pegar toda esta papeleira e atirar fora, evidentemente depois de fazê-la em pedaços. No Brasil eu recorreria ao fogo, na boa forma do meu fogueiral sistema. Senti-me de repente cansado. Achei de repente tudo inútil. E esta busca de um reencontro comigo mesmo, no encher de lembranças estas páginas, começa a me entediar. Não

sei se vale a pena gastar mais cera com isso. As notícias que tenho do Brasil é que o **Subsidiário** não é visto nas livrarias, exceto em duas livrarias do Rio, de que a minha querida Gina me deu notícias. Heitor quis comprar um exemplar para oferecer em meu nome a Bernardo Elis, e não encontrou em Brasília o livro. Acho que vou acabar entregando os pontos. Aqueles que me queriam ou me querem ver fora do páreo não vão ter que esperar muito.

***

Na **telé** de Paris, rodado em Paris, nos idos e falecidos dias da Fox Film em Paris, vejo o filme **Liliom** dirigido por Fritz Lang, então residindo em Paris. Uma curiosidade! Charles Boyer, ainda muito jovem, tentando ser o grande ator que no futuro iria ser. Que filme pífio. Deu contudo para eu de uma vez por todas me convencer que Fritz Lang foi o maior diretor de terceira ordem do cinema alemão.

***

A alegria que hoje me traz, de repente, o recorte de um artigo de Austregésilo de Athayde sobre o **Subsidiário!** Afinal me lêem... Diz ele: "A leitura do **Subsidiário,** de Herberto Sales, não é somente um encanto literário alcançado pela liberdade de sua criação original, num estilo próprio que a ninguém imita, nem se classifica em escola ou modelo". E em outra passagem: "Herberto faz da verdade, nua e crua, a matéria viva, a substância das suas reminiscências e sobre si mesmo discorre, como se consigo mesmo dialogasse, indo bem fundo em sua consciência, para ver como foi, como é, como será, em sua postura de escritor em permanente ascensão criativa". No trecho final do seu artigo diz de mim Austregésilo de Athayde: "Um homem em busca de si mesmo, indisfarçável e puro, encontrando-se numa produção artística feita de severidade, humor, sátira, denúncia e testemunho, com a solidez a garantir indefinida perdurabilidade".

Os artigos de Austregésilo de Athayde, a partir de sua publicação, primeiro no **Jornal do Comércio** do Rio de Janeiro, são

transcritos em todos os jornais "Associados" que circulam no país, creio que dez ou doze. Talvez mais. O título do seu artigo sobre o meu livro é **Herberto Sales, perfil de um homem**. Em todas as reproduções do artigo o título foi mantido, como de resto seria natural, e mesmo obrigatório. Mas no **Estado de Minas** (edição de 1º de novembro de 88), alguém no jornal resolveu modificar o título - cortando o meu nome. Ficou só: **Perfil de um homem**. Cortando o título, em verdade esse desconhecido magarefe de título roubou no peso.

Ainda o **Subsidiário**. Carlos Menezes, com a costumeira correção e a isenção exemplar de sua coluna no **Globo**, observa que "da maior importância são as notas que registram a gênese de toda a obra ficcional de Herberto Sales, para adultos e para crianças". No suplemento literário do mesmo jornal, em resenha de 20.11.88, diz Reynaldo Bairão que "reunindo anotações destes 40 anos", Herberto Sales "açambarca um período da cultura brasileira, denotando, principalmente, num certo senso de humor, uma indisfarçável influência machadeana"; e reconhece que o autor "se revela um comedido crítico daquilo que escreveu, descortinando aspectos do nascimento dessa obra literária, coisa que nem todo criador tem a coragem de revelar totalmente". Tudo bem. Só não gostei foi da foto que ilustra a resenha, em que eu apareço com um arrogante ar enfatuado, que se eu eventualmente possa ter por fora, por dentro não tenho. Não tenho, nunca tive e vou morrer sem ter.

***

*F*rancisco Marins com uma carta me manda de São Paulo o recorte de uma nota de Henrique Novak também sobre o **Subsidiário**. Saiu no **Diário Popular** (13.11.88). Diz Henrique Novak que o **Subsidiário** "é uma lição de liberdade e sabedoria. Fala da vida e dos homens, das histórias que fizeram história e não deixa de ser também um valioso repositário de confidências".

Como não tenho assinatura do **Lux-Jornal**, embora me sobeje cerimônia com os meus editores para incomodá-los com cartas e

pedidos, só vejo recortes sobre os meus livros quando algum amigo (ou um filho, ou algum parente) tem o cuidado de mo enviar. Foi o que fez Francisco Marins com a nota de Henrique Novak, que eu de outra forma não iria ler nunca.

As vezes é o próprio autor da nota (ou do artigo) que me envia o recorte, como foi o caso de José Afrânio Moreira Duarte, de Belo Horizonte. Mas esse é meu velho amigo. Acabou aliás de entrar para a Academia Mineira de Letras, respeitável instituição cultural de cujo representativo elenco faz ele agora muito merecidamente parte. José Afrânio assim termina o artigo que publicou no **Estado de Minas** sobre o meu livro: "Obra de mestre, **Subsidiário**, de Herberto Sales, firma-se como um dos realmente grandes lançamentos literários do Brasil em 1988". Verifico a data da publicação do artigo: 24 de dezembro. Veio mesmo a propósito o artigo: um bom presente de Natal, para alegrar a minha tristeza.

***

Aqui vai mais uma lembrança do meu tempo de Andaraí, ou do Andaraí do meu tempo, pois a cidade que hoje lá está e atende por esse nome nada tem que ver com o meu Andaraí mítico, sonho e loucura, descoberta do mundo pelo lado errado, todavia aventura fascinante e linda, quando eu achava uma atração especial nas chamadas más companhias. Ao fim de algum tempo descobri que era também considerado uma delas, pelas gentes gradas que dormiam cedo e punham todas as manhãs para tomar sol a sua carranca de homens de alto a baixo sérios. Homens exemplarmente exemplares. Perfeitos. Ou de escondidas imperfeições, o que somado e multiplicado vem a dar na mesma. Ou no mesmo.

Tinha eu nesse tempo, e em dado momento dele, dois inseparáveis companheiros: o soldado de polícia Fagundes, e um guarda-freios da Viação Férrea Federal Leste Brasileiro - que embora nascido Manuel, possívelmente da Silva ou dos Santos, era conhecido na vida e no seu instável trem biográfico pelo apelido de Mané Ambulante. O soldado Fagundes tinha aliás uma paten-

te. Modesta, mas patente: era cabo. E servia no destacamento de Andaraí. Fardava-se a seu modo, isto é, pela metade. Assim, em vez de boné - chapéu surrado, aba quebrada em cima dos olhos, requinte de elegância avalentoada; dolmã abotoado apenas no último botão de baixo, camisa na base da esculhambação, entremostrada do gogó até o cinto, calças civis, sandálias e na cintura um **parabelum** encalombando militarmente o dolmã. Tudo isso embrulhado num incrível jogo de corpo, tirada de perna de urubu malandro, pé dentro, pé fora, vai não vai, mas indo, em marcha de briga, se necessário. O outro, dito Mané Ambulante, vinha mesmo de uniforme de ferroviário, lotado nas responsabilidades de guarda- freios, mas de chinelos, que caminhando arrastava, ou que arrastava caminhando, não importa a ordem do arrasto, mas sim o arrasto mesmo do pé, no arrasta-pé da calçada e da vida: **chape-chape-chape**. E tinha uma coisa: em vez do boné da Viação Federal Leste Brasileiro, Mané Ambulante usava um boné de menino de escola, de couro, de um tempo em que menino de escola usava boné e boné era feito de couro. Depois veio o couro industrialmente falsificado, mas isto é outra história, sem dúvida menos séria.

Fagundes e Mané Ambulante tinham em comum não apenas a condição de duas boas más companhias minhas, mas também a qualidade - rara - de passarem o dia todo bebendo, no normal, e no dia seguinte voltarem a beber de novo. Só pra variar. Eu fazia o que podia, abaixo em primeiro lugar da vontade de Deus, e em segundo lugar da deslealdade hepática da ressaca. Pensando bem, até que tenho saudades desses velhos tempos que não voltam mais.

Mas, será que essas coisas todas estão voltando em boa ordem de verdade à minha lembrança, e que eu as estou contando direito? Neste momento, tenho por exemplo uma dúvida, das tais dúvidas que segundo dizem ou diziam os romancistas, assaltam a gente. E a dúvida é esta: será que Mané Ambulante usava mesmo um boné de couro, que menino de escola já usou em outros tempos, ou será que ele andava de chapéu de palha? Isto é: com o chamado

palhinha, que se tornou célebre na cabeça de Maurice Chevalier, naturalmente com o nome francês de **canotier**, e que iria virar instrumento de percussão nos breques do cantor Luís Barbosa, que aliás cantava acompanhando-se todo o tempo com o seu sonoro e elegante chapéu de palha, acolitado pelo piano de Nonô, nos outroras cariocas da Rádio Mayrink Veiga?

Uma coisa fica fora da dúvida: é que se Mané Ambulante usava mesmo chapéu de palha, devia ser um velho e amarelado chapéu de palha, remanescente de alguma liquidação, peça mais de museu chapeleiro que de vitrine de chapelaria, pois a moda do palhinha já passara. Enfim, pouco importa o boné, e o palhinha pouco importa, porque o que me vem do fundo da memória boêmia é a cara mesma e única de Mané Ambulante, crioulo tirado a mulato, mas sem enfeite. Pixaim ortodoxo, direitinho, no lugar certo, no corte certo, de que afinal não tinha que se envergonhar, trazido em legítima do berço. Tinha um pequeno bigode aparado, de extrema e engraçada mobilidade, circunflexo às vezes til, acentuando o pitoresco e girial palavreado que mandava para o ar nos trejeitos dos beiços grossos. Além do mais, era capoeirista. Uma figura.

Um dia eu estava tomando com ele umas e outras no bar de Zé Neto, no Beco da Chocolateira, quando lá entrou uma mulherzinha muito malcriada, que da porta já foi dizendo assim: **Quero meu dinheiro, seu crioulo sem vergonha.** A bem da verdade estávamos ele e eu no **reservado** do bar, discreto compartimento em feitio mal comparando de galeria, onde ia beber quem não queria beber na sala da frente do bilhar, pra não dar o que falar a essa raça de gente maldizente que sempre houve. Albenzio Perrone estava cantando uma valsa na vitrola de Zé Neto, admirador fervoroso do atenorado cantor popular da RCA Victor, que um dia, muito mais tarde, eu iria conhecer num clube do Meier, no Rio de Janeiro, velho, com uma modesta função no clube. Já então deixara de cantar. Recolhera já ao quarto de guardados a sua formosa voz. Enfim, cantor velho no Brasil, mesmo conservando a mesma voz dos tempos do sucesso, morre de fome. No

entanto ainda ontem vi cantando e sendo aplaudidíssimo na **telé** de Paris Charles Trenet, gordo e velho, sem que a gordura nem a velhice lhe atrapalhassem a voz, que continua a mesma de quando ele apareceu novinho cantando **La mer.**

Mas, voltemos ao Mané Ambulante.

Mané Ambulante estava de costas para a porta do **reservado,** com o copo de cachaça em cima do balcão. Sem se voltar para a mulher, fez uma pausa na conversa, olhou para mim; e, como se estivesse se dirigindo a mim, respondeu de costas e em voz alta, encarando digamos mentalmente a mulher. Era uma forma bem estranha de encarar alguém uma pessoa. Só mesmo ele pra inventar essa modalidade de encaração.

— Vá chamar seu homem pra apanhar em seu lugar - respondeu ele à tal mulherzinha, sempre de costas, com uma calma que não rimava com a energia da resposta.

Respondeu uma voz de homem:

— O homem dela está aqui.

Mané Ambulante, sem perder a calma, emborcou o resto da cachaça, botou o chapéu de palha em cima do balcão. E, sempre de costas, disse assim:

— Pois lá vou eu, meu camaradinha.

Nisto, quando eu vi foi Mané Ambulante jogar os chinelos assim para o lado, e dar um salto para trás, à moda de um gato. Dizem aliás que gato ensina tudo aos filhos, menos saltar de costas. Pois bem. Mané Ambulante saltou de costas, e nem bem botou os pés no chão, soltou um rabo-de-arraia na direção da porta do **reservado.** Ouviu-se um grito de homem, e ao mesmo tempo um grito de mulher, que dizia assim - **esse negro é o capeta.** Quando Mané Ambulante voltou-se afinal para os dois, os respectivos estavam de borco no chão. Juntou gente, o pessoal que estava jogando bilhar correu pra ver, veio Zé Neto, conciliador e de óculos, pedindo **calma, gente, calma gente.** Na vitrola, imperturbável pássaro, Albenzio Perrene abria o bico:

– Meu amor, por que pensas ainda em mim?

Não choremos a vida passada,

Porque todo romance tem fim...

Foi quando num arranque de pé-de-vento entrou providencialmente no bar, em feitio de autoridade mantenedora da ordem, o cabo Fagundes.

— Ordem! Ordem! - foi gritando, de revólver como se diz em punho.

E quando soube da história da mulher:

— Quer dizer que a senhora teve a ousadia de invadir uma casa comercial, pra desfeitear o nosso guarda-freios, uma autoridade federal, que aqui se encontrava palestrando com um moço da sociedade, hem? Vamos já acabar com isso!

A mulher só queria então uma coisa, para esquecer tudo: não ir pra cadeia com o seu homem. E Fagundes, homem afinal de paz, dispensou-os desse incômodo. Quando os dois saíram, e ao bar, ao contrário deles, voltaram as pessoas que de lá por sua vez haviam prudentemente saído quando Fagundes entrou de revólver na mão, Mané Ambulante calçou de novo os chinelos, botou na cabeça o palhinha a meio pau. Depois, perguntou a Fagundes:

— Como é, companheiro, vamos tomar uma cachaça?

E Fagundes, na sua habitual resposta, que o fazia rir e fazia rir os outros:

— Só se for agora.

Tira-gosto favorito do cabo Fagundes: rapadura. E a explicação: tudo é cana, tudo é cana.

***

Toca o telefone, vou atender, é João Condé que me liga de Lisboa. Assunto importante, ouviu? Não resistiu à tentação da ligação internacional, cara pra diabo. Condé, no que faz muito bem, não é sócio do clube DDI. Restringe os seus telefonemas internacionais ao seu povinho de casa no Brasil, quando mata com as suas saudades os seus dólares digitados. Nem mesmo ao seu amigo maior de Paris, Cícero Dias, o nosso tão querido dele e

meu João Condé telefona de Lisboa. Só em último caso. Que haveria então de querer Condé me chamando a mim tão fora de hora e de propósito ao telefone? No primeiro momento me ocorreu mesmo a hipótese de ele estar me ligando de Paris, recém-chegado da sua Lisboa antiga, tanto mais antiga quanto mais amada, num fado da Alfama em feitio de vôo da Tap.

E, pasme-se!

Condé só queria me dizer, no impulso do seu afeto telefônico, que estava encantado com a leitura do **Subsidiário**. Que coisa linda eu dissera do ato de escrever com a mão... a mão guiando a caneta... o coração guiando os dois. Não, Condé não disse isso, eu não disse isso, disse outra coisa, outras coisas, de que no entanto não me lembrava no momento. Tinha de pegar o livro, procurar o que Condé lera, ver que linda coisa era aquela, e relê-la eu próprio, para conferir. Não fiz nada disso. Não sou nem nunca fui tão racional assim para procurar no coração que Deus me deu, terno e emotivo coração tantas vezes de menino, as razões de João Condé. Conheço o meu amigo. É um leitor exigente. É sobretudo sincero. De resto havia o telefonema internacional. Eu não tinha mesmo como duvidar do meu amigo. Foi com olhos molhados que repus na noite e no coração como num ninho o telefone. Afinal nem tudo estava perdido para um escritor em solidão paralela com o esquecimento. E com a tristeza.

Louvado seja Deus.

***

Mais uma boa surpresa. Recebo longa e afetuosa carta de Renato Jobim, um dos meus melhores companheiros do tempo da **Revista Branca**, de Saldanha Coelho (por onde anda o querido Saldanha Coelho, meu amigo e meu editado, de quem publiquei dois livros na Cruzeiro?). Renato Jobim fez crítica literária no **Diário Carioca**, interrompida, como ele mesmo lembra em sua carta, desde o fechamento do jornal, há 23 anos. Artigos seus de crítica foram reunidos em pelo menos um livro, edição se não me engano da própria **Revista Branca**. Em sua carta me diz Renato

Jobim haver comprado o meu **Subsidiário**, que considera "denso e revelador". Que de boas lembranças me trouxe a carta de Renato Jobim! Quando eu regressar, em novembro, vou tentar promover um encontro com todos esses nossos amigos dos velhos tempos, em verdade desfalcados já pela ausência dos que se foram mais cedo - e, num lugar qualquer, um sossegado lugar que ainda possa haver no Rio, matarmos em torno de uma mesa as saudades, regadas com um carioquíssimo chope estupidamente gelado. Espero não chorar na hora.

***

Que é arte literária? Arte literária é o modo de ver uma coisa, não como uma realidade em si mesma, mas como uma aparência construída segundo a realidade de cada um.

***

Abro um livro, cai de dentro do livro um cartão, que como uma lâmina corta o ar e abre de um golpe na minha memória o veio lívido da lembrança de um morto. Um cartão de Franco de Barros, talvez o último que dele recebi. O nome desse meu amigo morto dirá bem pouco ou mesmo nada dirá ao leitor que ora lê esta nota. Mas eu não a escrevo para o leitor. Escrevo-a para mim mesmo. Diz no seu cartão enviado de Brasília o meu para sempre ausente amigo Franco: - "Recebi seu belo cartão de Natal, que me pegou num momento de sufoco e de alegria. É que comprei uma casinha no Guará, e raspei até à alma as minhas economias para adquiri-la. Fiquei com uma mão na frente e outra atrás: daí o sufoco. Mas ter a casinha foi uma alegria. Receba o abraço forte e grande do seu fiel **Franco**."

Quando dois ou três meses depois desse cartão fui a Brasília, já não mais encontrei Franco na sua casinha do Guará.

Tive de ir visitá-lo em sua casinha bem menor, onde ele está agora e onde ficou para sempre: o seu túmulo, sob uma árvore, no cemitério de Brasília . O inesperado cartão de Franco, que inesperadamente caiu de dentro de um livro; pode ter significado

- quem sabe - um pedido que Franco no seu silêncio e por invisíveis linhas transversas me fez para que eu não o esquecesse.

Não o esquecerei.

✲✲✲

Origem da palavra. Origem das palavras. Em Andaraí entrei certa vez num bar e pedi uma cachaça. Iozinho (era o nome do empregado, um jovem que aliás já morreu) me serviu a cachaça. Perguntei-lhe se era boa. Iozinho, que falava bem e era muito cortês, me disse assim: "É de boa procedência". Procedência. Eu nunca ouvira antes essa palavra. Que coisa maravilhosa. Foi como se uma luz se acendesse ali no bar, especialmente para mim. Queria então dizer que **procedência** era o lugar de origem de uma coisa, de onde tinha vindo uma coisa, no caso a palavra em si: procedência. Devo dizer que não me ficou, depois de tantos anos, o gosto da cachaça essa me escorrendo na memória. Mas a palavra ficou. Foi assim que fiquei sabendo - antes que algum dicionário me dissesse isso - que havia uma palavra chamada procedência e o que ela significava.

✲✲✲

Quando nos meus textos descubro que cometi um erro de português, caio num estado de prostrado desespero. E me malsino, e me maldigo, tenho um ímpeto infelizmente contido de deixar para sempre de escrever. Escrever - nem mesmo bilhete! Mas logo me vem confortar como um manso cão fiel esta fiel humildade minha que me acompanha, e que só por um momento no meu desconsolo me deixou, enquanto me olhava da porta do meu gabinete, que como já disse e redisse acumula as funções de quarto de dormir. O meu mundo divide-se entre a minha mesa de trabalho e a minha cama. E a minha humildade me diz assim me confortando: "Que é isto, velho? Se errou, se cometeu esse erro que tanto o aborrece, console-se com os grandes, que apesar de grandes também erraram. Camilo errou muitas vezes. Enfim, continue a estudar a sua língua, que sempre aprenderá mais um

pouco além do que sabe. No estudo de uma língua há sempre alguma coisa que aprender". Acabo me apaziguando no regaço da minha humildade. Não vou dizer que não sei o português, que não conheço a minha língua materna. Pelo menos faço-o por conhecê-la. Mas, com a idade que tenho, com a experiência que acumulei, não hesito por vezes em transgredir as regras da língua quando elas ficam fazendo parede no caminho da minha criatividade literária. Não ligo para as regras, passo mesmo por cima delas, e vou em frente, carregando comigo o capricho de fazer o que eu quero fazer e faço sabendo fazer certo o que faço errado, errando de propósito. Me sinto digamos num estado de liberdade realizada. É bom. Mas no entanto, se escrevo uma coisa que me parece estar escrita certa e sobretudo se estou querendo com as regras debaixo do braço escrevê-la assim certa como penso que esteja, e descubro depois que a coisa que eu conscientemente escrevo achando que é o certo é exatamente o errado - ah, aí é quando eu em desespero me malsino. Porque uma coisa é a gente no texto que escreve cometer intencionalmente um erro infringindo a regra, para tirar da regra infringida o efeito libertário dum lance estilístico, uma coisa é isto, e outra coisa, bem diferente, é a gente cometer involuntariamente e por ignorância um erro. Aí não tem graça nenhuma. Não dá samba. Dá mesmo é fossa. Ou ataque de burrice acabrunhada.

✡✡✡

Quando no Rio de Janeiro eu dirigia a editora (ou a Seção de Livros, como era chamada) de **O Cruzeiro**, trabalhava comigo o meu bom amigo **A**. Bom amigo mas não tão bom revisor. Revendo, e afinal dando por revistas as provas da segunda edição do romance **Olha para o céu, Frederico!**, do meu fraterno companheiro de letras e de preguiças José Cândido de Carvalho, que eu então reeditava, saltou, o meu bom amigo e distraído revisor **A**, três linhas de um capítulo. Mas evidentemente, como sempre acontece, não deu pelo salto o meu saltador amigo e eu na minha boa fé revisora não o suspeitei sequer, salvo quando, ô diabo!, o

livro já estava nas livrarias e o salto afinal foi denunciado na coluna literária que outro amigo meu, **MM**, mantinha sem a desejável regularidade de uma coluna que se pretendia de publicação regular. Havíamos começado apenas a distribuir o livro, estava ainda toda a edição praticamente no depósito, o que me fez pensar numa errata. José Cândido não teria dado muita importância ao salto, se o **MM** não tivesse em sua coluna cometido o enganoso exagero de atribuir ao salto de três linhas a extensão de uma página. Ele lera o romance em sua primeira edição, gostava muito do romance, e isto a seu ver lhe dava autoridade leitural para fazer o grave reparo. Diante disso achei indispensável a errata, que teria o especial fim de reproduzir as três linhas saltadas, redimindo assim a edição da denunciada mutilação de toda uma página do texto. Fez-se a errata. Incluiu-se nos exemplares ainda não distribuídos a errata. Trabalhinho chato. Mas não podíamos (e já aí José Cândido concordava comigo) deixar desmoralizada na praça e na história editorial brasileira a reedição do **Frederico** faltando uma página. Ficou no entanto na minha cachola de editor uma dúvida: será que o leitor ia interromper a leitura do livro, para no lugar indicado na errata, transferir para o livro as linhas restabelecidas na errata? Eu, pessoalmente, confesso que talvez só duas ou três vezes em minha vida de leitor corrigi via errata erros num livro impresso. José Cândido também se mostrava cético nesse ponto. Enfim, a errata cumpriu-se no seu retoque ao **Frederico**. Ao romance chamado inteiro **Olha para o céu, Frederico!**, em sua segunda edição.

Outro dia, anos e anos corridos sobre a errata do **Frederico**, de que eu talvez nem me lembrasse mais, encontro num velho livro de Aldemiro César sobre Camilo uma esplêndida e muito adequada coisa a propósito de erratas, que me trazendo à lembrança a do romance de estréia de José Cândido, me pareceu interessante transcrever aqui, para conhecimento de outras gentes sabe Deus como envolvidas com livros. Essa advertência sobre erratas provém aliás de uma citação de Braz Luiz de Abreu, em sua obra **Portugal médico**, que Aldemiro César faz no seu livro

Camilo e o "Amor de perdição". Aqui vai ela: :"Parece preciso advertir ao leitor que neste livro há de encontrar vários erros, descuidos do prelo; não se apontarão essas erratas, porque os curiosos facilmente as poderão emendar onde as toparem; os descuidados, ainda que lhas apontem, não as emendarão".

✲✲✲

A cada novo romance que antes e em momento nenhum de sua esfuziante vida de intelectual publica esse esfuziante reincidente autor de romances, mais se evidencia que ele não é incontestavelmente um romancista. É antes um obstinado arranjador gráfico de capítulos de uma burundanga de romances nos quais em cada um e em todos o começo é o fim e é o fim o meio, que levam finalmente ao fim, que é aliás o próprio.

✲✲✲

O que em matéria de Biblioteca como entidade de cultura ouvi de bibliotecárias gentes no Instituto Nacional do Livro, em Brasília, e em congressos e encontros turístico-bibliotecários encenados em outras aprazíveis cidades brasileiras, me deixou a impressão de um esforço coral de pessoas empenhadas em complicar o uso desta coisa simples de Deus que é o - Livro. Muita regra nova, muita norma nova, norma cada vez mais regra, e regra cada vez mais norma, novas ações e procedimentos novos, tudo isso orquestrado nos sustenidos e bemóis dos teclados da informática - oh! isto me faz temer que em futuro não remoto a biblioteca com as suas novas técnicas substitua definitivamente o livro, e que numa biblioteca, em vez de livros, haja apenas informações sobre livros, O desinfeliz curioso de informação rápida e fácil chegará a uma biblioteca, para saber digamos que coisa é essa de um livro chamado **Ana Karenina**, faz digitar no computador a sua tamborilada sede de cultura literária, e imediatamente lhe chega às mãos uma tirinha tagarela de papel dizendo assim: "**Ana Karenina**, romance do conde Leon Nikolaievitch Tolstoi, escritor russo nascido em Iasnaia Poliana (1828-1910).

Conta a história de uma mulher casada que se envolve com um amante, sofre uma crise de insatisfação emocional, e resolve suicidar-se atirando-se sob as rodas de um trem em movimento". Então, devidamente informado e satisfeito, sai na sua moto o desinfeliz usuário da biblioteca e vai pegar na lanchonete mais próxima um **hamburger** com mostarda e uma coca, enquanto diz com os botões do seu blusão de couro: Pô, que desbunde a história dessa Fulana.

Na Alemanha a tendência muito saudável da política bibliotecária exerce-se no sentido de uma descentralização da Biblioteca Nacional. E de todas as grandes bibliotecas de lá. Nada de poder hierárquico da grande biblioteca sobre as demais bibliotecas do país. Nada de grande biblioteca centralizadora repimpada num ninho centralizador, com as outras bibliotecas em volta exatamente como uma pata no ninho com patinhos em redor dela piando. É exatamente o contrário do que está ocorrendo no Brasil, onde tantas tolices bibliotecárias se fizeram em função das idéias de uma senhora sobretudo hierárquica que por lá grassou no MEC, rugindo como um tigre de filme de Tarzã as suas pessoais e nada democráticas idéias de centralização bibliotecária. Conseguiu impressionar. Ganhou condecorações. Ganhou entrevistas. E no entanto foi para a TV chamar de manuscritos originais datilografados que exibiu diante das câmeras como troféus obtidos diretamente de algumas celebridades literárias brasileiras que escrevem a máquina. Talvez fosse mais correto mencionar, em vez de manuscritos, maquinuscritos. Enfim, é o nosso condescendente Brasil. O projeto alemão mais espetacular de biblioteca descentralizada vai ser o que se bolou em Frankfurt. A descentralização será feita por grandes épocas históricas - e não necessariamente em Frankfurt. Tudo que por exemplo concerne ao século XVI será reunido em Munich. Em Wolfenbuttel ficará o século XVII. Em Gottingen, o século XVIII. O século XIX, até 1870, em Frankfurt (e já não era sem tempo). De 1870 à Segunda Guerra Mundial ficará em Berlim-Oeste. E, voltando ainda uma vez a Frankfurt, não na sua Biblioteca da Universidade, mas na

Biblioteca Alemã de Frankfurt, serão depositadas todas as obras publicadas a partir de 1945. Naturalmente cada biblioteca dessas, em suas respectivas cidades e cobrindo as suas respectivas épocas históricas, terá um diretor. Afinal a meta é acabar com o poder hierarquicamente centralizador da biblioteca mandona.

✲✲✲

Impressionante a facilidade com que nos ainda ostensivamente exibidos filmes de Hollywood sobre a Segunda Guerra Mundial os americanos e ingleses matam soldados alemães. Coisas de Hollywood. Jack Palance, fazendo de mentirinha um machão americano, promove numa emboscada uma rajada de metralhadora e logo no barato uns 170 soldados alemães caem feito moscas no chamado campo de batalha. Não será portanto descabido se um jovem da geração pós-guerra perguntar - bem, se era assim, por que durou então a guerra cinco anos? Se era mesmo assim, nesse caso a coisa era pra ser liquidada não em cinco anos, mas em seis meses.

No começo esses filmes facilmente dizimadores do exército alemão me pareciam exagerados no irresistível heroísmo que exploravam. Hoje, me parecem simplesmente ridículos. E não raro os lances das suas exterminadoras matanças de soldados alemães pelo facilitário de Hollywood me fazem rir. Como numa comédia. Exatamente como numa comédia. Numa comédia de pastelão, em que a mentira faz as vezes de verdade, e a verdade vai passando por mentira.

✲✲✲

Leio em Camilo (**Perfil do Marquês de Pombal**) a incrível história de uma carreira eclesiástica posta em ascensão naqueles tempos. Em 1756 vagou-se por morte do arcebispo de Braga a mitra arquiepiscopal bracarense. Para o lugar o rei nomeou D. Gaspar. Como D. Gaspar, em matéria de ordens sacerdotais, não tinha nenhuma, cuidou de tomar nesse mesmo ano de 1756 as primeiras ordens sacras de epístola. Exatamente em 10 de outubro. No ano seguinte (1757), em 8 de setembro, tomou as ordens de evangelho. Em 25 de julho de 1758 foi sagrado arcebispo. Em

15 de setembro de 1759 tomou - como se dizia - o pálio. E em 28 de outubro do mesmo ano fez em Braga a sua entrada triunfal. De mitra arquiepiscopal e tudo. Embora se trate de um ilustríssimo defunto eclesiástico, vá fazer carreira eclesiástica assim tão depressa no inferno.

✲✲✲

Tenho boas lembranças de Brasília. Oh, que saudades de Brasília! Mas, também tenho más lembranças de Brasília. Vou dar como exemplo de uma das minhas boas lembranças de Brasília um episódio muito singelo na aparência mas muito reconfortante em sua significação humana: um pequeno ato de amizade, coisa que sempre reconforta em sua singeleza. Ou em sua naturalidade, como estava mesmo a pedir o belo sol que nesse dia clareava a manhã do cerrado, de resto e com a graça de Deus uma coisa muito natural, debaixo do azul do céu de Brasília. O meu muito sempre amigo tão inteligente Antonio Augusto Cansado Trindade, e a sua tão graciosa mulher que se chama Claudia, por todos nós chamada Claudinha, queriam homenagear em prova de estima o nosso comum amigo nada comum João Carlos de Souza Gomes fazendo-o compadre do casal pelo crisma de Antonio, um dos então apenas dois filhos de Antonio Augusto e Claudinha. João Carlos sentia-se muito importante na sua investidura de padrinho. Sobretudo, estava alegríssimo; e, como o conheço de perto e de longe, e bem, posso dizer que por dentro estava também comovidíssimo. O problema é que o crisma ou sacramento da confirmação só pode ser oficiado ao nível de arcebispo. E agora? João Carlos ia partir no dia seguinte para Paris, onde eu meses depois iria me juntar a ele para um convívio esticado em três anos e meio. O arcebispo de Brasília, D. Newton, havia poucos dias passara a um sucessor a mitra arcebispal, sucessor cujo nome não me lembra agora e que - diga-se de passagem - não estava naquele dia em Brasília. Entrei em campo. D. Newton era meu confrade na Academia Brasiliense de Letras. Telefonei-lhe, tive com ele uma amável conversa de confrade

para confrade, e fui dar ao povinho interessado o resultado dela. Povinho em volta de mim, me ouvindo - Claudinha, Antonio Augusto, João Carlos, e o herói do dia, o menino Antonio. Regozijo geral. Hora marcada, tudo certo na hora certa. E no carro de Antonio Augusto nos introduzimos todos, em festa, sob o estímulo complementar daquela manhã realmente muito bela de Brasília. 7 horas marcadas em nossos relógios matinais. D. Newton nos esperava em sua residência, onde creio que ainda tem uma pequena capela muito simpática e muito sua, que se abre aos amigos em ocasiões especiais. Era aquela uma ocasião especial. O meu arquiepiscopal confrade e amigo D. Newton teve o bom gosto de oficiar a sua missa especial com um acólito. E além deles, deles dois, na capela só havia de gente nós da muito contente patotinha do afilhado de João Carlos. No momento da distribuição da comunhão, que tirante o acólito nenhum de nós parecia ter a intenção clara de tomar, me deu uma súbita e estranha consciência de mim mesmo, do que eu ainda era e do que eu fora, como se eu houvesse me encontrado comigo mesmo - ali; me buscando e me achando no tempo e no mundo; e a mim mesmo me dizendo - vê, é como se estivéssemos os dois na capela do colégio, na pequena capela da Congregação Mariana, quando tu e eu em pensamento e em ação nos compartíamos de Deus, sentindo que a minha alma era tanto de Deus quanto de mim e de ti, quanto nossa. Caminhei decidido para o altar. Ajoelhei, tomei em recolhimento a comunhão. A hóstia, dissolvendo-se como um sonho no meu silêncio, me devolveu então a uma temida realidade: eu comungara. Os meus amigos estavam espantados. E lá fora, quando deixamos a capela, ainda estavam espantados com a minha comunhão. Mas, a comunhão não estava no programa. E tu acaso te confessaste? não tiveste medo de sem a confissão tomares a comunhão? Achei graça, todos achamos graça do possível sacrilégio por mim cometido durante a missa: missa oficiada à antiga, missa que tão missa era e foi **Et missa est**. Como nos velhos tempos. Como no tempo do colégio. Mas em pouco esquecemos a comunhão, porque, como no verso do poeta o canto

da musa antiga, uma razão mais alta se alevantou para nós, razão de estarmos afinal reunidos todos ali: o crisma de Antonio, filho de Antonio Augusto e Claudinha, do qual perante Deus e perante nós se tornara padrinho o nosso amigo João Carlos. Lá fora cantavam alegremente as cigarras, ziu-ziu orquestrado na manhã musical e azul. Caminhávamos felizes como umas grandes crianças grandes, pegando nos ramos das árvores os pequenos cadáveres das cigarras que de alegria haviam morrido de cantar.

✲✲✲

Sergito, como em família chamamos o meu neto Sérgio, filho de Heloísa. O meu primeiro neto. Foi com emoção e terno desvelo que o tomei pela primeira vez nos braços, tão precisado dos meus braços era ele então, gente em botão, vida começando para a vida; um frágil menino, o mundo esperando por ele na esquina, destino e estrada. Levei-o a meu pai, para conhecer o seu primeiro bisneto. Tiraram juntos uma foto; é impressionante como na foto Sérgio fita o bisavô, alongando para o meu velho pai doente uns olhos que parecem sonhar, pequenos olhos mal se abrindo para o mundo, e no entanto cheios já de uma bondade reflexiva, que ele conserva até hoje. Está com 25 anos, mas as coisas más que a vida lhe aprontou, em indesejados momentos não suspeitados, não alteraram a expressão serena dos olhos do menino. Meu pai morreu sem antes ter nos braços outro bisneto, dos muitos que lhe iriam dar os netos.

Em sua infância Sergito morou comigo alguns anos. Três, talvez quatro anos. Sempre nos demos muito bem. Ligou-nos sempre uma grande amizade. Amizade de avô e neto, amizade de amigo e amigo. Quando eu diariamente chegava ao apartamento e mal abria a porta, Sergito vinha correndo ao meu encontro, avisado pelo seu tão já conhecido barulhinho da minha chave na fechadura. E na sua carinhosa curiosidade infantil me perguntava, enquanto me abraçava e me beijava: "Que é que trouxe, vô?" Eu nunca o desapontei. De volta do trabalho nunca deixei de levar para ele alguma coisa, um brinquedinho, um lápis, uma borrachi-

nha de cor, coisas simples, ao jeito e modo nossos de pessoas simples. E Sergito foi crescendo, fazendo-se homem, e um dia para meu espanto estava ele homem feito. No mundo de ilusões em que vivi e em que vivendo vou, imaginando que o mundo é uma coisa quando ele é todo outra coisa, mundo que a gente na inocência da gente vai coisando e que de repente se descoisa, some, neste meu mundo ilusório e louco, imaginei sempre que as crianças não crescessem e nem crescessem os nossos netos. E assim um dia, quando menos esperei, num choque, tombo que levei das nuvens, descobri-me avô de um homem e não mais de um menino.

Quando indo ao Rio me encontrei com Juraci, mal saída do hospital, para enquanto lhe vigiava a convalescença rever as alentadas provas do **Subsidiário**, com o contrapeso das do magro romance **Na relva da tua lembrança** - encontrei à minha espera no aeroporto o querido Sergito. E perguntei-lhe se ele queria saber o que lhe trouxera o vô. Então ele me disse: **Eu é que tenho uma coisa para o senhor**. Era um presente. E o presente era a notícia de que ele ia ficar noivo na semana seguinte, quando eu devia pedir para ele e por ele a mão de Sandra. Eu conhecera Sandra na minha viagem anterior ao Brasil, e gostei muito dos olhos dela, plácidas águas verdes onde habitava a sua alma, boiando como uma flor. O pedido de casamento estava programado para São Pedro da Aldeia, em nossa tão amada casa cercada de amadas árvores e de recordações amadas, que embora grande foi pequena para receber os familiares de Sandra e os nossos, as duas famílias em peso, que reunidas e assim crescidas cresceram ainda mais com os amigos que nos foram alegrar com as suas presenças.

Ao pedido de casamento (lá fora cantavam nas mangueiras os passarinhos de Deus) seguiu-se o anúncio do noivado, os pais de Sandra tendo dado o sim que concordava com o do coração dela. Palmas. Lágrimas risonhas de alegria, uma bela festa de gente em paz e feliz. Olhei pra Sergito, um homem, cavaleiro levando pela mão a sua dama, com amor e sem temor, caminhando para a vida nova que juntos iriam construir. E me lembrei do menino, do

Sergito que ali mesmo em São Pedro, sob as árvores que Juraci e eu plantamos, dava sob o caramanchão florido os primeiros passos, e ainda do menino que mais tarde, indo ver no laguinho nadar os patos, andava pela mão do avô. E vendo os outros netos, ainda crianças, levando alegres ao neto mais velho, feito homem, o abraço e o beijo pelo noivado com Sandra, eu senti como estavam ligadas a São Pedro as nossas vidas todas, filhos e netos, nas vidas que como flores desabrocharam ali e ali cresceram, florada humana cobrindo um chão tão nosso. Só não estavam presentes Heloísa, mãe de Sergito, e Fernanda, irmã dele, as duas então em Portugal, numa involuntária, inesperada e magoada ausência. Mas estavam presentes em nosso coração. Estavam, em nossa lembrança, também presentes em São Pedro, na evocação das inumeráveis vezes que ali estivéramos todos juntos, sob as mesmas árvores, sob o mesmo teto, no mesmo chão. E compreendi que São Pedro era não apenas a nossa casa, o nosso amado chão comum, mas como que a pátria particular da gente, o nosso mundo, a nossa família, enfim, árvore maior e mais frondosa daquele chão.

Volto ainda a falar do noivado do meu neto Sergito e Sandra, não para encompridar a alegria que o noivado deles me deu, pois para isso tenho segundo espero os anos todos que de vida me restam, mas para registrar as circunstâncias singularíssimas em que se deu o conhecimento deles. Um dia Sergito foi apresentado a Sandra numa festa por um amigo. Começaram a namorar. Entre a apresentação e o noivado não medeou mais que um ano, e se medeou mais, foi mesmo só um pouco mais. Em outro dia descobrem eles numa conversa que haviam estudado no mesmo colégio. Engraçado. Que coincidência, os dois terem estudado no Astolfo Carlos. Mas Sergito estudara lá apenas um ano, no ano seguinte mudara de colégio. Sandra tinha em casa uma foto tirada com todo o grupo de colegas, a clássica foto que a gente quando é aluno de colégio tira no fim do ano com a professora no meio da gente e que depois na parede ou na gaveta da casa da gente vira saudade. Levou a foto para mostrar a Sergito. Ele sorriu,

espantado. Tinha também em casa uma foto igual. Ia mostrar depois, outro dia. E apontando na foto um garoto:

— Este aqui sou eu.

— E esta sou eu - disse Sandra, apontando por sua vez na foto uma garota.

Sergito não foi capaz de reconhecer na garota a moça que era agora a sua namorada. Nem mesmo se lembrava dela no colégio. Fazia já tanto tempo... Mas Sandra se lembrava do seu coleguinha Sergito. E de pronto o reconheceu na foto. Que coisa incrível! Sergito era o mesmo menino de quem Sandra, na graça de sua premonição infantil, dizia consigo mesma no colégio: "Quando eu crescer vou casar com aquele menino".

E assim eles descobriram que se entre o dia em que se conheceram e o dia em que ficaram noivos não medeou mais que um ano ou um pouco mais, em verdade já se conheciam antes de aparentemente se haverem conhecido. Parece que Deus, sem os perder de vista, pra que eles no mundo não se perdessem um do outro, conduziu-os por diferentes caminhos à felicidade que os aguardava juntos, escrevendo assim por linhas tortas o destino certo deles.

***

E ncontrei no Rio à minha espera uma carta de Leo Godoy Otero datada de 21 de novembro de 1988. Uma alegria. Ele me diz que soube do **Subsidiário** por Henrique L. Alves, e foi imediatamente comprá-lo. Enfim, com as suas próprias palavras, vai ele contando e escrevendo: "Adquiri o volume e li, até agora, uns 2/3. Olha, eu gosto de memórias, e a gente prossegue lendo após as primeiras vinte páginas quando percebe que o autor é cristalino, não violenta a realidade da vida. Além do seu extraordinário senso de humor, há na sua criação o cristal da alma projetado pra quem abrir o livro. Do pitoresco, à seriedade das coisas e da vida, toda a sua transposição prende o leitor, não só pela força descritiva, mais ainda pela verossimilhança e verdade

dos acontecimentos, e por tantas e tantas ilações que você tira da narrativa".

No **Subsidiário** Leo Godoy Otero encontrou os comentários que faço ao meu romance **A porta de chifre**, em que ele é citado e citado vai ficar pelo menos enquanto durar na língua portuguesa da gente esse romance brasileiro do Brasil que vem por aí com a sua catástrofe ecológica pra ninguém botar defeito. Quando o romance apareceu, um desconhecido escreveu num jornal de São Paulo um primor de resenha para dizer que eu, em matéria de ficção científica, estava a não sei quantos mil anos luz de distância de Isaac Azimov. E eu conto isso no **Subsidiário**. Leo no entanto ainda não tinha lido o romance. Diz que não o encontrara até então em nenhuma livraria da Rua Barão de Itapetininga, onde ele segundo creio trabalha. E diz ainda: "Gostaria muito de lê-lo: se é possível, como? - indago." Isto se o Leo não sabe, muito menos sei eu. Cada dia entendo menos desse problema de distribuição de livros. Creio que é um problema de patota editorial. Há editor que tem os seus favoritos na corrida de cavalos da venda de livros. O fato é que eu também não vejo meus livros nas livrarias. Eles devem estar correndo por fora. Sem ninguém saber. Inclusive eu. Tudo que posso fazer em favor da curiosidade de resto natural de Leo Godoy Otero é mandar daqui de Paris para ele um exemplar da **Porta de chifre**. Hoje mesmo vou fazer isso. Enquanto ele não acha em São Paulo o livro, e o exemplar que lhe vou mandar não chega, julgo de interesse transcrever aqui o que ele achou do arrazoado do resenhador. Diz na sua carta Leo Godoy Otero: "Vi lá no **Subsidiário** que o resenhador entende, ou desentende, a metáfora literária, tomando termos pela raiz. Vi o relacionamento de I. Azimov com o seu livro. Olhe, Herberto, autor saxão, ou que se formou na esquemática de FC (ficção científica) de lá, faz livro de entrecho, extrapolação da verdade a partir de teoria científica. Ele não penetra - parece que não consegue - o substrato do homem. O anímico para ele é irrelevante. Toda a simbologia inerente à vida ele não percebe, geralmente. Daí vem a razão da literatura ortodoxa considerá-los (os saxões) com a inerente FC,

gênero de segunda, terceira categoria. Geralmente é assim. E aqui na terra tupiniquim continua havendo ainda uma confusão dos diabos com o que seja FC, literatura fantástica, 'sword and surcery', etc., por parte da maioria dos resenhantes".

Obrigado, Leo.

✲✲✲

Uma boa obra literária é sempre o resultado de uma boa literatura.

✲✲✲

O tempo vai inexoravelmente matando uns e envelhecendo outros, que depois também mata. E a gente que agüente as consequências.

✲✲✲

Linda como todas as mulheres que não têm mais de dezoito anos. Com dezoito anos não há nada mais lindo que uma mulher feia.

✲✲✲

O destino imprevisível dos livros. Às vezes, de toda a obra de um autor o livro que **fica**, que nasce empelicado num obscuro e mágico desígnio de permanência, ou que já vem brilhando como se embrulhado em papel de presente para a posteridade já viesse, não é o livro da predileção do autor, no presságio de um êxito que fizesse supor como reunidos na floração de uma ramalhete todos os ingredientes do sucesso. Não raro, essa confiante expectativa autoral no fadário de um livro pode converter-se, malgrado a esperança do autor, num lançamento editorial de rotina, condenado ao escoar lento de uma edição. O destino imprevisível dos livros. O sucesso imprevisível dos livros. O romance de Camilo **Amor de perdição**, o maior sucesso popular de sua obra de romancista e na opinião de muitos críticos o maior romance da literatura portuguesa de qualquer época, era na opinião dele próprio, em carta ao seu amigo Tomás Ribeiro transcrita no

volume **Dissonâncias** - um "livro de fancaria". As preferências de Camilo iam para o **Livro de consolação**, que com ironia considerava "o menos ordinário dos seus romances", e que por ser "o menos lido deles" levou treze anos para esgotar a sua primeira edição.

✡✡✡

Leio na revista **Desfile**, edição de dezembro de 1988, em recorte que me enviou Sandra, noiva do meu neto Sergito, uma nota de Mauro Gama sobre o meu romance **Na relva da tua lembrança**. No interesse de uma eventual pesquisa futura, vou retê-la aqui transcrevendo-a neste trecho: o romance "trata com ardorosa franqueza e agilidade os diferentes costumes, ritmos, acertos e erros de gerações antagônicas, nesta terra. Captando, no meio disso, a dor da solidão e das tensões inúteis do nosso tempo, acena - algo desencantado - com as alegrias da imaginação, da natureza, da solidariedade."

✡✡✡

Mesmo antes de ficar pronta a nossa atual casa em São Pedro da Aldeia, nos incipientes idos da pequena casa que com tanto sacrifício embora com muito amor construímos, passávamos sempre o Natal no Rio, e o Ano Novo em São Pedro. Os filhos eram então umas crianças; e os netos apenas um sonhado sonho eram. Os filhos porém cresceram, casaram, e os netos um a um vieram com os seus para o mundo mal despertos olhos alegrar o mundo da gente. Começamos a passar o Natal no Rio, a partir de um certo momento e por muitos anos nos reunindo no apartamento de Heloisa, que também por muitos anos foi quem da família teve o apartamento maior; mas continuamos fiéis ao Ano Novo em São Pedro. Este ano, depois de por dois anos consecutivos passarmos Juraci e eu as Festas em Paris, fomos de férias por essa época ao Brasil. Ficamos no Rio. Mais uma vez nos vimos reunidos todos em volta da nossa árvore de Natal, dessa vez no apartamento de Heitor, que é também pelo menos para nós um apartamento grande, conquanto menor que o coração desse filho

de inacreditável bondade humana. O Ano Novo, dentro da boa tradição da família, fomos passá-lo em São Pedro da Aldeia. À tarde, conversando com o meu neto André, de 11 anos, que é de todos os netos o que parece mais ligado a São Pedro, eu lhe disse de brincadeira que estava pensando em vender o sítio dos amores dele. Ele ficou triste. Disse assim: não, vovô, não venda São Pedro não. E quando eu lhe perguntei por que não vendê-lo: **não sei, vovô, mas isto aqui é tão cheio de lembranças...**

Reproduzo textualmente as espontâneas e enternecidas palavras dos seus 10 anos. Sem tirar nem pôr. Uma coisa que me comoveu. Sorri, abracei-o, e fomos os dois dar uma volta pelo pomar, sob as mangueiras pingando dos ramos as suas mangas. Tranquilizei-o: não ia vender São Pedro da Aldeia.

À noite, quando na grande sala alegre toda a família se abraçava e se beijava saudando a chegada do Ano Novo, que no instante esse ia mesmo chegando, com o seu festivo cortejo inaugural de música e foguete, nos sentimos especialmente felizes: a nossa reunião em São Pedro era um reencontro nosso em São Pedro, depois de dois anos de separação. Ah, estávamos de novo festejando o Ano Novo em São Pedro, todos nós de novo juntos em São Pedro. Então, sentimos uma saudade imensa de São Pedro.

***

Passo pela Academia, e no meu escaninho uma carta me aguardava. Leio o timbre, ou que outro nome tenha essa indicação impressa no alto de um papel de carta e que agora não me lembra nem sei, se é que já em algum tempo eu soube: **Centro Culturale Italo-Brasiliano - 20123 Milano**. Obviamente Milão, Itália. De pronto não me lembrou esse possível timbre nem o Scala, onde cantou Caruso e cantou Tito Sechipa, e que no samba engraçado de Ary Barroso deu o escorraçante e reiterante refrão "Vão pro Scala de Milão!"; nem me lembrou a **Ceia** de Da Vinci, que eu me lembrando da estampa colorida que minha mãe tinha na sala da minha infância vi no original em restauração na Igreja S. Maria

della Grazia; nem me lembrou o castelo enormíssimo dos Sforza; nem o **Duomo**, essa grande praça esvoaçante de pombos turísticos; nem a bela galeria do Duomo, onde um cidadão francês chamado Henri Beyle, mais conhecido por Stendhal, ia esquecer no seu amor milanês a sua França natal. Não. Nada disso. A lembrança que me ocorreu de pronto foi da minha amiga brasileira Maria Euterpe Nogueira, que conheci dirigindo em Milão, ou melhor, amando em Milão o Centro Culturale Italo-Brasiliano.

Inexcedível dedicação a de Maria Euterpe. Brasileiro chegado a Milão sentia-se como se estivesse em casa, porque em Milão era mesmo Maria Euterpe uma dona brasileira de casa: a casa do Centro, a casa da gente. Quando fui a Milão liguei para ela assim que cheguei ao hotel. Ah, então já chegou? Que bom! Seja benvindo. Meia hora depois eu recebia no hotel um bilhete dela com todos os telefones que eventualmente eu necessitasse. Inclusive o telefone de um médico que dava assistência ao Centro. Eu só precisava ficar doente.

Depois, veio Maria Euterpe ao nosso encontro (eu estava com Juraci) e cercou-nos de todas as atenções e nos mostrou tudo que era bom de ver, a começar pelo Centro, de que ela se orgulhava e o Brasil se envaidecia. O Centro tinha grande atividade cultural: atividade de divulgação cultural do Brasil numa das mais importantes cidades da Itália. Cidade industrial e cidade de cultura. Cidade de grandes fábricas e de grandes editoras. Moda. Teatro. Ópera. Milão, gótica e moderna.

No Centro estivera pouco antes dando conferências sobre o Teatro Brasileiro um dos mais inteligentes conhecedores dele: Sábato Magaldi. E coincidindo com a nossa estada se fez ouvir no Centro naqueles dias Arthur Moreira Lima, em todo o esplendor de sua arte de grande pianista: pianista do Brasil e do mundo.

Me vieram assim à lembrança essas boas coisas brasileiras que Maria Euterpe nos mostrou em Milão. Aproveito para dizer que estive em Milão como simples turista. Ao Centro Culturale Italo-Brasiliano não fiquei devendo nada, exceto a alegria de haver conhecido de perto o trabalho de Maria Euterpe, sua

animadora, sua alma. Acolhendo um projeto editorial dela, fiz publicar no Brasil, com apoio do Instituto Nacional do Livro, que eu então dirigia, um interessantíssimo volume de correspondência de Carlos Gomes, tão ligado a Milão e ao Scala, presença brasileira na história da música e dos gênios criadores da ópera.

Leio afinal a carta que recebi do Centro Culturale Italo-Brasiliano. Era uma carta de Maria Euterpe. Uma carta que li com grande tristeza n'alma. Dizia a minha sempre lembrada amiga:

"Com pesar cumpro o dever de comunicar que o Centro Cultural Italo-Brasil de Milão, depois de vinte e nove anos de atividades, está sendo desativado até o final deste ano, e, por coincidência, também eu, após 48 anos de serviço público, serei aposentada nesse período."

Uma notícia realmente muito triste. Extingue-se o Centro, e com ele fatalmente se extinguirão com o tempo, como num cafezal abandonado, as sementes que um dia frutificaram graças ao esforço dos que nele trabalharam com amor e a ele dedicaram as suas melhores esperanças, talvez até mesmo o melhor de suas vidas.

Vão fechar o Centro. Se isto mais prático é, mais inteligente é que não é.

✲✲✲

*F*oi mesmo uma noite linda. Vi nos olhos dela as estrelas chegando.

✲✲✲

O alívio é uma dor adiada.

✲✲✲

O queixoso homem queixa-se de barriga cheia. Em verdade a sorte sempre o tratou bem.

✲✲✲

*E*ra uma recepção elegante. Luzes, champagne, cintilações de cristais, **smokings**, longos vestidos longos. De repente ela entrou. E o seu sorriso triunfou na sala.

✲✲✲

Chega o meu amigo, num pânico bissexto de estilo, e me expõe o seu estilístico problema. Começara a escrever uma novela e teve de parar na segunda página, não havia meio de ir para a frente, por causa de um problema de estilo. Imagine (me disse o meu amigo) que a certa altura o homem lá da novela, o Chico Abreu, diz que baixou o pau na mulher. Brigaram, e ele não fez por menos: baixou o pau na mulher. Vi que pau não estava bem. Resolvi substituir "pau" por "cacete", e a coisa ficou pior ainda. Em vez de pau, ele baixou o cacete. Veja você. Muito pior, e mais vulgar. Resolveu então o meu amigo mudar não o substantivo ambíguo, mas o verbo. Em vez de baixar (coisa que afinal compromete qualquer pau ou qualquer cacete, e quando disse isto ele sorriu) em vez de baixar, escrever "meter". E veja como ficou a coisa, o homem, o tal do Chico Abreu, em vez de baixar, meteu o cacete na mulher. É o diabo! O meu amigo continuava com o seu problema de estilo, sem conseguir evitar na sua prosa a conotação do órgão sexual masculino, que em doutas bocas circula por aí como pênis. Pau, cacete, é o diabo! Ô língua desgraçada, queixava-se o meu amigo.

Fiz-lhe uma sugestão:

— Diga simplesmente que o tal do Chico Abreu deu umas bordoadas na mulher.

Meu amigo sorriu maravilhado:

— Ótimo. Bordoadas! Ótimo.

— Pois é isto - eu ainda disse. - O homem deu umas bordoadas na mulher. E, se achar melhor dizê-lo à boa moda lusitana, acrescente, para reforçar: - Deu-lhas! Deu-lhas!

***

Oh, entrar para a Academia Brasileira, essa aspiração irresistível e vã que resulta do sonho e do medo combinados.

***

Quando escrevi para uma coleção de livros para jovens da Editora Nacional o meu livro **O menino perdido**, que já foi devidamente recenseado no **Subsidiário**, tudo que fiz foi aparen-

temente descrever uma recente viagem à minha terra natal, onde nem os de dentro nem os de fora se lembram ou já em qualquer tempo se lembraram de mim, salvo raras e caras exceções. Este foi o pretexto. Porque, em verdade, essa viagem à terra dita natal foi uma viagem à minha infância. E a minha infância não é nenhum conterrâneo ingrato meu que vai pôr de lado, tirá-la de mim. Eles - os ingratos em recesso de minha memória - podem homenagear quem quiser, achar que todo e qualquer andaraiense legítimo ou adotado merece mais que eu uma homenagem da terra, podem nas suas placas de rua - ruas que foram tão minhas - esquecer de caso pensado o meu nome, podem me riscar do mapa oficial e oficioso das suas comemorações municipais, mas minha infância ninguém tira de lá. Porque a minha infância é antes de mais nada a minha verdadeira terra natal. O meu município particular. O meu condado de sonho. E nesse condado de sonho eu entro e saio quando quero, com a chave que só eu tenho da sua porta. Ou do seu velho portão coberto de musgo, com uma rãzinha verde coaxando numa poça de água verde.

No livro **O menino perdido**, que é em síntese a história de um homem em busca do menino que ele um dia foi, menciono, falo e falo muitas vezes, num meu tio apelidado Tutinha. O seu nome legítimo é Carlos. Mas em família era Tutinha, o meu querido tio Tutinha, que toda noite contava histórias até que no embalo delas eu adormecia, às vezes no colo de uma fada, outras vezes no palácio de um rei, ainda outras vezes na choça de uma velhinha muito boazinha, que fritava bolinhos para os netinhos. Cresci amigo do meu tio. E pela vida fora continuei seu amigo. A vida nos separou. É verdade que depois que deixamos Andaraí, e que de lá saí carregando dentro de mim a minha infância, houve encontros nossos no Rio e em São Pedro da Aldeia. A separação pedia apenas tempo, como num voleibol onde a bola fosse a saudade. Veio afinal a separação definitiva, depois da morte de mamãe, irmã dele, a sua Neném, como ele dizia.

Sai **O menino perdido**. Eu, que vou aos poucos por julgar inútil me desencorajando de enviar livros às pessoas, fazia ques-

tão de enviar a meu tio Tutinha o então meu novo livro. Lembre-se que de volta da viagem que fiz a Andaraí, mal sabendo que trazia dentro de mim em idéia larvar **O menino perdido**, transitei por Itaberaba, onde então residia tio Tutinha. Cidade pequena. Entrei num restaurante, um desses simpáticos restaurantes de pequena cidade do interior, onde se come uma comidinha tão simples e tão feita para a gente comer e depois beber um copo d'água, e perguntei ao dono do restaurante se ele conhecia um alfaiate chamado Carlos, que morava ali em Itaberaba. Conhecia. Todo mundo conhece todo mundo em Itaberaba, como numa grande família, os ricos se dando com os pobres e os pobres se dando com os mais pobres. Em poucos minutos, a meu chamado, entrou no restaurante tio Tutinha. Só faltou chorar quando me viu. Almoçamos juntos. Puxei por ele, ele logo se sentiu à vontade comigo, depois de tantos anos o seu sobrinho era o mesmo menino que ele conheceu. Recordações. Saudades. Despedimo-nos com um abraço que parecia não ter fim. Parti. E levei comigo o seu endereço.

Graças a isso, quando mais tarde publiquei **O menino perdido** pude enviar-lhe como lembrança um exemplar. Ele me escreveu agradecendo. Sua carta encontrei hoje numa pasta, e aqui vou transcrevê-la: "Caro Herberto. Muitas felicidades junto a todos os teus. Recebi o teu livro **O menino perdido**, o qual li com muita atenção. Ele me trouxe saudades e recordações de tempos que jamais voltarão. Muito te agradeço a lembrança que teve para comigo. Somente você é que ainda tem a delicadeza de me contemplar com uma lembrança que guardei com muita estima. Eu vou indo bem. Apesar dos meus 86 anos ainda me sinto forte, com muita disposição. Sem mais, abrace por mim os teus. Com muitos agradecimentos, sempre o teu tio amigo - **Carlos**."

Transcrevo aqui esta carta de tio Tutinha porque achei que assim seria a melhor maneira de preservá-la. Quando eu já não puder guardá-la, este livro a guardará por mim.

***

Morreu Salvador Dali. Em verdade já morrera. Em seu lugar havia - coitado - um devastado macróbio espetado de tubos, que depois de obituariamente dado como morto foi exibido na televisão como um fenômeno de resistência mórbida. Ou de sobrevida fúnebre. Coisas assim não ganham nada sendo mostradas. Morreu milionário. Nada mais natural. Dali foi um símbolo cultural da sub-aristocracia da sociedade de consumo. Inteligente, inventor genial de formas e contornos, sabia melhor que ninguém que nunca foi um grande pintor. Na construção em tudo calculada de sua obra, e sobretudo do seu nome, ou do seu renome, pintou também com as guias do seu famoso bigode, complemento indispensável dos seus pincéis excêntricos. Em verdade o bigode fazia parte de sua pintura. Que pensará dele o mundo de amanhã? Terá sido um pintor de gênio? Vai ficar? Acho que ninguém respondeu melhor essas questões que André Frossard. No dia da morte de Dali ele escreveu esta coisa muito inteligente e corajosa: "Com os seus ares de Dom Quixote, era Sancho Pança, e suas excentricidades mal dissimulavam seu bom senso profundo. Julgava a pintura, passada ou presente, com muito de sagacidade e de honestidade também. Sabia muito bem que não igualaria jamais o inigualável Vermeer, e que não conseguiria jamais, como Rembrandt, tirar das trevas a luz secreta que elas contêm."

E concluindo:

"Era um não-conformista de razoável profundidade, que amava sua mulher, e a pintura um pouco menos, como convém."

Dali, que pertenceu mais ao mundo social das artes plásticas que à pintura, vai ficar na história da pintura como pioneiro de si mesmo, com os caminhos que abriu e em que no entanto se perdeu. Deixou a bola pra quem vinha atrás: para os seus verdadeiros seguidores, ou os seus bons discípulos, que saibam criativamente beneficiar-se de sua influência pictórica.

✲✲✲

Como são incríveis as crianças, quando começam a falar. O que elas dizem. O que elas inventam. O que elas criam. Há muitos

e muitos anos que não sei quantos, Pedro Bloch recolheu num livro chamado **Criança diz cada uma**, com matéria de uma seção do mesmo nome que mantinha parece na revista **Jóia** (creio que hoje extinta) coisas engraçadas, tipicamente de crianças, que as crianças diziam. Uma curiosíssima **enquête**, porque o que Pedro Bloch fazia era mesmo entrevistar para a sua seção os pais das crianças, que lhe contavam e lhe contando iam essas possíveis coisas engraçadas que os filhos diziam. Escritores, jornalistas, artistas, etc, etc., nomes de alguma forma conhecidos, eram ouvidos na **enquête**, que assim se tornava mais viva e atrativa. Um dia ele me telefonou para amavelmente me pôr no balaio. O meu filho Herberto era então uma criança. Como toda criança, dizia as suas coisas engraçadas de criança. Mandei quatro ou cinco **histórias** do Beto para Pedro Bloch, que as publicou no livro. Hoje, Beto não é mais criança, Pedro Bloch está mais velho que naquele tempo, mais velho que naquele tempo também estou eu, e eis que encontro, nessa devassa que fazendo estou desses meus papéis que por qualquer motivo ficaram numas antigas pastas minhas, e dos quais agora estou me despedindo - eis que encontro, como ia dizendo, numa folha de papel duas coisas de Beto, que anotei. Embora possa correr o risco de serem as duas ou pelo menos uma delas, quem sabe, duplicatas das que mandei ao caro Pedro Bloch, vou - sem nenhum corujismo que de resto seria desculpável - registrá- las aqui.

Notícia dada pelo então menino Beto a Juraci:

— Mãe, Paulinho, aí do 4º andar, está de tifo. Sabe por quê? Pisou descalço no cocô.

Resposta de Beto à mamãe, que lhe pedira para pegar emprestada uma borracha no apartamento da vizinha que tinha duas filhas:

— Eu não posso ir lá, mamãe. Eu estou de pijama.

Juraci insistiu:

— Vá, menino! Deixe de bobagem. Fale aí da porta mesmo. Não é preciso entrar.

Resposta aliás irrespondível de Beto:

– Não vou não, mamãe. Já disse que não vou. Eu estou de pijama. Se a senhora estivesse de **baby-doll**, a senhora ia lá? É a mesma coisa.

Sinal ou sinais dos tempos. Hoje, para pijama ser traje de rigor só falta a gravata preta. E em avião já está embarcando gente de calção de banho e camisa sem mangas. Ou seja: camisa, como eu chamo - dessovacada. Dessas que deixam cabelo de sovaco tomando fresco. E **baby-doll** já não envergonha ninguém - sobretudo não envergonha a mulher que o veste. Que o veste só pra mostrar que está desvestida.

***

Crase, crase, e em sendo-a e em havendo-a, geralmente dá a crase em crise: crise de conhecimento elementar de gramática. E também, e sobretudo, de reacionarismo gramatical. Verifiquei no **Subsidiário** que toda vez que ao longo das inúmeras vezes que usei a expressão "à mão", no sentido de uma coisa que com a mão é feita, a revisão da José Olympio tacou um acento deste tamanho no a: exatamente um acento grave, que não é como muito se pensa a crase em si, mas apenas a diacrítica indicação dela. Deixei ficar mesmo como encontrei nas provas, assim: "à mão", embora nos meus originais não houvesse o acento. Ora, um caso como por exemplo este: **peguei o bicho "a" mão**, não há realmente crase, como crase não há neste exemplo equivalente: "peguei o bicho a pau". **A mão**, com acento, equivaleria a dizer-se **ao pau**, no citado caso do bicho. Imagine-se a tolice de uma pessoa dizer que "pegou o bicho **ao** pau". Essa seria digamos a regra, na argüição da impropriedade gramatical da expressão. Realmente nesses casos o normal seria **a mão**, sem o acento, porquanto não há contração do artigo **a** com a preposição **a**, mas apenas a preposição: a preposição **a** desacompanhada e só. Mas há de se convir que, por exigência de clareza, no sentido de evitar a ambigüidade gerada em casos que tais, "escrevi **a** mão". A crase, em alguns casos, acabou se impondo, e impondo-se com ela nesses casos o respectivo acento esclarecedor. Enfim, a gramática tem de andar

pra frente, movida pelos fenômenos da dinâmica da língua em seu uso. Regra de gramática se fez para resguardar a clareza da língua, e não para estabelecer na língua ambigüidades de natureza formalista. E, isto escrevendo neste momento - vencido pelos atentos revisores deste livro - eu o faço à mão. E escrevo à mão, embora correndo o risco fácil de parecer aos outros um ignorante em questões de crase.

***

Interrompi estas minhas anotações de Paris, feitas em Paris, para ir de férias ao Rio. E no Rio, em aqui ao Rio chegando, passei vários dias sem voltar a elas, possivelmente uma semana. Ninguém vai acreditar no porquê disso. Mas vou dar o serviço do porquê. Primeiro, porque passei uns dois ou três dias sem desfazer a mala, coisa que de resto e em qualquer circunstância detesto fazer: desfazer a mala, aliás, já que falei tanto ou tanto usei essa coisa verbal de desfazer, fazer, etc., digo que: mais do que desfazer mala, eu detesto mesmo e mais é - fazê-la. Quer dizer: fazer a mala, arrumar a mala, pôr dentro da mala essas coisas da gente que a gente não pode deixar em casa ou jogar fora quando viaja. Afinal, desfiz um dia a minha mala de viagem, para nela pegar a minha pasta (de papelão? de cartolina? ou de cartão?), enfim a minha pasta de trabalho, que comigo levei para São Pedro da Aldeia; e descobri que nela eu não trouxera papel para escrever. Fui no entanto assim mesmo para São Pedro, era só o que faltava, por não ter comigo papel para escrever, eu deixar de ir ao encontro de mim mesmo em São Pedro; e lá, com o bonito sol que fazia, e as árvores tão verdes e tão lindas como estavam, não quis saber de outra coisa senão de São Pedro mesmo, minha casa, meu pomar, o peixe fresquinho, pegado ali mesmo na lagoa, as mangas que debaixo das próprias mangueiras eu chupava. Fiquei lá dois dias. Não escrevi uma linha. Contudo, li, ou melhor, reli alguns capítulos de uma biografia de Nicolau II escrita por Essad Beu, que até hoje não sei quem seja. Esse velho livro, de que a meu pedido Marques Rebelo, seu tradutor, me ofereceu um

exemplar, eu em boa parte o li de novo, para ajustar a sua leitura com as lembranças recentes que trouxera de Leningrado, a velha São Petersburgo do tempo do último Romanoff, depois Petrogrado, e por fim Leningrado: a bela cidade de Lenin e da Revolução. Que no entanto nunca deixará de ser - na memória dos tempos - a cidade de Pedro o Grande, seu construtor. Voltei ao Rio, e só hoje, vencendo uma grande preguiça e um grande tédio, retomo estas notas. Como sempre, não vou registrar aqui tudo que me ocorreu nestes passados dias, nem tudo que nos dias estes que ainda ficarei aqui no Rio de férias, porque neste livro só registro aquilo que na hora a minha memória ou o meu coração ditar. Assim como nos volumes anteriores, este livro não seguiu nenhum plano prévio de trabalho, ordem prévia nenhuma de entrada no tempo, mas só e só o impulso interior e obscuro da minha alma. O que ela manda fazer, eu faço, fazendo-o com a memória e com o coração, que são da alma a bússola e a lanterna.

***

Tinha um lindo pé. Eu gosto de pés, aprecio-os no seu caveado e airoso desenho de violino. Tinha um lindo pé. Um lindo e róseo pé. Róseo de pétala de rosa. Andava de manso e de leve pela vida, espreitando a vida, pé ante pé. Talvez fosse melhor dizer - pé ante pétala.

***

No meu último e em verdade recente rasga-papéis, que em Paris substituiu a iletrada fornalha de minha incipiente literatura, rasguei também alguns poemas. Poemas evidentemente inéditos. O único publicado foi um que fiz para Abgar Renault. Ele gostou tanto que o fez publicar num suplemento literário de Belo Horizonte, não sei com segurança de que jornal, mas sem dúvida o único (digo o suplemento) existente lá. Tinha comigo um recorte. Despedi-me dele e vou encaminhá-lo com os outros papéis aqueles para o arquivo da Academia. Dos inéditos rasguei quatro ou cinco. E guardei comigo três ou quatro que não me pareceram de

todo maus. Não sei o que vou fazer com eles. Talvez fiquem como os únicos papéis que deixarei numa pasta qualquer, antes de me ir desta para uma possivelmente melhor, sem comigo levar de meu nem mala nem chinelo. A minha forma de expressão é inevitavelmente a prosa, não tenho como fugir dela, driblá-la. Em verdade talvez tenha conseguido algumas vezes driblá-la, servindo-me dela - da minha prosa - para na prosa fazer poesia, ou para literariamente me exprimir em (digamos) prosa poética. Uma compensação. Mas sem jamais forçar a situação poética. Ou a barra poética. E no entanto sonho com um livro de poesias... Acho que a poesia é a forma mais pura e mais alta da expressão literária. O que me atrai na poesia é a fruição do âmago das coisas. Em suma é a essencialidade da expressão poética, que dá na prosa o falso sucedâneo da prosa seca. Mas não quer isto dizer que sou leitor contumaz de Fernando Pessoa. Esse grande poeta de gênio está a meu ver sendo estragado pelos seus admiradores, que em geral não estão à altura de admirá-lo. São pessoas que tudo que querem em Fernando Pessoa é admirá-lo só para pegar **surf** na onda de inteligente.

***

A manheci hoje com vontade de aqui contar uma coisa, não sei se conto, meu Deus, que não irá pensar de mim quem ler o que aqui estou com vontade de contar? É que eu tenho uma amiga, que já por duas ou três vezes me tem feito queixas amargas do marido. São tantas as queixas, que eu já estou (pelo menos estava) com ódio dele. O tal do marido, que conheço muito superficialmente, embora conheça bem a mulher dele, praticamente desde mocinha, submete a pobre às maiores humilhações. Certa vez ela chorando me contou que ele se levantou um dia da mesa, depois de armar uma discussão idiota, e mandou-a à merda, aos berros, na presença dos três filhos. Não agüento, não agüento mais, queixava-se a minha pobre amiga, e suas lágrimas iam encharcando de soluços o lenço. Enquanto isso eu dizia assim: é o diabo, é o diabo. Um dia afinal lhe perguntei porque ela não o deixava,

não se separava do marido. Veio a explicação, ela não fazia isso porque era exatamente isso que ele queria, arranjar só e só um bom pretexto para (bancando a vítima) ir viver com uma Fulana com quem ele já estava na moita vivendo. Ele quer separar-se de mim, mas quer me obrigar a tomar a iniciativa, sabe? me disse a minha pobre amiga. Então um dia, de repente, eu aconselhei-a a dar um tiro nele. Que ela o matasse. Mas, tivesse cuidado, não fosse errar o tiro. A coisa mais ridícula que havia e há é alguém atirar numa pessoa para matar e errar o tiro. Pode inclusive a pessoa reagir e, com a própria arma do outro, tomada de alguma forma, matar quem o queria matar. A minha amiga deu uma gargalhada. Você está louco, me disse. Lá vem você com as suas idéias loucas. Eu fui em frente, sem ligar para o que ela dizia, e aconselhei-a, por medida de segurança, que atirasse bem no meio da testa dele, bem de perto, enquanto ele estivesse dormindo. Era muito importante não errar o tiro. E daquele jeito eu duvidava que ela errasse. A minha amiga continuou a rir. Ah, só você mesmo para me sair com uma idéia louca como essa. E ria, e ria, e ria de tal forma, que por um instante ela me pareceu uma mulher extremamente feliz, inclusive com o marido. Então, eu disse a ela assim: olhe, minha filha, ainda que você não acredite, eu não estou brincando. Vou só lhe contar uma história, uma história verdadeira, que se deu com uma parenta minha, que também tinha problemas com o marido. Ou com os maridos.

E contei-lhe o caso da minha parenta, cujo nome por discrição ocultarei aqui, inclusive porque ela já morreu. Os mortos a gente deve respeitar. Direi apenas que ela nos últimos anos de vida morava no Rio de Janeiro, em Copacabana. Mas a história se passou quando ela ainda morava na fazenda, no interior da Bahia. Ela foi casada três vezes. O primeiro marido ela matou com um tiro de revólver. Pegou bem no pé do ouvido dele. O segundo ela matou envenenando-o com arsênico. Demorou um pouco, enquanto o arsênico, que é um veneno lento, agia, mas foi indo, foi indo, e ele afinal se foi. Por fim, só não matou o terceiro marido, porque ele desconfiou a tempo. Pulou a janela do quarto e

desapareceu no meio da noite. Morreu de morte natural, no Amazonas, onde pegou malária. Possivelmente a malária o matou.

A minha amiga começou de novo a rir. Não parava mais de rir. Quando conseguia dizer alguma coisa, enquanto ria e ria sem parar, era para me dizer, sabe, Herberto, você é um louco! Pare de inventar essas loucuras.

O resultado é que eu acabei também me rindo. E ria eu, e ria ela, e ríamos nós, de um jeito tal que os meninos vieram até a sala onde estávamos, querendo saber o que era. Nunca o souberam. Não dissemos nada a eles. Tempos depois, a minha amiga separou-se afinal do marido, tudo bem, sem tiro, sem veneno, sem morte. O tal marido da minha amiga, que digamos se chamava Mamarracho, foi viver afinal com o seu verdadeiro amor, e com ela vive até o dia de hoje, salvo engano.

Eu não devia ter contado o que contei. Contei, mas em compensação não contarei mais nunca, nem que a minha amiga me peça de joelhos. O engraçado é que até hoje ela pensa que eu menti. Pois bem: vamos dizer que eu menti....

***

Quando publiquei **Cascalho**, minha estréia literária, a crítica me chamava de "jovem romancista baiano", com as suas naturais variantes, pelo menos estas: "jovem autor de **Cascalho**", "jovem escritor", etc. Eu tinha então 26 anos. No rolar do tempo, quando menos esperei, estavam nos lugares me tratando de **Senhor**. Assim: Quem é aquele senhor? Ou então: Aquele senhor esteve aqui ontem (digamos). Eu olhava para trás, e via lá longe, numa curva do caminho percorrido, o jovem que eu já não era. Não adiantava eu chamá-lo, dizer-lhe assim: Vem cá, rapaz. Aliás eu nem tinha tempo de chamá-lo. Quando eu ia chamá-lo, ele saía correndo de mim e cada vez mais longe de mim ficava. E de repente eu me descobri velho. Com uma porção de velhos em volta de mim, tomando pílulas. Que coisa melancólica. Eu nunca

pensei que o tempo fosse tão cruel. Enfim, já tenho uma frase para dizer como consolo na hora de minha morte:

— Graças a Deus estou morrendo.

***

Visita de N. Leio para ela a história do meu negócio de lenha (v.**Subsidiário 2**), ainda em Andaraí, coisa de um inexperiente e iludido jovem que pouco sabia da vida. E que pouco sabia dos homens.

— Mas, isto é um romance! Você precisa escrever esse romance, desenvolver num romance essa experiência tão rica de interesse humano, da sua vida, da sua juventude.

No primeiro momento admito que essa lenhosa aventura de minha vida talvez tenha potencialidades de cenas e de tipos pedindo desenvolvimento num romance de mediana extensão. Num romance, quem sabe, de humor, num romance, quem sabe, bem a meu feitio. Eça de Queirós fez do conto **Civilização** o romance **A cidade e as serras**. Duas lindas coisas bem feitas; o romance uma quase obra prima. O diabo é que eu não me chamo Eça de Queirós.

***

Li em Camilo, possivelmente na **Filha do regicida**, certa alusão a alguém que volta à terra natal para "visitar os seus vínculos". **Vínculos**. Gostei dessa palavra; ou melhor, gostei do emprego dela nesse passo, para definir no seu âmago de afeto a ligação imorrida e funda que tem a pessoa com a terra onde nasce. Vínculos. Também fui visitar os meus vínculos, por ocasião da minha possivelmente derradeira viagem a Andaraí, minha terra. Olhei e reolhei o que vi. Os meus vínculos eram apenas uns tênues vestígios. Pouca gente vi que eu conhecia. E quase ninguém sabia quem eu era. Háviam demolido o sobrado onde vivi e onde

escrevi **Cascalho**, meu romance germinal. Em frente à casa onde nasci, hoje convertida num depósito de material de construção, em lugar da "casa de cultura" que prometendo mentiram fazer ali em minha homenagem - fez- se em verdade um arranjo urbanístico de praça, a que deram um nome que não era o meu. Eu me senti ferido no que dentro de mim tenho de mais meu: minha infância, e sombreando-a a saudade dos meus mortos. Não deram até o dia de hoje, e tudo indica que não o darão até o dia de amanhã, meu nome a nenhuma rua da cidade onde nasci. Estarei pedindo muito? Uma rua com o meu nome. Uma placa de rua com o meu nome. Continuo a ser eu mesmo a minha placa, na esquecida rua de mim mesmo, onde moro e onde comigo mora a minha dessaudade de Andaraí.

Meu reino por uma placa de rua!

***

*N*a pré-história dos meus contatos com homens de letras e as suas letras, encontro no mais antigo dela a figura de Herman Lima, que sobre a minha região escreveu o seu romance **Garimpos**. Eu era então um menino, tinha 13 anos, quando um dia meu pai me chamou e me pediu que acompanhasse até o correio um cidadão que com ele conversava na farmácia. Farmácia aliás de meu pai. O cidadão eu não conhecia, era mesmo um desconhecido na cidade, onde chegara na véspera à noite, em sua primeira viagem às Lavras. Não lhe guardei logo o nome. Sabia apenas que ele era um médico que precisava enviar pelo correio uma correspondência. Levei-o até o correio. Depois me despedi dele, não precisava mais de mim. O seu nome acabei sabendo no correr dos dias, e guardando-o. Era o Dr. Herman Lima. Ficou algumas semanas em Andaraí, foi a Lençóis, voltou a Andaraí, deve ter ido às outras cidades da então Lavras Diamantinas: Palmeiras e Mucugê. Regressou a Salvador, e de lá tomou os rumos do mundo, transfeito na minha lembrança em livro. Bom livro: **Garimpos**, que ele publicou no Rio, com capa de J. Carlos.

Andou de mão em mão em Andaraí. Meu pai tinha em casa um exemplar com dedicatória do autor. Eu lia a dedicatória, ficava impressionado. Mas o livro eu só fui ler muitos e muitos anos depois, quando já era também um romancista com a publicação de **Cascalho**. Adiante voltarei a esse assunto.

Um dia chegou a Andaraí um número da revista **Para todos**. Adelardo Silva mostrou a meu pai na farmácia a revista, que publicava com uma bonita ilustração de J. Carlos um conto de Herman Lima. Parece que estou vendo a revista. Parece que estou lendo o nome do conto: **O fantasma da ópera**. E dizia Adelardo Silva: este conto o Herman escreveu aqui em Andaraí. Não li todavia o conto, porque então eu nada lia. Mas espero ainda lê-lo, desde que o encontre em alguma velha coleção de **Para todos**, a revista inventada e dirigida por Álvaro Moreyra. Nunca me esqueci do nome desse conto que Herman Lima escreveu em Andaraí. Infelizmente, em três ou quatro contatos que com ele tive depois de também me haver tornado escritor, não quis lhe falar disso. Talvez Herman preferisse mesmo não ouvir falar do seu velho conto de que certamente supunha ninguém mais (exceto eu) se lembrava e que ele próprio queria esquecer.

Quando fugi para o Rio (v. sobre essa fuga o volume **Andanças por umas lembranças, Subsidiário 2**) sabia que Herman Lima trabalhava no Catete, no gabinete da presidência. Por acanhamento não o procurei. Um dia, em hora de maior apertura, fui no entanto procurá-lo. Ele me fez introduzir prontamente no seu gabinete. Perguntou por meu pai, perguntou por Andaraí. E perguntou finalmente se eu estava no Rio a passeio. Encabulado eu respondi que sim, mas que no momento, não tendo ainda recebido dinheiro de casa, eu me via na contingência de recorrer a ele. Herman me deu uma nota que ouso dizer de 50 mil réis, com o devido respeito pela nossa inflação. Discreto como era, se Herman percebeu que eu estava metido numa aventura inconseqüente, não o demonstrou. E delicadamente me exortou a retomar os meus estudos, o que era uma maneira de me aconselhar a voltar para a Bahia, procurar o caminho de casa, meu mundo. Em

verdade eu já estava decidido a fazê-lo, razão de não lhe haver pedido um emprego no Rio, embora sabendo-o com influência bastante para o conseguir.

E eis que um dia, quando menos esperei, estava eu com um romance na rua, **Cascalho**, aparentemente competindo com o **Garimpos** de Herman Lima, mesmo tema, mesmo cenário. Mas um nada tinha que ver com o outro como criação de cada um de nós. Muito tempo depois, estava fazendo Herman 50 anos (ou terá sido 60?), e um grande jornal de Salvador, creio que **A Tarde**, o homenageou com a publicação de uma reportagem rigorosamente de página inteira. Uma merecida festa de imprensa. Herman evocou os seus tempos da Bahia, melhor dizendo, de Salvador, onde fez vida literária e literatura, onde publicou pelo menos um livro, e onde enfim estudou medicina e formou-se. Citou na reportagem todos os escritores baianos do seu tempo. Só deixou de fora a minha pessoa. Era uma exclusão gritante, porque afinal eu era baiano e tinha publicado pelo menos dois romances. Foi, não adiantava esconder, uma omissão de caso pensado. Herman não quis simplesmente me citar. Ele era uma excelente alma. Mas mesmo nas boas almas nem sempre há sol, nem sempre há luar. Há, também, turbando ainda que momentaneamente o bom tempo, o escuro do ressentimento. Li a reportagem, fiquei com pena de mim, lembrança mandada embora na hora de ser lembrado. Passa-se o tempo. Entro para a Academia, os amigos me homenageiam com um jantar. Para minha surpresa, aparece lá Herman Lima. No meu, que Deus me perdôe, discurso de agradecimento, respondendo a Adonias Filho e a Peregrino Junior, fiz uma carinhosa referência a Herman, de resto meu dever. Creio que esse foi o primeiro contato que tivemos depois de minha ida ao palácio do Catete, nas minhas imemoriais aperturas de rapaz fujão. Se não me engano, Herman também assistiu à minha posse na Academia. Quando diretor do INL, apoiei as reedições que ele tanto desejava de dois livros seus: **Tigipió** e **Garimpos**, ambos esgotados havia já muitos anos. Do Rio, Herman me mandou para Brasília com carinhoso ofertório exem-

plares desses dois livros. O de **Garimpos** veio acompanhado de velhas fotos tiradas em Andaraí, em que aparece meu pai. Fotos de um passeio que Herman fez com meu pai e outros amigos a garimpos de Andaraí, antes de escrever o romance em que tão bem iria mais tarde descrevê-los. Em São Pedro da Aldeia, na desarrumação em que andam os meus livros desde que em parte precipitadamente para lá os levei do meu apartamento na Barra, encontrei apenas o **Garimpos**. Afinal era e é dos seus livros o que mais está ligado a mim, diamante que ele como um garimpeiro trouxe dos garimpos de minha terra. Copiei do exemplar a dedicatória que aqui transcrevo: - "Para Herberto Sales, confrade e amigo, a quem muito prezo e admiro, este livro de que quase quarenta anos em roupagem nova e esplêndida, que lhe devo, como a de outro beneficiado pela sua magnífica obra cultural à frente do Instituto Nacional do Livro - meu **Tigipió** - a homenagem do meu melhor aplauso e do mais cordial afeto de companheiro e **lavrista** de coração". E vem a assinatura, letra vacilante como a da dedicatória, Herman estava quase cego. Mas enxergava com os olhos do coração. E com eles me podia ver melhor e bem. Me ver como eu sempre fui no meu trato humano: o mesmo menino serviçal que ele conheceu um dia em Andaraí.

✲✲✲

"Por ti, eu me rasgo todo". Era assim o começo de um velho tango. O meu tango é outro: por mim eu me rasgo todo, rasgando os meus papéis.

✲✲✲

Continuo a receber cartas pelo **Subsidiário**. Até parece o tempo em que publiquei **Cascalho**. Hoje me escreve um professor e poeta que vi menino de calças curtas em Andaraí. Agora ele mora em Campinas, ensina na Universidade. Diz ele: "Não quero tomar muito do seu tempo, mas não posso deixar de dizer-lhe do

encantamento que senti com o seu **Subsidiário**, onde você excede a si mesmo em humor, sinceridade e coragem. Durante sua leitura muitas vezes gargalhei e noutras senti um nó na garganta. Esse livro fez crescer a minha admiração, que já era grande, e o meu respeito por você e a sua realidade humana".

Foi bom receber essa carta de Arlindo Borba de Oliveira. Creio que havia mais de 20 anos eu não tinha notícias dele, salvo a trazida pelo seu livro de poesias. Agora ele me escreve. Foi mesmo bom. Meu **Subsidiário** vai servindo pelo menos para eu reencontrar velhos amigos que não me esqueceram.

***

Em minha já longa carreira ou melhor dizendo lenta caminhada literária tenho recebido inesperadas cartas muito gratas, não raro de pessoas até então para mim desconhecidas. Cartas sobre os meus livros, sobre algum livro meu especificamente. Carta de alguém que chegou até um dos meus livros por acaso, ou por empréstimo de algum amigo. Ou por leitura em alguma biblioteca. Sim: biblioteca. Como não se sabe, fora do Brasil as bibliotecas compram livros para uso e fruição dos seus leitores, inclusive livros do Brasil. E o diabo é que a gente - pelo menos no meu caso - acaba às vezes esquecendo essas cartas, embora sem as ter deixado sem resposta. Hoje, por exemplo, pondo em ordem papéis meus que encaminharei aos arquivos da Academia, encontrei a carta que a 26 de fevereiro de 1985 me escreveu de Brewer University (USA) o professor Nélson H. Vieira. O contexto faz supor que se trata de um professor português. O livro deve ter-lhe chegado ao conhecimento por intermédio do meu caríssimo Malcolm Silverman: caríssimo e fidelíssimo. Afinal Malcolm é americano e professor universitário nos Estados Unidos. A certa altura, diz Nélson H. Vieira em sua longa e carinhosa carta sobre **Os pareceres do tempo**: "Seu livro chegou justamente na altura em que eu estava acabando um estudo meu sobre **Brasil e Portugal, a Imagem Recíproca**. No meio daquela

angústia de terminar aquele estudo (que já demorara alguns anos), peguei o seu livro e foi como se ele tivesse caído do céu. A caracterização, o tema e a narrativa tinham íntima relevância com a minha pesquisa e por isso incorporei uma análise do livro no meu último capítulo. Não sei se foi mera coincidência ou programação de certas musas e alguns deuses literários, mas o seu livro dramatizou bem muitas das teorias que eu estava elaborando ao longo do estudo. Então, antes de tudo, comunico-lhe a minha profunda gratidão e ao mesmo tempo ofereço os meus parabéns, pois achei a narrativa provocante, linda e extremamente fascinante!" E conclui me anunciando que o seu trabalho será publicado "este ano" pela editora Almeiro, de Lisboa. Pela data, certamente já se publicou o livro. Foi bom eu descobrir isso. Vou pedir hoje mesmo para Lisboa um exemplar. E aproveito para dizer a Nélson H. Vieira, nesse reencontro com a sua em verdade importante carta, que lhe sou profundamente grato por tudo: por toda essa manifestação tão espontânea de afeto.

✲✲✲

*M*odéstia à parte, sou menos conhecido do que mereço. Não há razão para tristeza. Muito mais triste é o escritor ser mais lido do que merece.

✲✲✲

*M*anuel Bandeira escreveu certa vez com muita graça e muito acerto, a propósito da autoria dos sambas cariocas, que "quem os faz não é A nem B, nem Sinhô nem Donga: é o carioca, isto é, um sujeito nascido no Espírito Santo ou em Belém do Pará." O bardo tinha razão. Ser carioca é um problema menos de registro civil que de estado de espírito. Certas cidades são banhadas dum tal sortilégio lustral, que o que elas têm de mais característico ou de entranhadamente representativo não se deve ao fato de alguém nascer ou viver nelas, mas de absorver pela alma e pelos poros o

espírito delas. Porque elas têm um espírito: a sua dimensão mágica. Com Paris também acontece isso. Já dizia Montesquieu que "é Paris que faz os franceses". A alma francesa teria mal comparando a sua matriz em Paris. Segundo a deixa de Montesquieu, bem que se poderia dizer que é Paris que faz os parisienses. E, que é afinal o parisiense? Parodiando Manuel Bandeira, diria que o parisiense não é A nem B que nasceu em Paris, mas um sujeito que nasceu na Grécia ou no Brasil, e que vive parisiensemente em Paris. Que recebeu o toque mágico de Paris. Que é em suma uma espécie de possesso de Paris. Que tem no corpo o doce diabo do espírito de Paris. Conheci em Paris um perfeito parisiense: o grego Kosta. De brasileiro já não posso dizer o mesmo, porque o brasileiro quando tem tudo para ser um perfeito parisiense, invariavelmente quer ser mais parisiense que o mais parisiense dos parisienses de Paris. Então, vira pelo exagero uma espécie de falsificação parisiense.

Mas, falemos do parisiense grego Kosta, que na ordem de lembranças gratas que tenho de Paris poderia considerar não sem razão um amigo. O que aqui vou contar não aconteceu agora, em que me aproximo do meu quarto ano de Paris. Aconteceu quando vim pela segunda vez a Paris, e aqui estive, com Juraci, no mesmo pequeno hotel do **Quartier Latin** (Hotel du Levant), onde por três vezes, em três diferentes viagens, nos hospedamos. Agora, que estou morando em Paris, de vez em quando vou à **Rue de La Harpe** matar as saudades do hotelzinho, e lá me visitar em estado de lembrança. Tinha o Kosta com uns primos como ele gregos, na **Rue de la Huchette**, um restaurante: um desses típicos restaurantes gregos que dão a certas ruas de Paris uma graça rústica de festim campestre, com um leitão inteiro que na vitrine vai girando lento num espeto, e um braseiro embaixo, que o assa e doura lentamente, enquanto lentamente lhe derrete os untos. Kosta fora buscar na velha Grécia um nome entranhadamente grego para o seu restaurante: **Delphes**.

Essa **Rue de la Huchette** onde fica o restaurante é aliás uma das mais ilustres ruas do **Quartier Latin**. Paris até a alma, em

suas lembranças históricas, em suas raízes populares. É bom ir ver antes que acabe. Não é brincadeira: estão mexendo muito em Paris, e a guilhotina dessa vez é a picareta do progresso. Antes de vir morar em Paris, aqui estive como já disse três vezes, hospedado no mesmo hotel, flanando no mesmo bairro. Hoje o arrependimento é a palavra que mais cabe no meu coração quando me lembro que em aqui chegando para viver um longo tempo em Paris, não fui morar numa dessas velhíssimas e tão minhas queridas ruas do **Quartier Latin**, com tolerância até Saint-Germain-des- Prés. Venho escrevendo todo o tempo em francês **Rue de la Huchette**, porque nunca hei de me esquecer que nessa rua foi onde descobri Paris, foi onde li pela primeira vez uma placa de rua em Paris, foi onde conheci um homem extremamente gentil e em quem encontrei um inesperado amigo – o grego Kosta, cidadão de Paris.

En passant, aproveito para lembrar que no número 10 da **Rue de la Huchette**, na casa que lá está como sempre foi, morou Napoleão Bonaparte, então talvez um tenente ou um capitão em disponibilidade (1795), num quarto pelo qual pagava três francos por semana. Lá está a velha escada hoje roída pelo tempo, por onde ele subia. Por aqueles degraus os seus passos o levavam até ao seu pequeno quarto, passos que depois, subindo sempre, o levariam à glória solar de Austerlitz.

Na minha seguinte e terceira viagem a Paris (1976 e 1978), como simples (graças a Deus) ser humano, livre pássaro livre dos enquadramentos burocráticos e da gravata diplomática, eu e Juraci jantávamos praticamente todo dia no restaurante do Kosta. E sempre nos sentávamos à mesma mesa de dois privatíssimos lugares. Um presente do céu. Aliás, um presente de Paris, em sua também (às vezes) função de céu. Um dia no entanto cheguei lá no meu habitual horário, e havia um casal ocupando a minha mesa. Eu tinha, digamos, uma reserva tácita. Imediatamente o Kosta nos levou para outra mesa, esta de quatro lugares, onde Juraci e eu estávamos inevitavelmente expostos à contingência de pegarmos pela frente como companhia dois desconhecidos

resguardados nos direitos humanos da mesa de **bistro**: lugar para todos **à la table**, desde que haja lugares para todos. Não fiquei satisfeito. Eu queria uma mesa só para mim e Juraci, nós dois sozinhos com cada um de nós por companhia. Não houve problema. O inacreditável Kosta sorriu, retirou dois pratos da mesa, e eu e Juraci nos sentamos com dois serviços numa mesa de quatro. Realmente inacreditável. Mas foi o que aconteceu.

No dia da nossa partida, nessa terceira viagem nossa a Paris, dividimos o nosso tempo indo primeiro ao Bois de Boulogne, que ainda não conhecíamos, embora eu de leitura do Eça o conhecesse bem. Era outono. O bosque estava todo coberto de um palor de ouro velho raiado de vermelho, as folhas caindo das árvores como moedas perdulárias que o chão ia amealhando nas aléias. Conservo comigo até hoje as fotos que então tirei dessa paisagem de sonho em que eu num encantamento me achava e me perdia. Caminhamos e caminhamos pelo bosque. Eu me lembrava do Eça e tive em dado momento a insensata idéia de deixar o bosque e ir rastrear em Neuilly a casa do grande escritor, tendo como referência vaga mas confiável a lembrança de uma foto que dela conhecia. Inútil busca. Pegamos então o metrô (nesse tempo ainda se podia andar de metrô em Paris, o metrô de Paris não se transformara ainda nesse **Pátio de Milagres** itinerante de hoje) e fomos para os Champs-Elysées, onde estavam exibindo um filme muito sem- vergonha que acabei não vendo e de que não me arrependo. O tempo era curto, eu tinha de me decidir entre ver o **Emmanuelle** e visitar o museu **Carnavalet**. Considerei que sempre haveria oportunidade de ver o filme, em último caso em algumas fáceis seqüências ao vivo. O museu, se eu não o visse, não o visitasse, não iria quem sabe ter mais chance de ver. E me mandei, nos mandamos, para o museu **Carnavalet**. Eu estava com o guia Michelin me dando força, mas ainda assim não foi com facilidade que lá cheguei, e sobretudo não foi fácil de lá sair. Olho uma coisa, olho outra, um **souvenir** da prisão do Temple, um **souvenir** de Mme. de Sévigné, que ali viveu, esculturas, telas, reconstituições de interiores de Paris, e de repente, quando dei por mim, passava

já de duas horas da tarde. Saí correndo para ver se ainda pegava aberto o restaurante do Kosta, pois tínhamos fome, uma fome muito especial de despedida de Paris. Quando lá cheguei, o restaurante já estava fechado, como todos os outros do bairro, como todos os outros de Paris. Eu já vivera esse drama, que teve da primeira vez seu desfecho num sanduíche de **baguette** com que sem outro recurso tentei substituir o almoço nos restaurantes fechados. É possível que então já houvesse em Paris o massivo expediente do **self service**, que o americano espalhou pelo mundo, como aliás pelo mundo espalha tudo: inclusive as suas brasas.

Pois é, chego ao restaurante do Kosta, onde pretendia com o meu almoço de despedida de Paris substituir na minha também despedida do restaurante o meu nele habitual jantar, e encontro-o fechado. Olhei pelo vidro. Havia lá dentro pessoas. Kosta e os seus primos almoçando em família, em hora familiar do restaurante. Dei com uma chave uma pancadinha no vidro da vitrine, Kosta me viu, veio me abrir a porta, e eu entrando no restaurante fui como convidado dele com ele comer à mesa, com Juraci, na impressão regozijada e cômoda de que me achava em minha própria casa. Afinal o horário de almoço do restaurante encerra-se já. Havia agora ali o espaço e o tempo do afeto, rimando mesmo com a casa da gente.

Inacreditável.

Parti naquele dia. Quando ia voltar? Não sabia, meu caro Kosta. Talvez no próximo ano, talvez um dia, talvez nunca mais. O grego Kosta era mesmo **très gentil**, tinha a **finesse**, o **savoir vivre**, a **allure** do parisiense típico. Mas, parisiense típico? Existirá mesmo no rol das coisas o parisiense típico, o parisiense verdadeiro? Sim; existe. Em Paris há cinco parisienses típicos. Um, que aliás voltou para a Grécia, é o grego Kosta. O segundo pode ser qualquer **vendeuse** do **Printemps**, pegada na hora. Os outros três são... Bem, o terceiro seria Marcel Proust; já morreu, mas fica valendo essa escolha póstuma. O quarto seria Maurice Chevalier, também em escolha póstuma e inalterável. Deixo vago o último mas não o menor lugar dos cinco para o leitor preencher a seu critério.

Chega a Primavera, e não são apenas as árvores desenfolhadas e negras de Paris que em seus fúnebres garranchos mal saídos do Inverno vêm espiá-la com os olhos novidadeiros dos seus brotos. O povo de Paris também vem ver chegar a Primavera. Logo é o Verão. O verde vem de novo para as ruas. As árvores cobrem-se de folhas, nas casas as janelas se abrem em festa. E o parisiense põe afinal a cabeça de fora de seus apartamentos, enfeita com gerânios os seus **balcons**, descerra as cortinas, deixa entrar nos seus apartamentos o sol, grata visita que não dá despesa. Então, só aí então, é que a gente descobre que nos apartamentos de Paris, como na **Casa de cabôco** de Heckel Tavares e Luis Peixoto, também tem morador.

***

Vou voltar de raspão à história da minha venda (ver sobre o assunto o volume **Andanças por umas lembranças**) para contar uma coisa que não contei por não querer, mas por esquecer. Entraram na minha venda, uma manhã, dois homens, que aqui designarei por uma comum inicial S. Coincidência. E disse um para o outro assim: estamos livres dele para sempre. E levantaram, como num brinde, os copos de cachaça e de uma vez os esvaziaram e depois cuspiram no chão. Pouco depois, corria pela cidade, como um vento gelado, a notícia de que haviam matado João Grande, quando em frente do pasto do meu tio Pitá passava ele em sua mula montado, rei do seu revólver e da sua coragem, a caminho da feira. A última vez que com os meus olhos vira João Grande tinha sido aliás no dia em que ele com o seu temido revólver niquelado, facheando na luz do sol, quase fecha para balanço uma feira por causa duma discussão com presságio de defunto, que esparramou povo e botou gente para correr. Nem a polícia o homem respeitou. Vieram competentemente embalados os quatro soldados do destacamento, com o delegado puxando o cordão, e quando o dito delegado gritou assim - **entregue a arma, João Grande,** ele, João Grande, assim respondeu: Por favor, não me forcem. Se me forçarem, pelo menos dois eu levo comigo pro

cemitério. Aí, o povo juntou de novo, pra ver. E, ao que tudo indica, a salvação foi quando meu pai, homem modéstia à parte de grande autoridade moral, sem desfazer da sua coragem pessoal, saiu da farmácia e foi em frente, abrindo caminho no meio do povo, com licença, com licença, com licença. Aí João Grande, quando viu meu pai, disse assim - **minha arma eu só entrego a Dr. Heráclito.** Meu pai pediu-lhe a arma; e ele entregou-a a meu pai, como de fato prometera. Nisto, o delegado criou coragem e deu voz de prisão a João Grande. Aí, meu pai pegou João Grande pelo braço e disse ao delegado bem assim: Eu me responsabilizo por ele. Levou João Grande para a farmácia, o povo veio atrás, e meu pai teve de levá-lo para os fundos, onde havia um quarto com uma marquesa. João Grande ficou ali sentado bem umas três horas, até a coisa serenar lá fora. Se não me engano, quando minha mãe mandou o café da merenda para nós na farmácia (que coisa maravilhosa era esse café da merenda na farmácia, numa bandeja coberta com um guardanapo e, junto com o bule e as xícaras, um prato de aipim cozido, com a manteiga derretendo!), se não me engano, como dizia, meu pai chamou João Grande para merendar com a gente. Sim, claro que chamou, meu pai era um homem hospitaleiro. Afinal, a folhas tantas meu pai devolveu a arma a João Grande e mandou que ele voltasse para casa. Ainda bem que antes da discussão ele já tinha feito a sua feira de todas as semanas. Pois, no dia aquele de sua morte, vinha João Grande como de costume para a feira, e ficou no meio do caminho, coitado, com uma bala que entrou lá nele no rim esquerdo, pelas costas. Foi um tiro só. Mas um terrível tiro só. Veio depois um parente meu, do ramo branco de olho azul, parente ao que tudo indica já hoje falecido, e que entrou na minha venda para tomar uma cachaça pouco depois de lá terem estado os dois homens aqueles de quem no princípio falei. Ele bebeu, eu bebi, bebemos, no verbo e no copo. E, em má hora de cachaça conversada, contei ao meu parente, que d'ora em diante aqui fica designado só e só Parente, o que em minha venda eu ouvira da boca dos dois citados homens

com inicial S. Maldita hora. Meu parente saiu e resolveu dar uma de detetive contando por sua vez ao delegado a tal conversa que tinha na frase **estamos livres dele para sempre** uma pista fundamental e evidente para a descoberta do assassino de João Grande. Abre-se inquérito, e lá vou eu intimado para depor na polícia, onde devia repetir para a autoridade exatamente o que eu com os meus ouvidos ouvira dos dois homens em minha venda. Foi a primeira vez - e espero que seja a última - em que me vi arrolado e enrolado como testemunha num inquérito policial. O delegado perguntava uma coisa, eu respondia, e o escrivão ia escrevendo. O meu Parente fora ouvido antes de mim. Era afinal como eu testemunha. Os nossos depoimentos resultaram contraditórios. E quando eu, tendo já deposto, pensei que nunca mais com a graça de Deus ia voltar à Delegacia, sou de novo intimado, para acareação de testemunhas, sem nunca ter visto de frente ou de perfil essa palavra... como era mesmo?... acareação, sim, acareação, que desgraça de coisa era acareação? Na polícia eu fiquei sabendo. Meu Parente sentou-se a meu lado, ou eu ao lado do meu parente, o que vem a dar na mesma. E o delegado a certa altura do campeonato disse assim para o escrivão:

– Escreva.

E o escrivão, homem ainda da pena e do tinteiro, preparou-se de mangas arregaçadas para escrever, pois afinal o escrivão escreve, como aliás também escreve o escritor. Escritas, escrituras, escrevinhamentos e **tuti quanti**.

Quando o delegado, repetindo a frase mencionada pelo meu Parente (**estamos livres dele para sempre**), me perguntou se eu a confirmava ou não, e eu respondi que não me lembrava de tê-la ouvido em qualquer tempo, o meu Parente não gostou nada. Diga-se que ele tinha carta de avalentoado, porque, salvo engano, fechara o tempo uma vez no cabaré de Felícia, botando gente para se desintroduzir da casa por onde era possível no momento, principalmente pela janela que dava para o quintal.

Meu Parente insistiu em que eu lhe mencionara a frase, já a essa altura do inquérito considerada a frase-chave do crime. Eu respondi:

– Não é verdade.

Aí meu Parente perdeu a serenidade testemunhal. Habitualmente ele falava alto. Então, falou mais alto ainda:

–Disse, sim. Eu não sou mentiroso. Ele me disse ter ouvido a frase.

Pra encurtar a história, se o delegado não fosse amigo nosso, acho que acabávamos meu Parente e eu presos por desrespeito à autoridade. Enfim tudo acabou bem. Na rua, meu Parente me disse assim:

– Não gostei nada de você ter me chamado mentiroso.

– Mentiroso?

– Sim. Você disse que não era verdade o que eu tinha ouvido de você. E é claro que o que não é verdade é mentira. Mas a sua lógica dedutiva acabou na primeira venda em que entramos, com uma cachaça que juntos tomamos e que ele disse ao dono da venda que pagava depois. E certamente pagou, porque no fiado de cachaça não entra calote. Afinal a qualquer instante pode dar-se o caso de uma pessoa querer tomar uma cana, e é preciso estar-se com o crédito em dia, porque só assim a gente pode tomar umas e outras fiado.

E, quem matou João Grande? Parece que foi mesmo um antigo colega meu de escola quem o matou. Era no entanto uma pessoa incapaz de matar uma mosca.

✲✲✲

E leição na Academia. **Electori, traditori.**

✲✲✲

O amor é um livro escrito no céu e impresso no inferno.

✲✲✲

*N*eve. Branca de Neve. Boneco de neve com crianças saltando em volta, bolinha de neve da história da formiguinha. Neve. Fofa brancura agasalhada na memória como um pássaro branco no seu ninho de penas brancas, e na distante infância se sumindo como uma nuvem muito branca. Neve. Enternecidas leituras encantadas: no passado mágico entressonhada neve nunca vista.

Um dia, nos Andes, homem feito, vi pela primeira vez neve. Alumbramento. Menino do sertão, que só de desenho de livro para crianças conhecia neve. Vi depois nos alpes os cumes nevados. A neve tão longe: muito branca. Afinal uma noite em Paris, onde não nevava fazia mais de vinte anos, acordei com a cidade coberta de neve. Como um espião fui espreitar no vidro da porta, o **balcon** estava todo ele debaixo duma floração branca, a neve à minha frente me esperando, querendo entrar. E a noite era só brancura e silêncio. Era mesmo uma noite branca, clara, como iluminada de um sol gelado. Escrevi sobre isso no **Subsidiário.** E disse que a noite branca de Paris me fez lembrar as noites brancas de Dostoievski. Isto bastou para que um bedel da crítica literária, intrometendo-se onde não era chamado no meu livro, ensaiasse uma gozação, apressado censor da minha ignorância em matéria de noite branca. Não dei a menor importância. Mantive no livro tudo como no nevado trecho estava no livro. Por duas vezes fui a Leningrado, na outrora São Petersburgo, onde viveu boa parte da vida e morreu Dostoievski. Conhecia de longa data a novela **Noites brancas**, e estava aliás amarelo de saber que "noites brancas" é o nome que em Leningrado se dá às noites na época do verão, em que o sol se deita às nove horas e se ergue à meia noite. Não precisava nenhum bedel da crítica literária, que nunca foi a Leningrado, vir me dizer isso como uma grande novidade. A minha noite branca de Paris eu chamei de branca porque era mesmo pura e simplesmente uma noite branca. E foi em sua brancura de insólita nevasca parisiense que em Paris me lembrei das noites brancas do verão de Leningrado. Porque inverno e verão, pelas linhas tortas de fenômenos atmosféricos diferentes, escrevem certo no céu a magia da noite branca. E aquela foi para mim uma noite sobretudo mágica.

✲✲✲

Juraci e os seus bilhetes, às vezes matinais bilhetes, que na minha mesa ao despertar encontro. Como este, de hoje: "- Herberto. Não quis acordar você. O suco e a pamplemousse estão na

geladeira. **Bonne chance.** Beijos, Juraci.'' Ela saíra para fazer umas pequenas compras. Quando voltou, eu já tinha tomado o meu **petit dejeuner**, com as complementares coisas deixadas por ela na geladeira. Perguntei-lhe: – por que "bonne chance''? Ela sorriu. Já esqueceu que tem hoje um encontro? Oh, eu tinha um encontro ... um encontro de (com perdão da palavra) trabalho. Mas o encontro que eu podia mais desejar era mesmo o encontro matinal nosso de cada dia, no todo dia da gente. E ali estávamos os dois mais uma vez juntos. Encontrados e reencontrados, na **bonne chance** de nós dois, pelos nossos 45 anos afora de casados.

***

Tinha meu pai em Andaraí um amigo, amigo da família, gente de casa, chamado... Não sei se devo escrever com todas as letras o nome dele; talvez seja melhor designá-lo apenas pela inicial do seu nome: **F** . Ele era um homem moreno, de grande bigode negro, dizia em voz baixa as coisas que tinha para dizer e quase nunca sorria. Toda vez que imaginava meu pai estar em perigo, **F** aparecia lá em casa, sentava-se à porta do sobrado, pousado nas asas do seu revólver, anjo-da-guarda intransferível, velando pela segurança nossa.

Graças a Deus nunca lhe foi preciso matar por nós. Mas uma vez um soldado quis entrar lá em casa e teve de voltar da porta quando viu que para lá entrar teria de entrar pisando no cadáver de **F**. Ou, o que seria mais provável, teria, antes de entrar, de virar defunto na porta do sobrado.

Um dia **F** abriu uma vendinha na Rua do Rapa Tição e vivia lá sossegado da vida, pitando em paz o seu cigarro, tomando em paz a sua pinga. Do outro lado da rua, quase em frente à vendinha dele, era a venda de... (terei também de suprimir o nome dessa pessoa, muito amiga aliás de meu pai, nesses velhos tempos velhos em que ele e **F** viveram, e em que eu mal começava a viver.) Bem... como eu ia dizendo, bem em frente à vendinha dele **F** era a venda de Seu **P** , aqui também designado pela inicial. Entrou um dia de repente na venda de Seu **P** um homem avalentoado, para tirar uma satisfação qualquer, relativa a garimpo. Seu

P era um homem velho, um homem doente. O tal homem avalentoado pôs-se a gritar com ele, e de repente, tomando gosto, pegou a tranca da porta, resolvido a no mínimo abrir no meio a cabeça do pobre do Seu **P**. Nisto, ouviu-se um tiro. E o homem da tranca caiu para um lado, e a tranca para o outro. O tiro entrou lá nele pela nuca e saiu pelo pé da goela. Seu **P** estava perplexo na beira do balcão, sem nada entender, sem nada saber. Depois ficou sabendo. **F**, amigo dele, quando ouviu a gritaria do homem avalentoado, correu à porta para ver o que era. E, vendo levantada no ar a tranca com que o outro (salvo engano) pretendia abrir no meio a cabeça de Seu **P**, resolveu salvar enquanto havia tempo o amigo, atirando com fé no agressor. Não precisou realmente para o eliminar senão de um tiro. Para um exímio atirador como **F** um tiro era mais do que suficiente para resolver - livrando a vontade de Deus - semelhante conjuntura de vida e morte.

Em sinal do nunca assaz louvado reconhecimento do salvador de sua vida, Seu **P** assumiu a culpa do crime. Deixou-se prender, entrou em júri, mas foi, com o amparo da justiça, posto em liberdade. Absolvição fácil. Legítima defesa. Matou para não morrer.

***

Cultura, "**Quando ouço falar em cultura, tenho vontade de puxar o revólver**". A frase é atribuída a Goebbels. Não a encontrei no diário dele, não sei onde ela está, como ou quando ele a teria proferido. Mas, de tão repetida durante os anos da Segunda Guerra, e sempre a ele atribuída, é possível que a frase seja mesmo dele. Outro dia um jornalista brasileiro em cujos artigos costumeiramente bons há sempre um lustre de citações literárias, numa aliás exibição olímpica de conhecimentos culturais, li que a frase era de Goering. Em verdade não é. A vulgaridade e a estupidez de Goering certamente o impediriam de formular uma frase como essa, que é no fundo um gracejo, a menos que ele a tomasse ao pé da letra. Mas isso ele também não faria, porque de uma ou de outra forma, com os exemplos da filosofia de Hei-

degger e da música de Richard Strauss, o nazismo também produziu cultura. Cultura lá para os arianos deles, mas, de toda maneira, cultura, já que no moderno conceito de cultura, que hoje grassa como uma peste no mundo - cultura é tudo.

A frase talvez seja mesmo de Goebbels, porque das figuras proeminentes do nazismo ele era a única capaz de inventá-la - se é que não é outra a origem da frase. Goebbels certamente fez mau uso da inteligência que tinha, mas era um homem muito inteligente. Segundo o insuspeitíssimo Shirer, ele foi um aluno brilhante na universidade. Revelou-se depois um orador de excepcionais recursos, embora o físico não o ajudasse muito. Era baixo, franzino, e claudicava de uma perna. Era extraordinariamente versátil, e tinha grande poder de persuasão; e também não lhe faltava senso de humor, como acontece às pessoas inteligentes. A frase: **"Quando ouço falar em cultura, tenho vontade de puxar o revólver"** - envolve um risonho desdém, um irônico ceticismo filosófico contra a cultura pela cultura, é quase uma piada. Ela só é séria numa coisa: na crítica ao institucionalismo oficial da cultura, com os seus habituais exageros e o seu aventureirismo mistificador.

Quando André Malraux inventou na França com o apoio de De Gaulle o Ministério da Cultura, Ionesco talvez tenha sido o intelectual que mais veementemente criticou em Paris a idéia de Malraux. Na famosa e rumorosa entrevista que concedeu ao **Figaro** (3.8.24), Ionesco fez esta advertência dramática e sábia: "La culture n'est pas une affaire d'Etat." E disse que quando via os homens de estado, políticos, diplomatas internacionais, com os seus volumosos **dossiers,** falando de cultura - "j'ai envie de sortir mon revolver''. O que em português, **verbo ad verbum** quer dizer que quando ele ouvia toda essa arenga oficial e política sobre cultura - "tinha vontade de puxar o revólver". Como na frase geralmente atribuída a Goebbels.

Enfim, para saber que proveito administrativo e prático pode trazer a um país a existência de um Ministério da Cultura autonomamente isolado de um Ministério da Educação, que é

em verdade o seu lado complementar e sólido numa peça única que naturalmente os liga, basta relacionar os países que, sem prejuízo em nenhum momento da sua cultura, não têm Ministério da Cultura. A título de colaboração vou citar dois: Grã-Bretanha e Estados Unidos.

Não tenho nenhuma simpatia por André Malraux. Sua literatura não me interessa. Como memória humana, era cabotino demais para o meu gosto.

No livro exaustivamente pesquisado e sensivelmente revelador que tem por título **A Rive Gauche**, fala Herbert R. Lottman, com apoio em Suzanne Chantal, da influência que sobre Malraux exerceu a sua amante Josette Cletis. Ela tudo fez para o manter afastado da militância política durante a ocupação, temendo que a "guerra o arrastasse de volta aos intelectuais fora do mundo, pederastas, malucos, gente que tem necessidade de ficar alta, de tomar drogas, de dormir por aí, fazer análise". É verdade que Malraux lutara romanticamente na Espanha contra Franco. Mas não era o único anti-fascista a fazer isso. Eu por exemplo conheci um camarada que lutou lá. E nunca fez cabedal disso. Malraux, que não podia como escritor perder a deixa badalativa, trouxe no entanto de lá um enorme livro que hoje ninguém mais lê: **L'espoir.** Na hora H da Resistência, Malraux era mais da desarriscada conversa nos cafés de Saint-Germain-de-Prés que propriamente de **la Résistence.** No Deux Magots e no café de Flore ele era sempre visto falando pelos cotovelos: afinal devia estar falando lindamente, **causeur** de faiscante brilho que era, segundo dizem.

Conta Herbert R. Lottman em seu citado livro que o lingüista Boris Vildé, funcionário do Museu do Homem em Paris, e criador na França de um dos primeiros grupos de resistentes, teve um encontro com Malraux, confiado em atraí-lo para a **Résistence.** Malraux perguntou-lhe: "Vocês têm armas?" O grupo de Vildé estava disposto a empregar todos os meios em sua luta, menos a ação armada. Com um sorriso de superior ironia, disse-lhe Malraux: "Tudo isso é muito bonito, mas não é sério." Foi o que

Boris Vildé, um idealista de fremente patriotismo, "contou a Jean Cassou e a outros membros de sua rede", segundo revela Lottman. Enfim, Malraux prometeu juntar-se à Resistência "quando os Estados Unidos entrassem na guerra". Por outras palavras: quando os americanos desembarcassem na França. Ficou realmente de fora, e pouco depois "Vildé foi apanhado e, juntamente com outros de sua rede, executado pelos alemães". Apoiado em Sperber, lembra Lottman que "Malraux recusou-se a escrever para qualquer publicação de Paris e não publicou na França ocupada". No entanto teve durante esse tempo ligações com escritores assumidamente facistas, como Drieu La Rochelle, embora este fosse um grande escritor. Drieu suicidou-se na Suíça, depois da libertação da França, para não ser fuzilado. Hoje a melhor crítica literária vem fazendo uma isenta e recuperadora justiça à sua obra. A amante de Malraux, Josette Cletis, dizia de Drieu La Rochelle: "Ele é tão bonito! Se todos os amigos de André fossem como ele..." Graças às ligações de Drieu com os alemães, Josette recebeu "permissão para sair de Paris com seu primeiro filho, em grande estilo, num casaco de marta e num vagão-dormitório - para ir encontrar-se com Malraux na Riviera." E Drieu foi padrinho do segundo filho dela. O mais estranho é que mais tarde, quando Malraux passou a participar da Resistência, "numa viagem que fez incógnito a Paris, Josette assustou-o telefonando para Drieu, a quem pediu para conseguir um encontro com ele". Realmente estranho: um escritor reconhecidamente fascista, e publicamente ligado aos alemães, receber um pedido para facilitar o encontro de uma mulher com um homem importante da Resistência que se achava em Paris. Só mesmo muita camaradagem.

Por fim, engajado já na Resistência, com a retaguarda garantida a partir do desembarque na Normandia, Malraux é feito prisioneiro pelos alemães, que **no entanto o abandonam** quando, forçados pelos aliados, batem em retirada. Pouco depois, na Paris libertada, Malraux era visto pelos cafés da Rive Gauche, "magro

e nervoso'', exibindo-se na sua farda de coronel. Assim constroem-se os mitos.

✲✲✲

Encontro num pedaço de papel esta anotação: **Waterloo Caillou-Balcon de V.Hugo.** Assim mesmo: fugaz, apressada anotação. Quase uma coisa cabalística. Porque Diabo tomei estas garatujadas e aparentemente enigmáticas notas, e onde, e quando? Antes de pôr fora o pedaço de papel, dei um balanço em minhas últimas andanças. Waterloo...Caillou... Já sei. Voltei a visitar pela segunda ou terceira vez Waterloo, depois que sobre Waterloo escrevi no **Subsidiário.** Quem o leu há de se lembrar. E, tendo revisitado Waterloo, numa das vezes com a minha filha Heloísa e os meus netos Fernanda e Pedro, encontrei fechado o museu napoleônico de Caillou. Fiquei puto dentro do capote (fazia frio).

Não pude mostrar o museu Caillou ao povinho meu que comigo de cicerone foi vê-lo e que eu tanto queria que o visse. Voltei outra vez, já então com Beto e Gina, pais de Pedro. Eles iriam ver por Pedro o museu. E viram. E... onde entra o **balcon de V. Hugo** da anotação? É que, no jardim, Beto descobriu o **balcon,** um pequeno balcão de ferro, ou mais brasileiramente dizendo - uma sacada, daquelas de sobrado brasileiro, só que era francesa. Precisamente a sacada do Hôtel des Colonnes, hoje desaparecido. Nesse hotel ficou hospedado Victor Hugo quando em 1861 foi a Waterloo escrever o capítulo em que no seu romance **Os Miseráveis** descreve a batalha. (Vale a pena reler essa estupenda página do grandiosamente genial folhetim hugoano). O hotel situava-se a dois passos da casa onde Napoleão instalou o seu quartel-general na véspera da batalha, hoje museu napoleônico de Caillou. Demolido o hotel, levaram para o museu o **balcon** ou sacada do quarto que Victor Hugo ocupou. E lá se encontra hoje essa relíquia, que no museu lembra Victor Hugo, enquanto fora do museu a sua estada em Waterloo é lembrada num belo monumento erigido em sua memória no lugar onde

havia o hotel. Museu é assim mesmo: a gente pensa que já viu tudo mas há sempre uma coisa para ver. Desde que haja olhos que saibam ver.

✲✲✲

Outro dia em Rozwadov, na fronteira da Tchecoslováquia com a Alemanha, estava tomando no bar um (graças a Deus) refrigerante, quando Juraci me disse assim - está nevando! E mostrou do outro lado da grande janela envidraçada a neve caindo lá fora. Como numa vitrine. Peguei a minha câmera e saí correndo para tirar umas fotos. A neve caía em alegres floquinhos, já cobrira o bagageiro na capota do meu carro, que naturalmente também ia todo ele sendo convenientemente nevado. O meu motorista fez duas ou três fotos minhas com uma floração de neve em cima de mim. Uma coisa simples, mas emocionante, porque este ano não tivemos neve em Paris como o ano passado, nem mesmo chegamos a ter em Paris um honesto inverno. Foi um "hiver dou", como dizem os franceses. Então, não tendo visto neve também em Praga, e imaginando que em matéria de inverno estávamos fechados para balanço, surpreendi no entanto um arremedo de neve em alguns trechos da estrada, até que em Rozwadov tivemos mesmo neve de verdade, ainda que de efêmera duração.

Em Paris, a Primavera esperava por nós, o verde voltando às árvores, o sol voltando ao céu. Peguei as minhas luvas e guardei na gaveta.

✲✲✲

Aqui em Paris perdi três ou quatro luvas, sempre no táxi, por fatal distração ou esquecimento fatal, e sempre desencontrando o par. É esta aliás a forma mais desagradável de perdê-las, porque nunca mais vamos perder digamos outra, para que com a que sobrar completar o desfechado par. Antes perder de uma vez o par, às duas de uma vez.

Todas as vezes que perdi aqui em Paris uma luva foi sempre (salvo engano) em táxi. Tirei a luva para pagar o táxi, porque de

luva nunca consegui tirar do bolso ou da carteira o dinheiro, e quando do táxi afinal saí deixei com o motorista o dinheiro, e no táxi a luva. E fiquei naturalmente puto dentro do **manteau** e fora da luva.

Com o tempo descobri que não era só brasileiro morando em Paris que em Paris perdia luva. Muitos franceses me confessaram haver perdido em diferentes ocasiões suas luvas. Às vezes, as duas, o par. Outras vezes apenas uma, o que equivale a perder as duas. No colégio as mamães parisienses prendem a uma corrente as luvas dos filhotes para que estes - com muito mais razão que os adultos - não as percam. E dá certo. Cheguei a pensar nessa solução colegial. Mas já estava muito velho para infantilmente me acorrentar a qualquer coisa para não perdê-la. E, embora jurando nunca mais reincidir no uso de luvas cada vez que perdia as minhas, acabei sempre quebrando a jura e voltando teimosamente às luvas. Tive porém o bom senso de ultimamente só comprar luvas baratas. De tricô. Além de mais baratas são mais cômodas. E aquecem tanto quanto as de couro ou as de material que ingloriamente se faz passar por couro para enganar os trouxas.

✲✲✲

Lisboa, dia útil começando. Sai povo apressado da **gare** do Rossio. Correndo. E a calçada se enche, e vai e vai e o Rossio todo se enche desse apressado povo matinal. Povo correndo. Fingindo que está trabalhando. Ou pensando que está trabalhando. O que é pior.

✲✲✲

Eu já conhecia a União Soviética. Em verdade a União Soviética me conhecia mais do que eu a ela. Por causa da tradução russa do meu romance **Cascalho**, que em russo se chama **Iskateli Almazov** e que lá se editou com uma tiragem inicial de cinqüenta mil exemplares. **Iskateli Almazov** quer dizer (eu soube depois) **Os que buscam diamantes**. Um bonito título. Mais bonito mesmo que **Cascalho**, mais bonito que qualquer outro título dos que

em diferentes línguas se editou até hoje o meu velho romance de estréia. Eu já conhecia como ia dizendo a União Soviética. Conhecia Leningrado, em inesquecível viagem feita a partir de Estocolmo, de navio, no navio soviético leninamente chamado **Illitch**. Viagem pelo Báltico, com luar, e o mar dando uma de lago nórdico. Estava mesmo o Báltico naqueles dias e noites um mar de almirante. Algum dia, não agora, ainda vou escrever algumas mal traçadas linhas sobre essa viagem a Leningrado que fiz com Juraci e de que ela gostou tanto. Ela achou Leningrado linda. E é mesmo linda. Fui a Leningrado, mas a Moscou nunca tinha ido. Fui. Rebelo me havia dito, nos dias aqueles de convivial amizade nossa que os anos não trazem mais, que Moscou era uma cidade feia. Só em parte o meu inesquecível amigo talvez tivesse razão. Moscou, digamos a nova Moscou, é uma cidade construída pelo estado, dentro de rígidos planos e ásperos dias de economia de governo, debaixo das maiores deslealdades e incompreensões de um geral cerco internacional de política anti-russa. Tinha pois Moscou de ser o que é: uma severa cidade geométrica, com sólidos prédios perfilados fazendo continência à passagem das imensas avenidas que entre eles vão e vão rasgando no seu asfaltado chão perspectivas sem fim, até desembocarem no que parece o infinito. Numa parada de ônibus que há no infinito. Alguém disse que Moscou lembra Brasília. Não lembra não. Por causa das construções também estatais da Novacap? Não e não. Prédio da Novacap é em sua grande maioria uma coisa frágil, espécie de brinquedo de morar. O cidadão - sobretudo a cidadã - vai ao banheiro e fica morrendo de vergonha do vizinho. Se soltar um traque, o vizinho certamente vai ouvir. E talvez até mesmo sentir o desodor. Em Moscou tudo é grandiosamente sólido em sua arquitetura, que, se tem com Brasília (sempre mal comparando), alguma coisa em comum, é a sua monotonia. Enfim, o que há de belo em Moscou é o que de belo havia em Moscou no tempo dos czares. São os seus esplendorosos palácios, são os seus miríficos templos ortodoxos, em cujos zimbórios dourados o Sol vem pousar e neles dourando fica: como num

ninho. Os zimbórios dos templos de Moscou são mesmo os ninhos do Sol. A Revolução teve o bom gosto de preservar toda essa incomparável riqueza d'arte e de cultura antes de mais nada russa, e além de preservá-la soube conservá-la, e sabe mantê-la: o que foi do czar era da Rússia e só da Rússia é. Indescritivelmente belo, fantasticamente belo, porque é de uma beleza irreal de sonho, é o Kremlin, onde por duas vezes estive, levado ou mesmo arrastado pelo destino num dos seus caprichos imponderáveis. Os palácios da Rússia são mais belos que os palácios da França. Aqui em Paris a ensandecida Revolução quase acaba ensandecidamente com tudo, destruição e fúria movidas a discursos demagógicos e em muitos casos insinceros e possivelmente estúpidos. Aqui em Paris, a multidão desenfreadamente libertária e atiçada de ódios destruiu por exemplo a Bastilha, um monumento de arquitetura medieval, na ilusão inglória de que destruindo-a destruía ao mesmo tempo a opressão que ela aparentemente simbolizava. Dentro da Bastilha, onde supunham encontrar centenas de prisioneiros injustamente condenados, havia apenas, para surpresa da multidão ruidosamente punitiva, seis ou oito prisioneiros comuns, sendo dois deles umas infelizes criaturas dementes. Da Bastilha resta hoje apenas na praça xará da bela fortaleza de sinistra história, o obelisco que lá está: obelisco que na desmemória das gentes, com indiferença de resto natural e comum, em verdade bem pouco ou nada diz da Bastilha. Não se pode substituir com vantagem para a história uma fortaleza por um obelisco, como não se pode substituir com vantagem para o corpo uma cabeça por um chapéu.

Enquanto isso em Leningrado a fortaleza Pedro e Paulo, que seria digamos a Bastilha russa, onde esteve preso Maximo Gorki e esteve preso Dostoievski e onde centenas de prisioneiros políticos encontraram morte truculenta, continua no mesmo lugar do seu antigamente histórico: à margem do Neva, monumento de arte e arquitetura, catedral e ao mesmo tempo prisão, com a sua esplendorosa flecha e o seu dourado zimbório olhando do alto a cidade de Lenin e da Revolução. Milhares de turistas da própria

Rússia e do mundo inteiro a visitam. É uma das atrações históricas da cidade. Agora,vamos imaginar se a houvessem destruído nos dias de fúria revolucionária, substituindo a fortaleza Pedro e Paulo por um obelisco. Qual era o obelisco, por mais obelisco que fosse, que podia com vantagem substituí-la em seu interesse histórico e cultural? Em todo o caso, não fique triste a Praça da Bastilha. Ela terá a sua compensação. Vem por aí a **Opéra de la Bastille** inventada pelo esfuziante ministro da Cultura Jack Lang, com teatro, cinema, circo, café concerto, jogos e diversões, além da ópera propriamente dita, tudo funcionando junto, inquilinos do mesmo mafuá que vai em Paris alegrar os dias e noites da Bastilha.

✲✲✲

Em Rabat, no Chella Hotel, falo pelo telefone com Paulo Renato, nosso encarregado de negócios na capital do Marrocos. (Fazia vários dias eu perambulava pelo Marrocos, sonhando acordado as 1.001 noites desse fascinante país.) Paulo vem por dentro da noite ardente, estrelada de sons exóticos, me buscar no hotel. Com o seu aboio de brasílico pastoreio me tira de cima dos meus camelos. Deixo o meu cortejo de tuaregues e saio com Paulo. Era como se eu estivesse indo para casa. Só que por um momento apenas. Paulo me leva para jantar num palacial restaurante marroquino de todos os luxos e de todas as estrelas. Música marroquina. Comida marroquina. Em verdade estávamos no Marrocos. Continuávamos no Marrocos, ali à nossa volta, caravana e nuvem, deserto e colheita, povo de artesãos e de artistas, presente no seu tempo histórico e na eternidade de sua cultura. O marroquino tem a vocação da autenticidade. Não faz por menos: nasceu para ser marroquino. O marroquino é um povo que preserva ciosamente - sacralmente - os seus hábitos, os seus costumes e a sua religião. Para ele a religião não é apenas uma religião, que o pessoal vai levando por aí, na base do programa. O marroquino é um muçulmano. E para o muçulmano a religião é uma coisa séria: é um ato de plena e consciente submissão a Deus.

No Marrocos religião e tradição confundem-se. Elas têm uma origem sacral comum no Alcorão. Do Alcorão emana a tradição, que o marroquino preserva e cumpre. A "tradição", ou **Sunna**, resguardando narrativas por vezes lendárias da vida de Maomé, elucida pontos obscuros do Alcorão, completa e esclarece preceitos nele contidos, além de tratar de assuntos da vida cotidiana, no dia-a-dia do marroquino. O seus hábitos de mesa são moderados. Mesmo num restaurante de luxo, como esse aonde Paulo Renato nos levou a Juraci e a mim para jantar, o cardápio honrava a tradição da cozinha marroquina, à base de legumes, sêmola de cuscuz, galinha, carneiro, frutas, leite. Por frutas deduza-se: laranjas, figos, tâmaras. Quase nada de queijos. Em lugar de café, chá **à la menthe** (hortelã), que se serve já adoçado. Carne de porco não tem vez nem hora. A religião proíbe. No entanto a simplicidade islâmica da cozinha marroquina não exclui o requinte de certos pratos de complicada preparação, de que é exemplo a **pastilla**, que comemos no jantar de Paulo Renato. Rita Carneiro, executiva e bonitona portuguesa, que nos fazia companhia à mesa e a enfeitava, foi quem nos sugeriu a **pastilla**, até então para nós um enigma, mas não para ela, que divide ao meio o seu tempo e os seus negócios entre Portugal e o Marrocos. A **pastilla** é uma exótica comezaina meio doce, meio salgada, feita de uma erudita e astuta pasta folheada recheada de pombo picado, ovos, passas, amêndoas, especiarias, e salpicada de açúcar e canela. Só não é um tiro porque é gostosa. Comemos, gostamos, e até prova em contrário não morremos.

Lembre-se que na cozinha marroquina há a **diffa**, ou grande refeição, servida meticulosamente em grandes recipientes, redondos e de cobre, ou de prata, ou de outros materiais (inclusive cestos), cobertos com uma tampa cônica, que lhe dá um ar ambíguo de chaminé. Servida sempre em mesa baixa, a **diffa** é uma refeição que se come em grupo, em prato comum, com a mão. Ou como diz o marroquino - com o "garfo de Adão". As pessoas que servem à mesa trazem previamente água num serviço de jarra e bacia de cobre, para os convidados um a um purificarem os dedos antes da refeição. Comer com a mão, aliás, é um modo de dizer, porque realmente o marroquino para comer a **diffa** usa

apenas três dedos: o polegar, o indicador e o médio. É mesmo uma coisa ritualística.

Eu não tive nenhuma experiência de **diffa.** Se fosse o caso, não haveria problema. Em Andaraí, minha terra natal, pelo menos no meu tempo, nos piqueniques ou cozinhados, era hábito comer-se feijoada com a mão, e em recipiente comum (em geral uma gamela), com a vantagem embora não ritualística de fazê-lo com os cinco dedos e de lavar a mão no rio.

Mas, voltemos ao jantar de Paulo Renato. Durante o jantar e correndo emparelhado com ele desdobrou-se um desfile interminável de números musicais e de canto, além de acrobacias de salão, a cargo de um incrível contorcionista que dava no ar uma espécie de nó em si mesmo. Como se não bastasse, o contorcionista tirou do bolso como se brinquedos fossem umas invenções mágicas de equilibrismo, jogos de bandejas de cobre girando como cataventos de fogo, e uns copos cheios de água, que cheios de água no entanto continuavam quando rodados no ar como engatados numa hélice, sem derramar uma gota sequer no tapete **berbére** de tenda, sem a tenda. Tudo isso acompanhado do incessante repique dos **bendirs,** tambores de uma nervosa sonoridade e de um frêmito modulado de ritmo, tocados pela orquestra marroquina que num estrado se apresentava em seus chambrões típicos - os **djallabas.**

Ia escrevendo a palavra **show,** mas a tempo fui cuspi-la na latrina, e aqui estou de novo, de boca limpa, refrescada com um sucoso gole de suco de laranja marroquina, para dizer que no restaurante onde jantávamos a exibição artística teve um fluxo ininterrupto de atrações, sempre ao som da mesma orquestra, ou grupo musical típico, com os seus instrumentos simples e toscos - a **awada,** ou flauta de bambu, a **rabab,** espécie de viola medieval, em geral de duas cordas, o **guembri,** pequena guitarra semi-esférica, além do **bendir.**

De repente, eis que entra uma bailarina coberta de medalhas cintilantes, que sob o efeito dos meneios sensuais do corpo lhe dão aos braços e coxas umas festivas ondulações douradas. Porém

o ventre se mantém lisamente nu e imóvel, como uma bandeja. No entanto em sua nudez estática o ventre entra logo a mover-se, e as ondulações nele se vão concentrando pouco a pouco nos harpejos de uma carnação musical e moça. Tinha início a famosa dança do ventre. O corpo da bailarina vai parando e parando vai, até parar de todo. Só o ventre dança.

Eu já tinha a essa altura e a bem da verdade pago a minha cota de dança do ventre. A primeira vez foi numa já velha visita a Istambul, de volta de um Irã mais docemente islâmico que o de Khomeiny. Depois, ainda em Istambul, num repeteco aliás nostalgicamente evocativo de uma valsa brasileira de Sílvio Caldas com letra ou palavras de Orestes Barbosa, cantando a moreneza de uma certa **Turca do meu Brasil** - lá veio outra dança do ventre. Na valsa o poeta falava da sua amada, "uma linda mulher de voz rouca", que tinha "o Oriente na boca", e a quem ele carinhosamente chamava "Turca", a sua turca, "turca do meu Brasil". E na valsa falava ainda o poeta de um sonho que teve, um sonho com um lago dentro, e "ao centro um repuxo, a interrogar para o azul" - se era assim como a sua amada "as morenas mais lindas lá de Istambul". Depois, foi mesmo no Marrocos, em Fés, Marrakesh, e agora e por enquanto ali em Rabat, pois outra dança do ventre - mal sabia eu - estava me aguardando em Meknés. Livres todavia Beni-Meliel, Essaouira e Agadir, cidades onde também fiz pernoites marroquinos. Em verdade nada tenho contra essa dança intestinal. Apenas, em matéria de ventre, prefiro o ventre que a gente leva para casa como um ursinho de pelúcia e fica alisando com a mão. E se o caso é só para olhar, ao ventre dançarino prefiro ainda o ventre imóvel das esculturas desvestidas.

E ia pelo prefácio do jantar do Paulo Rènato, atacando de leve a minha **harrire**, que como não sabe o leitor é uma sopa à base de caldo de carne, à qual se acrescentam favas, grão de bico, lentilhas, legumes frescos, cebola, ovos, farinha, gengibre, coentro, açafrão, pimenta, manteiga... e se não me falha a memória, creio que mais nada - quando da orquestra, que em nenhum momento deixou de produzir com os seus trêmulos de flauta e

viola uma espécie de fumaça musical e aromática saindo de um braseiro de cobre, emergiu uma voz ardente de mulher, uma coisa assim diferente, não sei mesmo se voz, se um simples som, talvez uma flor sonora desabrochando. Voltei-me para ver o que era. E até hoje não sei se o que vi, vi bem. Uma aparição? Sei lá... Foi uma inesperada coisa, uma súbita mulher alta de alto a baixo vestida de branco. Não com a veste feminina típica do Marrocos, o **caftan**, que em seu espaçoso corte cobre disfarçando formas por vezes generosas, largos quadris orientais, coxas de florescente carnação. O contrário é que foi: um esguio robe de compridas mangas, em folhos perpendiculares de coluna vestindo a mulher alta e erecta, graciosa coluna ela própria, em seu talhe de palmeira de oásis. Era uma mulher de tez entre moreno-escuro e negra, lindo rosto de clareado ébano, traços finos e heráldicos de camafeu. Cabelos em frocos de seda, cortados à altura das espáduas, que a imaculada veste branca e inteira ocultava rente ao pescoço, na gola rasa. Um decote vertical, insinuando-se do pescoço até o umbigo, entreabria-se discretamente, num corte de gume de alfange.

Eu a olhava, num enlevo, e num enlevo a ouvia. Ela cantava não sei se em árabe, se em berbére, essa misteriosa língua não escrita, largamente falada em todo o Marrocos. Eu não sabia distinguir uma língua da outra, não entendia nada em nenhuma delas. Isto me dava a vantagem de não ouvir nem naturalmente entender - se fosse o caso, possíveis tolices de uma possível letra tola em português, tipo aquela herética burrice trocadilhesca do "pai, afasta de mim esse cálice", da música brasileira de protesto, que de resto não servindo à música popular brasileira, não servia ao repertório dos autores, nem servia ao protesto. Sim, a língua era o **berbére**, me esclareceu um amigo francês de Paulo Renato, radicadíssimo no Marrocos, que conosco esteve e cujo nome infelizmente não guardei, e que dele francês, só presencialmente me lembrando agora, deixei antes de citar entre os que estavam à mesa. E foi bom, foi mesmo bom demais, ouvir na voz da mulher de branco a língua em que ela cantava, língua **berbére**

sem escola nem mestre, dádiva de Deus aos povos nômades da montanha e da planície, seu código de unidade e sua alma, música e prece, grito e praga, livre como o vento, língua doce de ouvir mesmo sem entender, em seu fascínio solar e em seu noturno mistério.

A mulher cantava, eu a ouvia. E o que nela mais me impressionava era o porte hierático do seu canto: a moldura grave e bela de sua voz. Parecia uma sacerdotisa cantando. Dentro do seu longo robe branco, que das espáduas aos pés a cobria, ela como se escondia de si mesma, mal deixando adivinhar o arrulhar assustado dos seios, numa espécie de recato fremente. Tinha uma imobilidade de estátua. Mesmo quando o ritmo da música era mais vivo, ela não fazia um movimento, não esboçava um gesto, para o acompanhar ou para o marcar. Só as suas mãos moviam-se. A índole alegre de alguns números que ela cantava me era revelada pela luz do seu sorriso, que iluminava as palavras que eu não entendia, mas que então a tornavam de uma clareza radiosa, feita de brejeirice e graça. Vendo-a sorrir, eu tudo entendia. E me alegrava com a alegria do seu sorrir, que clareava a canção que ela cantava. As mãos... as mãos moviam-se todo tempo, fosse alegre a música, fosse a música triste, só mesmo as suas mãos se moviam, desabrochadas das longas mangas muito largas do robe, que lhe cobrindo os pulsos pendiam-lhe dos braços erguidos abaixo do decote, na idéia inesperada e caprichosa de uma oferenda ritualística. Mas havia, nesses gestos das mãos estendidas, ora o dorso, ora a palma, uma tão nítida ordem de movimento dos dedos, que por um momento imaginei que a cantora, em sua apresentação tão impregnada de exotismo e mistério, também se exprimia por uma espécie de código gestual, que lhe completava o canto e o ilustrava. Era como se ela tangesse com os dedos, seguindo uma pauta musical escrita no ar, as invisíveis cordas de um instrumento invisível. Sim, nada daquilo devia ser gratuito: cada gesto haveria de ter uma função, cada mover de dedo uma significação, no contexto da comunicação da cantora com o seu público. E já agora não era

apenas o exotismo da artista que me seduzia, mas também o segredo desafiante da mulher. O lado secreto dela. Talvez a sua alma. Ou simplesmente o seu amor.

E de repente ela abandona o palco. Atônito, eu mal pude bater umas espaçadas e perplexas palmas. Será que ela voltaria a cantar ainda naquela noite, voltaria eu a vê-la? Sou mesmo um animal romântico, um incurável sonhador, que se compraz em deixar de fazer o que podia ter feito, para deixando de o fazer na hora, não poder fazê-lo depois. Com a ajuda do meu anfitrião Paulo Renato, de resto uma autoridade diplomática brasileira, eu teria conseguido facilmente ir até o camarim da cantora e: 1) cumprimentá-la, arranjando assim um bom pretexto para ainda que momentaneamente tomar entre as minhas a mão dela; 2) beijá-la, quem sabe, no rosto, embora correndo o risco de dar uma mancada transgredindo o Corão; 3)dizer-lhe, com a ajuda do amigo marroquino de Paulo Renato, que ela me causara uma impressão maravilhosa, que eu tinha adorado a sua apresentação, ou outra tolice qualquer desse gênero. Depois, ia para o hotel dormir, e estava encerrado o programa da noite marroquina de Rabat. Em vez disso, dessas tão simples e inconseqüentes coisas, de resto tão ao alcance de minha pessoa, fui para o hotel dormir, mas só na esperança, porque fiquei a noite toda pensando na misteriosa mulher e arquitetando o seguinte e nada econômico plano: 1) voltar a Paris, pois havia uma data marcada para a volta, e uma vez em Paris pegar um avião e voltar a Rabá (de onde eu partiria no dia seguinte creio que para Fés); 2) tomar um apartamento no luxuoso hotel onde ela cantava e 3)atirar-me perdidamente nos seus braços. Caí porém na realidade e descobri que tão louco programa não se fazia apenas com otimismo, mas sobretudo com dinheiro. E que dinheiro para isso eu não tinha. Ainda bem que eu não precisava pagar nada para me lembrar da linda e estranha marroquina e sonhar com ela. O sonho é a melhor coisa que a gente tem de graça, sem desfazer das outras boas coisas que

de graça Deus nos dá. Por exemplo: a chuva molhando um jardim. Ou o Sol enfeitando uma manhã de domingo.

✲✲✲

Agadir. Esse nome grudou na minha lembrança como numa vidraça de automóvel gruda um adesivo colorido com rodinhas vermelhas e amarelas dentro e uma palmeira no canto. Aliás, uma tamareira. A razão é mesmo uma só, a dita razão em causa, esta: uma velha novela de TV chamada **O "sheik" de Agadir**, fofoca de nazistas e tuaregues, com franceses e camelos pelo meio, e ao fundo o deserto. Suposto local do crime: Marrocos. Anos e anos depois, quando num avião da Royal Air Morroc me mandei para o Marrocos marroquino, o meu primeiro pouso foi exatamente Agadir: o nome estava escrito na parede do aeroporto. Não era um sonho novelesco. Era uma realidade geográfica. Me lembrei da novela, fiquei reconstituindo mentalmente cenas da novela, sem quê nem pra quê. Talvez só para curtir uma saudade tola. (A gente sente saudade de tudo, saudade é a coisa mais sem-vergonha que existe). O que de Agadir resta hoje em Agadir é bem pouco. Um terremoto que não estava no programa virou pelo avesso a velha cidade velha, e em cima dela só ficaram mesmo os cacos desservidos, que aliás já removeram de lá. Hoje lá está uma cidade moderna, à beira-mar replantada, com praias internacionais de turismo clubístico e hoteleiro, suplementadas por piscinas pra nenhum hóspede sem o que fazer botar defeito. No entanto o marroquino de Agadir, com o devido respeito pelo terremoto, continuou marroquino. Maomé é grande. E assim em Agadir o marroquino de Agadir continuou a cantar as suas canções marroquinas, a vestir as suas roupas marroquinas, a fazer os seus tapetes marroquinos. Aliás eu trouxe de lá dois bonitos tapetes, um deles nas cores clássicas do **berbére**, o azulino azul de anil em campo branco, todo em feitio de uma espessa fofura de velocino. E nas ruínas do **casbah**, a antiga fortaleza que do alto do morro montava guarda à cidade antiga, subi na ondeante corcova de um camelo, com dois tuaregues montando por sua vez

guarda à minha integridade brasileira e física. Dois tuaregues. De turbante e manto, sem macaqueação roqueira de **jeans** e tênis. Fiquei me lembrando de São Pedro da Aldeia,que dentro da descaracterização geral e do desvergonhamento cultural da brava gente brasileira vai deixando cada vez mais de ser um burgo lacustre fluminense para ser uma **village** ribeirinha dos arredores do Rio. É triste demais, se não fosse ridículo demais.

A primeira cidade que a gente saindo de ônibus de Agadir (infelizmente não lhe guardei o nome) encontra é uma cidadezinha toda branca, cubos e mais cubos brancos branquinhos, reunidos como um rebanho de carneiros no chão ocre do Marrocos. Uma graça, uma coisa linda.

E foi mesmo o que eu disse ao vê-la:

– Que coisa linda!

Fiquei olhando: tudo branquinho. Repeti de mim comigo: **Que coisa linda!** E num inesperado arrebatamento fúnebre:

– Até parece um cemitério.

***

A moda dos que se casam e se descasam. Numa boa. Contrai o homem uma amante (que em geral já o foi no mínimo de dois outros antes dele) e toma a fácil decisão suprema: larga a esposa e assume consorcialmente a amante. Fica rindo para as paredes. Machão tá ali. Entra para o clube. Pega o surfe da moda descasadora.Ô bicho bão!

Ledo engano. Só faz em verdade o desinfeliz, já com sinais de calvice e barriguinha tipo bunda de frente, perder a um só tempo a esposa e a amante, que se tranforma no híbrido social da ex-amante e esposa **ad hoc**, com os filhos do marido sem saber como vão tratar o estranho que não é seu pai, embora seja o homem de sua mãe.

Uma ocasião vi no Colégio São Vicente de Paulo (no pátio do recreio) um garoto dizer aos coleguinhas, apontando um sujeito que ia passando com uma dona:

– Aquele cara já foi meu pai.

Provavelmente o garoto apontava para um sujeito pelo qual a mãezinha dele trocara o marido, que no entanto substituíra por um terceiro amigo dela, promovido por sua vez a terceiro marido. O garoto, na precariedade do seu relacionamento filial, tivera assim três sujeitos fazendo o papel de pai dele em três diferentes ocasiões. Pela ordem, o primeiro homem da mamãe era mesmo o pai dele; o terceiro estava sendo; e o segundo, por exclusão, era o cara que já tinha sido pai dele.

Em certos casos, pode haver ainda mais pais. Mas a dedução será sempre a mesma.

No romance de Camilo **A caveira da mártir** há o conselho que Paulo dá a seu irmão Francisco, que vem a talho de foice como fecho destas minhas reflexões: "Não a faças absolutamente tua, se a queres amar, não sujeites à tua dependência do pão e do vestido, se queres que ela te ame".

***

Recebo de Londres carta de Antonio Olinto acompanhada da cópia de um artigo que escreveu sobre o meu romance **Na relva da tua lembrança** e que será publicado em cinco ou seis jornais do Brasil. No Rio sairá no **Jornal do Comércio**.

Antonio Olinto já escreveu várias vezes sobre mim e aos seus artigos anteriores, sempre tão simpáticos e mesmo exageradamente simpáticos, vem juntar-se agora este que ele intitulou - **Herberto, o chicoteador**. E explica o título dizendo que "nenhum outro escritor brasileiro chegou ao ponto de realmente expulsar os vendilhões do templo". E continua: "Nenhum outro pegou do chicote para castigar os costumes e as baixezas das gentes. Nenhum outro (vai dizendo Antonio Olinto) como Herberto Sales. Há quase meio século vem ele combatendo os vazios protocolos da vida, numa obra literária que se firmou como um trabalho chicoteador por excelência". Mais adiante diz ele de mim e do meu possível chicote (**hélas**!): - "Em **Minigênio** chicoteou sofisticados e falsos métodos pedagógicos e toda uma filosofia

de robotização da sociedade humana. Em **O fruto do vosso ventre** essa mesma planificação agora aplicada à fonte da vida, foi biblicamente chicoteada. Em alguns dos seus contos, analisou os motoqueiros "montados no barulho" e abateu outros **mores** dos últimos cinqüenta anos. Veio então **A porta de chifre** em que o chicote caiu violento sobre o problema da Amazônia, hoje na moda, necessariamente na moda, embora também com sua nudez bilateral". E chegando afinal a meu último romance: - "O mais recente romance de Herberto Sales, **Na relva da tua lembrança**, é a obra-prima do chicoteamento rebelde. Nele, surge o autor com estilo poeticamente castigante, enternecido e violento, para abalar outro aspecto de uma sociedade que perdeu o respeito de si mesma. O livro é de absoluta sabedoria literária. E de absoluta sabedoria em si. Desde a apresentação das personagens, todos velhos, até o desenvolvimento da história, a narrativa flui soberanamente. Mas flui chicoteando e castigando. O ato de chicotear é agora mais firme e forte precisamente por causa do tom geral de poesia que permeia o livro. O contraste entre a realidade que ele quer revelar e o modo como o personagem analisa e sofre essa realidade dá maior clareza à denúncia e ao pensamento ao chicoteamento de cada capítulo".

E terminando:

"Não me consta haja esse livro de Herberto Sales chamado a atenção dos órgãos literários. É que a atenção maior dessa faixa se faz com muito Ibope e com a costumeira dose de sectarismo, e o rebelde muito dificilmente pertence a um setor definido, capaz de não ser atingido pelo chicote geral. Vejo, contudo, em **Na relva da tua lembrança** um romance novo na literatura brasileira, uma renovada e necessária utilização do chicote rotativo de Herberto Sales. É um livro de jovem."

Pois é.

***

Não gosto dela. É tudo. Tudo foi assim desde a primeira hora, e assim será até a hora derradeira.

✲✲✲

Em Bangkok a natureza tropical da Tailândia, com os seus canais fluviais, chamados *klongs*, lembra o nosso Amazonas, sua paisagem, sua gente, o convívio do homem com a água, no universo do seu rio. Mas no Amazonas há a desolação das enormes distâncias quase infindas, isolando o caboclo no deserto fluvial,onde o rio feito de rios cria nas margens remotas a fusão do oásis e da miragem. Em Bangkok, ao contrário, nos **klongs**, a água é um mundo comunitário, rua e caminho do povo, na intensa movimentação do seu mercado flutuante. Centenas e centenas de canoas vêm e vão pelos canais, carregadas de verdes verduras e de alegres frutas em desfile. São em geral essas canoas conduzidas por mulheres, na graça colorida e viva das suas vestes típicas, que se completam com o chapéu de palha de exótico formato, tão diferente dos rasos cones achatados dos seus congêneres chineses e japoneses. Em sua imponente armação o chapéu tailandês é de uma linha alteada de coroa, no arremedo floral de uma tulipa emborcada. É uma agitação cordial de feira o que se vê por toda parte, sobre uma esteira de larga água mansa, que essa movimentada gente aquática vai sulcando com as suas canoas de feirantes, abrindo com os seus remos os seus rumos n'água. No barco que aluguei ia eu acompanhando encantado a atividade desse operoso, concorrido povo ribeirinho, que percorrendo com as suas canoas os **klongs** neles se espalha numa frota fluvial de abastecimento miúdo, que compõe e aciona o grande mercado flutuante de Bangkok. Há um cheiro de frutas no ar, um cheiro dourado de fruta tomando sol, abacaxi, sapoti, goiaba, melão, um doce cheiro misturado de cheiros, enfim, porque assim, um cheiro tropical inacreditavelmente do Brasil brasileiro da gente, no distante outro lado do mundo de Deus. Um cheiro de saudade.

Vou costeando no meu barco à margem direita do **klong**, e vejo a gente ribeirinha vivendo no seu mundo a sua vida, no comércio das canoas de feirantes que aqui e ali vão aportando, para logo se afastarem e irem aportar adiante, povo que vende e povo que compra, reunindo como em família, e em família negociando, sem briga de família. Mas há também nas margens tabuados improvisados em cais,com pequenos restaurantes, e

barracas onde se encontram umas mil coisas várias de comércio popular, tudo com a água ali ao pé, dócil dorso de bicho de estimação, que vive e dorme com as gentes. Nas cabanas de beira-rio os moradores têm mesmo essa relação de intimidade com a água, a água é como uma pessoa da família, que entra quando quer em casa sem pedir licença, vai chegando e vai entrando. As mulheres vêm para a porta das cabanas e lavam a roupa ali mesmo, e aproveitam a água para também se banharem, enquanto na água as crianças brincam de nadar. A vida nos **klongs** vai todavia perdendo essa doçura de paz anfíbia, de paraíso de gente e água vivendo na camaradagem com a natureza, porque as canoas ecológicas vão cedendo já lugar às lanchas motorizadas. O ronco do motor de popa é já hoje um contraponto intruso na música dos pregões ribeirinhos. E quando a lancha passa, e em velocidade vai rabeando o seu ronco, a água mansa é dilacerada em sua mansa superfície, e em ondas invade e tumultua o bem-bom da rotina de singela tranqüilidade das margens e do seu povo. Exatamente como uma bomba num viveiro de pássaros. Ou, mais propriamente, como uma bomba num aquário.

***

*L*isboa. Saio cedo, vou à livraria Bertrand. Em minha última viagem a Lisboa comprei um livro de Jacinto do Prado Coelho. Obra em dois volumes. Em Paris, quando ali chegaram os livros que da Bertrand enviei pelo correio, descobri que faltava o 1º volume. De novo em Lisboa, a caminho dos Açores, para assistir em Ponta Delgada, no Dia Nacional dos portugueses, a solenidade da entrega pelo presidente Mário Soares do Prêmio Camões a Miguel Torga, fui buscar na Bertrand o volume que me faltava. Estava esgotado. Só havia o 2º volume. Devolvi o que eu comprara, trocando-o por uns Camilos que eu ainda não conhecia. Para acerto de contas comprei um exemplar (o único que lá havia em sua edição portuguesa) do meu romance **Dados biográficos do finado Marcelino**, completando em escudos a diferença. Quando chego ao hotel Tivoli, encontro um bilhete de Marcos

Vilaça, que na manhã essa transitou por Lisboa. O bilhete assim dizia: "Herberto querido: passo aqui; vou a Berlim, você vai aos Açores. Um abraço".

Ora, vai Marcos Vilaça a Berlim, onde aliás estive a semana passada, de volta de uma viagem de automóvel que começou exatamente na Alemanha (Munique), entrou pela Áustria, saiu pela Hungria, pegou depois a Polônia, passando pela Tchecoslováquia, reentrou na Alemanha (Berlim e Colonia), para finalmente terminar em Paris. Que adiantarão essas minhas andanças pelos caminhos do mundo? que resultará delas? Talvez elas só tendam a produzir mesmo uns escassos dividendos de vivência (com perdão da má palavra) cultural. Más, pensando bem, talvez só fique mesmo delas o cansaço. E com o cansaço umas despatriadas saudades em feitio de cartão postal.

⁂

Centenário da Torre Eiffel. Profusão de fogos. Profusão de povo. Mais povo do que fogos.

⁂

Livro de bolso, **pocket book, livre de poche, taschenbuch**, e assim por diante, mundo a fora em língua vária. É possível que a popularidade desse tipo de edição - e a sua voga internacional - tenha começado depois da até agora salvo engano Segunda Guerra Mundial, via USA. Não a guerra, mas o **pocket book**. No meu tempo de estudante, nos idos brasileiros de 30, a Editora Nacional mandava de São Paulo para o país inteiro um livro pequeno, barato, com dois dedos precursores do V da Vitória, mostrando dentro de um círculo que o livro custava apenas 2 mil-réis. Pechincha. Era um livro que cabia no bolso, só que chamado assim, livro de bolso, não era. Nem nunca foi. Quando como em toda parte grassou o livro de bolso no Brasil, a coleção da Editora Nacional já desaparecera do mercado. É preciso não esquecer que Portugal teve no tempo de Camilo uma "biblioteca

de algibeira", que aqui vai assim escrita por imposição de uma espécie de cor local ortográfica, biblioteca evidentemente de livros de bolso, em que sob o título **Noites de insônia** publicou o grande escritor tantas páginas ligeiras, de circunstância, em muitas das quais deixou no entanto a marca do seu gênio.

***

Às vezes, quando menos espero estou pensando em minha mãe; me lembrando dela. E me pergunto: se ela não houvesse morrido, se depois de passarem sobre a sua morte estes anos todos, estivesse ela ainda viva como outrora, como estaria hoje minha mãe? Uma velhinha encarquilhada, sentada num banquinho, sombra de si mesma, consigo mesma conversando? Não acredito que assim ela estivesse. Minha mãe haveria de encontrar um meio de não envelhecer tanto, seria hoje uma simpática senhora muito conservada, enérgica e ao mesmo tempo paciente comigo, me ajudando a envelhecer, como me ajudou a crescer no tempo de menino. Eu, um velho, continuando menino para ela. E ela me dizendo como dizia para o menino: tome juízo, meu filho.

***

Depois de por várias vezes adiar a viagem, fui afinal a Varsóvia. Fui à Polônia, melhor dizendo, porque o convite que recebi incluía além de três dias em Varsóvia dois em Cracóvia. E foi esse o programa que cumpri. Em Varsóvia o programa começou com uma visita ao Ministério da Cultura e Artes, onde me esperava o vice-ministro Clapka. Seguiu-se um simpático e cordialíssimo almoço, que ele me ofereceu e a que compareceram, além do anfitrião e do casal Herberto Sales, o secretário-geral da Associação Polono-Brasileira, Sr. Marion Ufnal, que falava português, e do escritor Marcin Kula, autor de uma **História do Brasil** incluída numa grande e prestigiosa coleção em que já figuram 32 países. Marcin Kula falava francês. Presente ainda a jovem Grazyna Misiorowski, intérprete que nos acompanhou

durante toda a nossa estada e que no almoço esse foi intérprete especialmente do vice-ministro da Cultura e Artes Clapka, que só falava o Polonês. À noite, jantar oferecido na residência do embaixador do Brasil em Varsóvia, Alcides Guimarães, que tive grande e brasileira alegria em rever.

No dia seguinte, visita ao romancista W. Zukorowsky, presidente da União dos Escritores Poloneses, em cuja bonita sede ele me aguardava. O programa previa que eu como seu convidado almoçaria com ele no restaurante privativo da União. Almoçamos. Além de Grazyna, a intérprete, tomou parte no almoço o escritor Zygmunt Wójcik, também da União dos Escritores Poloneses. Depois, visita ao Palácio Real de Varsóvia. Preciosas plantas baixas e preciosíssimos desenhos detalhados da construção, que por milagre escaparam dos horrores do bombardeio da capital polonesa, possibilitaram o ressurgimento do palácio dos escombros a que ficou reduzido na Cidade Velha, também toda ela reconstruída. Sabe-se que Hitler quis castigar a Polônia, sua altivez, seu patriotismo - fazendo desaparecer do mapa da Europa a sua bela capital. Em verdade reduziu-a a escombros. Por tal forma e com tamanha fúria os invasores nazistas bombardearam Varsóvia que o governo polonês, terminada a guerra, chegou a pensar em construir em outro local uma capital nova. Mas o povo polonês queria Varsóvia no chão de Varsóvia. Foi um emocionante movimento de opinião pública. Sobretudo foi um ato público de patriotismo e solidariedade. Solidariedade... essa palavra não tem na Polônia apenas uma conotação de glória na história das lutas do sindicato polonês que a adotou como bandeira. Ela também significa a flama de um sentimento de heroísmo e uma constância de grandeza na vida do povo polonês através dos tempos.

Esse mesmo povo foi em massa para as ruas depois da vitória ajudar os operários na reconstrução de sua cidade e dos seus monumentos. Há filmes emocionantes sobre isso que são mostrados ao público em Varsóvia. A visita ao Palácio Real de Varsóvia durou cerca de duas horas e meia, talvez mais. Completamente

reconstruído, o imenso palácio ostenta entretanto, para orgulho do polonês, peças autênticas do palácio destruído, ora uma estátua, ora um lustre de cristal,ora um móvel da época, telas (inclusive um magnífico retrato de Luís XVI), e até mesmo o trono real, encontrados por milagre entre os escombros do bombardeio. Outras peças autênticas - portais, ornatos, apliques foram aproveitadas na recomposição da decoração do palácio, que assim se refez em toda a sua gala e beleza. Uma curiosidade é o aposento onde Napoleão dormiu em Varsóvia. Ele preferiu esse aposento ao grande quarto contíguo onde em diferentes ocasiões dormiram Nicolau I e Alexandre I. Napoleão devia ter para isso as suas razões. De resto razões de realeza, conquanto também pudessem ser razões de superstição.

Convite para fazer uma palestra na Universidade de Varsóvia, para alunos de português da Faculdade de Iberística. Varsóvia é uma capital que recolhe cedo. Poucos, muito poucos hotéis , sobretudo bons hotéis, e a vida noturna fica por conta de hóspedes bêbados das já não sei quantas (nos tempos da escola risonha e franca eu sabia) partes do mundo, que se refugiam no bar do hotel. Bar de hotel (de bom hotel), essa doce caverna boa da gente se esconder lá e de lá ficar com a gente mesmo ou com outras gentes que acabam sendo nós mesmos, e que no entanto nos bons hotéis de Varsóvia e também nos maus nada mais são que panelas de pressão de **rock** botando barulho pelo apito. Enfim, quem não tiver estômago de avestruz para digerir barulho tem mesmo de ir cedo para a caminha.

No quarto me voltou o problema da conferência. Ou da palestra que eu tinha de fazer. Ora, eu atualmente, depois de haver em regozijada paz adotado a norma que Jorge Amado me disse uma vez que seguia - em matéria de conferência é esta agora a minha política: não faço nem ouço. Além disso eu jurei (v.o **Subsidiário**) pela alma de minha mãe eliminar de minha vida de escritor qualquer envolvimento com a vida literária. E muito especialmente com a exteriorização publicitária que na vida literária se chama - promoção pessoal. Não e não. Nada de sair

por aí falando de mim e dos meus livros. Meus livros já falam por mim. E que não se esqueça: o livro é sempre melhor que o escritor. Quer dizer: melhor que o homem que o fez. Quando o livro é ruim, o autor é sempre pior que o livro. Então, qual a vantagem de conhecer pessoalmente um escritor? de ouvi-lo? de cheirá-lo? O livro cheira sempre melhor. Ou menos mal.

Enfim, como ia eu agora descalçar a bota do convite da universidade? Juraci foi de opinião que eu devia fazer a conferência. Era uma gentileza para com uma gente que tão carinhosamente me acolhia. Devo esclarecer enquanto é tempo que o convite que recebi para visitar Varsóvia - ou a Polônia - nada teve que ver com a embaixada do Brasil em Paris. E muitíssimo menos com o cargo que ora nela ocupo e de que estou saindo de adido cultural. Tudo teve só e só que ver comigo pessoalmente: com o escritor Herberto Sales, autor brasileiro traduzido na Polônia.

Bem, numas folhas de bloco do próprio hotel, desses blocos que hotel deixa com envelopes dentro de uma pasta e que o hóspede nunca usa, rabisquei de boa vontade umas coisas. O assunto da conferência ficava a meu critério. Ali pelas 2 horas da manhã apaguei a luz e me deitei. Juraci acordou e me perguntou se eu acabara de escrever a conferência. Que esperança! Escrevera umas três ou quatros folhas, mais rabiscadas que escritas. Depois me deu preguiça e sono. E como é que ia ser no dia seguinte, com a visita à universidade pela manhã e a palestra marcada para as 10? Tranqüilizei-a. O que eu escrevera dava para começar alguma coisa. O resto eu improvisaria na hora, na base das notas que tomei, como Deus fosse servido. E foi o que aconteceu.

Conferência sobre o quê? Palestra sobre o quê? Não sou professor de Letras, nem aluno e possível vítima de um desses professores de Letras que professam mais a pedanteria que a sabedoria. Muita frente e pouco fundo, como os edifícios da piada de Emílio Menezes.

Fui introduzido pela professora Janine Klave, que tem no coração junto com a Polônia o Brasil. Tradutora para o polonês

de alguns livros brasileiros, inclusive livros de Machado e Lima Barreto. Autora de uma tese muito boa sobre Aluísio Azevedo. Então peguei o papel e lendo-o comecei a dizer assim:

"Uma literatura não exprime apenas a cultura de um povo. Ela é o testemunho escrito de um povo através de sua alma. Uma literatura" etc., etc., etc.

E assim e assim, lendo enquanto nele encontrei o que ler, fui em frente com o meu papel. As reflexões que fiz inicialmente sobre literatura foram a ponte que me levou a despretensiosas considerações sobre aspectos do romance brasileiro. O papel acabou logo. E, improvisando como aliás já disse, continuei a dar o meu recado. Citei com absoluta lealdade todos os romancistas irrecusavelmente citáveis. Nada de mesquinhez literária. Fui, modéstia à parte, ouvido com muita atenção. A sala estava lotada, palavra de honra. Quando a professora Janine Klave deu sinal de partida para o debate, a primeira pergunta que me fizeram foi para saber porque eu excluíra o meu nome da nominata dos romancistas citados. A pergunta era de um jovem polonês (todos os estudantes da Faculdade de Iberística falam Português, não fossem eles estudantes de literatura de língua portuguesa) chamado, como depois vim a saber, Piotr. Respondi dizendo simplesmente que tinha sido por esquecimento. Em todo o caso, numa conferência em que se citam nomes, é melhor a gente esquecer o nosso que o daquele amigo que a gente vai perder se não o citar. No entanto as perguntas que se seguiram, com desdobrarem o simpático reparo de Piotr, me obrigaram a falar de mim. No fim agradeci os aplausos e fiz questão de me despedir dos estudantes apertando a mão de cada um deles. Na rua rasguei o papel em que levara escrito o começo do meu projeto de conferência e joguei-o na primeira lixeira que vi.

Voltei a me encontrar com alguns estudantes. Concedi dois ou três autógrafos, não mais. O **Cascalho** polonês (**Diamenty z Andaraí**) está completamente esgotado na sua edição de dez mil exemplares. Não adiantava procurar. Piotr me deu de presente,

com dedicatória dele, o **Quincas Borba** traduzido por Janine Klave. Um presente que vou guardar a vida inteira. Por Machado e por Piotr.

***

O museu Freud, em Viena. Visitadíssimo. O que Freud em seu estado defunto explica. Lá está o famoso divã em que se deitou (imagina-se) Frederico Nietzsche para fazer-se analisar pelo inventor da psicanálise. Talvez o seu poeta. O divã, amplo, é vermelho. Na sala predomina o mesmo tom vermelho do divã. Tive a impressão de estar entrando numa dependência do inferno: o doutor diabólico no seu inferno particular. Na televisão francesa, com o título **Le divan**, há um lamentável programa em que um lamentabilíssimo psicanalista, fingindo conversa com celebridades do mundo artístico, procura extrair delas coisas que o público ignora. E fica a celebridade da vez reclinada no divã, em estado de peido, dizendo tolices com o bumbum calçado de almofadas.

***

Em Viena, depois de visitar o museu Freud, passo por uma livraria e vejo numa estante-vitrine um romance de Jorge Amado. Bela edição, seguramente a mais bonita edição-de-bolso que pelo menos para os meus olhos se fez - ou se faz - até agora na Europa. Inclusive no formato - muito elegante, sem o abastardamento de aspecto e de linhas que em geral tem o livro de bolso, mesmo o de **poche** na França. (No Brasil nem se fala.) Além da bonita edição austríaca, estava o romance de Jorge em muitíssimo boa companhia, com Dostoievsky na cabeça. Tirei com a ajuda do meu motorista uma foto ao lado da estante-vitrine. Depois de se tornar visível, a foto apresentou um resultado compatível com a minha preocupação: os livros estavam nela visíveis e legíveis de capa. Mandei para Jorge uma cópia. E ele mandou-a para a Casa de Jorge Amado, em Salvador, onde como documento fotográfico ficará no lugar onde deve ficar: entre as coisas do romancista,

dentro da sua obra. Espero que algum dia serei lembrado na Bahia por essa foto de Viena em que apareço ao lado de um romance de Jorge Amado. O romance é **Tereza Batista cansada de guerra**, que na edição austríaca tomou o título mais austríaco de **Viva Tereza.**

✲✲✲

Visitei em Viena a **maison** de Pasqualati. Uma das 32 casas em que morou em Viena Beethoven. Ganhou de Balzac, que ao que se sabe teve 11 domicílios em Paris.

✲✲✲

A leitura nem sempre é frescamente matinal na vida de um futuro escritor. Nem sempre ela dá partida adiantada na vida de um cidadão que só entrado nos vinte começa realmente a ler, e que, tornado afinal escritor, vai com os livros que publica fazendo por sua vez ler os outros. Camilo confessa que aos 19 anos incompletos era "estudante sem compêndios, e o mais ignorante que podia ser um rapaz que entranhadamente execrava os livros".

✲✲✲

Já comentei não sei onde uma coisa, em que página foi não sei, visto que a dinâmica destas anotações não permite que eu me interrompa para ir burocraticamente ver onde para trás ficou em algum lugar dito o que eu disse. Este livro é como um rio que vai correndo e que para trás como todo rio que se preza não volta - enfim, aqui comentei **en passant** o Bicentenário da Revolução Francesa, agora em estado já de véspera: hoje é o dia 2 de julho, por sinal a grande data baiana da Independência, e estamos a doze dias apenas da festança francesa mais turística que francesa. Uma festança mais de Mitterand que da França.

Salvo engano, eu disse que as comemorações do **Bicentenaire** não estariam completas sem a ereção na praça da Concórdia de um dos símbolos de mais efeito visual da Revolução Francesa: a guilhotina. No próprio local onde funcionou a verdadeira, uma

réplica da guilhotina seria armada, com a respectiva cenografia, coisa que de resto se faz muito bem nessa teatralíssima França. Uma carreta traria réplicas eletrônicas de Luís XVI e Maria Antonieta, que eletronicamente acionadas subiriam em feitio de bonecos cada um por sua vez ao cadafalso, onde para os devidos fins os esperava o carrasco Sanson, o qual, por ter obviamente resguardado pela função o pescoço, não exigiria réplica eletrônica: ia representado mesmo ao vivo, com um ator fazendo o papel dele. Em volta da guilhotina uma multidão andrajosa gritaria **Bravo! Bravo!** quando na reprodução da tragédia rolasse a cabeça guilhotinada do rei. E a da rainha.

Não fiquei na minha sugestão pessoal e até agora, além de inútil, desconhecida. No **Figaro** saiu depois uma grande matéria intitulada **La guillotine, grande absente du Bicentenaire** reclamado dos organizadores da festa uma guilhotina na praça da Concórdia, talvez para dar mais cor local às comemorações revolucionárias. Mas há mesmo em toda a França - a França mais sensata - uma grande rejeição a essas festas com que exageradamente pretende o governo francês, **avec les touristes**, comemorar o bicentenário da Revolução. Um livro extraordinário, **Le Grand déclassement**, de autoria de um dos maiores historiadores franceses contemporâneos, Pierre Chaunun, acaba de publicar-se pela editora Robert Laffont, na mesma linha de rejeição contra estas mentiras em cadeia (*mensonges en chaine*) com que vai o governo oficialmente pintando e bordando os acontecimentos da Revolução que daqui a pouco estará na praça da Concórdia soprando as 200 velinhas do seu bolo bicentenário. Numa momentosa entrevista concedida a Denis Tillinac, que a certa altura lhe perguntou se podia numa palavra resumir a sua "position anticomémorative", Chaunun respondeu: "Pois não: a mentira. A Revolução mentiu sob todos os pontos de vista, mentiu em relação a todos os princípios, e os que a celebram têm mentido também." E com a sua autoridade de grande pesqui-

sador e de grande historiador passou a dar alguns exemplos. As mentiras começam pelo poder do Estado. O de Luís XVI era fraco, completamente conturbado pelo Parlamento. Em compensação, à Constituinte atribuiu-se um poder absoluto. Quanto à alegada pressão fiscal, ou arrocho dos tributos, que pesaria de forma insuportável sobre o povo francês, é outra mentira da Revolução. Na França, essa suposta pressão fiscal era de menos da metade que a da Inglaterra. Enfim, com a autoridade do Estado enfraquecida desde 1740, a França era como o paraíso fiscal da Europa ("faisait figure de paradis fiscale en Europe").

Pergunta Denis Tillinac porque então eram tão grandes os descontentamentos políticos, a ponto de levarem à idéia de convocar como salvação os Estados Gerais? Opinião de Chaunun: a convocação dos Estados Gerais foi "uma idéia absurda, aplicada a um sistema eleitoral desastroso, que recrutou uma assembléia de tagarelas e desocupados". Teria sido melhor referendar as assembléias de província, como um processo de seleção de novos mandatários. E a proclamação dos direitos do homem, não bastaria ela para redimir a Revolução? Chaunun responde com outra pergunta: "E os direitos da mulher? Esquece-se que a Revolução reprimiu o voto feminino exercido nas "assemblées de village"? A mulher tomara até então parte "dans chacune des quarente-deux ville communes de royaume".

A queda da Bastilha seria outra mentira. Como pôde cair uma fortaleza que não era defendida? Dentro da Bastilha não havia mais que meia dúzia de loucos ou ladrões ("demi-douzaine de fous ou d'escrocs"). E só. Outra mentira em relação à Bastilha seria o tesouro nela oculto e que em vão se procurou encontrar. Esse tesouro foi uma invenção do diretor geral das finanças, Necker, para arrumar uma desculpa para as contas de 1781. Lavoisier o disse; e foi guilhotinado em 1794.

Outra mentira seria a coalizão de todos os príncipes da Europa contra a Revolução. Explica Chaunun que a Revolução

não respondeu a uma agressão exterior, ela declarou a guerra. E enquanto o exército guerreava no exterior, o exército que permanecia no interior do país, formado de uma escória de vadios, lançava antecipadamente mão do trigo que os camponeses tentavam guardar. Durante vinte e três anos a França agrediu seus vizinhos e perturbou o equilíbrio da Europa.

E a **Marseillaise**?

Vou aqui abrir um parêntese nas considerações anti-Bicentenárias que Pierre Chaunun faz na sua entrevista a Denis Tillinac, para a propósito da **Marseillaise** citar o também recém-publicado livro de Robert Bréct **La Révolution en chantant** (Editeurs Van de Velde /C. Pirot), "um livre d'art sur les trois milles chansons et hymnes qui virent de jour de 1789 à 1799". Isto mesmo: a Revolução gerou em dez anos nada menos de três mil canções e hinos.

Mal comparando, tamanha cifra musical só perde mesmo para festival de música popular brasileira.

Mas voltemos à **Marseillaise**, cuja violência dos versos Chaunun condena no seu livro. "Eu espero (diz ele na entrevista) que os estudantes chineses ignorem as palavras da **Marseillaise**, que nestes dias cantam em Pequim."

A razão de sua maior veemência anticomemorativa é no entanto a histeria anti-religiosa da Revolução. Não foi apenas um problema de perseguição religiosa. Em verdade a Revolução quis erradicar a religião. Confiscou os bens do clero e vendeu tudo a preço vil, pondo fim a um sistema social que existia desde a Idade Média. E massacrou padres. Enfim, o balanço da Revolução terá sido dois milhões de mortos, um país arruinado, "le déclassement de la France". A Revolução não acompanhou a virada da era industrial. Querendo apagar da França o seu passado, ela hipotecou o futuro da França.

– No entanto, no estrangeiro, o mito "1789" funciona – pondera o entrevistador.

E Pierre Chaunun:

"Não é verdade. Pergunte aos belgas o que eles pensam. E aos outros. A Revolução foi muito belicosa para que os nossos vizinhos a esquecessem."

– No entanto vários chefes de Estado estavam em Paris para o 14 de Julho.

– É pena que não tenham conservado a Bastilha – disse Chaunun. – Podia apresentar lá um espetáculo de som e luz... Falemos sério: para que comemorar o que falhou? Temos grandes coisas em nosso passado. Comemoremo-las. Ou comemoremos a **Declaração** de Jefferson, se ama a liberdade, ou mesmo a invenção da vacina por Jenner, em 1796.

A liberdade não nasceu em 1789, lembra Chaunun. E neste sentido aconselha que se leia Fustel de Coulanges,no seu grande livro **A cidade antiga**. Em resumo, que proclamam esses pretendidos "Direitos do Homem"? pergunta ele. Que homens nascem livres? Eles se tornam livres, o que é outra coisa. Quanto à igualdade, ela só pode ser "colocada sob uma ótica religiosa". Do contrário, "constata-se a desigualdade dos códigos genitivos". Os princípios da Declaração "soam sim, mas soam falso. Valem para os metafísicos''. De resto, são princípios velhos como o mundo (''Ils sont vieux comme le monde''). Pretendendo apresentá-los como novos, "a Revolução fez deles uma arma contra o nosso passado''. E desprezam os nossos antepassados "invocando abstrações como o Ser supremo''.

Por fim, quando o entrevistador, para encerrar a entrevista, perguntou-lhe que pretendia fazer no 14 de julho de 1989, Pierre Chaunun respondeu simplesmente:

– Ficar em casa trabalhando, como de costume.

***

Precaução. Ou prevenção, se preferirem. E toda a atenção é pouca no relógio. Cheguei ao Hotel Rossia, em Moscou, não era meia-noite, eram 10 horas. Não havia o que comer. Enfim havia caviar, prato e cor local. Comi caviar com pão sem manteiga, de

resto não necessariamente indispensada pelos russos, que nessas circunstâncias preferem comer caviar com adequadas fatias transversais e frescas de pepino. (Com casca.) E, eu mesmo me espantei, toquei o meu caviar para frente na base da água mineral. Que por sinal não era nada boa. Parecia mais água de farmácia, pra doente tomar e ficar bonzinho do estômago. Era um salão recortado em amplas janelas visuais. Lá fora (fiquei olhando lá fora a noite com as suas luzes) dormiam com as toucas dos zimbórios bizantinos as rechonchudas igrejas de Moscou. No cardápio vinha em português este aviso: **É aconselhável que, já no café da manhã, seja feita a solicitação do almoço, de forma a evitar demora no atendimento.**

Fui almoçar fora do hotel.

✲✲✲

Embora o boletim de notícias da Academia Brasileira não tenha mencionado o meu nome junto com o de Antonio Houaiss e Afranio Coutinho quando citou os confrades que como representantes do Brasil integraram o júri do Prêmio Luís de Camões, também tive a honra de integrá-lo. O prêmio conferiu-se a Miguel Torga, com quem falei por telefone, do apartamento de João Condé em Lisboa. Só para cumprimentá-lo pelo prêmio. Depois, juntamente com os integrantes do júri pela parte portuguesa, fomos os da parte brasileira (com exceção lamentável de Antonio Houaiss) aos Açores, para a festa do Dia Nacional. Nessa ocasião foi entregue a Miguel Torga o prêmio. Levei para o grande escritor, em feitio de lembrança da minha viagem à Polônia, um exemplar da tradução do seu livro **Novos contos da montanha**, que em polonês se chama **Nowe opowiadania z gór**. Se Miguel Torga, esse homem de resto imprevisível e raro, não tivesse comparecido, eu pediria a minha cara amiga Maria de Lourdes Belchior que fizesse por favor chegar às mãos dele o livro. Maria de Lourdes Belchior integrou com Eduardo Lourenço e Victor Aguiar e Silva a representação de Portugal no júri do Prêmio Luís de Camões.

✲✲✲

O livro brasileiro em Paris. Ou na França. O que aqui se vai dizer a esse respeito poderá aplicar-se ao livro estrangeiro em geral nestas estâncias, tirante o **best-seller** dito e tido como tal, que já encontra o caminho do sucesso enfeitado com bandeirolas e editorialmente desobstaculizado do cu pra bunda, a partir da hora em que o avião que o traz com a bagagem pousa no aeroporto. No Charles de Gaulle. Ou em Orly. Aqui aliás se falará apenas do livro brasileiro de literatura, cujo êxito em língua de francês, salvo dois ou três casos (e cite-se em especial o romance **O meu pé de laranja lima,** de José Mauro Vasconcelos), só acontece mesmo no noticiário das gazetas otimistas do eixo Rio-São Paulo. Porque, a bem da verdade, êxito de livro brasileiro em Paris, que é o bom, nêgo que mora aqui não sabe nada nem desconfia. E, que fazer para melhorar esse tristonho quadro?

Me pediram uma vez na embaixada algumas idéias nesse sentido. Fiz um apanhado geral, embora desexaustivo da situação, mostrei-o pelo menos a dois camaradas franceses meus que trabalham ou trabalharam em editoras de Paris, gente portanto do ramo, eles acharam tudo legal no papel que preparei, era aquilo mesmo. Peguei então o meu papel e o empurrei no rumo dum **dossier** a ser submetido a instância superior, na boa forma do costume. Desse papel, de que guardei cópia para eventual aproveitamento nas minhas memórias, confissões, etc., extraio hoje, aqui e agora, as informações, considerações, sugestões, reflexões que no remate assessoral de minha funcional pessoa ficou integrando o possível **dossier** da salvação do livro brasileiro em Paris.

Como quem não quer nada, entrei em campo fazendo umas considerações no interesse de uma melhor divulgação dos livros de autores brasileiros traduzidos na França. Depois, dei umas informações sobre as normas de trabalho das editoras francesas respeitantemente à edição de livros estrangeiros, no caso livros de autores brasileiros, os quais ficam imaginando que quando baixarem aqui com os seus livros, os editores franceses vão vir

correndo para ver no Champs Elysées, como no Recife do samba de Caymmi, o meu bem passar. Em verdade as normas de trabalho editorial em Paris obedecem a uma sistemática peculiar, em tudo diferente da nossa - e Deus livre o Brasil, que tanto gosta de copiar as coisas dos outros, de ter alguma vez coisa parecida. Um livro encaminhado para estudo de edição segue invariavelmente uma super-burocrática (os franceses adoram a burocracia) tramitação prévia de relatórios a cargo dos leitores da editora, em número que varia de três a cinco. Esses relatórios serão em seguida eventualmente debatidos pelos respectivos leitores. Na hipótese de resultado positivo, independentemente de unanimidade de aprovação, a edição do livro todavia não se decidirá antes de reuniões do comitê de programação da editora, quando são analisados todos os aspectos da problemática da edição, inclusive o interesse mercadológico, em função da aceitação por parte do público. Considerado o grande movimento programático e operacional das editoras, não se obtém o resultado dessa etapa inicial da edição de um livro antes de pelo menos um ano, sem esquecer que o calendário editorial da França sofre uma interrupção de dois meses no recesso geral do período das férias. Um segundo ano é absorvido pelos trabalhos de tradução do livro, dependendo naturalmente do tamanho ou extensão dele. Por fim, a editoração propriamente dita do livro, no período em que ele é fabricado e programado para lançamento, poderá demorar mais um ano, no cronograma geral da editora. O que quer dizer que, em princípio, só ao fim de três anos um livro encaminhado a uma editora francesa para tradução e publicação estará realmente sendo distribuído às livrarias.

A segunda etapa diz respeito exatamente à distribuição do livro. Paris é hoje um dos maiores centros editoriais do mundo, senão o maior, em proporcionalidade. A produção editorial de Paris é realmente tão grande, que o número embora também grande de suas livrarias é insuficiente para absorver em espaço

de loja e de depósito a produção colossal. O livro comum, numa livraria de Paris, dificilmente tem reposição, salvo os casos dos grandes autores universalmente consagrados, que têm venda de freqüência, e os **best-sellers**, que têm naturalmente uma presença duradoura nas livrarias, sob o influxo de sua venda de impacto, como o sucesso cinematográfico, ou o interesse circunstancial de um assunto momentoso. Exceto esses casos, o livro dito normal, na rotina da venda de novidades nas livrarias, desaparece ao cabo de dois ou três meses, para ceder espaço a novos lançamentos. As editoras podem redistribuir o livro para o interior da França, e mesmo para o exterior, já que o livro francês original, ou o livro traduzido para o francês, tem leitores no mundo inteiro: os leitores de língua francesa. Em último caso, o saldo do estoque será simplesmente cortado, para venda a peso do papel. O fato é que o livro traduzido e editado na França, depois de cumprir o seu ciclo de novidade editorial nas livrarias, desaparece delas e, naturalmente, do mercado, ao fim de uns poucos meses. O livro brasileiro traduzido na França não foge a essa fatalidade mercadológica, exceto os de Jorge Amado e os de José Mauro Vasconcelos, para citarmos apenas dois casos concretos.

Tendo feito ou despretensiosamente alinhavado essas considerações, disse com toda a pureza d'alma que para fazer-se um trabalho efetivo em favor da divulgação do livro brasileiro editado em Paris, de modo a assegurar-lhe uma permanência visual na exibição ao público, a embaixada do Brasil em Paris podia por exemplo desenvolver um projeto nesse sentido em sua Galerie Debret, até então proveitosamente usada para apresentação de exposições de pintores brasileiros de qualidade, embora ainda não ungidos e sacramentados como nomes feitos e refeitos.

O projeto, ou simplesmente a idéia, era de início comunicar, mediante carta, aos editores franceses de livros brasileiros que colocaríamos à disposição deles, para exposição periódica de livros brasileiros traduzidos, o hoje chamado **espaço** da Galeria

Debret. Na galeria, e sempre por um só editor de cada vez, far-se-ia a cada quatro meses uma exposição bibliográfica, com apoio iconográfico ou fotográfico, com duração de 15 a 20 dias, para fixar - com perdão da palavra - o evento. A exposição dos livros seria montada em vitrines e mesas expositoras, com a complementação visual de **posters** dos autores e de **posters** de vistas do Brasil alusivas (quando fosse o caso) à região em que se passava o livro ou os livros, além de folhetos e de outras peças promocionais de interesse para o Brasil. Evidentemente, também haveria uma seção para venda dos livros expostos, desde que disponíveis, coisa de resto de prática consagrada em todos os balcões culturais franceses, em museus, casas de escritores célebres, etc., etc. Considerada a localização magnífica, estratégica da Galerie Debret (rua de la Boetie, perto dos Champs Elysées), onde é inevitavelmente grande a circulação de público, essas exposições cumpririam a finalidade precípua delas, que era garantir para o livro brasileiro traduzido na França uma constância de amostragem ou de presença visual perante o público de Paris. Só assim, a nosso ver, o livro brasileiro seria afinal e de fato **visto** pelos franceses. O que resultaria numa divulgação efetiva do nosso livro em Paris, no curso de um gradual estabelecimento da familiaridade do leitor francês com ele. Que tal? A idéia não saiu do papel, nem sei se chegaria a sair, porquanto se decidiu administrativamente fechar a Galerie Debret, devido ao elevado custo de sua manutenção. Salvo algum milagre administrativo, quando este livro se publicar a Galerie Debret já terá sido fechada.

✲✲✲

Quando eu morava ainda em Brasília recebi um dia a habitual carta com notícias da Bahia que costumava me mandar uma minha amiga baiana muito baiana. Ela falava e falava no progresso da Bahia. E me dava notícias dele. Esperava que eu, baiano como ela, soltasse em Brasília os meus foguetes de regozijo baiano com as notícias que ela me mandava da Bahia. Em sua última carta, recebida no dia aquele, ela me anunciava a inaugu-

ração do Mediterrané de Itaparica, ilha recém descoberta pelo **marketing** francês dos hotéis-clubes. É uma coisa fantástica! me dizia ela. Uma maravilha. Todo mundo faz o que quer. O **topless** é usado naturalmente, numa boa. Chega a parecer que a gente está no Paraíso, naturalmente sem as feras. No hotel a gente transa o idioma da França, a língua imortal de Racine em Itaparica, na nossa querida Itaparica. O padrão é o mesmo do Taiti, da Turquia, do Marrocos, da Grécia e do Egito. Você precisa ver a turma esnobando de **topless**. Todavia o hotel é francês na sua origem e no seu estilo de vida. A gente vive debaixo da bandeira do lazer. E, como já lhe disse, todo mundo transa o seu francês numa boa. E outra coisa: os chalés não têm fechadura. Não há nenhum preconceito. A gente entra e sai à vontade, faz o que quer nos chalés. É isso aí: a Bahia não pode ficar pra trás.

Respondi a minha amiga mandando para ela uma figa de arruda que um macumbeiro de Niterói me deu. Ótima para fechar o corpo.

***

Chega o sol a Paris, e tudo em Paris muda com o sol. Os jardins cobrem-se de flores, as árvores cobrem-se de verde. É hoje um sábado ensolarado e belo. Juraci está no **balcon** do apartamento com um pequeno balde, aguando os gerânios que bordam de vermelho a ourela do gradil. Eu todavia estou onde sempre estou, no inverno ou no verão: sentado à minha mesa, debaixo da minha lâmpada, na penumbra em que a cortina cerrada mergulha o quarto. Minhas inseparáveis coisas sobre a mesa, como pequenos instrumentos numa oficina. Eu menino, numa fotografia em que minha mãe anotou a minha idade, como num sobrescrito para o tempo. Lá fora Paris, o sol que voltou a Paris. Dentro de Paris o meu quarto, e dentro do meu quarto as estrelas efêmeras dos meus sonhos, que se vão uma a uma apagando dentro de mim.

As comemorações que se anunciam do bicentenário da Revolução Francesa significam em boa parte o regozijo patriótico

e histórico do povo francês pelo advento, na História da França, de uma forma de governo fundado na mobilização cívica e na participação política do povo francês. Boa hora para o povo francês lembrar-se disso. Boa hora para o povo francês festejar dentro da França a data libertária das multidões revolucionárias que entraram na História da França cantando a **Marseillaise** e em sua ruidosa glória de estandartes e tambores mostraram aos tiranos de Versailles que com o povo não se brinca. Mas, também significa a maior promoção turística patrioticamente montada até o dia de hoje pelo governo francês, no festeiro intuito de atrair a Paris multidões de curiosos do mundo inteiro - para, depois de disputarem nas calçadas de Paris um lugar ao sol para quem chegar primeiro, ou conseguirem a peso de dólares convertidos em francos a sorte lotérica de alugar um **balcon** de Paris com vista garantida e devassada, ver todas as coisas lindas que revolucionariamente vão ser mostradas no **Bicentenaire**, ver o 14 de Julho, ver o grande desfile, ver a banda passar.

Vai assim o governo francês, hoje sob o signo da mais desenfreada autobadalação oficial e sobretudo pessoal de todos os tempos, servir-se de um pretexto patriótico para faturar turisticamente o **superbe** espetáculo promocional de Paris que terá como atração histórica o bicentenário da Revolução Francesa e como atrações especiais o presidente Mitterrand e o seu ministro da cultura Lang. (Escrevo esta nota pouco antes da explosão calendária das comemorações.) E o povo francês, que pensa desses festejos oficiais o povo francês? Em geral, nas **enquêtes** de jornal, da televisão, do rádio, enfim, em todas as ocasiões de que dispõe para dizer publicamente o que pensa, o povo francês acha exagerado o programa das comemorações do bicentenário da Revolução. A sangueira do Terror causa hoje horror. Em Thionville, por exemplo, a idéia de se incluir nas comemorações uma estátua em homenagem a Robespierre a ser ali erigida, foi recebida com repulsa, sob a alegação de se tratar de um facínora sanguinário, que infelizmente só teve cortada na guilhotina a cabeça depois de ter feito nela cortar as de muitos inocentes

sumariamente condenados. Neste livro, em nota que já ficou para trás, transcrevi a opinião de Ionesco sobre a Revolução comemorada - condenando-a nos seus excessos.

Porém o dado mais impressionante sobre o que hoje pensa o povo francês dos excessos da talvez mais sanguinária - requintadamente sanguinária - revolução do mundo está documentado no julgamento popular de Luís XVI e Maria Antonieta, promovido pela televisão através do serviço Minitel. Luís XVI foi absolvido por uma maioria de 54% de votos - maioria que em sua teimosa reeleição presidencial Mitterrand não atingiu. E Maria Antonieta foi absolvida pela maioria realmente esmagadora de 75% de votos.

Comentando no **Figaro** o resultado desse julgamento, que há de ter surpreendido os círculos oficiais das comemorações do bicentenário, disse André Frossard que a "revisão" dos dois processos seguintes levaria à condenação inevitável de Danton e Robespierre. Um, por ter arrancado da Assembléia a condenação do rei, o outro por haver instituído o tribunal responsável pela morte da rainha. Enfim, " quand les Français rendent la justice, on ne sait jamais ce qui peut arriver'', conclui Frossard. Vale a pena lembrar que entre os vários livros suscitados pelo bicentenário da Revolução, em sua maioria preocupados em reabilitar perante a História figuras que as paixões políticas e o ódio político denegriram na memória dos acontecimentos que encontraram na guilhotina o seu símbolo, destaca-se a biografia de Luís XVI por Jean François Chiappe. Um impressionante trabalho de pesquisa, do qual já se publicaram dois volumes de um total de três: **Le Prince** e **Le Roi**. O terceiro (**L'Otage**) está saindo. No seu julgamento, quando os convencionais se improvisaram em juízes para condená-lo, Luís XVI disse que só uma coisa lhes pedia: a verdade. (''Indulgent aux autres, exigeant pour lui-même, il ne demandait rien que la vérité.'') Duzentos anos depois o livro momumental de Jean François Chiappe vem restabelecer com serenidade - e com serenidade fazer justiça - toda a verdade sobre o rei guilhotinado: a verdade sobre ele na verdade da história.

As comemorações exageradamente comemorativas do **Bicentenaire** da Revolução Francesa só estariam completas (eu já disse e repito) se armassem na Praça da Concórdia, em cima de um tablado, uma guilhotina. Com reconstituição cenográfica e histórica: patíbulo, carrasco, claque guilhotinesca convenientemente andrajosa gritando em volta "Morte! Morte", guardas à caráter, e bonecos todavia eletrônicos em réplicas de Maria Antonieta e Luís XVI. Também seriam mostradas réplicas de vítimas menos votadas. A função teria lugar à noite, sob feérica iluminação de holofotes. Ficava mais bonito. Com um visual condignamente comemorativo. Então, os turistas apinhados na praça histórica podiam ver funcionando a guilhotina histórica. A guilhotina que cortou a cabeça do rei e a da rainha. A guilhotina que de quebra cortou a cabeça de Lavoisier, para aproveitar o embalo.

***

Não há nada que mortifique pessoalmente e mais abale os múltiplos de mim que a violência. A violência sob qualquer forma ou disfarce. Praticada por um homem contra outro homem, ou por um povo contra outro povo, com a já desmoralizada desculpa de uma ideologia política instituída em Estado, sob os arranjos corais das leis que para tudo servem e tudo regem: a palavra que vale para salvar valendo também para condenar. Não escondo os meus impulsos homicidas em certas ocasiões. Mas me envergonho deles quando eles passam. E choro no mais dentro de mim a dor do meu arrependimento. Então, Deus vem e põe a mão na minha cabeça. Agora, que vou a sobreviventes passos caminhando para o fim do meu cansaço, tenho procurado ver com a vista que me resta o que antes não vi, e que ora vendo afinal constato: o rasto da violência do homem no itinerário de sua maldade. Vendo de ver. Vendo de ler. Por toda parte, nas sombras da História e nos desvãos da Guerra. O homem e a sua história: a guerra. Visitei Dachau. Visitei Auschwitz. Visitei Treblinka. No **Subsidiário** falei de Struthof, o campo de concentração estabelecido na França (Alsace) pelos nazistas. Struthof era o menor campo de toda a rede concentracionária alemã. Um campo

pequeno, de rendimento letal pequeno. Mas entre torturar e assassinar cem homens e torturar e assassinar um milhão de homens não há muita diferença. Só em número. A tragédia é a mesma. Estou aliás me lembrando neste momento, assim de repente, do dia que em Brasília chegou ao então MEC um dos seus diretores com a notícia de que um seu colega de diretoria morrera num desastre de avião. E, vendo quanto a notícia chocava aos que a ouviam, apressou-se em fornecer-lhes a informação consoladora de que o desastre tinha sido com um avião pequeno.

Descrevi o campo de concentração de Struthof, de resto equipado com todo o habitual aparato de horrores dos seus congêneres grandes. Ou maiores. A forca. Os instrumentos de tortura. A câmara de gás. O forno crematório. E sabe o Diabo mais o quê. Descrever em pormenores Dachau (na Alemanha) e Auschwitz (na Polônia), campos que fui conhecer mais tarde, seria de alguma forma repetir-me. No interesse todavia de certas peculiaridades que apresentam, terei de me ocupar de cada um deles. Cada qual na sua hora e vez. O que particularmente surpreende em Dachau é a localização do campo. Não é, como se poderia naturalmente imaginar, uma coisa escondida no mato, envergonhada dos outros e de si mesma. Não. O campo localiza-se nos arredores - eu diria praticamente no centro - da simpática cidadezinha da Baviera de que tomou o nome. Está em suma no perímetro urbano da cidade, ocupando com a sua compacta muralha todo um quarteirão, ou alguns quarteirões: todo o lado de uma rua. Dachau é em Dachau um muro escondendo um inferno desativado. Ou um museu de horrores. Entra-se por um largo portão, a partir do qual se sucedem a intervalos os miradouros ou mirantes, que sobrelevando os muros dominam a enorme área. Dos miradouros realmente os guardas tudo miravam e remiravam no campo, de metralhadora pronta para varrer deste para o outro mundo o prisioneiro que fizesse qualquer movimento suspeito. Havia as metralhadoras, havia os cães, havia o muro e havia as cercas de arame farpado, que em linha paralela formavam com o muro um corredor em volta do campo: um verdadeiro

corredor da morte. Dispensavam-se grades convencionais de prisão. Não eram necessárias. Impossível qualquer prisioneiro transpor a cerca, para cruzando o corredor tentar chegar de resto inutilmente à barreira do muro. Morreria eletrocutado mal tocasse a cerca cujos fios de alta tensão ainda se podem ver até hoje, no conjunto documental e testemunhal das instalações de segurança do campo.

Logo à entrada há um grande painel reproduzindo a planta baixa do campo. Nesse painel encontra o visitante orientação para não se perder no dédalo de várias e amplas construções distribuídas em blocos ordenados. Seguindo as indicações, o visitante irá ter aos fornos crematórios, às câmaras de gás, aos cárceres, aos locais de tortura, e ao museu, onde há uma impressionante exposição de fotografias relacionadas com o campo. Embora no interesse da funcionalidade museológica tenham sido demolidos alguns pavimentos secundários (escritórios, depósitos, alojamentos militares, etc.), o campo de Dachau está intacto, preservado em sua sinistra integridade documental de museu de tortura e de morte, ó Deus, aquelas hediondas casas de extermínio de seres humanos, hoje amortalhadas num silêncio cinzento, que a gente percorre num arrepio de horror sentindo por toda parte como um sopro cinzento de morte, desfeito no ar cinzento.

E os habitantes de Dachau?

Esta pergunta me fiz a mim mesmo de repente, sem saber o que responder, nem como responder. Dachau, a tão simpática cidade alemã, com o seu tão alegre ar de limpeza, as suas tão graciosas e saudáveis casas, pacato burgo quase mais de brincar de morar que mesmo de morar de verdade, todavia com os seus habitantes trabalhando para ganhar a vida, indo e vindo pelas ruas, como os de outra qualquer cidade da Alemanha e do mundo... Sim, até que ponto essa tão lindazinha cidade alemã quase de brinquedo ignorava o que se passava atrás dos muros do seu campo de concentração? Afinal havia um movimento de caminhões conduzindo prisioneiros, que desapareciam no largo portão do campo,

onde alguma coisa devia estar se passando. Porém ninguém ousava comentar nada na cidade. Desconfiava-se que eram prisioneiros condenados a trabalhos forçados. Mas, continuavam a chegar mais e mais prisioneiros, e soldados entravam e saíam pelo portão. Homens das SS, com os seus uniformes negros, as suas botas negras, em duros e ritmados passos negros. E ninguém na cidade comentava nada, nada se comentava na cidade que nada via nem sabia do que se passava atrás dos muros do campo. E eis que um dia alguma coisa nova começou, que parecia não ter fim. Pela grande chaminé, que devia ser a da cozinha, uma escura fumaça de estranho odor subia para o ar, e nem bem no ar se desfazia, logo recomeçava e se adensava, fumegante bueiro de um navio fantasma carregando um silêncio de morte - o nada. Mas, teriam os habitantes de Dachau ignorado todo o tempo a origem de tão estranha fumaça? não teriam sabido em algum momento que ela provinha de fornos crematórios? que atrás dos muros do campo estavam assassinando milhares e milhares de pessoas e depois incinerando-as, para fazerem desaparecer no ar como num sopro as provas do hediondo genocídio? que aquela fumaça era enfim a fumaça da morte? Dachau era então uma cidade possuída do medo. O silêncio dos seus habitantes em relação ao misterioso campo e à sua misteriosa fumaça era um silêncio acossado, um acossado silêncio de pavor. Nenhum tipo de cumplicidade, de consentimento tácito o explica. Em verdade só uma coisa explica o silêncio do povo de Dachau: o medo.

Mas Dachau deixou de ser para Dachau um pesadelo. Na cidade há hoje um ambiente de absoluta tranqüilidade e paz, uma coisa gostosa de ver e de fruir. Cheguei a pensar em me hospedar num dos seus pequenos hotéis, tão acolhedora a cidade me pareceu no seu doce sossego provinciano. Só não dormi em Dachau porque precisava ganhar tempo para ainda naquele dia começar a ver em Munique as coisas que lá queria ver. E fui dormir em Munique, sementeira do nacional-socialismo nas ori-

gens de sua pregação de ódio e violência, conquanto hoje também uma cidade para qual a Guerra é já uma página de abominação voltada em sua história.

✡✡✡

Em Auschwitz, na Polônia, também não houve a preocupação de ocultar das vistas dos habitantes da cidade o campo de concentração, do qual como em Dachau tomou o nome. Auschwitz fica nos arredores de Auschwitz, com os seus grandes muros duplicados em cercas de arame farpado. No interior as construções seguem o mesmo esquema de Dachau, embora cobrindo uma área maior. Auschwitz era mesmo considerado o maior campo nazista de concentração. Mais de quatro milhões de pessoas foram ali sacrificadas. Primeiro essas pessoas (entre homens, mulheres, velhos, crianças) eram simplesmente aniquilados, nas formas de costume: fome, fuzilamento, bala na nuca, câmara de gás. Depois, cremadas nos fornos crematórios, como desprezíveis coisas sem utilidade. Na seleção prévia eram contudo poupados os que estavam em condições de trabalhar: trabalho naturalmente escravo. Ou forçado. Mas isto apenas prorrogava o fim comum que os aguardava. Quando por exaustão já não tinham o mesmo rendimento no trabalho, eram também sacrificados e cremados. Exatamente como em Dachau.

Em Auschwitz são mostrados aos visitantes filmes relacionados com o passado de horrores do campo. E, vistos no próprio local onde se praticaram as atrocidades que documentam, esses filmes as tornam subitamente tão vivas e reais, como se de novo estivessem acontecendo, sob os nossos olhos, ou pudessem acontecer de novo - ali mesmo, em Auschwitz, ou em Dachau. Mas, justamente para que elas não mais aconteçam na história do mundo e na história da humanidade é que esses filmes são mostrados: mostrados e relembrados, para não serem jamais esquecidos os crimes que documentam.

A cidade de Auschwitz não tem em seu conjunto arquitetônico a mesma graça urbana de Dachau. É, no entanto, também

uma cidade importante. Não esquecer que a Polônia foi talvez o país que mais sofreu sob a ocupação nazista. Talvez por isso, ao contrário de Dachau, de resto uma cidade alemã, Auschwitz conserva até hoje qualquer coisa assim como uma desalegria, que está na sua atmosfera, na alma das suas casas, no rosto de sua gente. Ela tem um ar de altivez ofendida. É uma cidade ainda magoada. O seu campo de concentração foi uma humilhação e uma agressão que o invasor lhe impôs. Durante algum tempo também Auschwitz não sabia o que se passava atrás dos muros do campo de Auschwitz. Que fim davam os nazistas aos prisioneiros que em grupos cada vez mais numerosos eram para ali levados? E aquela fumaça, incessante fumaça de espesso odor, que seria aquilo? Quando com o fim da guerra veio a revelação dos horrores, o povo de Auschwitz não se levantou porém para arrasar o seu campo de concentração, riscá-lo do seu solo, apagar da história a sua mácula. Apoiou uma decisão mais sábia. Não a vingança pela destruição. Não a conservação pelo perdão. Mas a preservação como advertência: como uma lição que a humanidade não podia nem pode esquecer.

Pelo que pude observar, em geral os visitantes de Auschwitz evitam os fornos crematórios, ou só muito rapidamente vão vê-los: um problema de constrangimento natural, de curiosidade penosa. Em Auschwitz, onde como já se disse, foram sacrificados mais de quatro milhões de pessoas, havia mais fornos crematórios que nos outros campos. No museu, que é certamente a parte mais visitada, há também uma impressionante exposição de fotografias. São ampliações provenientes de material de arquivos que os nazistas não tiveram tempo de destruir. Uma delas, aumentada em tamanho natural, produz o impacto de uma cena ao vivo, mostrando uma das fotos mais dramáticas e conhecidas da perseguição nazista aos judeus: a foto daquele menino de bonezinho, que de mãos para o alto olha com inocência perplexa para um soldado alemão armado de metralhadora. Que terá sido feito dessa criança ameaçada, cuja foto emocionou o mundo? Em vitrinas há no museu uma triste mas necessária exposição

documental de uniformes usados pelos prisioneiros do campo, num tecido grosseiro e zebrado de riscas verticais. Muitos outros materiais museológicos são exibidos. Há inclusive todo um espaço em que se vêem, através de uma parede de vidro, centenas e centenas de sapatos que pertenciam aos prisioneiros e dos quais eles foram obrigados a se privar quando deram entrada no campo. Os nazistas não tiveram tempo de fazer desaparecer, antes da chegada das tropas soviéticas de libertação da Polônia, esse espólio do extermínio. Aqueles sapatos...Revejo-os diante de mim, algas desgarradàs de um funéreo mar de areia e pedras, rota perplexa e muda da eternidade, em cujo silêncio há um rumor dilacerado de passos.

***

Houve um dia em que eu, num momento de doce ilusão autoral, pensei em escrever um pequeno livro de viagem. Seria, esse livro, não uma garrettiana narração de viagens na minha terra, mas um miúdo relato viajor de idas e vindas intermunicipais minhas, no chão fluminense dos ônibus da Região dos Lagos, com vento nas casuarinas do areal e nas pandorgas dos moinhos nas salinas. Vento e Sol. Sol e sal. Título modesto: **Primeiro livro de viagem**. Pensei em qualquer coisa assim como uma contrapartida dos livros escolares de Felisberto de Carvalho, nos quais aprendi a ler, em trânsito gradual do primeiro para o quarto livro da série então famosa, adotada em todas as escolas brasileiras. O **Quinto Livro** de Felisberto de Carvalho esse não me lembro se o vi usado por algum colega meu, na escola do professor Tomás e da professora Blandina, casal de mestres que a poder de régua e palmatória tirava ingloriamente a gente das chamadas trevas do analfabetismo - mestres todavia lembrados mais tarde, os dois, ele e ela, por todos nós, com muitas saudades até o fim sinceras dentro da gente. Depois de jubilados, os dois mestres se mandaram para Salvador, onde abriram uma pensão para estudantes. Já cursando então o ginásio no Colégio Antônio Vieira, fui morar com eles, ex-aluno feito hóspede. Bons tempos.

Eu no colégio morando na pensão dos meus velhos professores, sobretudo morando na lembrança de minha escola. Gerações e gerações de brasileiros estudaram nos livros de Felisberto de Carvalho. (Não se fez nada melhor no gênero e no tempo até hoje.) Num romance de José Lins do Rego, **Doidinho**, terno e pungente desabrochar do mundo de um menino na escola, há logo na primeira página a referência do narrador ao livro de Felisberto de Carvalho que ele menino levou de companhia e arrimo para a aula. Livro escolar. De aprendizado. O meu livro de viagem seria também assim: escolar, na elementaridade incipiente do seu modo de fazer no gênero; e de aprendizado, na aspiração modesta do seu rudimentar itinerário. Lugarejos, umas gentes simples em lugares simples, o nada que ver no nada que fazer, um velho e pequeno cemitério, uma igrejinha sem sino e sem graça, o monumento que não há, o palácio que não houve. Uma coisa singela. Um primeiro livro de qualquer coisa. Um primeiro livro de viagem.

Não escrevi o livro. E minha vida prosseguiu desfalcada de andanças viajoras. Viagens? Eu lhes tinha um sobressaltado horror. Pouco me interessava o mundo lá fora. O meu mundo lá fora não ia além do meu convicto quintal. O meu tamborete na varanda, com a gaiola musical do canarinho da terra debaixo da mangueira. Amor de corpo e alma à sedentariedade, doce companhia de descanso do eu mais eu de mim, de volta do trabalho. Que coisa boa não sair de casa! Boa romaria faz quem em casa está em paz.

Um dia uma cigana leu minha mão e disse que eu ia viajar muito. Achei graça. Cigana mentirosa. Meu destino eu já tinha traçado, era não arredar o pé do lugar. Minha casa, meu quintal, e no quintal o meu mundo. O muro limitando no quintal a minha restrita e pessoal geografia. Pois não é que a cigana não mentiu? Cigana sabida, que sabia mais de mim do que eu, sabendo e vendo no presente o meu futuro.

A minha primeira viagem veio em forma de um convite que um dia me fez Austregésilo de Athayde para integrar em Paris a

representação da nossa instituição na solenidade de entrega da medalha da Academia Brasileira à Academia Francesa. Foi o meu mal. Não parei mais. Me deixei levar e ir por ceca e meca, num pinga-pinga de passaportes e aduanas. Conheço hoje uma boa parte do mundo, países e povos diferentes, outros céus e outros mares de Deus, e até um livro de viagem publiquei sobre o Japão. Já não tenho, pois, geografia pessoal minha, dentro do meu quintal, onde começava e acabava o meu mundo. Sou agora um habitante de itinerários, no mundo geral em que me perdi. Nas minhas memórias e confissões estou volta e meia falando de minhas variadas e repetidas viagens. Isto levou um crítico imbecil a dizer que o meu **Subsidiário** se enquadrava mais no gênero viagens que no gênero memórias ou confissões. E chegou mesmo a considerá-lo um livro até certo ponto turístico. Que burra gente essa que burramente lê a gente.

✲✲✲

21 de setembro, ilusória primavera de folhinha no outono da minha contagem de tempo. Aniversário. 71 anos. Daqui a mais um pouco, com a pressa com que vindo de longe vai para mais perto o tempo, o inverno estará chegando no sopro gelado dos oitent'anos, o nada e a neve se desfazendo no fim de tudo. Peço perdão a Deus pelo que acabo de escrever com esta mão com que se benze por mim a minha fé. No fim de tudo está em verdade Deus, que é também o começo de tudo.

✲✲✲

O ano passado estava eu posto em sossego aniversário em Madrid, com Jenice e Claudio Murilo. E quando digo que eu estava, digo que comigo também estava Juraci. Este ano fiquei mesmo na França. Beto e Gina, pela segunda vez, vieram passar comigo o meu aniversário. Heloisa e Fernanda, depois de quatro meses no Algarve (escreverei sobre isso depois), vieram juntar-se a nós em Paris. Fiz-lhes uma surpresa com um programa organizado com talvez dois meses de antecipação. Fomos passar o 21 de setembro fora de Paris, no Loire, no castelo De Pray, antiga dependência do castelo imenso de Amboise. Juraci e eu, e Gina

e Beto, já conhecíamos Amboise e visitáramos demoradamente o seu castelo, cuja capela guarda os restos mortais de Leonardo da Vinci. Heloisa e Fernanda só então iam conhecê-lo. Enquanto eles o faziam, nos deixamos sonhar e ir pelas pegadas galo-romanas do velhíssimo burgo. Nos reunimos no fim da tarde no castelo De Pray, para um descanso no devaneio dos nossos quartos com janelas para a História. No dia seguinte voltaríamos à realidade, voltando para Paris. Para o apartamento nosso de cada dia, com a nossa aventura aniversária pendurada na lembrança como uma flor numa panóplia.

Em Madrid houve muitos telegramas. Ao castelo De Pray chegou apenas o de Monique (''Heureux anniversaire''), minha secretária francesa; e minha amiga de embaixada e de Paris. Mas, de manhã, na manhã aniversária do 21, ainda em Paris, recebi o telefonema de pontual afeto de Montelo, abraçando-me com Yvonne pela data que é aliás a mesma dele, apenas com diferença do mês. Exatamente de um mês: ele em agosto, eu em setembro. Mas este ano esses bons e tão queridos amigos me deram um prévio aniversário, com presentes e tudo, num almoço no dia 19. Houve mesmo um bolinho com vela aniversária, que sob carinhosas palmas apaguei à sobremesa. Isto aliás fez que no dia seguinte, sabedor da coisa, João Carlos promovesse com Beatriz em represália outra homenagem pré-aniversária em tudo igual à de Montelo e Yvonne, com outro bolo, outra velinha, sob o mesmo céu de Paris. A uma e outra homenagem compareceram partilhando-as comigo e Juraci as partes do meu todo em Paris: os meus filhos Heloisa e Beto, a minha nora Gina e a minha neta Fernanda.

Mas no dia 21 houve ainda a alvorada telefônica do meu filho Heitor e da sua Diane, tendo dito presente aos cumprimentos os meus netos Rafael, André e Gustavo, que Heitor e Diane me deram, e o meu mais um neto Sergito (filho de Heloisa), que com a sua noiva Sandra também veio me abraçar pelo telefone. E a alvorada telefônica ainda envolveu (como tinha de ser e foi) os filhos de Gina e Beto, que ficaram no Rio com as suas saudades

e o seu terno choro: Pedro, Mariana e Mateus. Todos, enfim, nesse repartido afeto embora num só afeto reunido, dando uns juntos com os outros mais força e mais alegria à vida já tão longa do pai acumulado em avô. Eles sabiam que deixaríamos cedo Paris, rumo ao Loire. Telefonaram cedo - um cedíssimo cedo de fuso horário - para nos pegar ainda em casa. No entanto um desencontro do carro em que eu ia com Juraci e o carro aliás meu em que iam Heloisa, Gina, Fernanda e Beto, me fez voltar a Paris, no desespero de localizar de alguma forma o carro de que nos perdêramos. Assim que entrei no apartamento, toca o telefone, vou atender: era o abraço do meu velho amigo Constantino, de quem nem mesmo as mafiosas fofocas do MEC em Brasília e adjacências cariocas conseguiram me separar. Em seguida, outro toque de telefone. Era a leitura antecipada e expedita do telegrama de felicitações de Maria do Carmo e Marcos Vilaça, que vinha já a caminho, ou que "était en route", como aqui se diz. Um telefonema de Juraci para a minha secretária Monique deu em seguida o serviço: Heloisa seguira para o **chateau**, onde com Beto e os outros nos esperaria. O meu motorista só faltou voar. E por volta das 14 horas estávamos todos reunidos no aniversarial castelo, embora tivéssemos perdido o horário do almoço, que na França, usina e museu de leis, é também lei.

Depois de um passeio pelos jardins do castelo, fomos jantar. Já o frio do outono começava a chegar ali, mas nos aquecemos com o bom vinho da Touraine, que no cristal dos copos reverberava as velas acesas. Sala cheia, embora só um murmúrio de alegria transbordasse das mesas alegres e cordiais. Assim festejamos os meus 71 anos então feitos. Ainda voltamos ao jardim antes de nos recolhermos. Mas afinal veio o sono, e foi mais velho que na véspera que eu fui dormir, em verdade depois de haver passado o meu dia sonhando acordado.

De volta a Paris no dia 22 de setembro, ainda recebi mais algumas escassas mensagens aniversárias, todavia muito gratas. De Marly e Sarney, de Juju e Luis Viana, de Vanda e meu irmão Fernando, de Antonio Celso. Candidatos à Academia, nas vagas

de Moog e de Menotti, não telefonaram. Em compensação também não telefonaram os senhores acadêmicos titulares, exceto os já citados. Enfim, seria exigir muito do silêncio afetuoso dos imortais, querer que todos eles se manifestassem a uma distância de tão cara tarifa telegráfica.

✲✲✲

Tinha um belo relógio evidentemente suíço, com um mostrador lindo de morrer, moderno, que embora não lhe servindo para mostrar de forma prática e pronta as horas, servia no entanto para impressionar os amigos.

✲✲✲

A minha amiga **M** me telefona do Rio para dizer que acabara de receber da José Olympio os três primeiros exemplares do meu **SubsiDiário.** (Grafo o título ainda à maneira de Franco, em homenagem a esse inesquecível amigo que infelizmente não viveu para ver publicado esse livro de que pela mostra que lhe mandei ele gostava tanto.) E me diz a minha amiga **M** que tinha naquele instante sobre a sua mesa - e sob os seus olhos - os três ditos exemplares. E eu lhe disse o que devia fazer com eles. Entregasse um dos exemplares a Athayde para a Biblioteca da Academia. O outro devia ser enviado para Josué Montello em Paris, pela Varig. E finalmente o último me devia ser remetido também para Paris, pelo meio mais rápido de que para isso dispusesse o correio. A minha amiga me tranqüilizou dizendo-me que em 48 horas eu estaria recebendo pelo Sedex o livro. Sedex? Que raio de coisa era essa? Ela me explicou que era exatamente o serviço mais rápido - incrivelmente rápido, dizia - com que contava o correio para cobrir qualquer distância no Brasil e no mundo. Isto foi numa sexta-feira. Hoje, sábado da semana seguinte, exatamente 9 dias depois, o Sedex ainda não fez baixar das suas velozes asas no meu endereço de Paris o exemplar do **Subsidiário** especialmente enviado para o autor. Mas Deus é grande.Talvez dentro de mais uma semana, quem sabe, ou talvez quem sabe daqui a um mês ou dois, estarei vendo afinal o meu

Subsidiário 3 - 360 páginas

livro trazido pelo Sedex. E, de repente, uma tarde, telefonema alvissareiro de Montello, olhe, Herberto, seu livro chegou. Era o exemplar dele do meu **Subsidiário,** que não tendo sido enviado pelo Sedex, chegara a Paris antes do meu - desse meu que nem sei mais se algum dia aqui chegará. E eu pedi-lhe que me emprestasse o livro, queria apenas dar uma olhada para ver como o volume ficara, devolveria no dia seguinte, sem falta. Montello me mandou pelo seu motorista o livro, e depois, por telefone, quis saber se eu gostara da edição (ele Montello achara muito bonita) e também me disse que eu não precisaria devolver logo o livro, ficasse com ele até quando o meu chegasse. Otimismo do meu caro Montello. Hoje quase três semanas depois, o meu exemplar não deu ainda sinal de vida, nem sinal de vida deu com ele o Sedex. Fiquei com o exemplar de Montello apenas dois dias, até a volta de Londres do meu filho Beto e da sua Gina, que também estavam muito curiosos de vê-lo. E, curtido em família o regozijo da publicação do **Subsidiário,** pus no volume uma dedicatória para Yvonne e Montello, e com saudades de mim mesmo e do meu livro lhe devolvi o livro. Ficou na minha mesa, em meio aos meus papéis, um claro. Como fica, mal comparando, numa parede depois que dela retiramos um quadro. Minha mesa. Meu livro. Foi com emoção que vi voltar à minha mesa impresso e em livro feito o manuscrito que nele dia a dia durante meses vi crescer em suas folhas como uma árvore. Meu livro! Montello me telefonou protestando contra a devolução do livro, não havia pressa, nada mais justo que eu ficar com o volume dele até o meu chegar, mas ao mesmo tempo não escondendo a carinhosa curiosidade que tinha de o ler logo. E logo realmente começou a lê-lo, e da leitura já me dava primícias: estava gostando muito. E continuou a gostar leitura a fora, e pelo menos em três telefonemas voltou a me dar as suas impressões do livro, ressaltando passagens dele, que benevolamente considerava modelares, detendo-se outras vezes em comentários largamente generosos, ora para elogiar a expressão formal do estilo, ora para falar do teor humano do livro, do humor de certas cenas, da evocação de algumas figuras de amigos comuns nossos, como no caso de Álvaro Lins, que lhe parecera tocada de muita emoção. E quando

afinal teve o livro todo lido, me deu Montello sobre o **Subsidiário** ciência daquilo que posso bem chamar de veredito de uma superior autoridade literária: aprovava em sua totalidade o meu livro, e em verdade o fez com alta e gratificante honra para mim, porque era a opinião, no caso, muito especial, de um autor que o é também de uma obra até certo ponto congênere do meu livro, conquanto em importância o sobrexceda: os dois tomos já publicados do seu diário, que compreende o **Diário da manhã** e o **Diário da tarde.**

Acabo de fazer este registro exatamente no 13º dia de viagem do meu **Subsidiário** pelo Sedex, sem ter no entanto chegado nada aqui. Isso não é mais atraso de correio. É em verdade uma esculhambação postal.

✲✲✲

Encontro Murilo Melo Filho em Paris. Falo com ele. E ele: Como vai, Heráclio? É simplesmente inacreditável, mas até hoje Murilo não sabe quem eu sou, e note-se que somos os dois de um velhíssimo tempo em que na **Manchete** eu era colaborador e ele Murilo (salvo engano) era já redator. Eram os tempos de Hélio Fernandes. Eu escrevia sobre música popular, e abri o debate sobre a parceria Vadico-Noel Rosa, que me valeu a amizade até o fim da vida de Vadico e algumas episódicas parcerias com ele. O processo foi instruído em juízo com vários recortes da minha seção. Seção de resto respeitada, e que deixei de fazer no mesmo dia em que Hélio Fernandes deixou a **Manchete.** O seu substituto, um jornalista gaúcho cujo nome não me lembro bem se era Nelson de Assis ou Nelson Quadros, foi com Darwin Brandão à minha casa na Muda da Tijuca e tudo fez - ou fizeram os dois - para eu continuar a seção. Mas não havia porque continuar. As coisas na vida começam e acabam. Chegara a vez de minha seção acabar. Enfim, para Murilo eu sou Heráclio. Vejo que ele me confunde com o meu aliás inconfundível e queridíssimo amigo infelizmente não parente Heráclio Sales. Aliás, quando Heráclio trabalhou no Planalto com o Presidente Castelo Branco, recebeu muito pedido de emprego de sujeitos que se dizendo

amigos dele, ele facilmente descobria que eram isto sim amigos meus. Em verdade, não eram amigos dele nem meus.

***

Sempre me fascinou o amanhecer. O dia vindo e vindo aos poucos, suave luz que em floração desabrochando vem - o dia, ó o Dia, silencioso caminhante que vai deixando pelos caminhos como se as semeasse as sementes tenras da madrugada. O róseo dia nascente: nada mais belo fez Deus para os olhos de ver dos homens. Quantas vezes em Andaraí, carregando de volta para casa de madrugada o meu corpo impuro, rescendendo a álcool e a colchão de palha de noturnas aventuras, não surpreendi, saindo de trás das serras de minha terra, e lavando a cidade na sua macia luz chegante - o dia que nascia. Eu sentia vergonha de mim mesmo. E tive muitas vezes vontade de me desnudar e de abrindo os braços levantar para o alto a minha alma e pedir a bênção de Deus. E me banhar em Deus. O amanhecer me parecia então o próprio Deus.

Ainda o amanhecer, como eu o entendo e amo. Quando em inesquecíveis dias escrevia o meu romance **Os pareceres do tempo,** fui muitas vezes esperar na varanda do apartamento pela chegada do amanhecer. Eu o pressentia nos róseos contornos que o céu ia pela mão de Deus fazendo no muito além das coisas (casas, lago, palácios), enfim na barra do horizonte despertando no cerrado. O meu romance está cheio de amanheceres. Não foi à toa que isso aconteceu. Eu me levantava dos papéis de minha mesa, oficina de sonho e de uma desassossegada esperança. Pegava pela mão Liberata e pela mão pegava Policarpo, ia com eles esperar na varanda o amanhecer que vinha ao nosso encontro. E me deixando iam eles dois por dentro do amanhecer, como na fingida verdade minha e deles do romance,unidos na fremente paixão que os ligando nos ligaram. E vinham os pássaros e começavam a encher de saltitantes sons o silêncio da mata: uma espécie de chuvinha miúda de sonoridades contentes. Não posso sequer pensar no amanhecer, basta escrever esta palavra: **amanhecer**, para que logo me levem de volta para a

madrugada na mata as lembranças de Liberata e Policarpo. Eles estão no livro mas também estão em todas as minhas madrugadas. Nas madrugadas que não importa onde eu esteja me trazem sempre um cheiro bom de mato amanhecendo.

Não acredito que haja alguém tão insensível a ponto de matar com um tiro ou com uma faca um homem à luz do dia nascente, com o sol em tenra luz surgindo no horizonte e os pássaros cantando tremulamente na mata, num ondular de sons e folhas amanhecentes. O amanhecer é a hora da pureza das coisas. Alguma coisa começando gloriosamente: o sol chegando. O mundo renascendo. O mundo mais uma vez recomeçando. Hora de Deus vir olhar o mundo para ver como vai o mundo. Que em geral vai pior que na véspera: nas sombras da véspera, de onde o mundo emerge como uma coisa nova que infelizmente é velha. O velho mundo sem glória e sem remédio. Ó Deus!

✲✲✲

Um meu amigo, que não direi quem foi nem quem é, depois de uma inútil tentativa de impossível amor, sem conseguir se dar inteiro e todo à mulher que inteiro e todo o queria, arrumou a melhor desculpa que pôde: estou com uma fome danada. E a mulher, debaixo do luar que fazia na cama, olhando-o inocentemente: - Então, me coma.

✲✲✲

Chego de Lisboa, não quis ver em Lisboa o que na velha Baixa fez de suas casas e ruas o incêndio de Lisboa, que em verdade ainda lateja em brasa dentro de mim e nem sei se vai algum dia apagar-se em minha lembrança, na busca impossível dum reencontro desfeito em fumo. Chego de Lisboa. Entro comigo mesmo no meu quarto, onde também está a minha mesa de trabalho e onde trabalho: entre ela e a minha cama me habito, inquilino da vida que Deus me deu para tomar conta. Vejo na minha mesa de trabalho as minhas coisas: tudo está como deixei. As minhas coisas: calados objetos que filtram na sua mudez o silêncio de que preciso. Começo a rever papéis, velhos papéis que retirando vou de pastas de cartolina que em Andaraí chamavam

"colecionadores" e que os franceses chamam **chemises**. Vou assim descamisando os meus papéis. E entre nós se estabelece a intimidade de uma descontraída nudez a dois.

Encontro na velha pasta o capítulo que não foi mesmo além do primeiro capítulo do romance que um dia comecei a escrever com o título **Os pareceres do tempo**, título esse em que sem prévio aviso veio se instalar outro romance meu, assim com esse mesmo título batizado e publicado. Já contei no **Subsidiário** a história desse romance gorado. Quem se interessar pelos pormenores, em que entra talvez como Pilatos no Credo uma daquelas agro-novelas paulistas de TV com casarões recheados de mulheres mal amadas e de matutos machistas, simplória gente metida a gente complicada, que leia no respectivo **Subsidiário** essa respectiva história. Tudo porque apareceu agravando a coisa na agrária arenga um burro coronel mandão do tempo do café. Mandão e peidão. Reli o capítulo manuscrito. 16 páginas. Capítulo enorme, com embalo para um livro enorme. Reli a nota inicial, que depois de refeita foi transposta para **Os pareceres do tempo**, onde ficou e está. Experimentei a sensação de um travo nostálgico na alma quando peguei o capítulo e o rasguei de alto a baixo, fazendo-o em irremediáveis pedaços. Em outros tempos eu o teria queimado. Aqui em Paris, sem quintal para a fogueira purificadora, simplesmente o rasguei e o fiz desaparecer no lixo. Talvez num luxo subdesenvolvido de lixo: o lixo brasileiro de Paris. Fiz o que devia fazer: na literatura brasileira coronel mandão já deu o que tinha de dar. Em romance nosso, daqui pra frente, mostrar coronel mandão só se for para reabilitá-lo. Em vez do coronel desgraçando a sociedade, a sociedade desgraçando o coronel. O coronel tão vítima de si próprio quanto suas próprias vítimas. Uma coisa talvez complicada, mas verdadeira. Uma sociedade na chamada geral da culpa. Todos somos afinal culpados. Onde está o homem está a culpa: a culpa original da maldição humana. Peguei outra pasta. Na consciência ardente do meu ato de contrição literária, prostado diante de Deus e de mim mesmo e a Deus e a mim mesmo pedindo perdão, destruí rasgan-

do-as as 183 páginas do meu inacabado romance **A plataforma.** Não me esqueço da favorável impressão que ingloriamente causei há muitos anos quando li para alguns amigos (entre eles Luís Carlos Barreto e Aluízio Medeiros) trechos salteados desse romance. Gargalhadas. Quando ao meu querido José Cândido de Carvalho também mostrei um dia esse romance, ele me disse sério, depois de muito rir, que o país não ia aguentar a gargalhada da **Plataforma.** E Aluízio Medeiros (ou terá sido Luís Carlos Barreto?) me telefonou um dia de repente para me dizer que o meu romance estava na rua. Então eu ainda não sabia, não ouvira o rádio? O AI-5 fora decretado, e o AI-5 era o meu romance. Brincadeira com coisa séria. Meu romance era um livro contra a ditadura, mas não na obviedade do cinema de Costa Gravas. Era mais um livro contra a violência que o ser humano, em nome duma suposta ordem instaurada, emprega para reprimir a liberdade do ser humano. Isto em qualquer país. Isto em qualquer latitude. Isto em qualquer situação política em que a violência é usada num país como pretexto político para salvar o país. Por isso eu peguei a minha idéia pessoal e minha mesmo e deixando de lado a obviedade costagravesca do cinema de protesto construí a fábula do **Fruto do vosso ventre**, onde em nome de uma pretensa ordem humana se desumaniza e se desmonta o homem. Uma coisa mais profunda. Mexendo com a própria origem biológica ou ventral do ser humano. Depois disso, não tinha como tocar para a frente a **Plataforma.** Ela se transpusera em causas e efeitos mais profundos para **O fruto do vosso ventre.** Onde afinal a crueldade humana da sátira contra a ordem como pretexto da violência se ilumina no fim do livro com a luz duma esperança humana: com a luz de Deus. **A plataforma**, como era, não tinha mais razão de ser. Peguei as suas 183 páginas e as fiz desaparecer no sumidouro das coisas que não honram nem consolam. Depois fui descansar dentro de mim, no meu sono. De consciência tranqüila. Houve ainda mais uma pasta. A pasta onde escondido estava o esboço manuscrito de uma novela infantil minha chamada **O rei da beterraba**. Uma risonha síntese da origem da sociedade agrária nos fundamentos da posse da terra.

Havia um rei, centrando a ação. O rei Fanfanini, chamado o rei da beterraba. Era o dono da terra. E fazia como todo rei o que todo rei faz; tudo está bem, desde que não mexam na terra do rei. No fundo a coisa envolvia uma ordem instaurada e a violência empregada para mantê-la. Confúcio já dizia que onde há ordem há violência. E isto de ordem e violência já fora em seu único e em seu também inevitável desdobramento absorvido nas entrelinhas do **Fruto do vosso ventre**. É só ler e prestar atenção. Ou reler, e meditar. Logo, a novelinha do rei Fanfanini também murchou em sua redundância. Um dia eu a interrompi. E afinal no outro dia tirei-a da pasta e transformei-a em papel picado, melancólico confete do meu carnaval que passou.

***

Acabei de falar no registro anterior de papéis que pus fora inapelavelmente rasgando-os. Livros que não chegaram a ser livros. Que apenas foram projetos de livros: ou talvez apenas sonhos. Ainda houve mais alguma coisa que entrou na operação limpeza das minhas coisas. Numa outra pasta havia notas, esboços, borrões de capítulos dos meus romances **O fruto do vosso ventre** e **Os pareceres do tempo**, e ainda, por incrível que pareça, do **Além dos marimbus**. Foi um mexer cemiterial d'ossos. Pus tudo fora, trapos imprestáveis dos meus papéis mortos. Por fim, submeti a uma implacável triagem assim sem pena nem dó, as cartas que em outra pasta (a última) encontrei. Rasguei o que me pareceu menos interessante arquivar, tolices que em feitio de cartas chegam às nossas mãos. O resto separei para o arquivo da Academia. Comigo não quero guardar nada. Do material que destinei à Academia vou todavia transcrever aqui alguma coisa ainda relacionada com a minha saída - insisto que espontânea - do Instituto Nacional do Livro. No **Subsidiário** transcrevi já a esse respeito alguma coisa que encontrei. Hoje, e aqui, estão talvez as últimas. Um telegrama do deputado José Bonifácio: "Com a sua saída perde a Administração um dos seus mais ilustres colaboradores". O outro é do senador Nelson Carneiro: "Felicito pela sua brilhante atuação junto ao Instituto Nacio-

nal do Livro". Por fim, um telegrama do principal ministro que tive na minha área de atuação, Ney Braga: "Sou sempre grato pela ajuda inestimável que recebi do prezado amigo no MEC. Com admiração de sempre pela sua contribuição à cultura, um grande abraço".

Não sei como anda agora o INL. Parece que ele é agora uma espécie de congressual agência de traduções de livros brasileiros no exterior. Reuniões, reuniões, reuniões. Turismo tagarela. Enfim demasias de conversas. Não é mais o discreto e operoso órgão que, em suas origens e fins, teve no tempo de Augusto Meyer a sua idade de ouro em matéria de serviços prestados à cultura brasileira na área do Livro. Pobre INL.

✲✲✲

Estávamos nos Açores, Jorge Amado com a sua Zélia e eu sem a minha Juraci. Eles seguiram para Montreaux (Suíça), onde Jorge foi integrar um júri internacional de filmes eletrônicos, eu regressei a Paris via Lisboa, recanto meu de felicidade em flor, nestas andadas e desterradas rotas geográficas da Europa. Em Paris recebi de Jorge e Zélia um lindo cartão-postal com esta mensagem de Montreaux: - "Saudosos dos amigos, aqui vamos vendo filmes neste Festival Electronique, curiosíssimo. Um abraço afetuoso. Jorge". Palavras complementares de Zélia: "Todo o carinho e as saudades da Zélia. P.S. Nos Açores sentimos falta de Juraci. Aqui em Montreaux, dos dois". Transcrevo essa mensagem por prazer. Mas também a transcrevo para servir de exemplo de boa educação e de desinteressado afeto para alguns membros da Academia Brasileira - essa falange dita de intelectuais, em que predominam os que entre si se desgostam fingindo que são entre si amigos além de confrades.

✲✲✲

Envia um livro da tua lavra a um acadêmico, e ele em geral não te agradece o livro. Escreve uma carta a um acadêmico, e ele em geral não te responde, mesmo sendo tu um acadêmico. Tudo que um acadêmico, antes de eleger-se acadêmico, quer de ti, se fores também acadêmico, é em geral o voto. Depois de eleito,

dá-se em geral por pago concedendo-te a espórtula de um elogio convencional na Sessão de Saudade.

Enfim, há as flores das exceções, que embora raras compensam os espinhos do convívio acadêmico, desde o dia em que por vaidade ou fraqueza passas a fazer parte do espinheiro da Academia.

Quando entrei para a Academia, enviei pelo Natal um cartão de Boas Festas a todos os meus confrades. 39 cartões, tirante o da gentileza do expedidor. Recebi três ou quatro respostas. Não escrevi mais, salvo aos que na Academia ou apesar da Academia são meus amigos e não apenas meus confrades.

Ontem, separando no entanto velhos papéis antigos para deles me despedir, uns mediante simples destruição, outros para serem arquivados na Academia, encontrei alguns cartões que redimem de alguma forma essa impolidez acadêmica. Nem tudo está perdido...

Num desses cartões, enviado de Ravena, me diz Paulo Carneiro: "Ao passar junto ao túmulo de Dante, numa rápida peregrinação pela Itália, associei o meu culto pelo poeta à profunda gratidão pela promessa que você me fez de publicar, pelo Instituto Nacional do Livro, a tradução do **Inferno**, por Vinícius de Berrêdo, prefaciada pelo nosso querido Abgar. Na fotografia que ora lhe envio, estou anunciando este glorioso fato ao misterioso viajante pela 'perdutta gente'...".

Devo esclarecer que cumpri a promessa feita a Paulo. Antes de ele nos deixar, entreguei-lhe pessoalmente, no Rio, numa de suas viagens ao Brasil, os primeiros exemplares da tradução excelente do **Inferno** de Dante, feita por Vinícius de Berrêdo. Foi uma grande alegria que - sem lhe fazer favor - dei a Paulo.

O outro cartão é de Magalhães Júnior, datado de Londres. Leio nele: "Almocei hoje com Antonio Olinto, que lembrou sua passagem por estas plagas. Muito obrigado pelo seu cartão de Paris".

Não me lembrava de haver mandado de Paris um cartão para Magalhães. Vejo que ele recebeu um cartão meu. Sobretudo, vejo que ele não o deixou sem resposta.

De Genolino Amado, num cartão de São Cristóvão: "Aqui do meu Sergipe, lembro com afeto meu esplêndido companheiro a quem tanto admiro, e envio meus votos de Feliz Ano Novo".

De Santiago do Chile, numa pressa viajora, Joracy Camargo encontra ainda assim tempo para no seu cartão me mandar um "afetuoso abraço".

E, **hors** Academia, este engraçado cartão (Londres,1963) do meu amigo Millôr Fernandes:"Compadre, aqui estou eu às voltas, de novo, com os nossos inimigos saxões".

***

Estou falando ou falando estava de cartões-postais, eles são uma tentação constante e aliás natural nas viagens que a gente faz, e então fazendo-as quer a gente se fazer lembrada dos amigos, e os amigos por sua vez, quando no lugar da gente, também querem se fazer lembrados de nós, pois são também filhos de Deus. Reconheça-se que às vezes o cartão postal é mero cabotinismo turístico. Mas estes não contam, estes que certas pessoas nos mandam só para a gente ver e sentir que o Fulano está se divertindo e nós, pobres desgraçados, não. Eu sempre quando viajo mando cartões-postais para os meus filhos, para os meus netos, para o meu povinho da família. Mas também tenho pessoalmente em matéria de cartões-postais uma fraqueza de colecionador, que vou dizer qual é. Quando estou no exterior - só vale para o exterior - mando cartões-postais para mim mesmo, na base do Ilmo. Sr. Herberto Sales, e depois do endereço a indicação ou razão da coisa: lembrança da minha viagem ao tal e tal lugar aquele, etc. Faço questão de selar o cartão, visto que o selo faz parte da lembrança viajeira e talvez tenha nela o seu maior charme. Ouço dizer que esses cartões costumam ser desviados por colecionadores que eventualmente trabalham nos correios, às vezes como estafetas. Não sei se isso é verdade. Até hoje nunca tive desviado ou transviado um cartão desses que de qualquer parte do mundo mando para mim próprio. Ainda há pouco recebi os três que enviei a mim mesmo de Moscou, um deles lindo, com

a rechonchuda igreja de São Bazílio e os competentes selos soviéticos dando na fraqueza de qualquer colecionador que nele puser os olhos. Enfim, tenho os meus cartões-postais, mas só os pessoalmente meus em suas origens, porque cartão-postal de outras pessoas e de outros tempos não têm com as suas saudades desbotadas charme nostálgico capaz de me atrair. Mas há exceções.

Outro dia mesmo, quando descuidado eu estava "revendo papéis antigos", como na letra de Orestes Barbosa para a valsa de Sílvio Caldas: "Revendo papéis antigos, velhas cartas dos amigos", etc..., eis que encontro de repente dois velhos cartões-postais, do tempo em que eles eram impressos em preto e branco. Sóbrios. Uma graça. Um era de Louvain, aspecto da rua de Namur, com um esguio padre solitário e de batina caminhando pela calçada do Institut de Physique et de Zoologie, tudo assim mesmo escrito em francês, pois era e é francês o cartão. Belga, aliás; belga, e impresso em Bruxelas. Vou ver o que está possivelmente escrito no verso do cartão, e a minha curiosidade desaba junto com a minha alma num texto escrito por minha mãe. Lá está a letra dela, com cada palavra escrita contendo nos traços da mensagem a essência imortal da sua ternura. Tudo tão simples. Tudo tão bom de lindo. Me perdoem, mas vou transcrever tudo que ela escreveu no cartão, e que só mesmo uma mãe escreveria. Começa saudando o dia do meu aniversário: "Salve 21-tbro-928!" Curiosa essa abreviação de setembro. Que coisa digamos arrojada. Enfim, vem então o texto da mensagem: "Meu querido filhinho. Que o bom Deus abençoe a tua existência, concedendo-te a felicidade do prolongamento desta data, cercado dos carinhos de teus pais e manos, eis os votos da tua mamãezinha que te beija ternamente. **Aurora**."

Mas, porque esse cartão de Louvain, esse civilizado cartão da Europa, usado assim sem mais nem menos na correspondência familiar de uma senhora que morava numa pequena cidade do interior da Bahia? Explico. E é fácil explicar. Tio Araujo (meu tio avô, que aliás fingi biografar no meu romance **Dados biográficos do finado Marcelino**), tio de minha mãe, irmão de minha

avó Georgina, mãe dela, era um viajadíssimo homem rico. Das suas viagens à Europa (e também aos Estados Unidos) enviava para os parentes em Andaraí cartões-postais que eu mais tarde, adolescente, iria ver aos montes. E não apenas enviava cartões das viagens, como também os trazia em blocos, para uso especialmente de mamãe, junto com outras lembranças, presentes outros menos singelos que lhe mandava. Isto aliás também explica o segundo cartão que no dia aquele de "papéis antigos" mexidos e revolvidos fui encontrar junto com o de minha mãe. Era um cartão de meu pai, datado também do dia do meu aniversário, só que quatro anos antes do dela: 1924. Dizia meu pai: "No dia de hoje, lembrança do papai, que não cessa de pedir a Deus pelo teu feliz futuro''. É um cartão (tenho-o sob a minha vista) impresso este em Paris, também em preto e branco, com o "Panorama des Jardins du Trocadéro vers la Tour Eifell". Lá está a velha Torre Eifell, tão combatida pelo pessoal do contra quando de sua construção, mas que ficou como símbolo de Paris, sob o céu de Paris. Ao fundo , vê-se no entanto destacada uma enorme roda gigante, que pelo visto devia ser bem maior que a geringonça colorida e iluminada que no verão costumam hoje armar na praça da Concórdia, perto do lugar de sinistra memória onde nos dias do Terror instalou-se em Paris a guilhotina. Ou a navalha insaciável da "liberté".

***

Grande novidade. Estou com sono. Vou ver se consigo dormir.

***

Com tanta gente morrendo sem nenhuma graça e sem aviso prévio nenhum, toda uma geração de amigos e companheiros indo-se embora por aí no por aí sem retorno das sombras da eternidade, é natural que eu me ponha em dia comigo mesmo, nos meus projetos de vida antes que a morte chegue. Telefono a Márcia, preocupado com o involuntário atraso em que ela se acha nos trabalhos de datilografia deste livro. Tenho comigo para enviar-lhe meus últimos manuscritos, esperando apenas que ela

me devolva as páginas que retém consigo. Além do mais, estou cuidando já do meu regresso, e quero levar comigo datilografado o livro todo. Hoje afinal Márcia liberou o material em atraso. E me mandou acompanhando-o esta mensagem: - "Herberto, não fiques angustiado. Eu terminarei o teu trabalho, embora lentamente. Ando com uma personagem na cabeça e no tempo, me ocupando 10 horas por dia de prática e outras tantas de ansiedade. Aí vão 67 páginas. Um abraço. Márcia".

Márcia faz teatro. Eu faço meu livro, que aliás já estou terminando. Datilografado o resto dele, ela e eu nos separaremos. Entre o palco e a livraria continuaremos no entanto reunidos, na saudade nossa de nós dois.

✲✲✲

*I*deologia. Conjunto de erros do homem em função dos quais se organiza e se rege a sociedade enquanto não os considera como tais.

✲✲✲

*N*em sempre é o livro o que devia ser: um objeto merecedor de um mínimo de atenção física. Aos poucos fui reduzindo o oferecimento de livros meus, hoje restrito a meia dúzia de amigos mais chegados, que aliás estão morrendo em indesejado ritmo. E novos amigos não servem para substituir os amigos velhos que se vão; se é que para alguma coisa servem os amigos novos. Fui uma vez visitar um filho meu em sua sala de trabalho, que ele repartia com três companheiros interessados em livros, inclusive uma bibliotecária que estava peruando a direção da Biblioteca Nacional. Levei - a pedido de meu filho - o meu mais recente livro para oferecer a seus companheiros. Um gesto delicado. Uma simpática homenagem que meu filho queria prestar aos seus simpáticos companheiros. Afinal todos eles eram pessoas ligadas ao livro: havia um poeta, havia um romancista, e havia uma bibliotecária, que como já disse não queria muita coisa não: só queria a direção da Biblioteca Nacional. Distribuí entre eles o livro, evidentemente com dedicatórias, como numa sessão de autógrafos. Saí. Dois dias depois repassei pela sala de trabalho de

meu filho, para vê-lo e também para abraçar os seus companheiros. Em cima da mesa da bibliotecária - que matara naquele dia o trabalho - vi o meu livro. O exemplar que lhe oferecera do meu livro. No mesmo lugar. Com dedicatória e tudo. Ainda bem que os outros dois colegas de meu filho tinham levado o livro para casa, e o estavam lendo. E gostando, pelo menos foi o que me disseram. Um mês depois, o rapaz do elevador, que muitos preferem chamar ascensorista, estava no elevador com o meu livro. Ele só vivia lendo, era um infatigável leitor, conhecido como tal por todo o pessoal do Ministério. Ainda bem que no elevador havia um banquinho. De pé ele não ia conseguir ler tanto por tanto tempo. Este livro foi o senhor que escreveu, não foi? perguntou-me o rapaz. E, fazendo um ar feliz, disse que tivera sorte. Encontrara o meu livro na cesta do lixo, a caminho já da lixeira geral do Ministério. Pedi-lhe por um momento o livro. Abri-o. Era o mesmo exemplar que eu oferecera à bibliotecária. Com dedicatória e tudo. Durante algum tempo tomei aquela rejeição da bibliotecária como um ato isolado de desinteresse pelo meu livro. Mas depois fiquei sabendo que ela simplesmente tinha horror a livro.

Ainda livro, livros. Um meu camarada louco por livro estava no Rio, de volta ao seu pouso natural, São Paulo. Eu tinha um livro novo meu, que na boa forma do costume queria mandar para um grande amigo meu que habitava o mesmo pouso do meu camarada que era louco por livro. Que excelente portador! Mandei por ele o livro. Seis meses depois, vou eu por minha vez ao pouso dos dois, me hospedo com o grande amigo meu. Pergunto-lhe pelo livro. Livro? Não recebera nenhum livro mandado por mim. Não era possível. Sim, sim, era possível, e era verdade. Não recebeu o livro que eu lhe mandara. Então, encontrando depois o portador, aquele meu camarada que era louco por livro, pedi-lhe uma explicação. Veio a explicação. Ele entregara o livro. Como o caso porém não comportava dúvida entre os dois em matéria de interesse por livro, cheguei à conclusão de que o portador esquecera no hotel do Rio o livro. Com vergonha

de o confessar, inventou a mentira da entrega do livro a seu destinatário. Num hotel ele podia esquecer qualquer coisa - menos um livro. Afinal ele era um camarada louco por livro.

✲✲✲

Na minha mesa encontro um envelope a mim endereçado, apenas com o meu nome. Pela letra, que logo identifico, vejo que foi Juraci que o deixou. Abro o envelope; leio o cartão, um cartão aliás comum do casal - **Sr. e Sra. Herberto Sales,** com dois riscos em X cortando a indicação impressa. Que terá escrito Juraci? Leio: - "Caro Herberto:. Na minha pobreza de espírito sempre pensei que a minha dedicação e o meu amor por você fossem capazes de algum dia fazê-lo feliz. Mais uma vez **je vous demande pardon.** Obrigada pela tolerância. Não me queira mal. Sua sempre amiga Juraci".

Deixo correndo o quarto e vou ver onde Juraci está. Está na cozinha, preparando o almoço, já lá se vão 45 anos de casados!

– Minha filha, você me meteu um susto dos diabos.

Ela sorri:

– Susto?

– Claro. Quando vi seu bilhete, pensei que você ia me deixar.

Ela tornou a sorrir. E eu, abraçando-a:

– Juraci, eu sem você sou um homem liqüidado.

✲✲✲

Recebi um dia no meu gabinete na embaixada a visita (evidentemente marcada com antecedência, como só não se faz no Brasil) de um jovem estudante francês de Grenoble. Seu nome: Laurent Vidal. Falou-me que estava preparando um trabalho sobre o Nordeste brasileiro em torno dos anos 30, que apresentaria num seminário de História contemporânea. Era-lhe indispensável alargar a pesquisa sobre o romance de Jorge Amado **Seara vermelha**, que na tradução francesa saiu com o título de **Chemins de la faim** e que era, como documento literário de interesse social e humano, o centro de irradiação do seu trabalho. Poderia contar com a minha ajuda? Já nesta sua primeira visita conversamos longamente sobre o assunto. Laurent tomou algumas notas, pedi-

lhe que voltasse dali a uma semana, quando esperava ter reunido um bom material para ele. Combinamos que ele telefonaria marcando o dia. Imediatamente me pus em ação, montando para Laurent um pequeno *dossier* essencial, com reproduções de cópias xerográficas de textos de livros e de jornais referentes ao romance de Jorge Amado. Mario Carelli me emprestou para reprodução de trechos no **dossier** duas edições de **Seara vermelha**, inclusive a francesa. Montado o **dossier**, marquei novo encontro com Laurent na embaixada, quando para surpresa sua lhe entreguei o material coletado. E fiz-lhe uma surpresa maior. Como ele queria estabelecer um contato pessoal com Jorge Amado, combinei com Jorge a hora em que ele poderia recebê-lo, fazendo-a coincidir com a da visita que ele Laurent me faria naquele dia. Então, de repente, liguei para Jorge e, passando o fone a Laurent, lhe disse: "Jorge Amado está ao telefone. Vai falar com você". Nunca vi ninguém mais contente, descontado o encabulamento que em Laurent, um jovem discreto, é natural. Ele saiu da embaixada e foi ao encontro de Jorge.

Passam-se os dias. De repente, eis que Laurent me telefona de Grenoble convidando-me para assistir o (prefiro esta regência, por ser mais natural) Seminaire d'Histoire contemporaine (Religions, mentalités et sociétés), no 15 de junho 1984. Que pena! Nessa data eu não ia estar em Paris. Estaria em Lisboa, de volta dos Açores, com os demais membros do júri que integrei do Prêmio Luís de Camões. Prometi-lhe, porém, que no meu regresso iria visitá-lo em Grenoble. Ele, por sua vez, prometeu-me que me mandaria pelo correio uma cópia do seu trabalho - a cópia que para sua alegria ele contava me entregar pessoalmente. Foi mesmo uma pena.

No dia seguinte - exatamente hoje - chegava ao meu apartamento a cópia do trabalho de Laurent Vidal: "**Les Chemins de la faim** de Jorge Amado / Le **Nordeste** brésilien autour des années 1930 / Analyses et perspectives." É esse o trabalho que, realizado **sous la direction de Guy Martiniére**, ele apresentará no seu seminário da Université de Sciences Sociales de Grenoble.

Amanhã telefonarei a Laurent agradecendo-lhe o envio da sua tese: o trabalho sonhado e realizado, vontade transfeita em realidade, com inteligência e amor. Ele ama o Brasil. É um jovem francês estudioso, sério, que a gente tem gosto em conhecer e interesse em ajudar. Sem favor.

Transcreverei aqui os **Remerciements** de Laurent Vidal na página 2 do seu trabalho.

"Je tiens à remercier M. Guy Martiniére, maitre de conférence à l'Université de Grenoble, de m'avoir offert la possibilité de pénétrer dans le monde des Brésiliens de Paris et des brésilianistes, M. Jean Orecchioni, professeur retraité, a mis à ma disposition de nombreuses sources écrites sur l'oeuvre de J.Amado. M. Sergio Telles, ministre conseiller à l'Ambassade du Brésil en France et peintre, m'a servi de guide dans le monde clos des écrivains brésiliens demeurant en France. M. Herberto Sales, attaché culturel de l'Ambassade du Brésil et écrivain, avec qui j'ai discuté de nombreuses et fructueuses heures, m'a apporté de nombreux renseignements sur l'activité littéraire au Brésil et l'oeuvre de J.Amado. Il m'a également permis, et je lui en suis très reconnaissant, de rencontrer Jorge Amado. C'est à l'écrivain, Jorge Amado, que vont mes derniers remerciements, pour l'entretien qu'il m'a accordé. Merci à toi Magali, pour l'amitié et le sourire." Esse tipo de atendimento que presto aos jovens estudantes franceses que buscam conhecer melhor o Brasil e a nossa gente, é o trabalho que faço com maior gosto na embaixada. E o faço a meu modo. Trabalho desinteressado. Sem alarde. Sem banca. Sem gogó. Silencioso trabalho como o da semente germinando, que irá depois produzir os seus frutos, que já então pertencerão com justiça a outros. O bocado para quem merece. De toda maneira - tudo como antes. Sem alegação e sem lembrete.

Pelo telefone dei a Jorge Amado notícias da tese de Laurent Vidal. Depois de amanhã seremos companheiros de vôo numa viagem que faremos a Lisboa e aos Açores. Vamos a convite do governo português assistir às comemorações do Dia Nacional. A data dos portugueses. A data do seu grande país. No avião

mostrarei a Jorge o trabalho de Laurent, que está inclusive materialmente muito bem feito. Laurent certamente lhe mandará uma cópia. Só não dou a Jorge a minha cópia porque estou naturalmente impedido de fazê-lo pela dedicatória que nela escreveu Laurent Vidal: "Pour Herberto Sales. Merci pour votre accueil et l'intérêt que vous portez à mon travail".

✲✲✲

Cumprindo o fado que a cigana anteviu nas linhas itinerárias da minha mão, tenho em verdade viajado muito, sobretudo nos anos que vivi em Paris, rodeado de países que em teoria geográfica ficavam perto do meu **arrondissement**, para bem dizer ali na esquina. Na prática a coisa não é tanto assim. Esses países europeus supostamente próximos uns dos outros em verdade só o são quando viajando de automóvel a gente chega afinal à fronteira. Na pior das hipóteses podemos já dizer que estamos mais perto do hotel.

Mas, mesmo nos meus mais viajores dias, vários planos meus de viagem ficaram só em planos. Ficaram no ar. Não passaram de **aeroplanos**, como em aviatórios anos que não voltam mais, costumava dizer com muita graça Jorge Amado. Foi pelo menos o que em carta me contou um dia Matilde, a propósito de planos frustados de viagem.

Aliás, o viajar muito não quer hoje dizer nada para um brasileiro. Ou quer dizer muito pouco. Brasileiro não faz hoje outra coisa senão viajar. Para o brasileiro nunca foi tão fácil viajar. Viajar e voar. Porém pelos caminhos do mundo a gente topa a contragosto muito brasileiro que fazendo turismo teria feito melhor negócio não saindo do lugar onde estava no Brasil. Certa vez, por exemplo, na hora do **breakfast** no suntuoso hotel New Ottani, em Tóquio, ouvi no civilizado sussurro do grande salão cheio de gente do mundo inteiro e adjacências, um brasileiro literalmente berrar para a mulher de quem aparentemente se desgarrara para fazer alguma coisa que não dera certo.

– Alzira, entrei pelo cano!

Decididamente esse tipo de turista brasileiro é mais da esculhambação que da excursão.

✲✲✲

Conheci ontem com Juraci, por inspiração de Vilma Lécuyer, um recanto do **vieux Paris** em desaparição de hoje: a Passage des Panoramas. E nela conheci **l'Arbre à Canelle**: uma airosa casa de chá dentro de uma graciosa galeria, remanescente da **belle époque**. Uma coisa praticamente escondida. Quase um segredo de Paris. Que os parisienses - tão ciosos de Paris - escondem dos **immigrés**. Ainda que os políticos franceses façam demagogicamente parecer o contrário, eles em verdade não querem que os **immigrés** votem. As urnas francesas são para os franceses. E o povo francês, em considerável maioria, quer ver pelas costas os **immigrés**. Ontem, a pergunta feita numa **enquête** de televisão (Canal 5) sobre se os **immigrés** devem continuar livres e desembaraçados como estão em Paris, ou se deviam ser levados de volta às fronteiras, 67% dos parisienses votaram a favor das fronteiras, contra os **immigrés**. Mas os **immigrés** sabem esperar. E vão enquanto isso fazendo em Paris, com tolerantes cônjuges franceses, os bebês mestiços que serão os parisienses de amanhã.

✲✲✲

Encontro o meu pacificador amigo S, que armado de pacíficos argumentos exorcistas costuma enfrentar as minhas eventuais iras, ou as minhas mágoas eventuais, provocadas pela ingratidão de terceiros e ingratos indivíduos, até debelá-las de todo e me ver enfim reposto em minha habitual calma e em minha resignação inglória. Passa o temporal. Ele fica satisfeito de sua intervenção conciliatória, e em alguns casos (embora nem desconfie) até mesmo salvadora: nos casos em que nas minhas eventuais iras, que ele condoído de mim em mim apazigua, lateja um obscuro impulso homicida.

É ele o meu amigo uma pessoa serena. Eu ao contrário dele sou um ser que sofre, por motivos aparentemente indignos do meu sofrer. Gasto o meu sofrer com defunto às vezes ruim. Que aliás continua prosperamente e risonhamente vivo: nada defunto.

Há poucos dias, ante a ingratidão de um favor recusado, vivi um desses meus inúteis momentos explosivos, que o meu sereno amigo conseguiu no entanto minimizar, a ponto de fazê-lo refluir para o perdão. Ou para o esquecimento. E o que era explosão não explodiu. Ou explodiu apenas dentro de mim: uma implosão. Uma merencória implosão do nada. Dela guardei todavia uma lição: o favor que se faz é um bilhete condenado a não valer para a volta. É assim a vida. São assim os favores.

✲✲✲

Fui a Grenoble. Não exatamente para ver em museus e o que em museus se preserva ali de Stendhal, que nasceu na bela cidade banhada pelo Izére, ao pé dos Alpes. Todavia marquei ponto nas indispensáveis visitas stendhalianas. O que eu tinha mais empenho em ver e vi foi a Grande Chartreuse, que aliás nada tem que ver com a Chartreuse de Parma do romance de Stendhal, que não fica na França, nem obviamente fica em Grenoble - mas na Itália. Me aconselharam a ir de trem. No TGV, que é o velocíssimo trem de que a França não sem razão se orgulha. Há TGV para Grenoble. Comprei os bilhetes, íamos - fomos - Juraci e eu. Eu já conhecia o TGV na fonte: em sua versão original do trem-bala do Japão, de onde a França o trouxe. No trem-bala do Japão viajam japoneses. No TGV - ou trem- bala francês - viajam franceses e cachorros. Entrou no meu vagão uma senhora feia e velha carregando não o seu Lulu, mas um vasto cão policial, que de cabeça sobre as patas deitou-se ao lado dela, no corredor do vagão. Quando algum passageiro transitava pelo dito corredor, desculpava-se com o clássico **pardon** francês por estar incomodando o cachorro da velha senhora. E a velha senhora, por sua vez, escusava-se com qualquer coisa assim como **c'est pas grave,** enquanto tentava introduzir o cão no espaço aquele reservado para os passageiros quando sentados terem onde botar as pernas. Isto a levara a ter de emitir num eco o **pardon** para o seu vizinho dela de banco - ou d'assento - cujo conforto o cão entrante punha em risco. Enfim, como

o cachorro era de todo inviável no pretendido espaço, voltava ao corredor do vagão, obstaculizando a passagem, ou a circulação. E lá vinha de novo, no refrão itinerante: **pardon, pardon, pardon,** não se sabia bem se realmente por incomodar a velha do cachorro, se por incomodar o cachorro da velha, afinal passageiro como ela. A certa altura, escorreu pelo corredor do vagão como por uma sarjeta um líquido suspeitoso e farto. O cachorro acabara de dar a sua mijadinha ferroviária. Ainda bem que estávamos já nos arredores de Grenoble, conquanto não estivéssemos de galochas.

***

Felicidade. Não se pode dizer que era um homem que falasse fino. Mas, nos piques de exaltação neurastênica, ou de transbordamento eufórico, afinava a voz. Digamos que esganiçava, e portanto falava fino e falando fino gesticulava, com as munhecas voltando-se emunhecadas sobre si mesmo, ou para dentro, coisa estranha, estranha postura talvez engraçada. Foi o que aconteceu e o que se viu no dia aquele, depois do futebol, quando na roda de amigos, o amigo mais indiscreto, tirado a cínico, deu-lhe a gozação que aqui se vai contar. "Veja se arranja uma mulher menos escrachada do que essa que você está comendo agora, rapaz", disse-lhe o indiscreto ou mesmo cínico amigo. Esclareça-se que a dita mulher, cujo nome palavra de honra não sabemos, era mais conhecida pelo apelido de Maria Bundeira. O homem em causa estrilou. E foi logo afinando a voz, e foi logo emunhecando, os braços levantados para o ar no protesto: "Maria Bundeira, não. Ela é uma moça direita, de caráter. E, sabe de uma coisa? Eu sou feliz com ela. Com ela eu encontrei a felicidade. E afinal eu tenho o direito de ser feliz". Viu-se depois, com o correr dos dias e com o correr da felicidade, que ele estava bebendo mais do que antes. Todo dia enchia a cara de cerveja; e aos sábados, depois da pelada, nem se fala. Maria, a moça que chamavam Maria Bundeira, abriu-se com alguns amigos mais íntimos do par. Andava muito preocupada com a diária encharcação de bar do seu enamorado, que dela se enamorando em verdade tanto, tanto

e tanto a amava, refocilado que só ele na felicidade que nos braços dela encontrara. E contou e explicou que ele, depois da refocilação, ficava arquejando de dar medo, mais cansado do que quando acabava de jogar a sua pelada sabatina, e logo depois amarrava um sono que metia mais medo ainda, de tanto ronco e de tanto assopro, a barriga estourando de cerveja. Para encurtar a conversa, num sábado, quando a mulher acordou, o feliz homem dela estava morto. De sua boca escorria uma espumazinha branca. A pobre mulher abriu a torneira. E, chorando, chorando, só fazia - em verdade mal podia fazê-lo - dizer e repetir: "Nós éramos tão felizes! Nós éramos tão felizes!"

***

Não são os franceses apenas um povo tagarela de boca. Eles são também um povo tagarela de escrita. Falam pra burro. Escrevem pra burro. Ai de quem por exemplo perguntar na rua a um francês: que dia é hoje? Não será surpresa se ele lhe der esta resposta: Quarta-feira, **bien sur.** Ontem foi terça, **n'est-ce pas? C'est à dire** que se ontem foi terça, hoje é quarta. **Voilà.**

Mas, ele poderá também ser mais conciso. Respondendo-lhe, por exemplo: **Merde. Je ne suis pas le calendrier.** E ir-se embora.

Tanto num caso como no outro, poderá ele todavia falar tão depressa, tão depressa, que só com vinte anos de França ou de Paris você vai entender.

Mas, e a **tagarelice de escrita**, visto que a de boca já está exemplificada? Vamos dar um exemplo dela, com base em experiência pessoal, pois mais de uma vez pessoalmente eu a sofri, na carne, nos ossos e n'alma.

Está o desinfeliz na relativa paz de sua casa, e eis que por artes e respectivas manhas do correio lhe chega um dia uma misteriosa carta. Abre-se a carta essa, e a proposta de que é ela portadora é por tal forma vantajosa, que o destinatário além de lê-la, lê e relê impressionado com os folhetos em geral coloridos que a acompanham . De toda maneira resolve guardar todo o material da correspondência, para dar uma pensada, antes de preencher o

cupom e reenviá-lo ao local de partida. Nisto, chega outra carta. E outra. E de novo outra e outra. Está perdido o desinfeliz, com a descoberta do seu endereço. Aliás, basta a primeira carta chegar, para o cerco começar. Uma carta puxa outra, na **route** fácil do endereço descoberto. É carta que não acaba mais. É a tagarelice escrita e desgraçada do francês. As cartas propõem negócios vantajosos para a possível vítima, em literatura publicitária tirada à obra d'arte de persuasão e estilo. Ora é um apartamento lindo, **tout près de Paris** (digamos cerca de duas horas); ora é uma **maison de plage**, para nas **vacances** fazer inveja aos vizinhos; ora é um aparelho vibratório para desbarrigar barrigudo; ora é um revolver psicológico, que embora não matando o ladrão o faz correr e saltar o muro, pensando que está ferido de morte com o estampido sem bala; ora é... é tudo, cuecas, miniaturas de esculturas egípcias, ou automovinhos americanos da era do **jazz**. Incrível **bric-à-brac** d'ofertas. Por fim, porque estando a coisa em se passando na França haveria de se falar em livro - propostas para venda de lindos livros encadernados, não estivéssemos nós na França, com os Molière e Voltaire segurando a barra da cultura. Isto sem precisar ir até Balzac e Proust, passando por pelo menos quatrocentos gênios da **littérature française.** Aí, digamos , o desinfeliz, pessoa sabe-se lá como comprometida com a literatura, e adorando livros encadernados, preenche o cupom e manda para a editora proponente. Imediatamente chega o livro, pois o francês é cioso de sua mala postal. **La poste** é o seu segundo país. Vem o livro. Depois, sem que se peça novo livro, lá vem com nova carta um novo livro que você não pediu. A nova carta tudo explica: palavras, palavras, palavras. Dão-lhe um prazo de 10 dias para você decidir se fica ou não fica com o livro que de resto você não pediu. Reempacota-o, manda-o de volta pelo correio. Vai-se embora o livro, mas, cruzando com ele nos subterrâneos postais, eis que chega nova carta cobrando-lhe o pagamento do livro esse que você já devolveu. Você fica puto fora do envelope, e escreve à editora ou coisa que o valha, devolvendo o livro que sem você ter pedido a editora remeteu

para você, só porque você teve um dia a infeliz idéia de (cantado por uma carta em repetitiva seqüência ternária) comprar antes outro livro daquela editora. Aí, você vai dormir sossegado, não é? Devolveu o livro, que bom! Nada disso. Logo depois chega outra carta da mesma editora cobrando mais uma vez o livro que você já devolveu. Você terá vontade de resto compreensível de ir até a editora e matar o dono da editora. Nisto, bate outra carta à sua porta. Você, cheio de alegria, abre a porta e abre a carta, esperando ler as desculpas da editora, acompanhadas da grata notícia de que foi afinal por ela recebido o livro que você devolveu. Pois sim. Nada de prévias alegrias postais otimistas. Ao contrário, a nova carta ameaça-o de cobrança judiciária, com o gendarme e o oficial de justiça nos seus calcanhares. Todavia vem com a nova carta um retângulo de papel azul escuro, com letras brancas projetadas, clamando logo lá em cima, na cabeça - **attention!** Abaixo segue-se a explicação: se você fez realmente a devolução do livro, ou, em vez de devolvê-lo, ficou com ele, pagou-o, a coisa se esclarecerá automaticamente, no correr das cartas enviadas. Escusado escrever à editora. A editora não quer receber cartas. Cartas ela se reserva o direito de tagarelice escrita de escrevê-las aos outros. E isto ela diz em destacadas letras brancas sobre o fundo azul escuro do aviso: **Inutile de nous écrire. Merci.** Para evitar desculpa, a mensagem vem impressa de um lado e do outro do papel. Dela não escapa o destinatário sobrevivente. **Inutile de nous écrire. Merci.**

***

Ó desgraçado bicho homem, que no esforço vão de dominar o teu futuro com os poderes do teu inútil progresso, só fazes falsear as coisas simples e essenciais da vida para cuja fruição foste criado, como os passarinhos, as flores, as nuvens, teus irmãos e parceiros da natureza; a mim bem pouco importa o teu domínio dos espaços, se tremes quando à tua volta nos espaços explode na voz de Deus o trovão, ou nos espaços incendeia-se na ira de Deus o relâmpago; que domínio do mundo é esse teu, se afinal não consegues dominar a ti próprio, nem conquistar perante

Deus a tua paz interior, nem a vida que Deus te deu, para dela fazeres não um programa de destruição e ódio de homens contra homens, mas um ato natural e belo de fraternidade humana?

✲✲✲

Tinha com Machado de Assis, escritor que ele nunca leu, como de resto nunca leu nenhum autor, nenhum livro, uma coisa em comum: era também prognata. Machado disfarçava o prognatismo com a barba. O outro prognata acentuava o seu prognatismo com um diário escanhoar queixudo. Era lisinho. E feio. Contudo sabia tirar partido da queda que certas mulheres têm para os feios, desde que o feio seja o chefe e lhes arranje de alguma forma um aumento de ordenado. Ele nunca foi além de pequenas chefias. Era um chefete. Mas tinha poder de manobra para conceder gratificações. Com gratificações deixou em cada chefia uma amante. Numa das chefias fez mais: deixou uma noiva, conquanto fosse casado e queixudo pai de filhos.

✲✲✲

Treblinka. Assim como Dachau e Auschwitz, o nome do campo concentracionário de Treblinka proveio da sua localização: - Treblinka, uma pequena estação ferroviária perdida no meio de um terreno arenoso, cercado de florestas e pântanos. Fica a 1 hora e meia (talvez um pouco mais, quem sabe um pouco menos) de Varsóvia, de automóvel. Fui até lá em meu próprio carro, cioso de minha independência de movimento e de minha hora, nesse meu novo ou meu mais um abelhudo giro geográfico pela Europa, dessa vez pelas duas Alemanhas, Tchecoslováquia, Áustria, Hungria e por fim Polônia, com a minha Juraci. Ao volante o nosso motorista, Eduardo Rieth, brasileiro como nós, gaúcho, e meu amigo.

Eu sabia de Treblinka pelo livro (extraordinário) de Steiner, que me causou profundíssima impressão. Um relato espantosamente dramático, num livro admiravelmente bem feito. Em nenhum momento de minha vida cheguei a pensar em conhecer algum dia Treblinka. A viagem a Varsóvia e Cracóvia, a convite do Ministério da Cultura e das Artes, não (graças a Deus) na

qualidade de adido cultural do Brasil em Paris, mas na minha condição pessoal e intrínseca de escritor brasileiro traduzido na Polônia, tornou no entanto possível essa minha nunca imaginada viagem. E, qual não foi a minha surpresa, quando, depois de Dachau e Auschwitz, encontrei em Treblinka - não um campo museológico de concentração, mas um memorial erigido no lugar onde era antes o campo. Em vez da prova, a lembrança. Em vez do cenário real, um monumento assinalando o local do crime. Em vez da culpa documentada, a tragédia transfigurada. Quase foi uma decepção. Só não foi porque eu sabia de Treblinka o suficiente para compreender a singularidade de sua transformação. Ou o mistério do seu desaparecimento.

Não apenas destruíram o campo, mas o fizeram desaparecer. E com a sua destruição também desapareceram todos os documentos relacionados com a sua sinistra história. Não ficou pedra sobre pedra. Para reconstituir a história de Treblinka, o seu grande historiador - e sobretudo o seu grande repórter - Jean-François Steiner, apoiou-se quase apenas no testemunho dos sobreviventes. Ele explica que a bibliografia sobre Treblinka é "quase tão inexistente quanto os documentos oficiais alemães". E lembra que até então apenas três livros haviam sido publicados sobre o assunto: **Nos campos de Treblinka**, de Rachel Auerbach, que em Varsóvia fez parte da comissão de inquérito sobre os crimes nazistas na Polônia; **Um ano em Treblinka**, de Yankel Wiernik, depoimento publicado primeiro clandestinamente na Polônia e posteriormente nos Estados Unidos, antes de terminar a guerra; e **O inferno de Treblinka,** de um correspondente de guerra do exército soviético, que "interrogou as primeiras testemunhas". Esclarece Steiner que além de interrogar pessoalmente as testemunhas e de consultar todos os depoimentos recolhidos pela comissão de inquérito polonesa em 1945, de que participou Rachel Auerbach, ele também pesquisou a documentação levantada pelo Instituto Yad Washem, constituída de quatorze depoimentos de extrema importância para o conhecimento da história de Treblinka. E... **c'est tout.**

Eis que na ferrovia que ligava as localidades de Siedlec e Welkinia, não distante do eixo ferroviário Varsóvia-Bialystok, havia antes da guerra a estaçãozinha aquela chamada Treblinka. Ficava nas proximidades da linha de armistício germano-soviética, estabelecida em setembro de 1939. Em junho de 1941, com os preparativos alemães de invasão da Rússia, a estaçãozinha atraiu as atenções dos invasores. Ela oferecia notável interesse estratégico, pessoalmente constatado por alguns chefes militares alemães, que se fizeram acompanhar de especialistas em campos de concentração. Esses especialistas escolheram para instalação do campo um terreno de vinte hectares, perto de uma pedreira, separado da ferrovia por um outeiro coberto de abetos, que convenientemente o ocultava.

Treblinka foi inicialmente um campo misto de trabalhos forçados, para judeus e poloneses, vindos predominantemente de Varsóvia. Os prisioneiros trabalhavam na pedreira e na ferrovia, depois de haverem levantado em volta do campo cercas de arame farpado, com mirantes ou miradouros equipados de metralhadoras, no sistema habitual de vigilância desses campos. Inicialmente levantaram uma série de barracas de madeira, além de uma construção em cimento, onde foram instaladas as primeiras três câmaras de gás. E cavaram nas imediações imensas fossas. Nelas eram depositados os cadáveres retirados das câmaras de gás. Os prisioneiros que construíram o campo foram depois executados, e como conta Steiner - substituídos por judeus encarregados do trato dos cadáveres e da manutenção do campo, sob o implacável comando dos SS, auxiliados por truculentos guardas ucranianos.

O primeiro comboio transportando judeus deportados de Varsóvia chegou a Treblinka numa manhã de julho, com vinte vagões superlotados. Os homens foram separados das mulheres e das crianças, logo após o desembarque. Segundo a norma desde então estabelecida, todos foram desnudados num grande pátio, para arrecadação de suas roupas, chapéus, sapatos, dinheiro, relógios, e objetos outros que eventualmente usassem ou trouxessem consigo. As crianças, consideradas "material não recuperá-

vel", foram levadas diretamente para a câmara de gás, ou "chuveiro", eufemismo que fazia parecer tratar-se apenas não de gás letal mas de um refrescante banho. Os homens foram encaminhados para a pedreira e para a ferrovia, e as mulheres para a fazenda perto da pedreira, todos em regime de trabalhos forçados.

Com os comboios subseqüentes passou a acontecer a mesma coisa, embora nenhum passageiro - na verdade nenhum deportado - o suspeitasse durante a viagem. Tudo que sabiam é que eram levados para colonizar terras do Leste. Em Treblinka as suas roupas eram depois recambiadas em enormes fardos pelo trem, para Varsóvia. Lá haveriam de servir para alguma coisa. Tudo que significasse dinheiro ficava no campo - inclusive o ouro dos dentes que eram arrancados dos cadáveres.

Além das crianças, eram levados para as câmaras de gás os deportados idosos considerados inaptos para o trabalho. Nos deportados que devido ao seu estado de fraqueza não estavam em condições de caminhar até as câmaras de gás, para o suposto banho de "chuveiro", aplicavam-se injeções mortíferas, sob o pretexto de que necessitavam de um cardiotônico. Eram atendidos aparentemente por um enfermeiro, de avental branco, numa pequena barraca cuja parte traseira dava diretamente para a fossa onde eram recolhidos os cadáveres.

Em1942, nas imediações do campo de trabalhos forçados, os nazistas construíram um campo de extermínio, verdadeira "manufatura da morte", dada a sua impressionante rentabilidade exterminadora. Chegavam a Treblinka comboios não mais apenas de Varsóvia, mas de todas as cidades polonesas, e da Grécia, Bulgária e da própria Alemanha. Havia já então, instaladas em duas construções de cimento, treze câmaras de gás. De cada vez exterminavam-se no campo, em média, 2.000 pessoas, que morriam ao fim de um quarto de hora. Tudo muito rápido, como queriam os nazistas. A contar do desembarque dos deportados, seu desnudamento no pátio, tosquia das mulheres, execução nas câmaras de gás, e por fim a remoção dos cadáveres para as fossas, não se gastavam mais de duas horas.

Não havia em Treblinka fornos crematórios. Conta Steiner que os cadáveres, ao serem retirados das câmaras de gás, eram dispostos nas enormes fossas em camadas sobrepostas, alternadas com camadas de areia. A poder de chicotadas e coronhadas os próprios judeus eram obrigados a fazer esse trabalho, até o dia em que, transformados por sua vez em cadáveres, outros prisioneiros também judeus os depositariam nas fossas.

O campo de Treblinka teve curta duração. Criado quando a guerra para os alemães começava a tender já para o fim e para a derrota, funcionou durante apenas cerca de dois anos, período no qual os nazistas tiveram contudo tempo de exterminar mais de oitocentos mil judeus, provenientes da Áustria, Bélgica, Bulgária, Tchecoslováquia, França, Grécia, Iugoslávia, Alemanha, União Soviética e da própria Polônia. O terror, a morte, o crime, a brutalidade insana e assassina, a crueldade humana sob as mais hediondas e inimagináveis formas, se encarregaram porém de fazer ali em Treblinka, de cada dia desses dois anos, uma eternidade de cada dia. Por algum tempo, muitos judeus buscaram no suicídio uma saída. Para não se deixarem matar pelos nazistas, matavam-se com as próprias mãos. Enforcavam-se como podiam, com o que tinham a seu alcance, em geral com o cinto. A morte iminente, na expiação de uma condenação irremissível, predispunha-os a uma aceitação resignada do extermínio, vítimas sacrificadas em holocausto. De resto, as execuções se processavam tão rapidamente, com os novos grupos trazidos pelo trem substituindo os grupos exterminados nas câmaras de gás, para serem por sua vez exterminados e depois substituídos por outros grupos que chegavam, que entre a chegada e a execução não tinham eles tempo para pensar em mais nada senão na morte: iam morrer. No entanto, era preciso viver, sobreviver de alguma forma, lutando se necessário fosse, ou fugindo para a floresta, para dar ao mundo conhecimento do que se passava ali, e era ali escondido do mundo, no matadouro humano de Treblinka. E esse sinistro segredo os nazistas se empenhavam em ocultar do mundo.

Uma visita inesperada de Himmler a Treblinka, quando a Alemanha nazista estava já com os dias contados, veio apressar a destruição do campo de extermínio. Treblinka foi por ele condenada a desaparecer em breve prazo, antes que os russos, e por extensão as forças aliadas, descobrissem o hediondo delito. As fossas, as enormes sepulturas-fossas, foram reabertas, e delas se removeram os cadáveres para serem então queimados, única maneira de fazê-los desaparecer. Como já ficou dito aqui, em Treblinka não havia fornos crematórios. As vítimas, depois de retiradas das câmaras de gás, eram simplesmente enterradas, sepultadas por atacado nas fossas, para esse fim cavadas pelos próprios prisioneiros, a poder de chicote, sob o comando dos guardas ucranianos. Destruir pelo fogo os cadáveres não era no entanto assim tão fácil como imaginava Himmler.

Do livro de Steiner, na tradução de Christiano Monteiro Oiticica, transcreverei a esse respeito a impressionante descrição, que naturalmente perderia muito do seu trágico vigor informativo se eu tentasse resumi-la aqui. Diz ele:

"O solo de Treblinka encerrava naquela época setecentos mil cadáveres, representando um peso aproximado de trinta e cinco mil toneladas e um volume de noventa mil metros cúbicos. Trinta e cinco mil toneladas equivalem ao peso de um couraçado. Noventa mil metros cúbicos representam uma torre quadrada de novecentos metros de altura por dez metros de lado. A tarefa era gigantesca, sobre-humana, o problema aparentemente insolúvel. Com um rendimento de mil cadáveres por dia - o que em tese representa um ritmo regular - era preciso contar setecentos dias, quase dois anos, sem interromper um dia sequer; e isso mesmo com a condição de não chegar mais um único comboio. O futuro apresentava-se sombrio, para não dizer desesperador, e qualquer outro que não um "técnico" teria abandonado de início a idéia".

Conta Steiner que quando se abriu a primeira das fossas - "os cadáveres apareceram bem alinhados, a cabeça de um contra os pés de outro, emitindo um odor pestilencial".

Foram então derramadas sobre os cadáveres algumas dezenas de litros de gasolina. "Uma enorme labareda se ergueu, fazendo trepidar as camadas de ar, enquanto se elevava espessa coluna de fumaça negra. O fogo "rugiu por longo tempo". Por fim, o incêndio apagou-se. "Os SS aproximaram-se ansiosos; os cadáveres continuavam no mesmo lugar, apenas chamuscados pela fornalha. A experiência foi repetida por três vezes, com resultados igualmente sofríveis.

No dia seguinte, com as primeiras claridades da manhã, o comandante do campo tratou de fazer outra experiência para cremar os cadáveres. Mandou "escavar uma fossa bastante larga e pouco profunda, para a qual foram trazidos pelos prisioneiros uma centena de cadáveres, dispostos numa pilha de altura e largura equivalentes. Derramado o combustível, concluída a operação, foi ateado fogo. Chama, fumaça, nevoeiro, expectativa, esperança. Ateado o fogo, dissipada a fumaça, os cadáveres continuavam ali, apenas mais chamuscados que na véspera". Nos dias imediatos, "repete-se a experiência variando o formato das pilhas, a quantidade de combustível e a colocação na fogueira. Os resultados continuavam tão decepcionantes quanto antes. Em oito horas, não mais que uma centena de cadáveres pôde ser considerada inteiramente incinerada, e assim mesmo foi necessário consumir muitas centenas de litros de gasolina para atingir esse resultado. Avalia-se, então, em cento e quarenta o número de anos necessários para nessa marcha concluir o trabalho".

Surge outra idéia: "alternar as camadas de cadáveres com camadas de troncos de árvores". Poupado o combustível, "os troncos não têm sequer tempo para inflamar-se". E a fogueira é então "inundada com toda a espécie de líquido inflamável de que é possível lançar mão. Segue-se um minuto de emoção: um fósforo é riscado, a chama explode, a fumaça sobe, cai e se dispersa. Todos se precipitam e, milagre dos milagres, o fogo continua a crepitar. Faz-se um profundo silêncio, como que para deixar sobressair o delicioso ronronar da vitória. Quando tudo

ficou reduzido a um montículo de cinzas, uma imensa ovação estrugiu''.

Regozijo geral dos nazistas. Estava resolvido o problema. Mas em verdade não estava. Feitas as contas, "o custo líquido da operação revelou-se exorbitante: além do combustível, eram precisos tantos troncos quantos eram os cadáveres". Queria isto dizer que, "se a rigor podia-se cogitar de devastar as florestas da Polônia, a gasolina, por sua vez, escasseava a olhos vistos. Com a queda de Stalingrado desvanecia-se a miragem dos ricos campos petrolíferos do Cáucaso". Foi quando o comandante do campo "decidiu-se a prestar contas do insucesso aos seus superiores e a pedir-lhes que viessem em seu auxílio".

O auxílio veio na pessoa de um sinistro senhor Herbert Floss, considerado a maior autoridade em extermínio de cadáveres, um super-especialista em cremação de corpos por atacado. Ele chegou a Treblinka querendo saber de todas as experiências ou tentativas feitas anteriormente com os corpos exumados das fossas. Sobretudo, "parecia dar especial importância à idade dos cadáveres''. Depois apresentou o seu plano. Fez construir, "não muito afastado das fossas, quatro pilastras de cimento, de setenta e cinco centímetros de altura, dispostas num retângulo de vinte metros de comprimento por um metro de largura". Um grupo de prisioneiros, fortemente escoltado, foi encarregado de arrancar os trilhos de uma via-férrea próxima – trilhos com que mandou fazer sobre as colunas uma espécie de grelha. Floss inspecionava pessoalmente os trabalhos. E revelou então o seu segredo: com os trilhos e as colunas montara o que chamava de "fornalha-padrão". Segundo explicou, os cadáveres não queimavam todos da mesma maneira: havia os bons cadáveres e os maus, os cadáveres refratários e os cadáveres inflamáveis. O segredo consistia em servir-se dos bons para consumir os maus. De acordo com o que dizia, "os cadáveres antigos queimavam melhor que os novos, os gordos melhor que os magros, as mulheres que os homens, e as crianças menos bem que as mulheres, embora melhor que os homens. Deduzia ser daí que o cadáver ideal era um cadáver

antigo de mulher gorda". Floss relacionou preliminarmente "todos os desses tipo, procedendo em seguida à triagem dos homens e das crianças".

Observando o critério da boa e da má combustão dos cadáveres, Floss fez desenterrar e separar parte de mil corpos, levados em seguida para a fornalha e ali arrumados, o cadáver de boa combustão por baixo, o de má combustão por cima. Recusou superiormente os galões de gasolina, e pediu apenas lenha. "A lenha foi disposta sob a grelha da fornalha (conta Steiner) em pequenos feixes que lembravam fogueiras de acampamento". Foram acesas sucessivamente todas as fogueiras. E diz Steiner: "As chamas, cada vez mais altas, começaram a lamber os cadáveres, relutantemente a princípio, e depois com um impulso contínuo, como a chama de uma lâmpada de soldar. Todos prendiam a respiração, os alemães ansiosos e impacientes, os prisioneiros transtornados, assustados, apavorados". E adiante: "A pira inflamava- se de uma só vez. Súbito, as chamas atiraram-se para o alto, soltando uma nuvem de fumaça; um ronco surdo elevou-se, as fisionomias dos mortos contorceram-se e as carnes estouraram. O espetáculo tinha qualquer coisa de infernal, e os SS, eles próprios, quedaram-se por momentos impassíveis, contemplando o prodígio. Herbert Floss exultava. Aquele era o maior dia de sua vida".

Vitoriosa a experiência, cumpria implementá-la em termos de escala industrial. E Floss enfrentou o problema disposto a resolvê-lo. Para isso dividiu-o em duas partes: a combustão propriamente dita dos cadáveres e o abastecimento das fornalhas, compreendendo este item a retirada dos cadáveres das fossas, seu carregamento e transporte.

Os cadáveres passaram a ser retirados da fossa por meio de escavadoras, que os depositavam numa pilha ao lado da respectiva fossa "onde os prisioneiros viriam buscá-lo e os transportariam até as fogueiras, à razão de dois prisioneiros para um corpo". Mas, eis que surge um problema: a partir de um determinado nível nas fossas os cadáveres "apresentavam-se mutilados, e os prisioneiros transportavam-nos aos pedaços, uma perna debaixo de um braço, e um

tronco do outro". Constatou-se que com isso eram transportados menos cadáveres. "Herbert Floss (conta Steiner) refez então um serviço de padiolas que serviam para transportar os cadáveres das câmaras de gás até as fossas. Progresso. Acontecia que um ou outro membro mutilado se perdia no trajeto, já que o transporte era feito em ritmo acelerado. Modificaram-se as padiolas, substituindo a lona por um caixote". O rendimento da cremação era então de mil cadáveres por dia. Em dado momento descobriu-se que os trilhos vergavam por efeito do calor do fogo. Novas pilastras de sustentação foram então construídas no espaço livre. E Floss anunciou uma noite, à hora da chamada, que naquele dia haviam queimado dois mil cadáveres. "É um bom número", advertiu, "mas não devemos nos contentar com isso". E fez um apelo aos executores braçais do seu plano sinistro e voraz: "Vamos estabelecer um objetivo e congregar nossos esforços para atingi-lo. Amanhã aumentaremos esse número para três mil, depois cinco mil, seis mil, e assim por diante até chegar a dez mil. A cada dia que passa, assumiremos o compromisso de aumentar o rendimento de mil unidades. Conto com vocês para me ajudarem".

Afinal era preciso fazer desaparecer do mapa da ocupação nazista sua maior mácula - Treblinka, inferno e hediondez da agressão genocida nazista, que os alemães se empenhavam em esconder do mundo e talvez de si próprios.

Simone de Beauvoir, comentando o livro terrível de Jean-François Steiner, reconhece que muitos judeus, escapando provisoriamente da morte no campo de extermínio, consentiam em pagar por essa sobrevivência em verdade temporária, o preço inglório e duro de colaborar com os nazistas prestando-lhes serviços na execução das tarefas consideradas indispensáveis para manter em funcionamento a chamada "manufatura da morte". Essa colaboração lhe parece todavia de fácil explicação, visto que, em suas próprias palavras, "em todos os tempos e países - com raras exceções as altas autoridades colaboram com os vencedores: questão de classe''.

De todo modo, embora advertindo que os prisioneiros de Treblinka eram civis despreparados para enfrentar "uma morte violenta e quase sempre atroz", o que explicaria a sua passividade aos seus algozes, Simone de Beauvoir reconhece que em circunstâncias análogas, da mesma maneira que "a presença de um covarde é suficiente para que o grupo inteiro proceda covardemente, basta que surja um punhado de heróis para que as criaturas, reconquistando confiança umas nas outras, comecem a ousar". Assim, ali no campo, "a solidariedade traduziu-se inicialmente por alguns esforços isolados para impedir os suicídios: em seguida pela organização - em condições terrivelmente perigosas - de um plano de evasões, destinado menos a salvar vidas que a revelar aos olhos do mundo a tétrica realidade de Treblinka".

E foi esse estado de espírito que em verdade gerou uma reação crescente entre os prisioneiros, logo transformada num movimento de brio e coragem libertária, assinalado por lances de heroísmo que se inscreviam entre os maiores da história da resistência em qualquer parte do mundo sob a ocupação nazista. Em Treblinka os prisioneiros não se deixavam mais conduzir como um dócil e desgraçado rebanho ao matadouro da câmara de gás. Havia agora um ânimo de luta, que seguia não apenas um plano organizado de evasões através da floresta, mas sobretudo o caminho até então considerado impraticável: a luta armada.

Depois de várias tentativas frustradas, que impressionam, emocionam, entusiasmam, assustam, no seu desenvolvimento temerário, de riscos desassombrados e expectativas ansiosas, eclode afinal a revolta. E os judeus de Treblinka escrevem, em condições de luta absolutamente desiguais, uma página de determinação e bravura, que o mundo, conhecendo nos testemunhos deles os horrores do campo de extermínio, não conseguirá esquecer.

Centenas de prisioneiros conseguiram em sua fuga do campo atingir as florestas vizinhas. Outros no entanto foram recapturados. Um ano mais tarde, quando as tropas soviéticas chegaram a

Treblinka, não havia ali mais que quarenta sobreviventes. Já então os nazistas haviam destruído o campo, no seu propósito de fazê-lo desaparecer aos olhos do mundo.

Entre 1959 e 1963, erigiram em Treblinka o memorial que fomos lá encontrar. Nada há que lembre o antigo campo de extermínio, exceto o lugar do seu funcionamento, hoje assinalado por um marco sob a forma de um grande bloco de granito, que lembra uma pedra tumular. Numa larga área gramada se acham dispostos dezessete mil pequenos blocos de pedras, à semelhança de estelas, que constituem o cemitério simbólico das vítimas. Cento e trinta mil marcos de pedra têm inseridos os nomes das localidades de origem das vítimas, e em dez grandes colunas os dos seus respectivos países. O lugar das fornalhas onde se cremavam os cadáveres removidos das fossas é lembrado por um monumento horizontal, sob a forma de um grande retângulo negro encravado no chão e recoberto de basalto fundido.

Um sólido monumento de linhas pesadas, revestido de arenito vermelho, assinala o antigo campo de trabalhos forçados. Em semicírculos estão indicados os lugares onde eram assassinados com um tiro na nuca os prisioneiros, antes da instalação das câmaras de gás.

Contemplei demoradamente Treblinka em sua paz de morte, os monumentos voltados para o céu, o campo relvado. Por toda parte paira um grande silêncio, que o vento leva pelo mundo afora, num mudo e talvez inútil clamor contra a maldade do homem. Do homem lobo do homem, indigna criatura de Deus.

✲✲✲

As minhas viagens, comentadas ao longo das minhas memórias, confissões, etc., não seguem no entanto a folhinha, na ordem das lembranças evocadas neste e nos dois outros livros meus congêneres. As lembranças vão chegando às minhas páginas sem hora previamente marcada, sem agenda e sem programa. Chegam como querem chegar, e quando querem chegam, por si mesmas. Espontaneamente. Salteadamente. Às vezes até com surpresa para mim. Eu já nem me lembrava delas...

Episódios inesperados, visitas a lugares históricos, às vezes uma simples cena, um castelo que a gente vê, uma rua que descobrimos no mundo e no tempo, coisas, pessoas, e não apenas paisagens, vão repontando na memória, ao sabor de andadas e desencontradas reminiscências, em que a viagem foi o que foi: não um fim premeditado, mas por bem dizer um pretexto para o registro de lembranças que porventura se impuzeram à nossa vontade. Ou à nossa memória.

Assim, há coisas e lugares que nos meus livros ficaram no esquecimento. Ou que se esqueceram de se fazer presentes neles, na hora e vez da chamada das lembranças de minhas viagens por ceca e meca e olivais de Santarém.

***

Os meus amigos estão morrendo; e com eles me vou também, aos poucos, lentamente e aos pedaços, desfalcado de mim mesmo no melhor de mim: no meu afeto ferido, no meu partido coração. Não mais voltei a ver Luís Viana (Filho), desde o dia em que por telefone, de Paris, agradeci-lhe a premiação alta da carta que me enviou sobre o meu **Subsidiário.** Fiquei com a sua voz na lembrança. Sua voz foi o último sinal de vida que dele tive. Quando cheguei ao Rio de Janeiro, de regresso ao Brasil, sua presença se tornara já impossível; já ele nos havia deixado ao relento de sua estima, viajante das sombras, na grande caminhada sem volta. Reli sua carta, para reencontrá-lo no calor da sua amizade, no gesto derradeiro do seu apreço, todavia perene: sua sobrevivência humana, na eternidade de sua memória. Ou de sua alma.

A carta de Luís Viana, gerada na leitura do meu **Subsidiário**: transcrevi-a no rol dessas minhas coisas mais minhas, memórias, confissões, etc., no abortado **Subsidiário 2**, afinal dividido em dois volumes independentes, cada qual com o seu devido título e a sua conquistada autonomia. Não sei se foi neste. Desconfio que foi no anterior, nas **Andanças por umas lembranças**. O que importa é que de fato a transcrição se fez. E foi essa carta, acrescentada dos comentários que na ocasião lhe teci, foi de fato ela, ainda em seu discreto estado de originais, que

levei para ler na Sessão de Saudade que a Academia dedicou a Luís Viana.

Lá encontrei Adonias Filho, ainda dilacerado da perda recente de sua Rosita. Eu estava em São Pedro da Aldeia quando Rosita morreu. Sofri com o seu desaparecimento, partilhando como velho amigo do casal (desde os imemoriais tempos dos domingos no Leblon da Dias Ferreira) a dor de Adonias. Ele não conseguia escondê-la, disfarçá-la, fundamente perdurada ainda, ali na Academia, ante os seus confrades, entre os seus amigos presentes. Todos falaram, como de hábito nas nossas sessões de saudade. Mas o presidente Athayde, atento à dor de Adonias, não lhe deu a palavra. Adonias não estava em condições de falar sobre o companheiro morto, ainda tomado da dor enorme de sua amada morta.

Prestei a Luís Viana, à sua memória, a homenagem da minha gratidão e da minha estima, lendo na Academia, e para a Academia, o registro que fiz de sua carta nas minhas memórias, em lembrança que já não o alcançou em vida. E, com o pensamento nele, dirigi-lhe o meu sofrido adeus: **até um dia desses, Luís Viana.**

Volto ao meu reencontro com Adonias Filho na Academia, no dia da Sessão de Saudade de Luís Viana. Eu mal podia imaginar que não voltaria a vê-lo, que seria aquela a última vez que conversaríamos. Ele me agradeceu a carta que eu lhe havia mandado pela morte de Rosita, de que tive notícia em São Pedro da Aldeia.

Impedido de comparecer ao sepultamento dela no Rio, e não me achando em estado de espírito bastante sereno para transmitir por telefone ao querido Adonias as expressões do fundo pesar meu e de Juraci, resolvi escrever-lhe. E de minha carta, agradecendo-a, ele me falou brevemente na Academia, em voz baixa, comprimindo-me significativamente o braço. Dias antes eu escrevera a pedido dele o prefácio para uma nova edição do seu belo romance **O Forte.** Enviei-o ao editor e pedi ao meu irmão Fernando que desse notícia disso a Adonias. Íntimo do romancista e de sua família, Fernando era um dos raros amigos

com quem ele falava ao telefone durante a doença de Rosita. Guardei na minha pasta a cópia do meu prefácio para entregá-la a Adonias quando nos encontrássemos. Isto aconteceu exatamente naquele nosso encontro na Academia, ele já sem a sua Rosita, nós, os seus amigos, na insuspeitada véspera de também ficarmos sem ele. Foi a última vez que a Academia o viu. Foi a última vez que o vi. Morreu um mês e pouco depois de Rosita, em sua fazenda em Ilhéus, na Bahia - a sua "ermida", como disse Hélio Pólvora no belo e comovido necrológio que lhe dedicou. Fui muito ligado a Adonias, desde os meus primeiros dias no Rio, quando aqui vim residir, trazido por Marques Rebelo, também seu grande amigo. Adonias escreveu sobre mim, em jornais e em livro, prefaciou uma das edições do meu romance **Cascalho.** Mas a literatura, a nossa admiração recíproca de escritores, a edição que fiz na Cruzeiro de um dos seus romances, **Memórias de Lázaro,** tudo isso terá sido apenas um aspecto da nossa amizade. Ela em verdade se tornou mais profunda, no envolvimento afetivo das nossas famílias, na solidariedade que ele nunca deixou de fraternalmente me prestar, em momentos difíceis da minha vida. Perdi um grande amigo, na perda de um grande companheiro de letras. É difícil aceitar a dura verdade de que não mais o verei. Todavia continuo a tê-lo a meu lado, inteligente e bom, enérgico e justo, um senhor homem de bem, na imorredoura lembrança de sua excepcional figura humana, na admiração dos grandes romances que nos deixou.

***

*D*ia dos pais. Este terá sido certamente uma idéia de **marketing** dos negociantes norte-americanos acumpliciados com os vendedores de ilusões da publicidade, seus sicários e mercenários. Outros semelhantes e festejantes dias foram também inventados e também foram vendidos aos homens de boa fé, nos pronomes todos das pessoas que dão e recebem presentes, e sobre tudo os compram. São dias mercantis, disfarçados em dias de ternura, a vez do coração na hora do balcão. Mas, nem

tudo está perdido. Há, em verdade, no referencial do calendário e da mídia nessas datas promocionais, um saldo humano positivo, lembrete de um afeto reencontrado, de um amor redescoberto, ou reaquecido. Uma espécie de renascimento emocional, que revigora o sentimento familiar e induz a uma reflexão consoladora e grata, de ordem íntima. Deu-se que a minha tão querida Heloisa e filha entrou no meu gabinete e me entregou um envelope com uma evidente carta dentro, no papel de sua correspondência pessoal, que logo identifiquei no tom creme da cor, e me disse assim:

– É para o senhor, papai. E parabéns pelo dia de hoje.

– Dia de hoje?

– Sim. Dia dos pais. Esta carta é o meu presentinho para o senhor.

Li a carta, que aqui vai transcrita:

"Querido e amado pai:

– O que é ser pai?

– É ser amigo, companheiro leal, cúmplice carinhoso, digno?

Então você é pai, o melhor pai do mundo, um pai para ninguém botar defeito. Um pai exemplar para a vida toda, um companheiro de todas as horas.

Você me disse que me descobriu tarde. Acho que não. Sempre soubemos no fundo quem somos e quem somos um para o outro. Sempre fomos grandes amigos, apesar dos ti, ti, ti... Brigas são defesas dos que se amam e se admiram, das diferenças de temperamento, das broncas, briga-se até quando se tem respeito um pelo outro. Mas a verdade é que sempre você esteve a meu lado.

Hoje, voltamos a dividir o nosso dia a dia. Confesso que tive medo. Medo de mim, que acostumada a ter e comandar a minha casa, não soubesse mais dividir meu espaço nem me submeter a nada. Mas, para meu espanto, nada houve. Tudo flui tranqüilamente, como se eu na verdade estivesse nascendo - ou renascendo. E na verdade eu estava renascendo a seu lado, figura de homem de verdade e pai-chefe de família responsável.

Você me fez novamente acreditar na vida. E olha que achei difícil isso acontecer.

Tenho ao seu lado a palavra certa nas horas que aos outros parecem bobas. Tenho palavras de união sem ir contra a minha opinião. Enfim, você do meu lado por me admirar, não para ser cordato e nem querer ser polêmico. Me orgulho de você sempre.

Hoje, Dia dos Pais, gostaria de dizer que não preciso de dias especiais para ressaltar o que sinto por você, mas não poderia deixá-lo passar em branco.

Com amor, Helô."

Reli e reli a carta de minha filha, a carta da minha querida Heloisa. Que dizer a ela? Como agradecer-lhe tão amigas, generosas palavras? Muito obrigado, não. Tudo que me resta é pedir-lhe que não me leve a mal, que me perdoe por não lhe haver dado até o dia de hoje - Dia dos Pais - carinho bastante para me tornar realmente digno de merecê-las.

***

Depois da batalha que venho desde o **Subsidiário** travando para apurar os meus textos em função de uma meticulosa revisão gráfica, ou editorial, chego à melancólica conclusão de que não tenho olhos suficientemente vigilantes para alcançá-la com uma margem de absoluta garantia. É um inferno. A cada nova releitura de texto já revisto e publicado, surpreendo falhas, aqui e ali, às vezes simples, mas que por serem simples, irrelevantes, assumem, no entanto, no contexto inevitável gravidade. Ontem mesmo, dando uma vista d'olhos ao meu romance **Além dos marimbus**, em exemplar destinado à composição de nova edição dele (a sétima) a sair brevemente, notei a falta de um artigo. Um artigo, hem? Que bobagem... Que vale um artigo fora de uma frase? Acontece, porém, que o desgraçado do faltoso artigo deixara de sair exatamente numa frase. Em vez de: "as pranchas de Itaetê já não lhe despertavam **a** simples curiosidade da semana anterior" etc., saiu o que lá está - sem **a**. Preciosamente sem o **a** determinativo. Em desespero, textual-

mente vencido e textualmente revoltado, enfim com o meu texto traiçoeiramente ferido, soltei num desabafo o palavrão.- P... Isto mesmo. O palavrão em que você está pensando agora, e que eu, puto da vida, disse na hora. Entrego os pontos. O único jeito de deixar de repetir o irado palavrão-leitor é mesmo deixar de me ler impresso.

✲✲✲

Com tantos e tantos casamentos fracassados e reciprocamente repudiados, talvez o mais aconselhável mesmo fosse os casais ainda não casados, mas simplesmente juntados, deixarem para oficialmente casar, de papel passado e pagos os emolumentos, com um mínimo de três anos de vida em comum e de oficioso estado matrimonial. Aí, o casal já teria tido filhos, que no entanto só seriam batizados depois de oficializada na véspera a união dos pais. Quer dizer: casamento num dia, batizado dos filhos no dia seguinte. Seria mais seguro para a chamada felicidade conjugal. Afinal o homem, a essa altura dos acontecimentos, podia já estar pensando em outra mulher. E a mulher pensando em outro homem.

✲✲✲

A maneira mais cerimoniosa - ou envergonhada - de alguém chamar de sem-vergonha uma mulher sem-vergonha, é a mesma que o cardeal de Retz usou para definir uma de suas amantes: era demasiada fiel ao vício para ter respeito pela virtude.

✲✲✲

Aniversário. 73 anos. Que bom se em vez de 73 fossem 37! Não. O egoísmo é coisa má. Deixa ficar como está: 73 anos. Tudo na vida começa e acaba. A idade também, e com ela nós, seus humildes portadores. 73 anos. O começo de mim começando a chegar ao fim.

✲✲✲

Até os meus salvo engano 18 anos (seguramente até antes dos 20), era eu tão ingênuo e puro em minha idéia de fruição da vida como uma dádiva gratuita de Deus, que eu a tinha como qualquer coisa descomprometida com obrigações utilitárias, desligada

de retribuições pessoais de trabalho, de emprego, de ganhos materiais. Oh, que beleza me parecia então a vida, com as suas lindas coisas em volta da gente, florestas, rios, o Sol, a Lua, noites com serestas pelas esquinas, ninhos noturnos onde as pessoas substituíam com os seus cantos os cantos então adormecidos dos pássaros. Tudo tão bom, tão fácil, o amor em tudo. Uma doce vida sem futuro.

***

Durante descuidados e doces anos vários editei os meus até então poucos livros nas edições O Cruzeiro, de que era a essa altura diretor. Não me prevalecia no entanto disso para me editar, ou para me fazer livro. Ao contrário, a empresa é que me impunha fazê-lo, numa espécie de ciúme ético. Editar meus livros fora da casa era como um ato de desapreço acintoso à empresa onde eu trabalhava, equivalente ao cuspir no prato em que comia. E lá e sempre lá, depois do inaugural **Cascalho** e do circunstancial **Baixo relevo,** editei **Além dos marimbus, Histórias ordinárias, Dados biográficos do finado Marcelino**. Eram os meus livros. E na Cruzeiro estava eu ainda quando um dia recebi de Enio Silveira, o grande editor que eu aliás pessoalmente não conhecia, uma carta agradecendo o exemplar de **Além dos marimbus** que por sugestão do meu inesquecível amigo ou para bem dizer irmão Aurélio Buarque de Holanda, eu lhe havia oferecido. Enio me mandou em reposta uma carta, que carta! Carta que assim dizia:

"Meu caro Herberto Sales:

A vida agitada que levo, tanto profissional como socialmente, obriga-me com freqüência a passar por indelicado, justamente a mim, que tanto me esforço para não sê-lo.

Por outro lado, sou homem que procura viver num clima de absoluta sinceridade: consigo próprio e com os outros. Não me dou a elogios fáceis, não sou escravo de modas ou de preconceitos.

Isto dito e posto, estou a escrever-lhe para penitenciar-me da indelicadeza de não me haver anteriormente manifestado sobre seu

excelente **Além dos marimbus** e, também, para lhe dizer, com a sinceridade que tanto prezo e pratico, que seu romance constitui ponto alto em nossa literatura contemporânea.

Somente lastimo, e quanto o lastimo!, que **Além dos marimbus** não tenha sido publicado pela Civilização Brasileira, pois que é livro de qualidade fora do comum e dignificador da editora que o tenha lançado.

Sua leitura, terminada há dias, é daquelas que prendem, comovem e dão grande satisfação intelectual, pelo estilo e pela forma, ao mais exigente e crítico dos leitores.

Com a franqueza habitual, devo dizer-lhe que não me agradou muito o formato que a Cruzeiro escolheu para o volume: ele ficou atarracado e, externamente, algo agressivo e mal encarado. Mas basta ultrapassar essa pequena barreira, que talvez se deva mais a uma influência de meus "vícios" profissionais, para descobrir o mundo estranho, fascinante e arrebatador da sua literatura.

Muito agradecido pela oferta do livro e pela amável dedicatória, que se torna mais valiosa e significativa depois de digerido o excelente conteúdo,despede-se com um cordial abraço o Enio Silveira''. Data (pormenor importante) da carta: 27 de outubro de 1961.

Em 1965 reeditou-se o **Além dos marimbus**, ainda pelas Edições O Cruzeiro. Não estou seguro se em sua roupagem nova eu o mandei de novo a Enio. Creio que não. Não encontro nos meus velhos papéis nada que indique o contrário disso. As críticas que ele fez à apresentação gráfica da primeira edição não me desgostaram nada, embora eu pessoalmente estivesse em causa, pois todo o planejamento gráfico da edição foi de ponta a ponta meu, de minha inteira responsabilidade, contudo não declarada nos créditos da edição, ou do volume "mal encarado", na expressão usada por Enio. A segunda edição se fez em formato americano, com capa comum a todos os outros meus livros uniformemente reeditados pela Cruzeiro. Capas extremamente simples, variando apenas, a cada título, a cor respectiva da vinheta que cercava o branco frontal delas e rimava com a cor do

título. Eu tinha estabelecido um critério para escolha e razão das cores, que pela primeira vez vou aqui tornar público: segredo de polichinelo. **Cascalho** era vermelho, alusão cromática ao seu vago marxismo ou ingênuo comunismo de origem. **Dados biográficos do finado Marcelino** era azul, paz, céu, no descanso afinal encontrado pela infeliz, controvertida personagem do romance, em verdade ser humano reencontrado com Deus. **Histórias ordinárias** era num tom violeta, discreto, retraído roxo desbotado, na graça triste da pobre gente miudamente retratada em suas páginas com uma espécie de simpatia piedosa. Afinal o **Além dos marimbus** tinha um lindo tom verde da mata dos madeireiros, que não traduz talvez a esperança dos que nela vivem, lutam e sofrem.

A minha amiga **E** fez, no entanto, um reparo às despojadas capas: eram simples demais, tristes, de uma tristeza quase cemiterial. Eu concordei. Em sua **tristeza,** as capas eram assim como lápides do meu túmulo literário. A minha amiga sorriu. E eu também. Piada triste.

Com a liquidação penosa e lenta da outrora todo-poderosa Empresa Gráfica O Cruzeiro S/A desapareceu a sua editora. E o **Além dos marimbus,** em 1976, era afinal editado por Enio Silveira, como desde o seu aparecimento ele o desejou. Os outros livros meus foram daí por diante editados ou reeditados pela Civilização Brasileira, a grande editora de Enio. Todavia também essa editora, num país de vida tão adversa para os editores, começou aos poucos a extinguir-se, até - se não estou em erro - mudar de dono. Fiquei aparentemente sem editor. Conheci por essa ocasião Sergio Lacerda, não apenas o grande editor emergente, mas também o líder editorial que se projetava na classe, que numa entrevista fez lisonjeiras referências a meu trabalho à frente do INL. Enviei-lhe com agradecimentos um exemplar do meu romance **Einstein, o minigênio. O fruto de vosso ventre,** outro meu romance, se esgotara na Civilização Brasileira, e eu na carta disse a Sergio Lacerda que sua reedição seria feita pela José Olympio, numa homenagem que eu queria prestar ao benemérito

do livro brasileiro: meu velho amigo José Olympio, que sempre quisera fazer um livro meu. Embora a gloriosa Casa estivesse atravessando um período extremamente difícil, ainda assim, e por isso mesmo, eu entreguei a J.O. para reedição **O fruto do vosso ventre.** A essa altura eu tinha dois convites de editoras interessadas em fazer meus livros (a Itatiaia e a Global), e disso dei também ciência a Sergio Lacerda. Dias depois recebi dele a honrosa carta que aqui se transcreve:

"Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1984.

Meu caro Herberto,

Já vou, pouco a pouco, me habituando ao estilo terso - para não dizer macho - de suas cartas e de suas atitudes.

Quero dizer, antes de mais nada, que li o **Minigênio** e que achei, além de cheio de novidades, um grande livro.

Mas gostaria de retificar uma informação que você dá do nosso Enio: você não tem dois convites de editoras; tem três. Quero lembrar-lhe a insistência com que nós três - Sebastião, Pedro Paulo e eu - lhe oferecemos a Nova Fronteira como sua casa, não de um livro único, mas de sua obra, importante o suficiente para lhe assegurar lugar marcante e destacado no chamado panorama cultural e, certamente, nesta editora.

Mais uma vez me vejo admirando um gesto seu de grandeza, vendo-o entregar a reedição de **O fruto de vosso ventre** à José Olympio. Caso o final desta triste novela - que se dependesse da Nova Fronteira não teria acontecido - impeça essa reedição, também fica aqui registrado nosso oferecimento igualmente insistente e caloroso para que você também permita à Nova Fronteira esta reedição.

Com um abraço de **Sérgio.**"

Essa carta me levou a escrever especialmente para a Nova Fronteira o meu romance **Os pareceres do tempo**, cuja tradução francesa está aliás saindo em Paris, quase simultaneamente com a de **Cascalho.**

Aos **Pareceres** seguiu-se na Nova Fronteira o meu romance, **A porta de chifre.** Fui morar em Paris, onde vivi quatro anos, perdi o

contato com a então minha nova editora. Em Paris me encontrei duas ou três vezes com Sérgio Lacerda, e pelo menos uma vez com Sebastião Lacerda, sempre muito cordiais e simpáticos. Conversou-se e conversou-se. Nem uma palavra no entanto sobre os meus dois por eles editados romances. Eu não perguntava nada, e eles em compensação nada me diziam. Desconfiado como sou, imaginei que no assédio autoral à Nova Fronteira eu não constituía com os meus livros (digamos) uma prioridade, ou um lugar garantido. Além de haver escrito a pedido de Gregori um livro à minha escolha para a José Olympio, o **Subsidiário**, que saiu numa espécie de edição comemorativa dos meus 70 anos; publiquei pela editora Rocco, no mesmo período, um pequeno romance que não cheguei a levar à Nova Fronteira. Assim como quem vai ao vento perde o assento, perdi, ainda que involuntariamente, a editora que Sérgio e Sebastião Lacerda colocaram à minha disposição. Salvou-se contudo - e isso é que importa - a amizade que dedico aos dois.

***

Oitenta anos de Rachel de Queiroz. Quem foi que disse que ela fez 80 anos? Se fez, fez muito mal. Há pessoas que não contam o tempo pelo tempo, ou para as quais o tempo não conta. Rachel está nesse caso. No frescor do seu espírito, na graça do seu escrever, nos poderes de berço da sua arte, Rachel continua a mesma mocinha que um dia surpreendeu o país com o seu primeiro romance, já nascido grande, já nascido clássico: **O Quinze**, que apesar de seu título cronológico é livro para todos os anos e todos os calendários. Um livro para todos os tempos.

***

Adonias Filho, o inesquecível amigo, estreou no romance com **Os servos da morte**, assim como que sem aviso prévio. Uma geral surpresa para os círculos literários brasileiros, em que ele se fizera conhecido como crítico de idéias e crítico de literatura. Até então escrevera sobre os romances dos outros. Agora escrevia o romance dele mesmo. Desde essa hora inaugural de sua ficção assinalou porém Adonias Filho o comparecimento de uma vigorosa individualidade de criador literário. Nada de hesitações de es-

treante, de autor em estado de experimentação. Ao contrário, revelou-se de pronto um romancista dono de si mesmo, que fugia aos modelos ou aos padrões da época. Tinha as suas próprias perspectivas. Era um autor muito pessoal, na linguagem, no estilo, no modo de ver as coisas e de contá-las. De realizá-las em termos de arte escrita. Ou de escritura. Como observou Octavio de Faria, não foram muitos no entanto aqueles que, "ao lerem o romance de estréia de Adonias Filho, sentiram o tamanho, a importância, a excelência do novo romancista que surgia em nossa literatura".

Era realmente **Os servos da morte** um romance diferente, selvagem e soberbo em sua dilacerante violência, que perturbou e assustou muitos dos seus primeiros leitores.

Os romances posteriores de Adonias Filho guardam em relação ao de estréia uma compacta unidade de concepção, de processo, de originalidades técnicas, numa linha de rigorosa coerência qualitativa, que o distingue dos seus contemporâneos e lhe assegura, no conjunto coeso de sua obra, um lugar à parte em nossa literatura.

Os servos da morte, Memórias de Lázaro (de que eu, então diretor da Cruzeiro, fui editor e lançador), **Corpo vivo, As velhas** - são romances que aparentemente promanam do veio regionalista, de tão rica tradição em nossa literatura, estuário da magnífica floração de romancistas do chamado Romance do Norte, movimento literário que marcou em generosa extensão e em entranhada profundidade a ficção brasileira contemporânea, como um todo e por suas figuras exponenciais: José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Graciliano Ramos. No entanto, nada mais distante dos romances da seca, da cana-de-açúcar, e mesmo do cacau, que os romances de Adonias Filho, malgrado a sua ambientação regional.

As personagens dos romances de Adonias formam uma comunidade ficcional cujo comportamento - ou ação - tem menos que ver com a inventariação documental de hábitos e costumes de uma sociedade rural que com a visão de uma obsessiva malsinação humana de tragédia e angústia, num mundo abandonado

por Deus. Mundo primitivo. Rude. Mundo bárbaro, de violência e sangue, atravessado, todavia, de um sopro bravio de poesia, que toca o contraditório coração do homem, em sua complexidade e mistério. O seu primitivismo é como o de um mundo em começo. Mas é também, um pouco, o mesmo do mundo em que vivemos, ou que já começa a chegar ao fim. Porque ao retratar as suas personagens, Adonias Filho nos remete mais para os sentimentos obscuros e intemporais do homem, na miséria de sua condição humana, que para a simples descrição de cenas, ambientes e figuras, em função de uma história ou de um enredo. Onde quer que encontremos as suas personagens, nos cacauais do Sul da Bahia, nas aldeias indígenas dos pataxós, ou mesmo na capital do Estado, Salvador, como no seu romance de ambientação urbana **O Forte**, aí estará irrecorrivelmente a marca do romancista, em sua unidade criativa. Retomar o contato com o seu mundo ficcional será sempre uma instigante aventura do espírito, que pode levar à descoberta perplexa e humana de que não temos almas muito diferentes das de certas personagens suas, que com a sua crueldade nos assustam e horrorizam. Ou nos despertam humildade.

O estilo de Adonias Filho tem uma correspondência ou relação perfeita com o clima de suas histórias densas. É formulado em termos de comedimento e essencialidade: nenhum excesso, nenhum adorno. Sua frase é despojada até o âmago, e o seu estilo se faz nobre e belo, ganhando como um grave andamento ritualístico. Qualquer coisa de incomparavelmente único.

É indispensável ler os romances de Adonias Filho. Eu já os reli (sempre com proveito) algumas vezes. Há pouco tempo reli as suas vigorosas novelas de **Léguas da promissão**. Agora reli **O Forte**. Ler esse belo romance baiano de Salvador, tão impregnado de pungente lirismo, com a velha fortaleza baiana amalgamando cenário e símbolo, é conhecer um dos momentos mais altos e expressivos da ficção singular desse grande romancista brasileiro que é Adonias Filho.

✡✡✡

Tenho enfermo o espírito. Outro dia foi o corpo, dores que me fizeram sofrer assim tão de repente, oh, lembrando-me (e para melhor dizer, no antigo da lembrança, digo mesmo: alembrando-me) que nada mais sou que um homem e só um homem - isto é: uma coisa construída de fragilidades, que quebra à-toa. Vai-se muito bem, alegre da vida, assobiando, riscando papel com lápis de cor; e de repente, no fio da espada, vem um alerta do sofrimento, no insidioso lembrete da dor. E a gente vê assim que tudo era tão diferente antes, que não somos nada do que pensávamos que fôssemos, mas apenas somos isto: um saco anatômico de mazelas. Descoberta. Revelação. Decepção, oh.

Tenho enfermo o espírito. Dias de angústia estreitam o meu raso horizonte, estou triste, contudo não me desespero, nem sofro. Só mesmo a tristeza me vem, comigo está, felpudo cão que afago nesta hora crepuscular, de sol evanescente e pálido. Busco inutilmente dentro de mim novas forças, vontades novas, onde estarão elas, que já não pulsam? Vejo sobre a mesa os jornais, já não os leio, sequer os folheio. Amanhã outros jornais estarão sobre a mesa, fatalidade e rotina, revoada de novidades que se substituem e morrem, e que desinteressado vejo passar (aves migratórias e efêmeras) nos ares da minha submissa solidão. O que sou não fui. O que fui não sou. O que sou nunca fui. Nos restos perdidos de mim busco o outro que não fui e que não sou. Tenho enfermo o espírito. Admito contudo que não há mesmo revolta nem desespero em mim. Minha pobre alma ainda tem olhos para ver no pomar as árvores cintilando de frutos, tão lindos nos ramos, nos seus vermelhos e amarelos dependurados. Só não consigo é sair desta tristeza em que tropeço, como buscando alguma coisa que não sei o que é, na lembrança de alguém que não conheci.

***

Há vários dias tenho evitado este livro, que livro aliás a rigor não é, mas apenas papéis esparsos, que se vão desprendendo de minha alma como de uma árvore se desprendem no outono as folhas. Estou em São Pedro da Aldeia, no meu pequeno mundo de outrora e agora. E falo em outono, nas folhas que uma a uma

o outono faz perdulariamente tombar das árvores, depois de cobri-las com o manto do seu ouro efêmero. É a lembrança de Paris, onde por três sucessivos outonos vi as árvores se desvestirem dos seus verdes todos, na folhagem desaninhada e perdida.

Hoje afinal volto a estas minhas notas. Quando em Paris acabei de escrever o **Subsidiário**, estava o pobre de mim em tão assaltado estado de desânimo (em palavra de fé), tomado de tão grande desconcerto de tudo, que encerrado em dilacerada madrugada o meu livro de adeus à literatura, eu não pretendia mesmo voltar jamais a escrever - isto é: a sacrificar ao arruído ilusório da fama a intimidade dos meus sentimentos mais profundos e legítimos, que vi crescer e florescer à sombra discreta do meu silêncio. Miserável pecador, reincidi todavia no pecado. E depois do **Subsidiário** escrevi uma incoercível continuação dele, que seria o **Subsidiário 2.** Acabei subdividindo-o (como já disse em alguma parte) em dois livros, dos quais este será o último dos três. Livros congêneres, conquanto independentes. Eu poderia tê-lo jogado fora, ou, como seria mais do meu gosto, queimá-lo. Não tive bastante espírito de renúncia para o fazer. E resolvi completar com mais alguns registros, novas notas e novos momentos humanos, o livro que como estava considerei inconcluso. Vai ele agora chegando ao fim. Sinto isso, sem precisar de olhar o relógio. O tempo esgota-se. Há um tempo de acabar. Há uma hora em que o tempo acaba. Quero antes de morrer ver publicado este livro. Sem a publicação dele estará irremediavelmente incompleta a minha memorialística confessional, que em definitivo encerro neste seu terceiro e último volume. Pelo menos escrito e acabado espero deixá-lo.

***

A minha jovem amiga MV (jovem e bonita, aliás, e inteligente) me observa que hoje em dia avalia-se o valor de um livro pelo número de suas edições: sinal destes nossos iletrados embora editorialíssimos tempos. Conta um colunista, que a semana passada anunciava o recorde de balcão do romance brasileiro, que o livro acabara de sair e o editor já estava preparando a segunda edição.

Diz a minha jovem amiga que pegou e foi ler o romance. Decepção: não havia o que ler. Era um livro sem verdade estética. Sem verdade humana. Na falta de uma e outra, não se salvava nem pela tangente da verossimilhança da inverdade.

Observa afinal a minha jovem (e às vezes venenosa) amiga que até hoje nunca viu uma obra de Shakespeare com a indicação mercantil da edição. Até que ia ter graça. **Hamlet, the prince of Denmark**, 625ª edição, só na Inglaterra.

Sorri:

– Olhe, meu bem, me desculpe, mas saiba que eu tenho um livro na 40ª edição. Vem na capa.

E ela:

– É isso aí. É o ônus que você está pagando à sociedade de consumo. Ou de consumição.

✲✲✲

Chego do Rio, e encontro em São Pedro da Aldeia um embrulho em cima da cama. Abro para ver o que é. É um par de sandálias, com um bilhete de Juraci: "Para você caminhar no quintal, sem maiores preocupações. Um beijo, com carinho''. Fui à varanda. Juraci estava no jardim, cuidando das sua flores. Fui ao seu encontro, já de sandálias. E no jardim fomos continuar o nosso namoro de mais de 40 anos.

✲✲✲

Da letra de um velho samba que guardei no fundo profundo da memória, sem lhe guardar embora a autoria:

Eu vi uma baiana
Sem tabuleiro, sem nada,
Que doce é esse baiana?
– Cocada.

Sutil. Muito sutil. Docemente sutil.

✲✲✲

Meu horror a papéis escritos me levou a queimar pela vida fora muita coisa de mim para os outros, dos outros para mim, e fechando a ciranda incendiária, de mim mesmo. Escrevo isto pondo, como de costume, as vírgulas onde quero. As regras de pontuação de resto inventadas pelos gramáticos - depois de os grandes clássicos haverem inventado coisa mais importante: a língua - podem servir para ensinar virgulação. Mas não ensinam realmente ninguém a escrever - isto é: a escrever grande, como um verdadeiro escritor, a formular enfim no papel aquilo que acima do papel e além do papel lhe vai na alma. Ou no seu silêncio.

Toda essa volta no parafuso foi só porque coloquei a minha vírgula antes da conjunção **e**, na frase que legitimamente só me satisfazia em sua origem e índole ficando como ficou, no andamento em que deixei, quando ela se formou no mistério seminal do meu silêncio. Ou seja: na harmonia secreta da anti-palavra. Uma tão pequenina coisa... Mas a gente tem de começar mesmo pelas pequeninas coisas, se quisermos chegar às grandes coisas. Ou às grandes audácias. No estilo ou em qualquer coisa em que nos metemos.

***

Minha febre de destruição pelo fogo de papéis escritos me levou inclusive a queimar a cópia única de meu romance **Cascalho**, salvo casualmente do seu desaparecimento irremediável graças à cópia que Aurélio Buarque de Holanda retirou do lixo de uma editora. Já contei isso no **Subsidiário**. Se alguém estiver interessado nos pormenores desse capricho do destino é só pegar o **Subsidiário** e ler. Depois que entrei para a Academia de Letras reformulei os meus hábitos fornalhescos. Passei a deixar nos arquivos da Academia (onde espero estejam bem guardados) os meus papéis pessoais mais interessantes, entre os quais se acham as cartas de escritores que a meu ver valia a pena guardar.

Outro dia fui até lá buscar a carta de Enio Silveira que aqui aliás transcrevi. Abri as velhas pastas, folheei os velhos papéis de minha memória, senti desprender-se deles e me envolver uma

espécie de tristeza alegre. Cartas de amigos que já se foram antes de mim, e de quem tanto dependi e que por mim tanto fizeram em atos e palavras de desinteressada estima. Amigos cujo perdido convívio se refaz, todavia, na minha gratidão, num ressurgir de afetos mortos. Marques Rebelo está mais uma vez em cena. É muito conhecida a história do telegrama que ele passou a minha mãe quando obstinadamente me recusava a deixar a minha terra e me mudar para o Rio. No Rio o meu romance **Cascalho** fazia então sucesso. Grande e espontâneo sucesso, em minha ausência e à minha revelia, isto é - à revelia de qualquer ação pessoal minha de autor. A contrapartida do sucesso de um romance no Rio e em todo o país era o meu silêncio de autor teimosamente residente numa pequena cidade do interior da Bahia. Todavia eu vivia lá uma situação difícil, ou como hoje se diz, inconfortável. Rebelo dizia no seu telegrama à minha mãe: - "Obrigue Herberto a vir, tudo farei para salvar o amigo". Contei desse telegrama no **Subsidiário**, dele falei em várias entrevistas, quando eu ainda tinha a fraqueza de concedê-las. Pois bem. Houve, no entanto, em toda essa história um documento complementar de que eu de todo me esquecera. É incrível. Mas em verdade eu não me lembrava dele, até o dia, recente, em que indo apanhar na minha pasta de correspondência arquivada na Academia a carta de Enio Silveira, encontrei entre os meus velhos papéis o esquecido bilhete de Rebelo, que de certo modo completava o seu no entanto sempre lembrado telegrama. Deu-se que por qualquer coisa me vi obrigado a adiar a minha partida na data combinada, e disso dei em carta ciência a meu amigo. Perguntei-lhe se ele estaria no Rio no novo período previsto para a minha chegada. E ele, com a maior simplicidade, me respondeu com este bilhete mais solidário e humano do mundo:

"Caro Herberto:

Recebi carta.

Quando você quiser vir, é só chegar. O apartamento, com Rebelo ou sem Rebelo, é sempre seu.

Até breve".

Completa-se assim a história do telegrama e de minha vinda para o Rio promovida pelo meu inesquecível amigo Marques Rebelo, grande escritor, mestre do conto, hoje um pouco esquecido. Mas é assim mesmo.

Depois vão redescobri-lo. Foi assim com Machado de Assis, com Manuel Antônio de Almeida, com Lima Barreto, que formam aliás com ele o eixo da literatura brasileira de expressão carioca.

Rebelo era ateu. Quando o convidei para batizar minha filha Heloísa (teria de ser por procuração, pois eu morava ainda na Bahia), ele respondeu declinando do convite. Tinha para isso uma incompatibilidade natural: não era católico. Todavia me pediu que para todos os efeitos eu o considerasse o padrinho pagão de minha filha.

No discurso com que me recebeu na Academia, de tocante ternura encoberta em humor, Rebelo admitiu com muita graça ter sido na minha carreira literária o meu Diabo da Guarda. Seus impedimentos anticatólicos nem por isso deixaram de fazer dele o mais desvelado e celestial Anjo da Guarda que eu podia ter encontrado no meu caminho.

Rebelo não acreditava em Deus. Acreditava apenas nos amigos. E entre os seus amigos nunca esteve Deus. Para ele Deus não existia. No entanto, com o seu grande e generoso coração, aberto sempre aos que dele se acercavam em busca de um apoio, com o amor que sempre manifestou pelas crianças, tema de muitas de suas admiráveis páginas, ele foi bem uma prova da existência de Deus. Deus estava nele. Só ele não sabia disso.

***

Foi Murilo Miranda que em velhos tempos que não voltam mais deu de publicar na **Revista Acadêmica,** que inventou e então dirigia, uma seção que de certa forma, no seu absoluto ineditismo, podia chamar-se **society** literário. Era pelo menos uma seção que explorava como tema ou assunto a vida social e literária dos escritores. A seção de sociabilidade dos escritores.

De letras para letras, civilizadamente cordial. Na pior das hipóteses, um consolador sinal de educação doméstica dos escritores. Publicaram-se na seção dedicatórias que os autores faziam em seus próprios livros ao enviá-los de presente aos confrades. Um amável hábito de pragmática lítero-social, traduzido numa troca de gentilezas e de apreço, visto que o livro ofertado era sempre que possível retribuído com outro do autor presenteado. Hoje em dia ninguém manda livro para ninguém. E se manda, não recebe nenhum livro socialmente recíproco e nem mesmo um mero agradecimento em forma de bilhete. Os tempos são outros. Louvado seja Deus.

O próprio Murilo Miranda selecionava nas bibliotecas dos seus amigos escritores as dedicatórias que publicava na sua **Revista Acadêmica,** que aliás nada teve que ver em qualquer tempo com a Academia Brasileira dita de Letras. A tarefa, além de grata, não oferecia dificuldade para Murilo, querido como era ele de importantes escritores do Brasil naqueles bons tempos de menos e talvez mais autênticos escritores. Esse rico material recolhido por Murilo Miranda espera (onde quer que esteja colecionada e arquivada a **Revista Acadêmica**) por um pesquisador inteligente, capaz de proceder a uma correta avaliação desse sugestivo documentário que, mais do que uma simples curiosidade jornalística, oferece um irrecusável interesse sociológico para o estudo de um aspecto da vida literária numa determinada época do Brasil. Muito especialmente do Rio de Janeiro e São Paulo.

Não sou do tempo do fastígio da **Revista Acadêmica.** Quando vim para o Rio, já ela não circulava mais, ou teria apenas chegado a forçar ingloriamente uma reaparição em dois ou três inúteis e obstinados números, que iriam aliás confirmar o seu fim. Murilo Miranda cheguei pessoalmente a conhecer, talvez numa exposição ou num coquetel. Mas sem dúvida ele entrara já em recesso.

Todavia alcancei ainda uns restos dos velhos tempos das dedicatórias. Em São Pedro, quando hoje parodiando a canção de Orestes Barbosa, revejo papéis antigos, velhos livros dos amigos,

encontro não raro uma dedicatória de que já nem me lembrava mais. Ora é um amigo que já morreu, e que reencontro no afeto que a dedicatória preservou. Ora é o carinho de uma dedicatória que torna presente um amigo de quem nos separa uma já prolongada e involuntária ausência. De uma ou de outra forma, suscitando lembranças, é o passado que volta. Volta e fica.

No volume de suas memórias **A escalada,** encontro esta dedicatória de Afonso Arinos de Melo Franco:

"Ao caro Herberto Sales, grande escritor e homem da mais alta categoria, com a mais sincera e viva admiração de um leitor encantado. - **Afonso Arinos.** Rio, out. 1970."

Num exemplar de **A técnica do romance em Marcel Proust,** edição comercial da Civilização Brasileira da tese com que conquistou a cátedra de Literatura do Colégio Pedro II, Álvaro Lins escreveu este longo e fraterno ofertório:

"A Herberto Sales, ao grande romancista e ao amigo muito querido, com o maior apreço pela sua figura humana e a maior admiração pela sua obra, ofereço este meu livro predileto, agora vestido de roupa nova para um dia de festa no interior, à maneira do que diz Graciliano de uma das suas personagens. - **Álvaro Lins.** março, 1968."

E ainda:

"P.S. - Meu querido Herberto: Esta dedicatória não é formal. Você é, realmente, um dos amigos de quem mais gosto neste mundo e autor de uma obra que acho das mais importantes na nossa literatura. O seu velho - **Álvaro.**"

A terceira dedicatória reencontrada foi esta de Cyro dos Anjos, no romance **Montanha**:

"A Herberto Sales, caro amigo, que a gente encontra tão pouco nesta cidade que divide as criaturas, com um abraço de admiração e estima. - Cyro dos Anjos. Rio, 25.6.56."

✲✲✲

Morreu na França, na pequena aldeia de Sommicères, onde fazia 30 anos vivia, o romancista Lawrence Durrell. Diz o jornal tratar-se do maior romancista deste século no mundo. Melhor

para ele. Nunca o li. Sempre eu tinha alguma coisa mais proveitosa que fazer.

Lawrence Durrell sofreu enorme influência de Henry Miller, de quem se tornou uma espécie de comparsa literário. Coisa sintomática: o primeiro romance de Miller que Durrell leu foi por ele, Durrell, encontrado numa privada, na cidade grega de Corfu.

✲✲✲

Falei de dedicatórias de autores em seus livros oferecidos aos confrades. As dedicatórias mais tarde instituídas e hoje ainda epidemicamente adotadas ou exploradas no **marketing** das tardes e noites de autógrafos, durante as quais (como com muita graça dizia Agrippino Grieco) os leitores, mediante a compra do seu exemplar com o benefício do autógrafo, se dão um ar de falsa intimidade com os autores - essas ficam de fora. São outro capítulo. Em vez do gesto social e educado de autores que se presenteiam entre si com os seus livros, temos o balcão. O faturamento metido a evento cultural.

Havia (o verbo no passado vai em função da **Revista Acadêmica**) dedicatórias de vários gêneros e teor. Cordiais. Generosas. De franco bem-querer. Traduzindo no tom geral admiração. As de Oswald de Andrade eram intencionalmente engraçadas. Espirituosas. Sempre inteligentes. Estridentemente originais. Enfim, traziam de uma ou de outra forma a marca inconfundível da irreverência do autor. Li várias delas. Deixo de citar exemplos porque receio ser traído pela memória e tirar-lhes em boa parte a graça resguardada em sua íntegra. De certa maneira, as dedicatórias realmente únicas de Oswald de Andrade me pareciam melhores que certas coisas do varejo literário de sua obra e de seu talento. Creio que as suas claudicantes peças (como ele as deixou) estão nesse caso, embora mais tarde encanadas em exitosas co-autorias ortopédicas.

✲✲✲

Ia do Rio para São Pedro da Aldeia, rota e alegria costumeira minha. Nisso, por mim passa e em verdade me ultrapassa no meu carro outro carro evidentemente não meu, que no entanto atira contra o meu, num estouvamento rodoviário, um pedaço de tábua em feitio de armadilha na estrada. Aparentemente a dita e maldita tábua pegou de raspão no meu pára-choque e foi-se embora. Consolador comentário do meu motorista:

– Ainda bem que não foi no pára-brisa.

Em São Pedro verificou-se que a tábua pegara em verdade no farol (direito) do carro, do qual quebrara no choque o vidro.

– Amanhã o senhor manda botar um vidro novo no farol, em Cabo Frio - disse o meu motorista, que, como de costume, retornou ao Rio depois de me deixar em São Pedro.

No dia seguinte, fui com Juraci a Cabo Frio, que tem recursos que São Pedro não tem. Na oficina pedi ao homem da oficina:

– Queria botar um vidro novo neste farol.

O homem sorriu:

– Vidro novo? Num prêmio 90? Tem de botar é uma unidade completa. Quer dizer: farol novo, naturalmente com o vidro.

Deu o preço. Mandei substituir o farol inteiro, ou todo, ou, como abalizadamente dissera o próprio homem da oficina, a unidade completa. Trocado o farol, o operário que se desincumbiu do serviço pegou o farol de vidro quebrado e simplesmente atirou-o para o chão, onde havia amontoada a um canto outras peças de carro possivelmente também trocadas. Literalmente: jogou no lixo o meu farol ainda novo, conquanto de vidro partido.

– São uns ladrões! - rosnei, rodando de volta para casa, o carro já de farol trocado. - 10 mil cruzeiros! Um absurdo. Se apenas fosse substituído o vidro, como seria natural, a coisa talvez não custasse mais de uns 800 cruzeiros.

Acabei me resignando à evidência dos novos tempos. Outra coisa não tínhamos agora que fazer senão gastar. A palavra de ordem era consumir. Matar o dinheiro a pau. Acabar com ele.

Afinal vivemos numa sociedade de consumo. De consumo, e, sobretudo, como já disse, de consumição.

✲✲✲

Rio de Janeiro. Feira da Providência. Barracas. Barracas. Barracas. Acorre ao local um todo mundo de multidões. Menos eu. Boa romaria faz quem em casa está em paz.

✲✲✲

Ecologia. A melhor desculpa que a TV brasileira da gente arranjou para nos verdes rios das nossas verdes matas fazer novela pornô-aquática.

✲✲✲

Conheci por acaso São Pedro da Aldeia, então uma pequena cidade tão simplesinha, em que assentava muito bem a perdida designação municipal de aldeia, do antigo de sua origem, quando nela construíram os jesuítas a igreja rústica e branca ainda hoje visível, embora do seu desfeito convento apenas restem os olhos vazios das celas desabitadas. Cheguei a casa de um pescador, e ali passei uma temporada com Juraci e as nossas já então três crianças nascidas do amor da gente; foram dois meses que deixaram em nosso conjunto coração um sulco de saudades regada a lembranças só e só felizes. Quanto tempo! Como foi bom.

Voltei para o Rio decidido a ter de uma ou de outra forma, algum dia, quando apenas sabia Deus, uma casa, uma cabana, um canto qualquer com um telhado em cima, ali em São Pedro da Aldeia, que com a sua paz de burgo pesqueiro, no beira-lagoa de Araruama e da vida, tocou o meu coração e os sonhos mais azuis dos meus desejos. As casuarinas. Os moinhos de vento moendo sal nas salinas. O sal da água azul da lagoa estendendo nas salinas largas toalhas brancas de sal grosso. Tudo branco. Tudo azul. Tudo azul e branco. De outra cor só o verde das casuarinas arrulhando no pombal dos ventos.

Os cata-ventos me levaram de volta a São Pedro da Aldeia, na lembrança das areias de suas praias solitárias e de seu nativo chão de cardos e pitangueiras. Comprei um terreno. Depois outro, para Juraci, pegado ao meu. Terrenos de resto casados como

nós, juntos então, e ainda agora e sempre juntos num só. Começamos a sonhar a nossa casa. Primeiro compramos uma pequena morada ainda desmorada, em quase fim de construção. Olhamos encantados as paredes ainda desvestidas de emboço. Atrás delas no entanto, uma esperança nos esperava, nosso conchego de fim de semana e férias, nosso fogão aceso, e no fogão a comida nossa e dos nossos filhos (Heloísa, Heitor, Beto, pela ordem de Deus). Oh, o cheiro de fritura do peixe pescado ali mesmo na lagoa, na hora. O camarão que de tão fresquinho fazia de conta que a natureza tinha acabado de fabricá-lo para a gente. Assim foi sonhada a nossa casa. E em realidade foi ela assim por alguns anos. Mas era pequena demais para a gente. A gente entrava e ficava com os pés do lado de fora. Começamos então a fazer planos - ou aeroplanos - para a casa definitiva que com a graça de Deus haveríamos de construir. Juraci botou a coisa no papel. A nossa futura casa teria na frente uma alameda de casuarinas. Marcamos a alameda, plantamos de cada lado e em fila as mudas de casuarina que trouxemos da restinga. Casuarina não era problema. O problema era a casa. Em dois anos as casuarinas já estavam desfilando na alameda, árvores mocinhas, prontas para uma festa. A casa enquanto isso estava apenas nos alicerces, parados fazia muitos meses. Em verdade ficaram parados exatamente dez anos. Só então iniciamos (ainda assim a duras penas) a construção da casa. As casuarinas eram já umas robustas presenças vegetais na alameda, entrelaçando no alto os seus verdes exuberantes. Olhava-se do portão, e via-se ao fundo da alameda a casa criando corpo nos tijolos. Ficávamos imaginando-a depois de pronta e acabada, toda branca, janelas e arcadas com molduras azuis, paredes encortinadas no verde das casuarinas. E assim realmente ela ficou quando nela nos instalamos. Uma festa de alegria simples, como coisa de criança. Impossível esquecer.

Anos e anos passaram. Meus filhos cresceram, tiveram filhos, que também foram crescendo. E crescendo foram também as casuarinas. A alameda fechou-se, quase não se via mais a casa

ao fundo, as casuarinas não deixavam. Tive de periodicamente mandar podá-las, abrindo sob elas espaço para passarem os carros. Era mesmo a conta, os carros passavam raspando na ramagem, que os filhos, rigorosos na podação, cediam só o estrito espaço que precisavam os carros para passar.

Depois, surgiu o novo e maior problema. As casuarinas, já então realmente enormes, sugando do chão mais do que o chão lhes podia dar para a sua fome e sede, começaram a estragar tudo ao longo da alameda. Não apenas o chão, que de tão ressecado não deixava que nada ali vingasse, a grama, uma flor sequer, mas também a mureta e o calçamento, que as raízes invasoras iam rachando e quebrando. Frestas por toda parte, por toda parte rachaduras.

E além disso as casuarinas, crescidas demais e esgalhadas com as ventanias, tinham ficado feias. Já não enfeitavam a casa. Davam-lhe antes uma impressão de abandono. Juraci resolveu (quando voltamos de Paris) mandar cortar as casuarinas e no lugar delas fazer um jardim por ela própria projetado, que incluía seis palmeiras imperiais em grandes mudas lindas, uma área gramada, e bordando a grama dessa área e alegrando-a as bela-emílias, as margaridas, os gerânios acesos no escarlate das corolas. Era outra coisa. Mas era outra coisa mais bonita. A alameda em frente à casa cedeu lugar a um espaço mais amplo e revelado, desafogo de cores nos canteiros da larga e longa calçada da entrada, pássaros cantando em festa na mangueira antes reprimida em seu espaço vital pelas casuarinas invasoras. A casa ganhara com a mudança. E realmente ganhou.

Estávamos Juraci e eu um dia em São Pedro, olhando descuidados a vida passar, quando de repente chegou o nosso filho Heitor. Heitor, não é por ser filho meu não, é a melhor pessoa que eu até o dia de hoje conheci. É impressionante como esse rapaz consegue ser tão bom, num mundo tão cruel como - à falta de outro menos ruim - este em que vivemos.

Heitor desceu do carro e foi logo dizendo papai, papai, o senhor mandou cortar as casuarinas? E começou a chorar. Nunca

imaginei que uma pessoa chorasse por uma casuarina, na terra das casuarinas. Eu já chorei por outras coisas. Mas por casuarinas, nunca. Fiquei todavia (além de impressionado) com uma grande pena do Heitor. Me deu na hora uma sensação de culpa que não estava no programa. Chamei-o, abracei-o, e fui dizendo, meu filho, me perdoe, me perdoe. Quase uma coisa bíblica, no gênero Absalão, Absalão, meu filho, meu filho.

Tudo acabou bem, passados os primeiros momentos do choque, da amarga surpresa, do nunca jamais em qualquer tempo sonhado acontecimento. Um dia, quando eu (**mea culpa, mea culpa**) já nem me lembrava mais das casuarinas, e até mesmo das lágrimas de meu filho já não me lembrava, descobri numa folha de papel um poema que ele escrevera e ocultara, ainda sob o abalo sofrido. Vou aqui transcrever o poema, não em sua disposição poética, mas em texto corrido, sem no entanto separar os versos com as horrendas barras habituais, convecionais, que nesses casos os eriçam e graficamente os enfeiam. Transcreverei o que escreveu Heitor, na dor de sua sensibilidade magoada, os olhos ainda vermelhos do pranto nobre e puro que verteu.

Nossas casuarinas (é o título ternamente possessivo). E seguem-se os versos, que aqui vão, como já disse, em texto corrido:

"Sentado na varanda da casa de meus pais em São Pedro da Aldeia, olhando a aléa que vai ter ao portão, procuro aceitar dentro do meu coração as razões da morte por assassinato das casuarinas que margeavam a entrada da casa. Fico observando o prazer com que os empregados retiram os tocos que restaram da destruição. Não consigo evitar as lágrimas que correm em meu rosto. Por que fizeram isso? Me lembro tanto do dia em que elas foram plantadas. - Será que vamos vê-las grandes? perguntava meu pai. Sim, vamos. - Será que ficarão bonitas como as da casa de dona Pepenha? perguntava minha mãe. Sim, ficaram. Elas cresceram. Acompanhei seu crescimento como um pai vê um filho crescer, e elas ficaram grandes, adultas. Ficaram bonitas e davam beleza à casa. Quantas tardes e noites de sono, dormidas e sonhadas ouvindo o sussurro delas, quando abraçadas pelo

vento, tão comum nesta região, eu ouvia o rumor relaxante dos seus ramos... Elas eram felizes como eu, os pássaros e as cigarras e o vento. Agora foram ao chão, e dentro do meu coração fica a dor contida de não ter podido evitar o pior, fica dentro do meu peito a certeza de que um pouco de mim morreu junto com elas. Sentado na varanda da casa de meus pais fico olhando a aléa agora tão nua, tão desprotegida e silenciosa, e choro junto com os pássaros, as cigarras e o vento, a morte de nossas casuarinas."

Li, reli as palavras de Heitor, impressionado com a carga de emoção que elas continham, qualquer coisa assim como o envolvente aroma que numa flor se contém. Heitor não tem veleidades literárias. Sensibilidade para a literatura não lhe faltaria, homem que sem prejuízo das coisas práticas recebeu de Deus os encargos dos sentimentos nobres. Suas palavras me tocaram, e até mesmo me perturbaram, mas também me encheram de orgulho. Eu sabia que ele, não obstante o seu feitio anatômico de homem, era um ser humano. Mas o seu teor de humanidade me surpreendeu nos versos que, sem querer fazer literatura, em verdade fez. Literatura não é apenas o que é feito com arte literária. É, também, o que se faz com a verdade da alma. E isto ele o fez. Tenho de agradecer-lhe a secreta mensagem dos seus sentimentos, que por acaso surpreendi, e sobretudo agradecer por tudo isso a Deus.

✲✲✲

Plano Collor. Tudo cada vez mais caro. A solução é mudar de marca de papel higiênico.

✲✲✲

Os sinuosos caminhos da vocação, caminhos da vida nem sempre certos. Nunca fui o menino aquele que acima da cota normal de literatura gosta de ler, passa o tempo todo lendo, adolescente idem, metido como muitos outros a intelectual, com livro debaixo do sovaco pra todo mundo ver e pra causar impressão. Nesse tempo a Unesco, que de resto ainda não existia, obviamente ainda não inventara o hábito de leitura, esse hábito que não o têm as pessoas que não o tendo vivem, no entanto, à

custa dele, inculcando-o em desavisadas crianças do terceiro e último mundo, inclusive o Brasil brasileiro da gente. Na minha adolescência e arredores da mocidade tudo que eu queria na vida era levar da vida - como no conhecido samba - a vida que a gente leva, numa boa. Fiz teatro de estudante, embora pouco. Todavia o suficiente para revelar uma vocação talvez positiva. Aliás, ainda hoje acho que eu devia mesmo era ter ficado no teatro. Mas agora é tarde. Por incrível que pareça, eu fazia comédia. A coisa começou ainda em Andaraí, que embora não o saibam os atuais habitantes da cidade, era e é a minha terra natal. Havia lá um simpático forasteiro, Gilberto Gonçalves, advogado muito inteligente, que embora sem disso fazer alarde entendia um bocado de teatro. Me chamou um dia, e aos outros meus colegas que faziam o ginásio em Salvador, e que estavam de férias em Andaraí, e saiu-se com a idéia de levarmos em benefício já não me lembro de que uma peça em dois atos que aparentemente acabara de escrever. Chamava-se a peça **Apuros de estudantes**, e a idéia nos encantou. Afinal éramos jovens. E, como todo jovem, adorávamos de uma ou de outra forma nos mostrar. Fui escolhido por ele para fazer na peça o papel de **Aurino**, a talvez segunda personagem em ordem de importância. Não vou aqui resumir a peça, ou a comédia, nem para tamanha temeridade teria condições, embora possa adiantar que a coisa se passava numa "república" de estudantes, com trapalhadas fáceis de imaginar. O papel do empregado da "república" foi brilhantemente defendido por Antônio Maciel (onde andará a esta hora o então estudante do Ginásio São Salvador?), que com o talento histriônico que tinha só não fez carreira profissional no teatro porque não quis. Ou não o quis o destino, essa entidade bajuladora e caprichosa, tantas vezes conivente com os triunfos inexplicáveis da mediocridade. O sucesso do espetáculo na pequena cidade levou-nos a reprisá-lo com igual sucesso. Fiz rir e rir a platéia, pra meu espanto. Depois, fomos cuidar da nossa vida de estudantes de verdade em Salvador. Lá, com a coceira teatral daquela experiência tão animadora, pelo menos eu e Antônio Maciel entramos em con-

tato com o pessoal do Teatro do Estudante, ou coisa que o valha. Formamos um novo elenco para encenar, no Cine-Teatro Jandaia e depois no Cine-Teatro Guarani, as duas melhores salas de espetáculos na época em Salvador, a engraçada comédia de Gilberto Gonçalves. Do novo elenco faziam parte duas grandes figuras no teatro estudantil na Bahia: Ju Guimarães, estudante de medicina, figura muito conhecida na cidade, e o seu colega Lopes Pontes. Os dois eram de importantes famílias baianas. Não me lembro o prenome de Lopes Pontes, sei apenas que muitos anos depois conheci em Salvador outro Lopes Pontes, cujo sobrenome ilustre me trouxe à lembrança o do meu companheiro de teatro de brinquedo. E qual não foi a minha surpresa quando a uma indagação minha do grau de parentesco dos dois fiquei sabendo tratar-se nem mais nem menos de pai e filho. Aí foi que vi estava mesmo envelhecendo, o passado ficara já muito para trás, numa curva do caminho.

O nosso ensaiador era um conhecido homem de teatro, Leone, que mais tarde iria formar uma dupla de humoristas no rádio baiano com o futuro grande cômico brasileiro Zé Trindade. Coisa curiosa: no Rio, nos seus gloriosos dias, aliás nos seus anos e anos gloriosos de fama no rádio, cinema e depois televisão, nunca tive contato com Zé Trindade, embora em certos períodos trabalhássemos juntos nos Diários Associados, em empresas de atividades todavia diferentes. Oh, os Diários Associados, vasto conglomerado das comunicações por todos os meios e fins que o homem inventou e o Diabo juntou. Em verdade só conheci mesmo em pessoa Zé Trindade quando ele era ainda o anônimo Milton Bitencourt que trabalhava de ascensorista no Hotel Meridional, na velha capital da Bahia, onde estudei. O futuro popularíssimo e engraçadíssimo cômico tinha aliás nessa época uma namoradinha que morava no Castro Neves e se chamava **E**, que conheci nas festinhas da pensão de Dona Blandina, movidas a vitrola Colúmbia portátil, na Ladeira da Fonte das Pedras. Isto, naturalmente, antes de até lá chegar o estádio da Fonte Nova, que para glória urbana do progresso e do desporto baiano enterrou e

calcou debaixo das chuteiras os sobrados portugueses do meu tempo. Ao me ocorrer, tão sem quê nem pra quê, o nome do hoje também desaparecido hotel da Rua Chile, onde então trabalhava o futuro Zé Trindade, não posso deixar de me lembrar da bomba etílica que serviam ali. Era um coquetel movido a fogo, que atendia, aliás, pelo nome de **Meridional,** xará do hotel. Tive um colega no Antônio Vieira que era filho do dono do hotel Meridional. Colega e amigo. Infelizmente só descobri isso depois que o hotel mudou de dono.

Leone nos ensaiou algumas vezes ao Cine-Teatro Olympia, o com a graça de Deus assumido **poeira** da Baixa dos Sapateiros, cujo nome certamente fora tirado do mafuá parisiense internacionalmente conhecido, de onde muito nêgo compatriota da gente, que de uma ou de outra forma se apresentou ali de cambulhada, costuma voltar para depois dizer aos jornais da gente que - cantou em Paris! No que, reconheça-se, não estará faltando com a verdade. Afinal há em Paris toda espécie de Paris, inclusive a Paris propriamente dita.

Tenho a impressão que o nosso ensaiador tinha uma ligação qualquer com o Olympia, com y e tudo, pois estava ali sempre muito à vontade, com ares senão de dono, pelo menos de pessoa da confiança do dono. Nos ensaios eu o fazia rir, fui nos ensaios uma presença que ele logo notou. E por mais de uma vez me disse que eu - exatamente por lhe parecer engraçado - devia levar o teatro a sério. Meu futuro estava no palco. Vejam só! Bem, o espetáculo foi um sucesso no Jandaia, e no repeteco do Guarani. E aí acabou-se o gás, cuja reserva aliás só dava mesmo para uma brincadeirinha de teatro. Nem a mais que isso aspirávamos nós. É preciso no entanto lembrar mais alguma coisa. Desde a estréia em Andaraí da comédia de Gilberto Gonçalves **Apuros de estudantes**, o espetáculo incluía um ato de variedades, que lhe complementava (digamos) o tempo cênico. Compunha-se de **sketches**, números de canto, e sei mais lá o quê. Eu fazia duas ou três coisas, inclusive uma imitação de Maurice Chevalier, o então mundialmente e mesmo fanaticamente aplaudido cantor e

ator francês, que Hollywood trouxe de Paris num carro-chefe. Imitar Chevalier não era nenhuma novidade. Não havia nisto novidade nenhuma. Não havia nisto nenhuma vantagem. Ele foi, talvez, o até hoje mais imitado artista de cinema do mundo inteiro. Todo mundo fazia a sua imitaçãozinha de Chevalier, de chapéu de palha e tudo. Mas também podia ser francesmente de boné. No Brasil houve imitações famosas dele, inclusive uma feita pelo então popularíssimo comediante Mesquitinha, que além de imitá-lo no palco chegou a gravar um disco cantando como Chevalier cantava. O ator Pinto Filho também gravou uma imitação de Chevalier, sob forma de paródia cômica, substituindo o **Paris je t'aime** da canção para caricata invocação de **Cascadurra querrida**. Como Chevalier não chegara ainda a Andaraí, onde o cinema falado só iria finalmente dar o ar de sua graça muitos anos depois, a minha imitação, cantando em português a canção-tema do filme **Alvorada do Amor**, ficou sem a platéia entender digamos a piada. Quer dizer: a composição cômica. Foi apenas uma cantoria e nada mais.

Nos espetáculos em Salvador, com o acompanhamento de um nosso colega chamado Wellington, que embora ainda fosse estudante fazendo força no ginásio, era já um mestre em piano, cantei a canção-tema do filme **Romance em Veneza**. Cantei em francês, o que obviamente ajudou muito a imitação. E a imitação realmente foi - que Deus me perdoe a heresia - um sucesso. Com bis e tudo. Depois do espetáculo no Jandaia alguns artistas de uma companhia carioca que ia apresentar-se em Salvador, no Guarani, tiveram a gentileza de ir ao camarim cumprimentar os amadores que se tinham saído tão auspiciosamente bem. Infelizmente não me lembra o nome da companhia. Talvez tenha sido a de Palmeirim Silva. Ou teria sido a de Jaime Costa? Do que me lembro bem é que entre os artistas que foram ao camarim estava Carmem Novarro, de que eu nunca ouvira falar até então, e que (acredito) não devia ser um nome de primeira grandeza no teatro brasileiro de comédia. Guardei-lhe o nome porque foi quem

conversou comigo mais tempo, e certamente porque o seu sobrenome (sem dúvida adotado) era o mesmo de um ator de Holywood de quem eu nos meus 17 anos era fã: o mexicano Ramon Novarro, em verdade um ídolo do cinema na época. Carmem me procurou dizendo pelos bastidores que queria falar com "o rapaz que fizera a imitação de Maurice Chevalier". Era o referencial mais fácil que tinha para chegar até mim. E me disse com insistência e fácil otimismo que eu devia ir para o Rio de Janeiro, que o Rio é que era a pedida para um jovem como eu, com tão positivas qualidades para fazer carreira no palco. Os outros três ou quatro artistas que a acompanhavam, em meio aos gentis e gerais cumprimentos prodigalizados às amadorísticas pessoas do nosso improvisado elenco, também se detiveram em mim, secundando de uma ou de outra forma as lisonjeiras impressões que eu causara à atriz. Tudo, porém, ficou ali mesmo. Terminou ali, dali não saiu, não fosse eu um homem sem vontade, incapaz de ir à luta por qualquer coisa. Enfim, ainda que sujeito a chuvas e trovoadas de impulsos passageiros, sempre fui desde cedo um homem mais inclinado a apodrecer na rede que a lutar em Goa. Peguei minha viola, larguei de mão teatro, palco, elogio e tudo, e fui tratar de fazer outra coisa. Ou de não fazer nada.

✲✲✲

Vocações. Converso com três dos meus netos, perguntando-lhes o que querem ser quando crescerem. Ou sondando-lhes, digamos, as vocações. Os três netos: Mariana, 12 anos; Gustavo, 13; e finalmente Mateus, nos seus experientes 6 aninhos.

Mariana:

– Professora.

Gustavo:

– Dentista.

Mateus:

– Dono da Globo.

✲✲✲

Revisões. A tão querida e admirada Rachel, Rachel de Queiroz, chegou brilhantemente aos oitenta. Que coisa! Parece que foi ontem que saiu **O Quinze**. A editora José Olympio, que lhe edita os livros, resolveu homenageá-la com uma reunião de depoimentos sobre a grande escritora, num volume que aliás acaba de sair e que tem por título **Os oitenta**. Não sei se houve a intenção de tirar partido gráfico dos elementos numéricos na organização da capa, mas até que ficou engraçada a coisa: Rachel de Queiroz - **Os oitenta** - Homenagem à autora de **O Quinze**.

Fui ver na relação dos colaboradores e nela encontrei a indicação do pequeno depoimento que a pedido de Daniel Pereira escrevi para o volume: **Rachel** (assim mesmo, só o nome dela no título), e em seguida o meu nome, com o meu Sales de **um L** só. Porém no **Sumário** eis que vejo o meu sobrenome erradamente escrito, com dois errados **LL**. Página Nº 95. Vou buscá-la, e lá está, reiterando o erro, o meu nome com o indevido **L** dobrado.

Francamente!

Eu tenho editado pela José Olympio uma **Seleta** em cuja capa figura, em letras deste tamanho, o meu Sales como deve ser: com o seu único **L**. Além disso, também em edição da "Casa" dois outros livros, **O fruto do vosso ventre** e **Subsidiário**, com o meu sobrenome em boa ordem. Agora, no volume dedicado a Rachel, no transcurso dos seus gloriosos ointenta anos, sai, sem graça nenhuma, o meu nome com dois errados **LL**. Fiquei brabo. Pensei em escrever à editora protestando. Todavia, para o protesto não ficar inutilmente entre mim e ela editora, aqui deixo, com duração mais provável e mais provável divulgação, esta recomendação pública à editora: revisor analfabeto em meu nome não pode rever o que com o meu nome escrevo e assino.

***

Educações. Ligo inadvertidamente a televisão num programa da chamada televisão educativa. Aparece d'óculos e barbado um careca prematuro enfiado num pedagógico par de **jeans**. É o professor. Vai começar a educação da televisão educativa.

– Hoje em dia o professor não é mais um simples professor - anuncia o professor.

Penso de mim comigo: que será então hoje em dia um professsor?

E nem bem penso, o professor televisivo explica:

– Hoje em dia o professor é um agente comunitário.

Desligo a televisão.

Agente comunitário. Agente comunitário é a... Deixa pra lá.

✲✲✲

Navios brasileiros arrestados em mares estrangeiros, a notícia vem no jornal. Querem os credores que eles navios respondam por uma dívida que o nosso Lloyd Brasileiro deve. Enquanto os credores esperam que o governo brasileiro se mexa, a tripulação dos navios não tem comida para comer nem água para beber. Diz o jornal, relatando o drama marítimo da nossa boa gente, que os (textualmente) "marinheiros brasileiros estão convivendo com a falta de alimentos a bordo".

"Convivendo com a... como é mesmo? Ah, convivendo com a falta de alimentos a bordo. Pois sim." Em verdade os nossos arrestados compatriotas estão simplesmente passando fome. E morrendo de sede. Como se isso, porém, não bastasse, o jornal ainda lhes falta com o respeito tratando a fome e a sede deles com essa - para não dizer um palavrão - metáfora da tolice.

✲✲✲

Nestes desditosos dias de rumor e fúria da vida que juntos todos desvivemos, de massificados costumes e de consumistas sentimentos, sob o império da mídia e não do poder de Deus, é preciso mesmo ter muito caráter para chegar a uma loja (leia-se **shopcenter**) e pedir ao caixeiro: olhe, eu quero um tênis, pode ser de qualquer marca, desde que não seja **Reebock**.

✲✲✲

Uma ameaça não quer dizer nada, salvo quando ela se cumpre.

✲✲✲

Depois que regressei de Paris, e que sem graça, e que sem fé em nada além de Deus, me reincorporei ao elenco burocrático do Instituto Nacional do Livro, já então agonizantezinho, fui por duas ou três vezes a Brasília em estrita função de serviço. Uma tristeza. Não Brasília. O Instituto. Gente sem ter o que fazer, fingindo fazer o que não fazia. Com a varredura de feira da cultura (até certo ponto correta), levada de rabo a cauda pelo governo Collor de Melo, acabei entrando na compulsória, por efeito decretal do regime único, que me fez senhor e possuidor das equivalências estatuárias do funcionalismo formal. Ainda bem. Botei nas costas a cruz da minha aposentadoria e tomei o rumo do meu calvário, que me perdoe Nosso Senhor Jesus Cristo a ímpia irreverência da comparação. É só para dar uma idéia do sacrifício e da injustiça das quais são vítimas os aposentados. Entre escassas tréguas, volta sempre à ordem do dia da falta do que fazer o problema das aposentadorias. Os aposentados são um peso insuportável para as finanças do país. O governo quer matá-los de fome. Afinal é a maneira mais fácil que tem o governo - sem sacrifício das finanças do governo - de livrar-se deles aposentados. Do púlpito romano do Planalto o presidente, toda vez que a coisa aperta, reedita como solução para o desaperto o conhecido anátema contra os aposentados: Malditos! Estão acabando com o dinheiro da Nação. E clama: Matai-os! E o Congresso responde: Esfolai-os! Vai isto aqui a título de metáfora. Temente da opinião pública, embora não temente de Deus, o governo todavia não manda (digamos) simplesmente fuzilar os aposentados. Prefere eliminá-los lenta e gradativamente, gradativamente privando-os das condições mínimas de sobrevivência. Muito simples. É só o governo não deixar que os aposentados ganhem mais quando todo mundo passar a ganhar mais. O que equivale a fazê-los ganhar cada vez menos. Afinal a inflação é para essas coisas. Diz o presidente: aumento geral para todo mundo, menos para os aposentados. Responde o Congresso, em seu majoritário coro fisiológico: É isso aí. Se aumentarmos os proventos dos aposentados, a inflação vai aumentar ainda mais. Não há dinheiro

para dar aumento aos aposentados. E sobre isso o governo e o Congresso não têm a menor dúvida.

E a Constituição? Afinal há uma Constituição. Ou pelos menos havia. Pela Constituição, a última, a mais secreta, elocubrada por uma Assembléia Constituinte para esse especial fim especialmente eleita, a aposentadoria era reajustada pelo salário mínimo. Aumentou o salário mínimo, aumentou a aposentadoria. Jogo limpo. Mas durou pouco. De resto, Constituição nenhuma é problema para o governo, nem para o Congresso. Quando a Constituição se torna um empecilho para o governo fazer o que resolve fazer e quer fazer, basta-lhe recorrer aos socorros mútuos do Congresso, onde há sempre uma maioria disposta a conversar com o governo e com ele se compor. Afinal é conversando que a gente se entende: se entende e se compõe. E muda-se a Constituição. Na pior das hipóteses, altera-se a Constituição. As regras móveis da aposentadoria são assim alteradas toda vez que o governo acha por bem e de direito fazê-lo.

Me lembro de um dia ter visto uma manifestação de aposentados, coisa triste, que me impressionou. Eram uns cinqüenta ou cento e cinqüenta velhinhos de bengala, andando a passo de cágado, com gente parada na calçada olhando para eles. Era uma espécie de cordão de carnaval da miséria. Até cantar eles cantavam. Uma cantiguinha aliás muito triste: **Aposentado unido não pode ser vencido. Aposentado unido não pode ser vencido.** Uns velhos menos velhos, ainda inalcançados da bengala, exibiam cartazes onde todo mundo inclusive eu lia e ia lendo: **O governo quer nos matar de fome**. Esses cartazes também advertiam, numas humilhadas e ofendidas queixas, que os aposentados haviam passado a sua útil vida inteira deles sendo mensalmente e duramente descontados na base de dez salários mínimos, para correspondente aposentadoria mensal. E, depois de aposentados, o governo decidira, por cortes e manhas de um chamado intruso salário referencial, pagar-lhes apenas o equivalente a cinco salários mínimos. **Fomos roubados no peso e na**

medida. Aposentado não, malsinado sim. Lia-se em outros cartazes.

Para o meu inesquecível amigo José Cândido de Carvalho, autor do **Coronel e o Lobisomem**, uma das escassas obras-primas do nosso em geral tão desprimorado romance, descrevi a manifestação que eu, um dia, vira com os meus olhos que a terra há de comer. E José Cândido, numa engraçadíssima tirada de humor negro, me disse assim: **Você não viu tudo. Na rabada da manifestação dos velhinhos vinham duas ambulâncias do Pronto-cor.** Olhe, aí só deu mesmo para rir, e me ria eu, e ria-se a bom rir o José Cândido, com a idéia daquelas inventadas conquanto nada impróprias ambulâncias de socorros cardíacos seguindo os velhinhos.

***

Duvido que não me considerem presunçoso se eu disser que fui um dia convidado por uns meus amigos especialmente para ir a Brasília receber em estado de vida e saúde umas homenagens pela minha entrada triunfal na aposentadoria, depois de haver ali mesmo em Brasília, e a partir de Brasília, prestado reconhecidos bons serviços à cultura do país, como diretor do Instituto Nacional do Livro, hoje não mais um órgão público, mas só e só um retrato na parede, digno ainda bem de nela figurar sem favor. Pois fui. Fui e recebi a homenagem.

Quiseram esses meus fiéis amigos de Brasília e de minha vida assinalar festivamente a hora e vez do meu repouso de guerreiro no Instituto Nacional do Livro. Afinal, depois de duras lutas, ainda que incruentas, cruentas em verdade só por dentro, nas feridas das ingratidões e das traições que fui acumulando como pedras no bornal de minha alma, eu chegara com saldo positivo ao término da minha jornada. Disso sem falsa modéstia sabia eu. Mas também o sabiam aqueles meus escassos amigos remanescentes que a mim se juntaram em estado de festa na Biblioteca Demonstrativa, numa solenidade promovida pela Academia Brasiliense de Letras, de que eu a preceito e com honra faço parte.

Foi uma coisa extremamente simpática.

Paralelamente evocarei aqui uma lembrança, não direi tão amarga, como as que Álvaro Moreyra preferiu esquecer nas suas memórias, mas sem dúvida bastantemente indigna, em seu teor de ingratidão e injustiça, para que me furte ao dever higiênico de exorcizá-la. Maldita coisa. Maldita gente que a fez. Dessa maligna coisa lembrada darei aqui notícia.

Dois dias antes da homenagem que recebi na Biblioteca Demonstrativa do INL, entrou a biblioteca em merecidas festas para soprar com ruído de imprensa as 20 velas do seu bolo de aniversário. Tudo bem. Cheguei dois dias depois, mas do transato evento natalício tive sem demora notícias, mal desembarcado da ponte-aérea. Notícias essas impressas num folheto (leia-se **folder**) com uma capa que assim dizia: **Biblioteca Demonstrativa**. Seguia-se uma vinheta fingindo uma folha dupla e aberta de livro solta no ar, com linhas pontilhadas (todavia vazias) ornamentando como podiam a indicação do tempo comemorativo: **20 anos.**

No miolo vinha um histórico remetendo para as origens da citada biblioteca, com citações corretas e justas dos nomes do então ministro da Educação e Cultura Jarbas Passarinho e do, na época, diretor do INL, general Humberto Peregrino, o qual, aliás, embora o folheto o omitisse, é também escritor. E certamente como escritor, e não como general, ele assumira o comando do Instituto Nacional do Livro. Ocorreram essas origens em 1962.

Depois, relata o folheto, as "transformações administrativas" por que passou em seu desenvolvimento e desempenho a Biblioteca Demonstrativa, a partir da Revolução de 1964 até a situação vigente, quando o Instituto Nacional do Livro, a que ela por parte de pai e mãe pertencia, foi extinto pelo governo Collor de Mello, e vinculado sob outro nome à Biblioteca Nacional, no contexto reformista que por sua vez transformou o Ministério da Cultura em Secretaria da Cultura.

Em nenhum momento encontrei citado, lembrado o meu nome no curso dessas folhetadas ou folhetinescas "Transformações Administrativas". Como o resto do folheto dedicou-se de

corpo e alma a mostrar o funcionamento da Biblioteca, deixei-o em sua santa paz informativa e burocrática; e, relendo com perplexidade o estarrecedor item das "Transformações", perguntei a mim mesmo: e afinal, que fizeram de mim? Tive como resposta o torvo rosnar da ingratidão. Que é sem metáfora o mesmo rosnar dos cães. Peguei o telefone e liguei para a diretora da Biblioteca, a brilhante e competente bibliotecária Maria da Conceição Moreira Sales, que apesar do Sales e de ter sido por mim nomeada para o cargo, não é nem nunca foi minha parenta. E protestei contra a omissão do meu nome no folheto, quando em verdade nele, ou em outro qualquer folheto congênere, a menção do meu nome seria simplesmente obrigatória. Não era favor. Em nome da correção informativa, em nome da verdade, e pode-se até dizer da verdade histórica, documentalmente resguardada na história do Instituto Nacional do Livro - era, a menção do meu nome, simplesmente obrigatória.

Me disse a diretora da Biblioteca, reconhecendo o fundamento do meu protesto, que também notara a omissão em causa, mas que infelizmente nada pudera fazer para saná-la, pois só na véspera da comemoração o folheto, já impresso, lhe chegara às mãos. E explicou-me que o folheto fora redigido pelo setor encarregado da memória do INL, pelo visto constituído da mais desmemoriada gente que passou em qualquer tempo pelo órgão.

Numa entrevista que concedi na ocasião ao **Correio Braziliense** comentei o absurdo da coisa e anunciei que escreveria para esse jornal um artigo em que resgataria a verdade final sobre a Biblioteca. Decidi no entanto fazê-lo em forma de nota para este livro que ora concluo, lugar que me parece mais adequado à duração que eu queria dar ao depoimento e que o jornal por natureza não me assegurava nem assegura.

Em verdade, quando assumi a direção do INL, encontrei fechada a sua Biblioteca Demonstrativa, dadas as condições de inviabilidade do seu funcionamento no prédio que até então ocupara, cedido por efeito de iniciativa pessoal do admirável administrador que foi J. Guilherme de Aragão, na época diretor

do DASP. Aragão hoje está morto. Esquecido como escritor, mais esquecido ainda como administrador, pelo menos no folheto memorístico dos 20 anos da Biblioteca Demonstrativa do INL. A ele deve-se a acolhida da Biblioteca (ainda sem casa) no prédio em que ela com armas e bagagens se instalou e onde antes havia um restaurante do DASP.

Encontrei como dizia a Biblioteca fechada, o telhado em parte desabado, as paredes rachadas. Em verdade a construção era má de nascença, obra de carregação, característica da improvisação urbana dos tempos primeiros de Brasília. Todo dia saía nota nos jornais locais baixando o sarrafo na incúria do INL. Que fazer?

Remediou-se a situação com o apoio da Secretaria Geral do MEC, de que era então titular Euro Brandão, que apesar de intelectual tinha real apreço aos livros. Homem inteligente, sensível, da geração do seu amigo e co-estaduano Dalton Trevisan.

Com reparos providenciais, a Biblioteca entrou em regime de funcionamento provisório, até Deus mandar o bom tempo dos recursos que as obras de restauração do prédio remendado reclamavam. E assim, embora de perna encanada, a Biblioteca reabriu-se. Ou reabrimo-la, se preferem.

Enfim vieram a tempo os recursos de que precisávamos para ter um prédio que realmente o fosse. As obras de restauração tinham porém de ser tão grandes, que praticamente teríamos de fazer um prédio novo. Novas paredes. Novo teto. Tudo novo. E isto tratamos de fazer: construir praticamente no lugar do prédio velho um prédio novo.

As obras implicaram no entanto o fechamento da Biblioteca. E agora, José, aliás, Herberto Sales? As obras podiam desculpar tudo, menos a interrupção dos serviços bibliotecários, de que em seus estudos e leituras se valia toda uma numerosa e constante comunidade de usuários, preponderantemente de estudantes. Recorri à inteligência e ao espírito público e à simpatia da então secretária de Educação do GDF, Eurides Brito, de resto amiga de Brasília e minha amiga, que pôs à disposição do INL um próprio

do Governo do Distrito Federal, para onde transferi a parte de maior demanda estudantil do acervo da Biblioteca. Com isso ficaram, em regime de emergência, servidos os estudantes, nesse esforço de guerra que nos permitiu - em termos de prestação de serviços - fechar para obras a Biblioteca conservando-a todavia aberta e em funcionamento. Brava gente brasileira! Aliás brasiliense.

Ao fim e ao cabo de alguns meses de ininterruptos e intensos trabalhos, que pessoalmente acompanhei em visitas freqüentes, estavam concluídas as obras. O prédio era mesmo outro. Uma coisa simples, feita com um esforço em que havia sobretudo gosto. Gosto de fazer bem-feito o que precisava ser feito. Uma incrível realidade, que chegou mesmo a parecer mentira, o INL e Brasília de Biblioteca Demonstrativa Nova, fazendo as vezes de Biblioteca pública, servida de público e servindo ao público. As salas, conhecidamente cheias de leitores e de livros, tinham agora um aspecto de alegre limpeza e de atenta e interessada ordem. E do teto novo, do material moderno e novo, descia sobre as mesas e estantes uma luminosidade lavada, em que vivamente se destacavam os livros e os textos. Ao novo prédio, sua casa verdadeira, voltou a Biblioteca. E, nela reinstalando-se, reabriu-se no embalo do seu funcionamento pleno. Sua reinauguração - porque em verdade ela foi reinaugurada - assinalou-se com discursos e com uma placa alusiva, que lá está todinha ainda.

E no entanto é preciso lembrar...

Lembremos que esse feito ficou e está, quer queiram quer não queiram os **folders** comemorativos, creditado à minha administração no Instituto Nacional do Livro, com o apoio primeiro de Euro Brandão, secretário-geral do MEC e depois ministro, e ainda, e muito, de Sérgio Mário Pasquali, na gestão do ministro da Educação e Cultura Rubem Ludwig. O empenho que Pasquali pôs dia e noite na realização das obras identificou-o tanto com a minha iniciativa e o meu entusiasmo, que nos tornamos amigos. Uma amizade que subsistiu à conclusão das obras, e que durante elas só fez realmente fortalecer-se. Também contamos na reta

final com o apoio do então secretário da Cultura Marcos Vinícius Vilaça, que tem o gosto e a paixão de realizar. Antes porém de encerrar estas informações que resgatam com premência e justiça uma verdade pela boca de um saudável e honesto desabafo, quero acrescentar duas palavras sobre Rubem Ludwig. Eu estava morando ainda em Paris quando recebi a notícia de sua prematura morte. Era ainda um homem novo, em plena atividade. Mas uma insidiosa doença não o poupou. Os íntimos chamavam-lhe Rubão, façanha afetiva que nunca me atrevi cometer. Antes de ser ministro da Educação e Cultura ele foi adido militar à nossa embaixada em Paris. Deixou o ministério para ocupar a chefia do gabinete militar do presidente Figueiredo. E no posto de general reformou-se. De farda ou sem farda, foi ele sempre um senhor cidadão de absoluta correção humana, que tinha a competência do trabalho e a competência da amizade. Quando morreu, sua lembrança instalou-se no meu coração, em absoluta condição de cadeira cativa, e enquanto eu viver o meu pensamento estará voltado para ele: para o ministro que me prestigiou no meu trabalho e para o amigo que me premiou com a sua estima.

Bem, tudo que não estava no folheto comemorativo dos vinte anos da Biblioteca do INL eu a bem da verdade deixei aqui registrado e resgatado, não tanto por vaidade pessoal, mas para exorcizar os desvarios da informação leviana e correr a pau os sugadores do merecimento alheio.

No discurso com que me saudou na homenagem que em Brasília me prestaram na Biblioteca do INL os meus confrades da Academia Brasiliense de Letras e alguns fiéis e resistentes companheiros dos meus tempos de diretor do Instituto Nacional do Livro, a bibliotecária Maria da Conceição tratou de recompor como podia a situação. Transcreverei aqui um trecho de sua saudação, cujo original ela me ofereceu após a cerimônia, e que eu, por justos e muito gratificantes motivos, encaminhei para os arquivos da Academia.

Assim disse na ocasião, **hors** folheto comemorativo e levianamente omisso, a chefe da Biblioteca Demonstrativa Maria da Conceição Moreira Sales:

"Vivemos hoje uma semana de muitas emoções. Na terça-feira última reunimos nesta sala autoridades, colegas e usuários desta Biblioteca para comemorarmos os 20 anos de sua criação".

"Hoje voltamos a nos reunir para homenagear o escritor e acadêmico Herberto Sales, o colega da instituição que se aposenta e, principalmente, o ex-diretor do Instituto Nacional do Livro que, dentre outros feitos (os grifos são meus), foi **o responsável pela reforma nas instalações deste prédio que, em 1979, se encontrava em condições precárias, possibilitando o funcionamento adequado que ora oferecemos à comunidade**".

E, continuando:

"Nestes 7 anos e meio à frente da Direção desta casa, a muitos eu teria que agradecer. Mas, especialmente hoje, gostaria de dizer o meu muito obrigada ao Dr. Herberto que, por sugestão do colega bibliotecário Emir Suaiden, me convidou a ocupar o cargo de chefe desta Biblioteca, onde permaneço até hoje.

"Por isso, por todo o seu trabalho realizado à frente do Instituto Nacional do Livro e pelo grande escritor, ilustre nome da literatura brasileira, reconhecido nacional e internacionalmente, a minha homenagem e de todos os servidores da Biblioteca Demonstrativa."

Ainda bem. Tudo bem.

Mas ainda há um lembrete para a desmemória do Instituto Nacional do Livro e seus folhetos desinformados: fui eu, em pessoa e em espírito, que no labirinto das providências legais promovi a materialização documental da cessão do prédio e do seu embutido terreno respectivo, onde em aleatório pouso se instalou a Biblioteca Demonstrativa. Estava tudo no ar. A Biblioteca do INL era mais uma figura de retórica que uma biblioteca. O prédio existia e não existia. Só passou mesmo a existir, em termos de realidade imobiliária legal, depois que consegui pôr no papel o preto no branco. Antes havia uma espécie de quimera. Ou de mágica. Hoje há um patrimônio realizado.

Uma surpresa me aguardava na homenagem que em Brasília me prestaram na Biblioteca Demonstrativa do hoje (depois de

mais de cinqüenta anos de atividades em prol do livro) extinto INL. Foi encarregado de me receber em nome da Academia Brasiliense de Letras o professor e escritor Cassiano Nunes. De resto também acadêmico. Embora suas palavras tenham sido extremamente generosas, não direi aqui que eu não as merecesse, para não pôr em dúvida a sinceridade delas. Cassiano não tinha nenhum motivo para querer me agradar. Nem para me mentir. É uma pessoa sabidamente franca, às vezes até mesmo asperamente franca, mas que em termos de literatura, ensinando literatura ou falando de literatura, tem sobretudo competência para exercer literariamente a sua franqueza. Sua palavra é uma palavra de fé.

Depois de destacar o trabalho excelente da bibliotecária Maria da Conceição Moreira Sales como diretora da Biblioteca Demonstrativa, lembra Cassiano que "o desenvolvimento desta biblioteca é apenas um item no **curriculum vitae** de Herberto Sales". Fazia-me justiça, associando o meu nome à biblioteca pela qual tanto lutei quando diretor do INL, mas também se deteve na apreciação de minha obra de escritor, nos seguintes passos do seu discurso:

"Por uma feliz circunstância, sou um estudioso de literatura, que pôde avaliar a importância da obra literária do filho insigne de Andaraí, pois fui orientador de uma tese de mestrado feita sobre a sua obra por uma aluna coreana, Dong Won Park, moça amorável, inteligente e culta. Essa tese, aprovada na UnB, teve o título de **A Técnica narrativa realista na ficção de Herberto Sales**. Para poder orientá-la, li grande parte da obra de Herberto. Ele estreou em 1944 com o conhecido romance **Cascalho**, traduzido para vários idiomas (pois a língua portuguesa não é mais o 'túmulo do pensamento') e que remata com chave de ouro a importante fase neo-realista do nosso romance que ficou conhecida como 'literatura do Norte'. Esse período foi importante, de modo principal, porque tinha muito de documento social e denúncia." - "Herberto Sales, que não é nenhum radical, simplesmente por ser um escritor legítimo, impõe-se como um escritor

de denúncia e se declara tal. Denúncia da opressão e da miséria. Mas, como devo ser breve - estamos numa reunião festiva e não numa sala de conferências - vou referir-me apenas a mais um de seus livros: os **Dados biográficos do finado Marcelino**, que, confesso, me surpreendeu extraordinariamente, pois, sem prévio aviso, deparei com uma obra-prima. É uma obra que qualificarei de penumbrista. Há, na literatura brasileira, reconhecida, uma poesia penumbrista, que deu um lírico de valor: Ribeiro Couto. Mas haverá também uma ficção penumbrista? Creio que sim, e o seu paradigma é o **Memorial de Aires**, do grande Machado de Assis. Trata-se de uma ficção leve, tênue, etérea, com pouco enredo, meio fragmentária, vaga, melancólica, poética. Consiste em registro do declínio social e pessoal; cria uma atmosfera crepuscular. Mas os **Dados biográficos do finado Marcelino** são, antes de tudo, uma obra-prima quase desconhecida. Não ouço falar dela nos departamentos de letras nacionais, em que se sabe de tudo - estruturalistas franceses, formalistas russos e semioticistas americanos''.

Meu caro Cassiano Nunes, infelizmente é isso que acontece. Já disse certa vez, num momento de desencanto, que para fazer literatura no Brasil é preciso não ter vergonha na cara. Uma coisa porém é preciso ter: paciência.

✲✲✲

E screvo ao presidente Austregésilo de Athayde, com cópia para todos os confrades da Academia, uma carta em que comunico a minha irrevogável decisão de deixar a direção da Biblioteca da casa. Eis a carta - "Honrado já há algum tempo com a reiterada inclusão do meu nome na diretoria da nossa instituição, como diretor da biblioteca, vejo-me no entanto compelido a solicitar, em termos de irrevogabilidade, a minha destituição desse importante cargo. Durante cerca de quatro anos consecutivos estive ausente do Brasil, não tendo assim podido, com a continuidade desejada, dedicar os meus esforços e o meu zelo de membro da Academia ao bom desempenho da missão que a benevolência dos meus confrades achou por bem de repetidamente me conferir. De

volta ao Brasil, fixando residência em São Pedro da Aldeia, subsistiu a descontinuidade da minha presença no Rio de Janeiro e com ela a inviabilidade de uma assistência regular minha à biblioteca. De resto, razões de ordem pessoal e íntima me levaram à decisão voluntária e superior do meu afastamento de toda e qualquer atividade que envolva compromissos incompatíveis com o exercício de minha solidão, nestes anos de vida que me restam. Eu tudo que quero é que me esqueçam. Talvez assim possa me lembrar mais dos outros. Estou certo de que o caro presidente, compreensivo e atento à irrevogabilidade do meu pedido, não terá dificuldades em escolher dentre os nossos confrades, com anuência do plenário, um nome que possa assegurar à nossa Biblioteca o reequipamento e modernização de serviços de que ela possivelmente se ressente. Insistindo em que a minha decisão é irrevogável, peço ao prezado presidente, com as escusas que respeitosamente lhe apresento, considerar-me, a partir deste momento, desligado da direção da biblioteca da Academia."

Segue-se o fecho, e com ele roseamente se encerra em hora e vez o assunto.

⁂

Vou aos poucos chegando ao fim deste livro, terceiro volume da minha memorialística. É um modo também de ir chegando ao fim de minha vida. Neste livro vou deixando palavras. E no rasto das minhas palavras vou deixando as minhas decepções, amarguras, desalentos, vou deixando a minha angústia de cada dia, na impossível alegria de cada hora.

⁂

Sou um habitante do meu passado, estrangeiro em terras do presente e do futuro.

Chego ao banco, encontro uma longa e cansada fila a distribuir-se em pinga-pinga pelos guichês em funcionamento. Os caixas, com um toque nervoso da caneta na borda de suas trin-

cheiras de vidro, vão convocando o cliente da vez, mal se livram do anterior. Não tenho ilusões. Na rabada de tão numerosa fila, não serei atendido antes de uma boa meia hora movida a passo de tartaruga. De repente vislumbro, num esconso guichê no fim do balcão, um aviso de atendimento exclusivo de deficientes físicos e de idosos. Apenas três pessoas estão diante do guichê. Um velho senhor apoiado numa bengala, seguido de duas macróbias de óculos. Lembro-me do sempre lido diário de Ascendido Leite, numa passagem em que ele alude a uma pessoa idosa, conquanto ainda "fisicamente bem distante dos desgastes comuns à ancianidade". Reconheço que é sem favor o meu caso. E no entanto é preciso usufruir o benefício da fila escassa. Sem perda de tempo mudo de fila. E com ar de triunfo me anuncio:

– Ainda que não pareça, estou com 73 anos. É mesmo uma sorte ser idoso!

✲✲✲

Nova e inútil tentativa de leitura do **Lobo do Mar** de Jack London.

Sem quê nem pra quê. Vou passar o livro adiante. E, jamais Jack London ! Jack London, quer me parecer a mim, é bem um caso de romancista que se fez a melhor personagem de si mesmo. Como autor é preferível ser lido em sua biografia por Irving Stone.

✲✲✲

Cid Seixas, baiano, inteligente como o diabo,é poeta e ensaísta, ótimo numa e noutra coisa. É, ainda, Doutor em Literatura pela USP; e professor de pós-graduação da UFBA. Senhor e usuário assim de respeitáveis títulos de erudição e cultura, junta a estes com destaque os de pelo menos dois dos seus livros: **Fonte das Pedras** e **O Espelho de Narciso.** Saiu dos seus cuidados e escreveu um brilhante estudo especialmente sobre o meu conto "O Estilete", que está no volume **Armado cavaleiro o audaz motoqueiro.** É tão bem-feito e instigante o raio desse estudo, que achei por bem transcrevê-lo aqui. Praticamente todo. Não por vaidade literária, mas porque acho que em termos de acesso ele

funcionará mais neste volume que na contextura do jornal onde originariamente apareceu: o suplemento literário da **Tarde**, de Salvador. O estudo de Cid Seixas (**O silêncio é de ouro e a palavra é de outro**) é desde já um subsídio crítico proveitoso - e eu direi mesmo definitivo - para a compreensão desse meu conto sem dúvida louco, do **Estilete**. Afinal é este um encadeado livro em que me faço presente comigo mesmo e com a minha obra, as minhas letras, de resto os meus contos, e de permeio a minha vida. Tudo está em casa e em casa fica.

Vai aqui a transcrição básica do estudo de Cid Seixas:

"Herberto Sales é um singular escritor brasileiro que pelo domínio da linguagem, exercido em obras nucleares da sua bibliografia, é considerado por alguns críticos um clássico da modernidade. Inventor de histórias e sucedimentos, através de um arranjo de palavras e de uma sintaxe capazes de manter vivo e renovado um filão estilístico que se embebe em Machado de Assis, o autor de **Cascalho** entra na sua nova fase - iniciada com **Armado cavaleiro o audaz motoqueiro**, de 1980-adicionando, às técnicas que o consagraram, novos ingredientes visando captar a lógica dos tempos da geração de agora.

O livro reúne 13 narrativas curtas e uma pouco mais longa: "**Edgarzinho, ou atos que não se praticam**", talvez o melhor momento da coletânea, pela densidade da trama. Se no conto inicial, que dá título ao volume, Herberto Sales tenta se sintonizar com o **universo** conceitual e lingüístico dos motoqueiros, **cavaleiros do ronco**, a novela final nos proporciona um reencontro com o velho Herberto, que caminha livre e desembaraçadamente por uma sintaxe da qual é senhor e usuário.

A compreensão do **pathos** lógico, do que foge ao esperado, torna-se possível, sob um outro ângulo, quando se lê a novela "Edgarzinho", ou mesmo o conto "O estilete", sobre o qual situaremos nosso discurso parasita.

As primeiras páginas da narrativa acompanham as andanças do personagem, pelas casas de ferragens e cutelaria, em busca de um estilete de aço, com 30 cm de comprimento, até que,

cansado da procura, é informado, por um antigo pracista, de uma metalúrgica onde faziam, sob encomenda, artigos similares. Teve que comprar um guia da cidade do Rio de Janeiro para, depois de rodar por mais de duas horas, entre labirintos e ruelas, chegar ao endereço da avenida de subúrbio.

Uma semana depois refazia o itinerário suburbano, para pegar a encomenda. O estilete de aço reluziu em suas mãos maravilhadas. Conferiu-a com a escala que o caixeiro lhe trouxe com escrupulosa solicitude: 30 cm de comprimento, descontado o cabo de plástico torneado.

Passados dois dias pegou seu vôo preferido para Brasília, o direto, sentando-se num dos últimos bancos do avião, com a maleta executiva acomodada por entre as pernas. No banco da frente sentou-se um sólido homem munido de um sortido equipamento facial: barba, bigode e óculos. José Mário observava-o. Sorriu quando o homem reclinou a cadeira.

Nosso protagonista conhecia este tipo de passageiro que se instala confortável, espremendo o passageiro de trás. Foram muitas as viagens em que ele não pôde ler o jornal, nem almoçar, imprensado entre a poltrona e a mesa do lanche. Podia ter reclamado, como vira outros passageiros fazerem em situações semelhantes. "Mas, não reclamara: agüentara tudo calado, sob um silêncio estóico. Afinal ele não gostava de falar".

Enquanto o confortável passageiro sorvia o repouso, nosso herói abriu a maleta, empunhou o estilete e fechou-a novamente. "Com toda a força, enfiou no lombo da cadeira reclinada o estilete - huumm!"

Um grito ferido dilacerou o vozeirão do motor.

De pé, num desafio de espadachim alucinado, José Mário só fazia dizer:

– Recline a poltrona, filho da puta! Vamos, recline, recline a poltrona agora, filho da puta ! Isto é para você nunca mais reclinar poltrona em avião, ouviu, seu filho da puta?

"Se é verdade que a arte nos mostra a realidade de um novo modo, projetando sobre os velhos objetos uma luz capaz de trazer

uma compreensão ainda não alcançada - ou, pelo menos, ainda não-estabelecida como realidade coletivizada - este conto nos remete à humanidade e ao sofrimento que há no mundo das mitologias individuais, da falta de sintonia com as configurações socialmente compartilhadas, em suma: das formações psíquicas que recusam a homogeneidade, a normalidade.

"José Mário, o herói da narrativa de Herberto Sales, ao percorrer incansavelmente a cidade à procura obstinada e obsessiva de "um estilete de 30" cm, não é apenas o retrato de um habitante dos sítios da neurose entre os muitos gerados pelo mal-estar na civilização. Ele é, principalmente, uma caricatura, uma metonímia e uma hipérbole de todos nós, medianos e pacatos cidadãos de sorrisos cordiais e complacentes, como hímens generosos. A cruel vingança de José Mário é apenas uma manifestação não-verbal de todas as palavras engolidas e engasgadas pelo homem civilizado, sob a tirania das boas maneiras.

"O conto é uma análise crua e intuitiva do processo patogênico de substituição dos símbolos verbais por uma ação simbólica. A regra social impõe a troca da ação pela palavra. É na linguagem que o homem encontra o substituto social para os atos que não se praticam. É na palavra plena, pronunciada, que o afeto é descarregado sob a forma do que Breuer e Freud chamaram de **ab-reação**. Já se disse que a palavra é de prata e o silêncio é de ouro, mas a prática do estilete mostra que o silêncio é de aço e a palavra é de outro. O constante silêncio de José Mário, o engolir em seco, a ausência de ab-reação, mantém as representações que alimentam os mecanismos neuróticos isoladas de curso normal do pensamento. Elas conservam a sua atividade patogênica, porque não são reproduzidas nos estados associativos livres, isto é, porque não são submetidas ao desgaste normal através da ab-reação. Em termos técnicos, José Mário substitui a ab-reação pela atuação ou pelo que os psicanalistas de língua inglesa chamam de **acting out**. Esta atuação é a marca de liberação brusca do recalcado, através da agressão do outro com outro homem?

"O ato aparentemente sádico do protagonista da narrativa é apenas um inocente signo, o único capaz de ser articulado por José Mário, no seu "silêncio de ouro", na sua impotência de reagir com palavras. O silêncio contumaz explode numa 'fala' de violência e tumulto. O silêncio verbal só é substituído pela 'fala' quando antes dela ele grita o engasgo através de signos gestuais: a ação agressiva, o estilete rasgando as costas do interlocutor inesperado. O protagonista, ao reprimir cotidianamente sua raiva e engolir as palavras de protesto antes que cheguem à ab-reação da boca, perde a dimensão do real e habita o desespero: a agressão contra um inocente passageiro de avião que reclina, confortavelmente, sua poltrona sobre o silêncio de ouro, não é concebida pelo espremido passageiro do banco de trás como um ato de violência, mas como palavra plena. É produzido como uma ação transferencial, ou mesmo como um ato simbólico, uma espécie eloqüente de discurso não-verbal pronunciado em silêncio, que descarrega a raiva reunida em sucessivos silêncios. É como se a ação, aos olhos do herói ficcional, pudesse ser equanimente repartida entre todos os passageiros que reclinam impunes poltronas no ar, cabendo a cada um deles uma suave palavra corretiva. Diluídos os 30 cm do afiado estilete pelas costas dos inúmeros reclinadores de poltronas aéreas, apenas algumas inofensivas alfinetadas lembrariam a eles a existência de um espaço do outro.

"Evidentemente, nós, espectadores do drama de José Mário, não compartilhamos esta visão delirante de uma fala de ação. Nem precisamos compartilhar, porque a catarse da tragédia, da qual falava Aristóteles, se processa sem o nosso comprometimento real. No drama de ficção que o escritor encena, purificamos nossas forças na vingança de José Mário e nos mantemos sorridentes e cordiais para outras viagens, sob o jugo do passageiro da frente.

"Assim também procede o autor, transferindo para a ação do personagem as inconfessáveis fantasias do homem civilizado".

✲✲✲

*E*stou morando já em São Pedro da Aldeia, embora mantenha alugado no Rio um apartamento onde moram a minha filha

Heloísa e os meus netos Sergito e Fernanda, seus, por sua vez, filhos. É o meu **pied-à- terre.** Hoje tenho já pouco que ver com o Rio. Lá não mais estão alguns dos meus melhores amigos, que com o calor de sua estima e de sua dedicada constância fizeram do Rio de Janeiro uma quase segunda terra natal mais natal minha. Desses amigos ficaram as boas lembranças do nosso convívio perseverante e solidário, ecos silenciosos do afeto que ilumina a minha solidão em São Pedro, à sombra das mangueiras do meu quintal, sob o teto que abriga a minha velhice, que depressa vem atrás de mim. Muita coisa poderia ainda registrar neste livro. Mas o que de mim aqui deixei me basta. Esgotei a minha taça de mágoa e de ternuras. Tenho ainda à minha frente uma semeadura de recordações, com os instrumentos incansáveis da memória trabalhando na colheita do tempo. Não quero, porém, prosseguir. Aqui eu fico e me acabo, no tempo e no papel. Ao esquecimento deixo o resto. Afinal é chegada a hora de começar a esquecer.

Quai Louis Blériot, Paris, à margem do Sena (1989).
Quinta da Vendinha, São Pedro da Aldeia,
sobre a lagoa de Araruama (1991).

PS

✲✲✲

Pós-escrito. Pós-escrever. Proscrevo aqui algumas salteadas notas a este **Subsidiário 3**, que só agora me ocorrem, e que se vão compondo no deslizar submisso e azul da minha caneta esferográfica, nesta recalcitrante folha de papel em branco: minha esferográfica, portadora da minha palavra escrita. Ou poscrita.

O pintor Sérgio Telles, das cores todas senhor e possuidor, e das gentes todas mui admirado, vai expor em Portugal. Eu o soube. Um amigo me contou, na hora em que eu ia para a cama com o meu sono, e nele sono embrulhado, dormir.

O pintor Sérgio Telles vai expor em Portugal.

Ocorre-me uma citação. Coisa, aliás, excepcional na minha vida de cansadas leituras e escrituras. Uma citação, diga-se, em feitio de paráfrase. No caso, uma paráfrase drummondiana. O pintor Sérgio Telles vai expor em Portugal? Parabéns a Sérgio Telles, parabéns a Portugal.

Bem pensado, essa exposição do grande pintor brasileiro não vai ser apenas uma exposição, em sua cabal importância e ressonância. Vai ser, antes, um reencontro ensolarado e colorido de Sérgio Telles com os temas do seu afeto maior de pintor. Reencontro que não é o primeiro. É um reencontro que sempre se repete, toda vez que entre Portugal e Sérgio Telles aperta de parte a parte a saudade, aliás bem portuguesa, de mutuamente se reverem. Portugal nas telas de Sérgio Telles, pintor que traz nos olhos e na alma as cores de Portugal. Telas que inda mais belas se fazem aos olhos por sua vez das gentes, porque, no mostrarem elas Portugal, Portugal em verdade se mostra nelas, íntegro e íntimo, na dimensão da graça incomparável e única que Deus lhe deu.

✲✲✲

Na Academia Brasileira há confrades para todos os gostos. Há os educados, ou academicamente educados. Há os civilizados, ou academicamente civilizados. E há os cascas-grossas, ou desacademicamente cascas-grossas. Embora não seja isso academicamente possível, cumpre evitá-los. De preferência não freqüentando a Academia.

✲✲✲

Encontrei o escritor a quem em contacto de risco de gentileza ofereci um exemplar das minhas **Andanças por umas lembranças (Subsidiário 2)**. No mesmo dia (evidentemente mal chegado a casa) ele me telefonou:

– Já andei cheirando o seu livro. Há lá um engano seu. Diz você que um seu conhecido era plantador de bananas. (Sorriso.) Ora, ninguém planta banana. Planta-se é bananeira. (Outro sorriso.) Você precisa corrigir esse erro.

Foi tudo que no meu livro o presenteado escritor viu, ou, em sua própria e olfativa palavra, "cheirou". Esquecido da semântica, plantou-se com alvoroço no seu reparo agrícola.

Minha resposta:

– Plantar bananeira é ficar de cabeça pra baixo com o bumbum pra cima, tá?

✲✲✲

É sempre bom lembrar Álvaro Lins. É um modo de trazê-lo de volta ao meu convívio, agora que já não posso (como nos velhos tempos velhos) ir vê-lo no seu apartamento do Parque Guinle, nem ele pode vir ao meu encontro no meu apartamento da Avenida Rui Barbosa. Dois apartamentos tão diferentes entre si, em espaços e confortos, iguaizinhos, no entanto, um ao outro no abrigo da nossa amizade recíproca.

Um dia Álvaro Lins me disse - olhe, Herberto, ontem recebi a visita de um jovem muito inteligente, que está publicando uns muito bons artigos de crítica literária no **Jornal do Brasil**. Ele é grande admirador seu. Falou-me muito bem dos seus romances.

Foi assim que vim a saber que o jovem escritor Assis Brasil, que eu conhecia apenas de leitura, era para minha surpresa e honra meu admirador. Afinal chegou o dia e hora de nos checarmos pessoalmente, e de até trabalharmos juntos, integrando um dos júris do então famoso concurso de contos do Paraná (Fundepar). Foi no ano em que concorrendo sob pseudônimo, de resto exigência do concurso, ganhou o maior prêmio Murilo Rubião, que desta já se foi para melhor, deixando em muito bem contados contos nome e renome. Desde muito tempo vem Assis Brasil dando constante e generosa atenção à minha obra, que à medida que cresce , recebeu sempre dele reiterado louvor. O que nestes anos todos de minha literatura e vida tem escrito sobre mim Assis Brasil, daria para compor de ponta a ponta todo um livro.

Mandei-lhe, aliás deixei pessoalmente na portaria do edifício onde no Rio reside, um exemplar do meu **Andanças (Subsidiário 2)** para ele; e, já de retorno a São Pedro da Aldeia, eis que recebo de Assis Brasil uma carta de agradecimento, de que transcreverei aqui, por interesse evidente de pesquisa de minha vida e obra, os seguintes trechos:

"Recebi o **Subsidiário 2**, tão bom quanto o primeiro, o escritor em sua plena madureza, termo que na Bíblia quer dizer santidade. O crítico aprecia a beleza da linguagem e o homem sensível se emociona com as páginas viradas de sua vida - a grandeza da emoção ao falar em sua família, em sua mulher, em

seu casamento. A gente nunca pára de aprender com o grande escritor e o bom escritor - o seu caso - nunca pára de amadurecer. Há coisas que não têm limite: o domínio do escritor em relação à sua língua e sensibilidade, o amor, a amizade".

✲✲✲

Marcos Vinícios Vilaça eu o conheci em Brasília quando ele trabalhava na Caixa Econômica, da qual Caixa, e da amizade nascente dele, nunca aliás me aproveitei. Com a ajuda do voto dele entrei para a Academia Brasiliense de Letras. E com a ajuda do meu voto ele entrou para a Academia Brasileira. Agora acaba Marcos Vinícios Vilaça de tomar posse (sócio correspondente) na Academia das Ciências de Lisboa. Minguado em apoio, dessa vez nada lhe pude dar senão o meu aplauso pelo feito. Pela eleição e pelo discurso de posse. Discurso criativo, moderno, humano. Antiacademicamente humano. Conversa de gente. Bem à altura da memória de Luís da Câmara Cascudo, o antecessor que lhe cumpriu elogiar na ocupação da vaga acadêmica de Lisboa. No seu discurso Marcos Vilaça me citou o nome, ao lembrar Luís Viana Filho. E me chamou de "sábio comandante de palavras". Dizia Machado de Assis que o elogio faz bem à alma. Não direi que o elogio de Marcos (pelo exagero) tenha feito mal à minha. A idéia daquele comando de palavra me agradou, visto que tudo que faço na minha escrita é manter sob o meu comando o que escrevo. Não o faço com sabedoria, mas não abro mão do comando que me compete. Minha palavra tem de fazer o que eu quero, segundo a minha vontade e o meu exemplo. Afinal a minha palavra sou eu.

✲✲✲

Andaraí (BA), minha terra natal. Sou baiano de Andaraí, neto, por parte de mãe, de mineiro. Talvez esse meu tão próximo lado mineiro explique o meu lado anticonvencionalmente baiano. Digamos que eu seja um baiano calado. Andaraí, se não fosse o bom conceito em que tenho muitas madrastas do meu conhecimento, tão diferentes das megeras das antigas histórias para crianças, que fizeram escola preconceituosa de maldade e mesquinhez no mundo convivial da família, se não fosse isso eu diria

que Andaraí é, não a minha cidade natal, mas a minha madrasta natal. Lá ninguém se lembra de mim, nem faz que os outros se lembrem. É assim como se eu não fosse nada. Para o lugar e para as gentes do lugar. Certa vez andou por lá uma repórter do Rio, que fez se não me engano para o jornal **Última Hora** uma matéria que não tinha mais tamanho sobre a região, com enfoque em Andaraí. E de tudo e tudo falou de Andaraí a moça do jornal, deixando, todavia, de fora o meu nome. Depois, foi um cinegrafista que rodou sobre a região um documentário inteiro, bornal de imagens onde enfiou tudo que da região viu e referiu, deixando porém de fora também o meu nome. Simplesmente me ignorou, como antes o tinha feito com igual zelo omissivo a repórter. Não entendi. Não entendo. Às vezes, tomado de condescendente superioridade de espírito, ai de mim, chego a ver na causa dessa reiterada omissão do meu nome simplesmente uma insuficiência de informação, ou uma negligência profissional. Estou de tal forma envolvido com Andaraí, onde nasci e boa parte vivi de minha vida, canteiro d'alma onde germinou o meu romance **Cascalho**, que em muitas línguas e por outros povos tem carreado as minha páginas andarienses de amor nativo e de solidariedade conterrânea, que me parece difícil alguém escrever sobre Andaraí sem referir em sua escrita ou em sua informação documental o meu nome. Nome entranhadamente comprometido com a cidade, no mais fundo das suas serras e dos seus garimpos. Outra coisa, porém, não fizeram a repórter aquela e o cinegrafista aquele. Terá sido despeito? Este é um sentimento que responde quase sempre pelo silêncio deliberado da hoje chamada mídia, relativamente a pessoas que de uma ou de outra forma estão inscritas no índex do seu desagrado. Ou do seu desinteresse. Mas, também pode dever-se a uma pura e simples, mesquinha antipatia, sob as mil e uma formas de idiossincaria em que se dissimula a antipatia, na irracional aversão pessoal gratuita e no não menos gratuito veneno humano. É quando o comunicador da informação, prevalecendo-se do seu meio de comunicação, usa-o contra a sua vítima mergulhando-a no silêncio da omissão intencional. Na imprensa

isso é comum, na medida em que, promovendo a mídia numa área de atividade comum um nome em detrimento de outro, projeta ainda mais o nome que por qualquer motivo interessa badalar, e badalar sempre. Admita-se que repórter e cinegrafista nunca tivessem ouvido falar do meu nome em função da minha terra natal. Ou simplesmente em função de coisa alguma. Mas seria natural que em Andaraí, pesquisando uma com o seu caderno de notas de repórter, e o outro com a sua farejadora câmera cinematográfica minuciosa o documentário que iam produzir, alguém da cidade, alguma pessoa grada da cidade, zelosa da história da cidade, lhes falasse de mim e do meu romance. No entanto ninguém falou nada. Ou, se falou, tudo resultou em nada, no tocante a mim, na reportagem da jornalista e no documento do cineasta. Enfim, escondeu-se no trabalho de ambos o meu nome, e com ele o meu livro sobre a cidade, no contexto da região largamente mostrada na página de jornal e na tela de cinema. Fiquei assim ignorado, ungido de todos os sacramentos do silêncio deliberadamente feito em torno do meu nome e da minha obra de escritor, negado em minha própria terra, ou nela simplesmente esquecido. Lá eu era ninguém, e em minha condição de ninguém me deixaram embrulhado no nada de coisa nenhuma, no nada que ninguém sabe ou de que nunca ouviu falar. Nada.

***

Volto ao tópico anterior, para com algumas lembranças complementá-lo. Veio de Cachoeira clinicar em Andaraí um médico formado em Salvador. A Faculdade de Medicina da Bahia (então no velho e histórico Terreiro de Jesus) valia nessa época por uma recomendação de sabedoria médica. Apesar disso, o Dr. João Magalhães era um bom médico. Um homem inteligente, simpático, senhor e possuidor de uma estupenda gargalhada cachoeirana. Tinha o mesmo nome de uma futura personagem de Jorge Amado, mas o médico nada teve nem tem que ver com o seu xará do romance. Usava chapéu, complemento já em desuso na rotina dos trajes e hábitos masculinos. Mas, em dia de baile, ao anoitecer o Dr. João deixava o chapéu no cabide. E escanhoado e penteado,

e em geral de terno branco impecavelmente engomado, naturalmente de gravata, dava a sua passada pelo clube Andaraí Social Recreativo. Era o ponto de encontro da cidade. Nessa noite rolava no clube um ar de euforia calibrada, proveniente dos trabalhos de copo em que aquecíamos todos nós a nossa timidez para enfrentar, afinal – o baile. Dizíamos **baile**, mas em verdade as nossas festinhas dançantes de interior, assim de boa fé chamadas, nada tinham que justificassem tão pomposa e bailosa designação, porque era mesmo tudo muito simples. Festinha em casa de família, com dança movida à vitrola ortofônica e discos de Francisco Alves, Araci de Almeida, Sílvio Caldas, Orlando Silva, Carmem Miranda, Mário Reis. Bom tempo esse, em que para cada 40 mil ouvintes havia no Brasil um cantor, tão diferente de hoje, quando para cada ouvinte há 40 mil cantores. Dos quais 60 mil são roqueiros.

Em matéria de beberetes o Dr. João Magalhães não ia além de uma discreta cerveja. Mas não tinha nada contra quem por hábito e gosto bebia. Nas suas idas ao clube, na hora geral da pressão que a gente tomava para enfrentar o baile, sentava-se à mesa com os amigos e escutava com paciente atenção a conversa deles, embora em estado de inferioridade etílica. Nesse tempo eu tomava cachaça com jurubeba, convencido de que mediante essa mistura farmacêutica eu colocava sob proteção hepática o meu fígado. Afinal eu trabalhava na farmácia de meu pai e não desconhecia as virtudes terapêuticas da velha jurubeba. Até hoje não sei se dessa mistura tirei algum proveito orgânico. Hoje me parece que em matéria de contraveneno alcoólico alcachofra em comprimidos é melhor. Enfim, lá estava eu naquela noite no clube, bebericando a minha cachaça com jurubeba, independentemente da tomada de pressão para o baile. Nisto, chega o Dr. João, muito reluzente no seu terno de linho branco irlandês, vulgo S-1120, e senta-se à minha mesa para conversar. Até o dia esse, eu nunca dissera a ninguém na cidade que estava escrevendo um romance sobre Andaraí, seus garimpos, sua gente. Pois ao Dr. João Magalhães, nessa dita noite, no embalo farmacológico da

minha cachaça com jurubeba, eu fiz pior: disse a ele que estava com o romance concluído e que ia enviá-lo para o Rio de Janeiro. O Dr. João fez uma cara de sincero e enfumaçado espanto, por trás do cigarro que lhe pendia da boca. E disse assim:

– Mas isso é uma temeridade! Você, um rapaz de Andaraí, este fim de mundo, escrever um romance e enviá-lo para o Rio de Janeiro, para publicação? Olhe, isso é mesmo uma temeridade!

Eu nunca ouvira até então esta palavra: temeridade. Que diabo era aquilo? De qualquer modo deduzi que era uma espécie de atrevimento.

E o Dr. João, por trás da perplexa fumaça do seu cigarro:

– Mas, lá estão o Jorge Amado, o José Lins do Rego, o Graciliano Ramos, a Rachel de Queiroz, o Amando Fontes, e você, um desconhecido, se arvora a formar ao lado dessa gente?

Devo dizer que foram exatamente esses os romancistas cujos nomes o Dr. João lembrou na sua pasma advertência entremeada de ironia.

Eu quase que lhe pedi desculpas pela minha petulante ingenuidade literária. Enfim, chegaram outras pessoas que também iam ao baile, e a conversa morreu ali, entre a cerveja do Dr. João e a minha quarta ou quinta cachaça com jurubeba.

Temeridade, sim, mas, num assomo de desvairada confiança, acabei mandando para o Rio os originais de **Cascalho**. A história do romance, a partir de Andaraí, com desfecho de sua publicação no Rio, sob o amparo prestigioso de Marques Rebelo, já foi contada e recontada muitas vezes. Quem não a conhecer, e por ela se interessar, é só pegar o meu **Subsidiário** inicial e ler. Só faltava mesmo contar esse lance da "temeridade" invocada pelo Dr. João, zeloso da minha insignificância e temeroso da minha audácia.

Publica-se **Cascalho**, com texto de apresentação de Marques Rebelo, seu padrinho. Desde o primeiro momento o romance logrou uma repercussão hoje difícil de acontecer, não apenas com um livro de estréia (caso de **Cascalho**), como até mesmo com o terceiro ou quarto livro de um autor já conhecido. Hoje não há

crítica literária. Ninguém escreve sobre ninguém por haver gostado de um livro que o editor lhe mandou. Em vez de crítica literária, na velha e boa tradição que vem desde Sainte-Beuve, há a mídia da patota engajada na venda do produto editorial, com todas as safadezas da marcação pessoal e até mesmo - estupidamente - política. É o chamado patrulhamento, que em nome de um falso e afinal anacrônico esquerdismo de inveja e despeito, reprisa o cerco de silêncio e do sufoco do figurino fascista. Antes havia o livro, forma e expressão de arte literária. Hoje há o produto editorial igualitário, em linha de montagem de consumo. Uma vitória daqueles que sempre defenderam a tese de que o livro é um objeto como outro qualquer. Não é não. Nem é uma editora um negócio como outro qualquer. Assim era fácil demais. E sem nobreza. Quer dizer: seria uma atividade comercial sem nobreza de comércio e sem nobreza de vida. Em sua Hogarth Press, editora que fundou com o marido (e que em inglês revelou e editou Gogol, Tolstoi, Proust), Virgínia Woolf adotou como lema publicar só o livro de boa qualidade, mesmo que houvesse dificuldades comerciais.

Na época em que estreei, o livro de literatura era tratado com dignidade compatível, no plano de uma dimensão ética de idealismo fundado em normas de ação. Vivendo numa pequena cidade do interior da Bahia, ser humano e literário completamente desconhecido, e não tendo sequer assistido ao lançamento do meu livro, para fazer pelo menos nos volumes destinados à crítica as habituais dedicatórias de oferecimento do autor, tive no entanto uma imprensa acolhedora em palavras e generosa em espaços, com rodapés de crítica nos principais jornais do país (**O Globo, Jornal do Brasil, Estado de São Paulo, O Jornal, Correio da Manhã**), além de artigos e crônicas inteiramente dedicados a **Cascalho**. Enfim, em sua carreira editorial, com relançamento em texto definitivo, quase um livro novo, com repercussão de livro novo, conservando porém sua autenticidade criativa no banho lustral da sua gênese, **Cascalho** foi objeto, pode-se dizer de uma consagração da crítica, no reconhecimento maior ou

menor do seu valor , por parte da quase unanimidade dos nomes mais respeitáveis de nossa literatura. E, muito especialmente sobre ele, se manifestaram elogiosamente José Lins do Rego, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, exatamente três dos cinco nomes da cúpula do romance brasileiro contemporâneo com que o bom Dr. João Magalhães me atemorizou no espanto sincero da minha idéia de mandar para o Rio o meu **Cascalho** - romance de um rapaz desconhecido, que vivia numa pequena cidade também desconhecida do interior baiano, chamada Andaraí. Dos nomes invocados por Dr. João, só não escreveram sobre o romance Amando Fontes, que habitualmente não escrevia sobre livros, e Graciliano Ramos, que embora não tendo escrito sobre **Cascalho**, recomendou-o a seu filho, o futuro admirável escritor Ricardo Ramos, numa lista que lhe deu de obras literárias brasileiras de indispensável conhecimento. Depois vieram os caminhos do mundo. Além de uma sua edição portuguesa, **Cascalho** está traduzido para o tcheco, romeno, italiano, polonês, russo, espanhol, francês, coreano, japonês, chinês, aí envolvendo já a crítica estrangeira.

Repórter de jornal e cinegrafista de documentário que andam mexendo e remexendo em assunto de minha terra natal, podem não gostar do meu livro, podem por qualquer outro motivo omitir deliberadamente o meu nome nos seus textos e pretextos. O que não podem, por imposição da verdade factual, é deixar de associar o meu nome ao que no exercício de sua profissão escreverem sobre a região que tem por cenário o meu romance. Não será um favor. É um imperativo da memória da região. E é, até mesmo, um dado histórico. Fora disso, tudo terá sido um ato leviano de informação. Ou uma desinformação lamentável. Hoje, digo assim como acabo de dizer. Se estivesse, porém, escrevendo isto ontem, em hora de desamparada tolerância, eu diria que a atitude da repórter e do cinegrafista foi simplesmente uma escrotidão.

✲✲✲

A cada reunião que o governo convoca com os seus sábios ministros e as suas sábias lideranças no congresso, eu me lembro

de Montesquieu, quando com muita perspicácia disse que quanto maior é o número de sábios que se reúnem, menor é a sabedoria que se obtém.

✲✲✲

Cartas. Escrevê-las, guardá-las, talvez relê-las, lembrar o que passou, nessa posteridade pessoal nossa de cada um, na saudade machadeana de nós mesmos. Ainda se escrevem cartas? Um alemão chamado Georg Steinhausen, numa monografia chamada **História da carta alemã**, prevê o fim da epistolografia, numa época, esta nossa, que já não é a mesma época em que sábios e cientistas eram membros correspondentes das academias científicas, obviamente via cartas; em que, via intensa e extensa correspondência, grandes escritores trocavam entre si idéias; e em que a correspondência amorosa mantinha acesa a chama imortal de amores e paixões. Cartas. Cartas. Cartas.

Hoje desapareceu em grande parte o hábito de escrever cartas. Escrever cartas passou a ser uma - chatice. Ainda outro dia uma escritora amante de entrevistas declarou com a boca no trombone da mídia que cartas - não!

Na Academia Brasileira ainda há pessoas que escrevem cartas. Pessoas sociáveis, e às vezes até mesmo não sociáveis, que, no entanto, tomaram em pequeno o chá da polidez e da educação. Pessoas que não respondem com a bunda do silêncio as cartas que recebem, nem deixam de com uma carta agradecer o livro que lhes oferece o autor. Uma das exceções acadêmicas na prática dessa polidez das cartas é Otto Lara Resende. Ele é perfeito. Nunca lhe escrevi que ele não mandasse na volta a resposta de minha carta. Nunca lhe enviei um livro cujo recebimento ele não deixasse de acusar e agradecer - por carta. Recebi há pouco uma sua carta acusando o meu **Subsidiário 2 (Andanças por umas lembranças)**. Diz Otto em sua carta que a minha experiência é transmitida com calor, com veemência, com vigor juvenil. E mais: que "leu" com agrado a minha anotação sobre Hélio Pellegrino. E ainda: - "Reencontrei a sua verve, sua de você, o ambiente familiar, Paris, a vida literária, a sua altiva atitude

diante das picuinhas, sua dor discreta dos golpes (morte do Aurélio) - tanta coisa. Uma vida, Herberto, dada com franqueza e bom estilo". E, em outra passagem: "... me impressiona a sua coragem de cortar fundo na sua emoção, mesmo quando o sentimento toma um rumo exaltado, de recusa, de hostilidade, ou até pior. (pág.151). Mas você se vê com lucidez e se refaz".

Meu caro Otto Lara Resende: muito obrigado, pela carta e pelas palavras. Não importa que só em vida eu possa guardá-las. Preservadas neste livro, elas ficarão para sempre no depois de mim, guardadas comigo.

***

Quando aos 65 anos morreu Sainte-Beuve, disse Edmond Scherer (citado no **Diário** de Amiel) que o grande crítico fora "o último representante da época do gosto literário, estando o futuro aberto aos astuciosos e aos embusteiros".

Parece que a situação não mudou muito depois da morte do autor de **Causeries du lundi.** A crítica literária continua hoje aberta à astúcia e ao embuste. Só que com pompa de computador e circunstância universitária.

***

Miamense. Ou miamês. Cidadão norte-americano, natural de Governador Valadares.

***

É difícil encontrar-se um maranhense em cuja composição do nome não entre desde a pia batismal o reverenciado topônimo **Ribamar**, tomado de empréstimo ao padroeiro do estado - São José de Ribamar, santo e cidade. E senha.

Em Braga (Portugal) há ou houve por outros motivos de origem uma freqüência na adoção do nome **Gaspar**. Parece que foi mesmo influência de um semelhante arcebispo da velhíssima cidade portuguesa chamado D.Gaspar. Se já não é tanto assim, pelo menos o foi no passado. Camilo Castelo Branco tem a propósito uma passagem muito engraçada. Com todo o respeito pela memória do escritor de minha muita admiração, sou tentado

a fazer aqui uma espécie de paródia dessa passagem, aplicando-a ao Maranhão e aos seus múltiplos Ribamares.

Vamos ver:

Estava eu um dia em São Luís visitando com um amigo ruas e becos típicos da velha cidade, quando ele me disse:

– Já observaste que aqui no Maranhão quase todo homem tem Ribamar no nome?

– Não, ainda não observei isso. Será que é mesmo assim?

– Vou te contar. Queres apostar comigo como neste beco onde estamos, em cada oito casas há pelo menos um Ribamar?

– Aposto. Aposto um pacote de cigarros. Topas?

– Topo.

Fechada a aposta, o meu amigo dirigiu-se a um sapateiro que trabalhava na primeira casa, e perguntou:

– Podes me dizer, por favor, onde mora aqui o José Ribamar da Silva?

– José Ribamar da Silva... Deixa-me ver... Não, aqui não há nenhum José Ribamar da Silva - respondeu o homem.

O meu amigo replicou:

– Tens certeza de que não mora neste beco nenhum José Ribamar?

– Bem, moram dois - volveu o sapateiro. - Um sou eu, que me chamo José Ribamar Oliveira. O outro mora aí ao fundo do beco, mas esse é o José Ribamar Santos. Agora, José Ribamar da Silva, não me consta que haja aqui algum morador com esse nome. Só se for aí na travessa à sua esquerda, onde há lá mais dois José Ribamar. Talvez um deles, quem sabe, seja o José Ribamar da Silva que o senhor procura.

Meu amigo deu-se por satisfeito. E eu dando-me por vencido:

– Basta. Vem comigo. Vou te comprar o pacote de cigarros da aposta.

No botequim, num lance de natural cordialidade, perguntei ao caixa como ele se chamava. E o caixa, registrando a venda do pacote de cigarros:

– Ribamar.

✡✡✡

✲✲✲

Tendo falado no tópico anterior na Sé de Braga, vejo agora que me esqueci de dizer que lá estive uma vez, muito especialmente em visita à sua matusalêmica igreja que de tão velha virou referencial de comparação com a velhice de coisas muito velhas: - velha como a Sé de Braga. Lá está (só então, tendo sob os olhos a relíquia histórica) a pequena cruz de ferro usada no improvisado altar onde em matas brasileiras (cujos despojos mortais o Ibama insiste com otimismo em chamar matas atlânticas) celebraram os portugueses a primeira missa no Brasil, com índios em volta. Pilhérias à parte, foi uma coisa emocionante ver de perto a pequena cruz do descobrimento e de Deus.

✲✲✲

Cláudio Murilo Leal, poeta de minha admiração, ser humano de minha estima, vida aformoseada pela ternura da graça de Jenice, agradeceu-me - com ela Jenice e com uma quadra - o exemplar do **Subsidiário 2** que de São Pedro da Aldeia lhe mandei para Teresópolis, onde o casal passa hoje mais tempo que no Rio. Transcrevo a quadra, que guardei na memória e no coração:

Subsídios para a memória,
Diário de alegrias e males,
Quanta estória e quanta História
Nas páginas de Herberto Sales.

✲✲✲

Morreu Francisco de Assis Barbosa. O primeiro acadêmico a ser cremado. Ele assim o quis, por determinação expressa. Custa-me aceitar a idéia - e já agora a realidade - de ver cremada uma criatura como ele. Como o querido Chico. Um homem tão especial, tão simpático, tão engraçado, pessoa tão pessoa, homem de tão jovial humor (às vezes era mau humor), sabendo rir saudavelmente das coisas engraçadas da vida, rir dos outros, das piadas, aliás engraçadíssimas do nosso comum amigo Marques Rebelo, enfim, custa-me aceitar a desconcertante realidade de ver

o velho sempre esplendidamente jovem Chico Barbosa transformado de repente num montículo de cinzas. Não. Ainda não me sinto hindu bastante para brasileiramente aceitar a cremação. Continuo a preferir a inumação num túmulo, o corpo devolvido à terra de onde proveio, terra que não são cinzas, mas pó, terra bíblica em partículas de vida feita pó. Os ossos humanos me dão sempre a impressão de que com eles caminhamos em silêncio para a eternidade. As cinzas humanas, nas radicalidades destruidoras da cremação, me dão impressão contrária: não o fim de tudo, no mistério da morte, mas na morte sem mistério, o aniquilamento do nada.

***

No perfil impressionante que dele fez, conta Mommsen que Felipe, rei da Macedônia, um orgulhoso homem de sedutores dotes de inteligência e de espírito, possuía a igual passo a natureza "mais arrogante e mais imoral que a sua época produziu". Uma época que - de resto - "ignorava a vergonha".

Ignorar a vergonha, simplesmente ignorá-la, eu dessabia que tal coisa fora em qualquer tempo privilégio de uma época. Pelo visto, os homens descobriram afinal, morrendo de vergonha, que existia a vergonha.

Mal comparando, houvesse vivido Capistrano na época de Felipe da Macedônia, e a sua síntese constitucional não teria sido formulada, por lhe faltar o fundamento intrínseco: o condicionamento ético da vergonha na Constituição de apenas um artigo. Um artigo essencial e único:

"Todo brasileiro precisa tomar vergonha na cara. Revogam-se as disposições em contrário."

A Constituição de Capistrano continua até hoje irretocada, em sua crueldade engraçada. O Brasil depois disso já teve várias constituições. Os políticos, desde que consultados os seus interesses pessoais e políticos, nunca hesitaram em emendar, remendar, riscar, borrar as constituições que todavia juraram cumprir.

Entende-se.

Para cumpri-las, na integridade dos seus dispositivos soberanos, não têm infelizmente na cara os políticos a vergonha que para isso precisavam ter. Como queria Capristano. E como o Brasil quer.

✲✲✲

Vem um e diz: Oi. Vem outro e diz: Oi. Dessa interjeicional saudação gemida, que hoje entre nós grassa e não passa, eu disse no meu romance **Einstein, o minigênio** que ela era a nossa gemedeira social. Acabo de descobrir que a saudação já não é apenas oral, mas também escrita. Vi (por acaso) duas cartas de um pai ao filho amado, que tinham ambas o mesmo gemente e anônimo começo: Oi. E seguia-se a carta. Só isto: Oi.

✲✲✲

Na TV encomprida-se a novela **O Dono do Mundo**. Título ambicioso. Podia-se arranjar a coisa com um título mais curto. Mais direto. Sobretudo menos pomposo. Por exemplo: **Piranhas**. Afinal na novela as mulheres passam todo o tempo dando; ou querendo dar. Entre um coito e outro (com despojos de trilhas sonoras americanas dando uma de fundo musical) chupões de língua e beiço fazendo as vezes de beijos, no melhor estilo desentupidor de pia. O título podia também ser este: **Em cada esquina um canalha**. Porque na novela mau caráter faz fila. O autor explica todavia o eufemismo do título. A novela **O Dono do Mundo** retrata a sociedade brasileira atual. Simplesmente a retrata. Estamos perdidos.

✲✲✲

Que sou eu afinal senão o que fui? Sou anterior a mim próprio: existo mesmo desde antes de eu existir. Existo em função de um contexto humano e geográfico, vida e paisagem, mato e morro, brenha e brejo, onde sou uma expressão de minha terra, ou de meu país. Meu país. Meu país sou eu. Homero era grego na medida em que ele era também a Grécia. Somos, eu e todos nós, de nascença e preexistência, o resultado não de uma fatalidade, mas de um privilégio: uma espécie de privilégio misterioso e

íntimo. Nós. Nossa terra. Nossa pátria. Nossos mortos. Acabei sendo brasileiro. Que é que vou fazer? Brasil, e pronto. Mas às vezes me envergonho do Brasil. E tenho até vontade de deixar de ser brasileiro. Não adianta pensar em ser paquistanês. Ou equatoriano. Ou talvez - **avec exagération** - francês. Ou mesmo qualquer coisa, menos americano. Em qualquer caso uma irrevogabilidade cósmica estará me prendendo ao Brasil, à minha totalidade brasileira. Resta-me apenas (em algumas situações) me envergonhar do Brasil. Como no caso dos aposentados: **remember 1991**.

Vou deixar aqui escrita a história, para ser lembrada. Principalmente para ser lembrada em futuras eleições. A eleição é a festa do esquecimento. Esquece o pai, esquece a mãe, esquece o filho. Só o político não esquece. Esquecer (para o político) é uma forma de lembrar. As promessas eleitorais feitas pelos políticos começam a ser esquecidas quando são lembradas. Que foi mesmo que eu prometi? Não me lembro mais. Toda eleição é um sonho. Depois não acontece nada. Político e governo são feitos do mesmo tecido de esquecimento. Eu prometi mesmo, ou tudo foi um sonho?

O governo, com as quarenta mulas da sua assessoria, assaltou os frágeis guichês dos aposentados. Primeiro o governo rebaixou o **status** de aposentadoria do aposentado. Era um **status** indevido, na opinião do governo. Esta palavra: aposentadoria, implicava uma condição social incompatível com a desprezível figura do aposentado. Uma espécie de condição nobiliárquica usurpada. Soava falso. Aposentadoria. Não assentava em aposentado. E o governo, para ajustar a aparência à realidade, substituiu a palavra aposentadoria pela palavra **abono**.

Abono sugeria favor, talvez esmola. E isto importava muito, era mais correto. Aposentado precisava saber que não tinha direito a receber aposentadoria. Aposentadoria? Tinha graça. Aposentadoria uma porra. Abono, sim. Embora considerado (por força de expressão) aposentado, na folha de pagamento de aposentado não se falava em aposentadoria - mas em abono. Quer

dizer: uma espécie de esmola que se atirava ao rosto de quem se aposentava. O aposentado saía de quatro pés catando no chão os trocados. O governo também tinha à disposição de sua arrogante vontade outras mulas, encarregadas da preparação dos seus papéis, dos seus decretos. Mal comparando, com perdão do folclore, eram uma espécie de mulas-sem-cabeça. Ora, se aposentado não recebia (oficialmente) aposentadoria, mas abono, por que, então, **aposentado**?

Pensando bem, devia ser era **abonado**. Não recebia abono? Abono dava abonado. Um problema de substantivo e adjetivo em concordância lógica. Mas as mulas de redação do governo, para alegria particular e geral do governo, torceram a concordância em nome do tradicional desaperto da lei. Uma lei de resto estabular. Aposentado não recebia aposentadoria, embora fosse aposentado. Recebia abono. Quer dizer: pegasse os seus trocados e tratasse de ir embora com o seu abono, antes que fosse pior. E o abono foi adotado, em desabono da dignidade do aposentado, a qual aliás não havia: havia abono. Criou-se também um substitutivo para outro tipo de aposentadoria. O correspondente tipo de aposentado também não recebia aposentadoria. Aposentadoria era um modo de dizer. Em vez de aposentadoria, recebia **provento**. Contudo, em vez de **proventado**, o infeliz continuava, de mentirinha, a ser chamado de aposentado. Uma das maiores vilezas do governo. Nunca se viu tanto cinismo junto ou separado. Comecei a sentir vergonha do Brasil. Vergonha da humilhação social e humana que o governo infligia aos seus aposentados. Que governo mais patife. Mas isso era só o começo. Quem havia de supor? O pior estava por vir. Aliás já estava vindo. A gente ouvia já ruído de pata de mula no chão do governo. Os aposentados já diziam um para o outro: "Lá vem coice". E veio.

Primeiro vamos pedir licença ao tempo para um recuo necessário. Era uma vez, fazia aliás tempo, os brasileiros contribuíam para o instituto de aposentadoria sobre o salário que ganhavam. Um homem chamado João, como outros Joões muitos, embora não da Silva mas dos Santos, contribuiu anos e anos

para o instituto aquele de aposentadoria, até o dia em que se aposentou. Esse dinheiro lhe seria depois restituído, sob a forma do faz de conta da aposentadoria, e em verdade o dito João, quando chegou a hora de se aposentar, pouco tempo teve mais de vida. A vida que então lhe restava não dava para cobrir sequer um terço do total das contribuições pagas e acumuladas pelo governo na renda mansa da chocadeira de juros. Morto o João, a viúva ficou mariscando com as lágrimas uns trocados, e pouco tempo depois, que ela em tempo já não dispunha de muito, foi fazer companhia ao marido nos desvãos do outro mundo.

Diga-se que, aposentado, o João passara a receber seis salários mínimos de aposentadoria, ou seja, o correspondente a seis salários mínimos do seu pleno direito contábil e humano sobre as contribuições: gente e algarismos. Uma aposentadoria correspondia sempre ao número respectivo de contribuições pagas sobre o salário. Havia vários níveis de aposentadoria. De um até dez salários aumentava o nível respectivo. Quer dizer: havia aposentadorias de dez diferentes formatos de angústia. Eu, Herberto de Azevedo Sales, contribuía sobre dez salários mínimos. Quando me aposentei, passei a receber de aposentadoria um pagamento correspondente a dez salários mínimos. Se o salário mínimo subia, a minha aposentadoria, embora a contragosto do governo, também subia. Primeiro requeri e obtive uma espécie de vale da aposentadoria, chamado pé-na-cova. Quando saísse a aposentadoria completa, estava para bem dizer na hora do outro pé acompanhar na cova o primeiro que à beira dela já chegara. Era só juntar os dois e entrar, a casa era nossa.

Me aposentei na hora e vez próprias: com 35 anos de serviço, ou de contribuições. Quando o salário mínimo dava um pulinho, eu saía correndo atrás dele para dar com a minha aposentadoria o meu pulinho também. Pulinho aliás só para constar. Em poucos meses de aposentado a minha aposentadoria degradou-se numa espécie de biscate. Inflação tava ali pra isso mesmo, na paquera. O jeito era tratar de arranjar um novo emprego, um novo ganho. Foi o que fiz. Afinal eu tinha de viver. E a coisa foi indo, como

Deus era servido. Mas um dia ocorreu a primeira escrotidão do governo para com os aposentados. Criou-se por artes e manhas das mulas administrativas o salário apelidado de referência, espécie de falso salário mínimo, salário mais mínimo que o mínimo. Quem estava recebendo legalmente a sua aposentadoria relativa a dez salários mínimos, como este vosso criado, obrigado, passou de repente a recebê-la com base unitária não mais no salário mínimo, mas no salário-referência, inferior ao mínimo. E assim, da noite para o dia, ou para uma noite pior, os meus dez salários mínimos legais foram rebaixados a pouco mais de seis salários-referência. O governo, atacado de incompetência orçamentária, partiu para a ignorância, roubando no peso das aposentadorias. Era mais fácil.

O povo aposentado sentiu dor. Mas não pôde gemer, porque na constituição vigente o povo não tinha voz, nem direito, nem nada. Havia um congresso, só para fazer de conta que havia. Para compor. Ditador não abre mão de congresso, até Hitler tinha o dele. Só precisa o governo organizar o congresso para o congresso fazer o que o governo quer. Um congresso na base do tudo que o mestre mandar fazer, faremos todos. As vozes discordantes serão toleradas, para em maioria, estratégica ou formal, legitimar a falsa liberdade, o falso direito, a falsa lei. E assim ficou o aposentado recebendo, por efeito do salário mínimo castrado em salário-referência, a sua nova aposentadoria. E eu senti de novo vergonha do Brasil.

Depois, soprou no Brasil um saudável vento de reforma democrática, com um novo congresso livremente eleito, pluripartidário, legitimado em assembléia constituinte, para elaborar uma nova constituição: uma constituição que realmente expressasse a vontade do povo, e não a vontade do governo. Tiveram então os aposentados uma esmola grande. A aposentadoria foi regulamentada novamente pelo salário mínimo, expurgado o salário-referência, salariozinho sem vergonha, criado para roubar no peso o aposentado. Tudo resolvido, na letra da constituição. Voltei a receber a minha aposentadoria na base legal de dez salários mínimos. Afinal a minha contribuição de toda vida me dava esse

direito, que a constituição anterior, com o congresso fazendo o que o mestre mandava fazer, resolvera arbitrariamente abolir, substituindo o salário mínimo pelo salário referência.

Nisto, empavonou-se um novo governo, num grande ruído de mulas em trote de desfile. Era uma beleza ver tanta mula trotando junto, cada qual mais empertigada que a outra. Não havia mula que em garbo perdesse para elas. Eram as maiores!

Conte-se. De repente o país entrou em ritmo alucinado de escândalos. O escândalo do dia era sempre maior que o escândalo da véspera . Só perdia mesmo para o escândalo do dia seguinte. E a corrupção comendo de esmola. Nas pastagens da previdência começaram a descobrir os podres. E os podres foram vindo para fora. Trabalho admirável da imprensa livre. E lá vem podridão, lá vem podridão. Ah, o tempo em que no Brasil se contava roubalheira aos tostões. Que saudade! Agora roubalheira era contada aos milhões. Não se fazia por menos. Enquanto se descobriam as fraudes da previdência, o governo, perdidos já todos os controles, perdia de quebra o controle de preços. A risonha cesta básica já não era mais básica, nem era cesta. E o povo começou a passar fome: fome básica. Então as mulas trataram de encontrar outro caminho, estavam sem dúvida em caminho errado. Era preciso o governo fazer qualquer coisa, obviamente com dinheiro. Mas, onde estava o dinheiro? O dinheiro o gato comera nas fraudes da previdência, aliás impunes. Ladrão da previdência não ia para a cadeia e, mesmo que fosse, o dinheiro da fraude, que era o bom, não aparecia. E havia os recém-criados clubes escolares, mansões fascistas de suntuária miséria e suntuária ignorância. Educação a gente aprende nos livros, sem professores com salário de fome, e não em estroinices arquitetônicas. Não havia dinheiro que chegasse para tanta irresponsabilidade convergente. Ah, mas o dinheiro o governo sabia onde ir buscar. Limpou as burras da previdência, desviando dinheiro de aposentado, de forma que esse serviço só não era demagógico porque era cínico. Ou só não era cínico porque era demagógico. Aumentou o salário mínimo, que deu um pulo falso,

com o que governo enganou por duas ou três semanas o povão da cesta. Ao mesmo tempo, mandou reduzir o índice do aumento dos aposentados, que proporcionalmente e constitucionalmente, devia subir para 147%, segundo mandava a constituição. Mas, constituição não era problema para o governo. Em constituição a gente sempre dá um jeito. A mula encarregada de engrossar na hora, e que tinha aliás o fraco de comer de sobremesa catálogo de telefone, arrumou uma redução arbitrária, passando por cima da constituição no peito e na raça. E os 147% foram achatados em 52%. Mas, como? Por que diabo de razão o governo decidiu que a achatação da aposentadoria tinha de ser na base de 52 %? Por que não 22%, ou 38%? Por que tinha de ser exatamente 52%? Ora, as mulas acharam que tinha de ser assim, e assim acabou sendo: 52%. Coisa de mula. Capricho de mula empacada. Quando mula empaca, só sai mesmo do lugar com facho de fogo na bunda. Isto já dizia Dona Raimunda. Os 147% legais foram todavia defendidos pelos aposentados. Eles tinham de fazer alguma coisa. Recursos foram encaminhados aos tribunais dos estados, e estes, na maioria dos casos, deram razão aos aposentados. Quando tudo parecia resolvido, eis porém que entra em cena um procurador que não era da Judéia, mas de Brasília. E que cassou de golpe baixo todos os recursos apresentados. O procurador esse era um homem feio, de enorme cara redonda e gorda. Mais que as suas procuradoras rabulices, metia mais medo aos aposentados a sua carrascal cara feia. Veio falando grosso, dizendo que o pleito dos 147% era um pleito inconstitucional, velha desculpa de sabichonice jurídica. Desculpa ou gazua. Os aposentados tinham de se contentar mesmo era com os 52% e agradecessem a Deus. A coisa tomou então um caráter sério, juiz discutindo com juiz, juiz malandro querendo fazer média com o governo, que ninguém era de ferro. Um juiz de Brasília saiu defendendo o governo contra os aposentados, e de irresponsável e fácil penada cassou todos os recursos já acolhidos em favor dos aposentados. Mas no Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, os juízes fizeram honestamente justiça. Com coragem e competência.

Mandaram pagar os 147%, retroagindo quatro meses, data do assalto das mulas do governo ao dinheiro dos aposentados. O Superior Tribunal de Justiça, por oito votos a um, deu ganho de causa aos aposentados. Aí uma das mulas do governo disse assim: Ah, é? pois vamos recorrer dessa decisão. Não pode. Não pode. A decisão da justiça é inconstitucional. De nada valem esses oito votos contra um do Tribunal de Justiça. Vamos sair pro pau. Vamos recorrer ao supremo. O supremo, como o nome está dizendo, é o poder que manda, "tá mandado". E assim fizeram. Ora, o supremo estava em recesso, mas o presidente do supremo estava em excesso. Estava dando plantão na presidência, ia julgar e decidir o caso. Tinha para isso poder. E quem pode, pode. Pelo menos para ganhar tempo contra os aposentados, enquanto o plenário não se reunisse, o homem podia decidir. Aconteceu, então, a mais incrível de todas as coisas essas que acontecem no Brasil e deixam a gente morrendo de vergonha, com vontade de desvestir a camisa de brasileiro. Vejam só: um homem estuda leis, faz carreira na lei, chega ao topo da pirâmide da justiça, e quando o país inteiro tem os olhos voltados para a sua augusta figura, confiante nele, na postura do homem por excelência da lei, ele vai para a imprensa antecipar o julgamento do caso dos aposentados, entregue à magistratura do seu superior julgamento. E anuncia aos repórteres, deixando-se fotografar para os jornais como para um anúncio de cerveja, que não vai julgar o caso do ângulo do interesse do governo, nem do ângulo do interesse dos aposentados. Então a gente disse assim: ah, ele vai julgar o caso como devia mesmo julgar, que beleza, gente, ele vai julgar o caso em função da lei, que é afinal o que lhe compete fazer como magistrado. Mas não aconteceu nada disso. Todo o mundo estava enganado. O homem disse que ia julgar o caso considerando o impacto que o pagamento dos aposentados ia provocar nas finanças do país. Mas, que diabo, esse homem era mesmo juiz, em grau de recurso legal supremo, para julgar uma questão de direito, ou era ministro da Fazenda? Como é que era: era mesmo juiz, presidente do supremo, ou juiz transviado em ministro da Econo-

mia? Inacreditável. E vinha o homem, e ainda por cima cometia a leviandade de espalhar pela imprensa o seu ponto de vista de julgador, deixando vazar ele próprio o que só teria de ser conhecido na hora do julgamento. Parecia mais coisa de juiz de futebol. Em verdade ele teve um mérito: não mentiu. Decidiu contra os aposentados. Sabe-se, a implacável decisão levou os aposentados ao desespero. Houve enfartes. Houve suicídios. Houve lágrimas. Mas o homem manteve-se imperturbável. Tinha a consciência tranqüila. E consciência tranqüila é a mesma coisa que mãe. Quem tem mãe tem tudo, quem não tem mãe não tem nada. Depois de torrar na fogueira do seu despacho os aposentados, o homem voltou aos jornais para proclamar a sua consciência tranqüila. Tinha ele mais de trinta parentes aposentados, inclusive um muito amado irmão, com quem ia cear no Natal, noite feliz, etc. Pois não é que o homem continuou imperturbável? Enfrentou numa boa a barra familiar dos parentes aposentados. Afinal tinha consciência tranqüila. E, abastecido de consciência tranqüila, na tranqüilidade natalina da família, atacou de Papai Noel barbeado e escovado, distribuindo a mancheias os seus votos de Feliz Natal. Os parentes aposentados, que teriam pensado eles? Falando novamente aos jornais, o homem deu aos aposentados de todo o país o mesmo consolo aposentador que dera aos parentes assaltados em suas aposentadorias. Olhem, disse ele, foi melhor assim, sabem? Foi melhor eu não haver dado ganho de causa a vocês. Já pensaram se os aposentados ganhassem a ação, e depois, se o plenário do supremo decidisse o contrário? Os pobres aposentados, nesse caso, teriam de devolver ao governo o dinheiro do pagamento do reajuste das aposentadorias que haviam recebido. Terrível. E disse o homem, com toda a sinceridade, que queria tudo, tudo menos constranger os aposentados a devolverem o dinheiro da aposentadoria, no caso de lhes ter dado ganho de causa. Portanto, o que ele fizera fora mesmo o que devia ter feito. Sobre isso não havia dúvida. Estava de consciência tranqüila. E como que ouvia os aposentados do Brasil inteiro dizerem assim em coro: muito obrigado, muito obrigado. Em verdade, se che-

gassem mesmo a lhe dizer alguma coisa - os aposentados não lhe diriam exatamente muito obrigado. Nem também lhe diriam qualquer coisa tipo bilu, bilu, que gracinha. O melhor é não pensar no que os aposentados lhe diriam, embora de uma ou de outra forma lhe tenham dito, sem que ele tenha escutado.

O governo riu de regozijo o seu aliás muito conhecido riso de homem que ri. Aí, entrou em cena um certo ou incerto homem de fundas olheiras de Bela Lugosi, terrorífica figura que estivera no centro de todas as milionárias fraudes da seguridade, e que acabou na seguridade permanecendo incólume, enquanto pela seguridade passavam e repassavam em impunes caravanas as fraudes. O homem das olheiras de Bela Lugosi deitou desculposa e cínica falação pelos jornais, coisa do seu particular agrado, com fotos e olheiras respectivas. Disse assim: "**tá vendo, tá vendo?**" Insistiu em que os aposentados não ganhariam a parada do reajuste, pelas seguintes e a seu ver irresistíveis razões: 1) o governo tava garantido na justiça, que pode tardar, mas para a esperança do governo não falha; 2) na hipótese de falhar a justiça, e o governo nessa absurda hipótese perder, aposentado ganha mas não leva, simplesmente porque a seguridade não tem dinheiro pra pagar o reajuste; 3) nesse caso os carnês podem ir para o banco, mas isso não quer dizer nada, porque não tendo fundo o carnê no banco, o carnê vai ser no banco o mesmo cheque sem fundo. Entra o carnê, mas o dinheiro não sai. Que sutil argumentação: o homem das olheiras de Bela Lugosi insistiu em dizer e dizer que não havia dinheiro para pagamento do reajuste e que se a justiça teimasse em manter a decisão favorável aos aposentados, a seguridade ia quebrar. Ah, é? A seguridade tava sem dinheiro? Quem mandou a seguridade gastar os milhões dela na construção dos CIACs das empreiteiras do ensino? Quem mandou a seguridade transferir dinheiro para o governo pagar em outras e muitas outras áreas despesas que nada tinham que ver com a seguridade, e ainda por cima com licitações que por serem ilícitas se tornaram nos inquéritos da polícia ilicitações?

Com os carnês aconteceu primeiramente a seguinte coisa

esta: preparados os carnês, de acordo com superior determinação do Tribunal de Justiça, iam ser eles encaminhados aos bancos, via correio, para pagamento do reajuste dentro de 72 horas. Nisto, o Papai Noel às avessas do supremo, o tal que depois de aprovar o recurso do governo contra os aposentados, foi palitar os dentes na ceia de Natal da aposentada e amada parente sua que entrou pelo cano por efeito do seu despacho, sustou a distribuição dos carnês já prontos e acabados. O resultado é que por força do seu despacho de pai-de-santo da justiça os carnês foram inteiramente destruídos, ocasionando com isso um prejuízo de milhões de cruzeiros pegando surfe para bilhões e quiçá trilhões. A seguridade, se antes da destruição dos carnês estava já com pouco dinheiro (que Deus nos perdôe), com menos dinheiro ainda ficou depois da destruição desses carnês. Claro. Mas para o homem de olheiras de Bela Lugosi só uma coisa interessava: não pagar o reajuste dos aposentados, que naturalmente cresceu em valor com o dinheiro jogado fora dos carnês. Colocava-se cinicamente a coisa como se os aposentados estivessem pedindo aumento de aposentadoria ao governo. Nada disso. Os aposentados pediam simplesmente ao governo que lhes pagasse o dinheiro que o governo lhes surrupiara. Reclamavam contra um calote. O governo passara por cima da constituição e arrumara o golpe dos 52% mediante a ação escouceante da mula governamental que comia de sobremesa catálogo de telefone. Reivindicando os 147% que lhes era devido, tudo que os aposentados queriam era que o governo lhes devolvesse a diferença em dinheiro entre 52% e 147%. Não era um favor. Não era pedido de aumento. Os aposentados reclamavam contra um estelionato previdenciário. O governo era um escroto. O governo estava mentindo. O governo era um bom filha da puta. E mais uma vez tive vergonha de ser brasileiro. E o congresso? que fazia enquanto isso a casa dos eleitoreiramente chamados "representantes do povo?" Afinal os aposentados faziam parte do povo. E, na hora das eleições - votavam. Votavam exatamente nos representantes do povo, que nesse caso eram também representantes dos aposentados. E o congresso, que fazia o congresso? Em toda a

história o congresso fazia sordidamente vistas grossas, salvo uma ou outra (rara) honrosa exceção. O congresso estava preocupado demais com a arrumação de vantagens no conversado entendimento com o governo, para perder tempo com os aposentados, sequer para dar uma escassa palavra em favor do direito deles, que afinal o congresso, jurando defender a constituição, cumpria também defender. Mas o congresso não disse nada. Aposentado só na hora de eleições. E a hora, como o próprio governo dizia, não era hora de eleições - mas de aflições. Coitado dos aposentados! O governo parecia até aquela personagem de Eça de Queiroz, que ao ver diante de si um pobre homem maltrapilho, faminto, desempregado, disse em pranto: "- Tirem esse desgraçado da minha frente. Parte-se-me o coração só de vê-lo."

Foi novamente à justiça do Rio de Janeiro e São Paulo outra ação dos aposentados, e nessas cortes encontraram eles corajosos e competentes juízes que em novos despachos confirmaram o direito deles ao reajuste. Dois juízes de primeira grandeza na justiça, e de grandeza igual na inteireza de caráter, determinaram que o reajuste fosse pago em 72 horas, não tendo sido menor o prazo porque a decisão coincidira com as festas de Ano Novo. Ora viva! Que belo ano novo iam ter merecidamente os aposentados. Até que enfim. Mas, como dizia com a sua inconteste autoridade o Dr. Rapa-Coco, alegria de pobre dura pouco. A mula governamental que comia de sobremesa catálogo de telefone saiu mais uma vez dando patadas pelo haras do planalto de Brasília. Veio botando fogo pelas ventas, taxando de paradoxal a brava sentença dos juízes do Rio e de São Paulo, porque para essa paradoxal figura tudo que não era a favor do governo era paradoxal. De resto, essa consumada zebra do governo tinha o fraco de dizer zebrices com ares profundos. E, recorrendo ao Papai Noel do supremo, espera achatar mais uma vez a decisão dos tribunais de justiça.

A esta hora em que encerrando vou estas notas, não há ainda notícia do despacho noelino. Tudo indica, porém, que ele confirme a negativa anterior contra os aposentados, até a decisão final e plenária do supremo. Quanto aos novos carnês já prontos para

encaminhamento aos bancos e pagamento do reajuste, não tem importância. Serão mais uma vez destruídos, com novas despesas inúteis para a seguridade. Seguridade só não tem dinheiro para pagar o reajuste dos aposentados. Mas para mandar rasgar carnê não falta dinheiro.

E mais uma vez eu me envergonho do Brasil. Confio porém na justiça brasileira. Sempre ouvi dizer que a única coisa séria no Brasil era o jogo do bicho. Com o caso dos aposentados e os exemplos de alguns grandes juízes que não têm medo das caretas do governo, descobri que no Brasil há pelo menos outra coisa séria: a justiça.

✲✲✲

Yeltsin. Que dizer desse russo que trocou tudo que de mais russo havia na alma russa pelos sanduíches do McDonald's?

✲✲✲

Um desses amigos que à falta de outro nome intitulamos amigos, **phd** em notícia ruim e indiscrições maldosas, me disse ontem que havia na praça um livro com o título praticamente igual ao do meu **Andanças por umas lembranças**. Livro novo, saído pouco antes do meu. Tranqüilizei-o revelando-lhe a história do título do meu livro. Cerca de vinte anos antes, publiquei na **Manchete**, a convite de Arnaldo Niskier, uma matéria chamada "Andanças por umas lembranças". Na Academia, uma tarde, Alceu Amoroso Lima me disse que lera a matéria e que particularmente gostara do título. Exatamente cerca de vinte anos depois, quando desdobrei o meu **Subsidiário 2**, dei-lhe o velho título de que eu me lembrava e que também me trouxe a lembrança de Mestre Alceu.

– Ah, é? - perguntou-me o meu novidadeiro e intitulado amigo.

A história acabou na explicação. O resto... O resto é silêncio. O silêncio de um palavrão mental.

✲✲✲

Um meu além de amigo romancista de minha admiração, Antonio Celso Alves Pereira, que eu sem abreviar a estima nem abreviar a admiração abrevio sempre o nome para Antonio Celso, me disse outro dia, quando soube dos livros que no exterior

publiquei neste 1991, ora em fim de exercício, que eu devia divulgar na imprensa esse (na opinião dele) importante fato: não era todo dia que uma coisa assim acontecia na folha corrida editorial de um escritor brasileiro. Peguei e escrevi a seguinte nota, que aqui textualmente transcrevo: "**Les Chercheurs de diamants (Cascalho)** é o segundo romance que Herberto Sales publica este ano em Paris (editora Messidor). O primeiro foi **Les Visages du temps (Os pareceres do tempo)**, pela Métailié. Quase simultaneamente, saiu também em chinês **Cascalho (Zuan Shi Meng)**, pela editora Montanha das Flores, de Pequim. Ainda este ano saiu de Herberto Sales a edição portuguesa (Lisboa) do romance **Na relva da tua lembrança**".

Seguindo a sugestão de Antonio Celso, mandei a nota para a simpática e inteligente seção de global cobertura de notícias intitulada Godot. Esperei sentado pela publicação. Como Godot não veio, telefonei à secretária da seção indagando sobre a nota. Respondeu-me ela que a nota não ia sair. Por quê? Porque Godot achara que a nota não era forte. Ora, como o que não é forte, até prova em contrário, é fraco, a minha nota não saiu porque era fraca. Simplesmente isto: a nota para Godot era uma nota fraca.

– Não é possível?- protestou o meu amigo Antonio Celso.

Dei-lhe a minha opinião:

– Claro que é possível, Antonio Celso.Tudo é possível numa seção de jornal. Até mesmo a própria.

✲✲✲

Eu estava em Praga, cidade natal de Kafka e sua obscura placenta. Andava pelas ruas de Praga, denso mundo gótico e barroco de igrejas, palácios, torres, pesada arquitetura de chumbo e sonho. Praga, a cidade velha, com os seus velhos restaurantes cheirando a cerveja e a fumo de cachimbo, pelo ar uma alegria aldeã de estalagem. Uma coisa antiga, desentranhada do passado em sulcos de mistério. Cidade de cores escuras, carregada de severa religiosidade, em cujas ruas há uma memória turva de labirintos e pesadelos. Cidade feia, contudo bela.

Praga, a cidade velha. Kafka só tornou possível Kafka porque nasceu e viveu em Praga, moldura dos seus temores e

desesperos, sua infância de menino assustado com o mundo, sua procura acossada de si mesmo nas frestas do absurdo da existência: seu gênio e seu auto-exorcismo. Mesmo escrevendo em alemão, Kafka, judeu-tcheco, foi um espírito moldado na atmosfera opressiva de Praga, pasto de sua angústia.

Fui visitar em Praga (nos arredores do castelo de Hradcany, ou simplesmente o Castelo, que do alto do morro domina a cidade) a casa onde menino e adolescente viveu Kafka. Uma visita nada comum, num período em que o regime político dominante no país, desinteressado em Kafka, se não chegava a ocultar a memória do escritor, fazia contudo silêncio sobre ele. Em verdade a memória da infância e adolescência de Kafka estava de certa forma escondida na pequena casa dos arredores do Castelo, que não figurava entre as visitas turísticas indispensáveis. Tive a sorte de conhecê-la graças a uma indicação de Vlasta Halinová, a tradutora tcheca do meu romance **Cascalho**. Todavia ela não me acompanhou na visita, que a dificuldade de acesso desaconselhava a quem já conhecesse o local (o local e a relíquia). A casa fica encravada no conjunto da antiga cidade real, e para chegar-se até lá tem que se subir a pé um grande trecho do morro. O próprio Kafka descreve no romance **O Castelo** o incrível conjunto de construções - assim: "... não era nem um velho castelo feudal nem uma construção espalhafatosa de tempos mais recentes; era um vasto conjunto de edifícios, alguns deles - poucos - de dois andares; o resto, **um mar de casas baixas, muito apertadas umas contra as outras; quem não soubesse que se tratava de um castelo, teria podido julgar que era uma cidadezinha**". (O grifo é meu.)

O romance de Kafka **O Castelo** (como revelou Max Brod) foi concebido para ser um romance escrito na primeira pessoa do singular. Mais tarde, Kafka alterou esse critério a partir dos primeiros capítulos já redigidos, escrevendo no lugar onde estava o pronome **eu**, simplesmente - **K**. Afinal a inicial de Kafka.

Além de conter em superposição a coincidente inicial do escritor, a inicial da personagem K. de **O Castelo** oculta no romance as reminiscências pessoais mais antigas de Kafka como morador dos arredores do Castelo. Sua casa, com a placa alusiva, situa-se exatamente no "mar de casas baixas, muito apertadas

umas contra as outras", fazendo pensar numa "cidadezinha". É simplesmente impressionante como alguém, uma pequena família, pudesse viver na pequena casa que com emoção visitei. Não terá muito mais de dois metros e meio de largura por três de comprimento. Uma pequena e estreita escada (realmente uma escadinha, nesse diminuto mundo de diminutivos) leva ao pavimento superior, interdito a visitação e, ao que tudo indica, das mesmas proporções do pavimento térreo. A casa será uma das "poucas de dois andares", que Kafka menciona na sua descrição no romance. No pavimento térreo há obviamente uma pequena loja onde se vendem, além de álbuns do Castelo, **souvenirs** da casa de Kafka: postais, marcadores de livros, fotos e mesmo algumas obras do escritor, em tcheco e alemão, mas possivelmente também em inglês. Em espanhol, não. O meu guia tcheco, que conhecia tudo em Praga, e que também dirigindo o meu carro complementava o meu motorista, falava aliás espanhol. O seu nome, traduzido, dava em Federico. Na embaixada, onde o Federico era muito conhecido, um jovem diplomata me avisou, preocupado da ortografia, que não era Frederico, como em português, mas Federico. E, temente de uma possível confusão, insistiu: - É Federico. Sem o **r**. Tratei de tranqüilizar o jovem diplomata na sua sabedoria lingüística: - Sei, meu caro, sei. Federico, como em Federico Garcia Lorca. O jovem diplomata sorriu. Certamente conhecia, pelo menos de nome, o famoso poeta espanhol.

E, vendo e vendo, olhando e reolhando a pequena casa de Kafka, que mais parecia uma casa de boneca, numa "cidadezinha" de casas de bonecas, eu imaginava o escritor vivendo ali o seu tempo de menino, confinado naquele exíguo espaço onde mal podia mover-se, prisão e vôo do seu espírito. E imaginava-o, também, nas possíveis ocasiões (de resto seu único ofício pessoal de infância) em que ele da sua "cidadezinha" para bem dizer de brinquedo, nos arredores do Castelo, contemplava-o como algo que embora pertencendo ao seu mundo de enigmas, ele não entendia: era como um mistério. Ainda no seu romance **O Castelo** escreve Kafka: –"O Castelo, cujos confrontos começam já a esfumar-se, jazia imóvel como sempre, jamais K. percebera o míni-

mo sinal de vida lá em cima, nem era possível, talvez, distinguir o que quer que fosse àquela distância, e, no entanto, assim o exigiam os olhos e não queriam tolerar aquela calma. Quando K. se punha a contemplar o Castelo, era às vezes como se contemplasse alguém tranqüilamente sentado lá no alto, olhos fitos no vago diante de si, mas não absorto e por isso isolado de tudo mais, antes livre e despreocupado, como se estivera sozinho e ninguém o observasse, e, no entanto, esse alguém devia sentir que o observavam, mas isso em nada lhe perturbava a calma, absolutamente nada, e realmente - causa? efeito? sabia-se lá? - e realmente o olhar do observador não conseguia agarrar-se e resvalava. Esta sensação, ainda mais a acentuava hoje aquele anoitecer prematuro; quanto mais K. olhava, menos distinguia, mais e mais se afundava tudo em crepúsculo". (As citações que faço do romance são da tradução de Vinga Martins, feita diretamente do alemão.)

Sempre pensei que o Castelo, na ficção de Kafka, fosse uma invenção kafkiana de Kafka. Foi preciso que eu tivesse descoberto e visitado em Praga a casa do escritor e tomado conhecimento das circunstâncias em que ele ali viveu, como morador dos arredores do Castelo; foi preciso que isso me acontecesse para que eu chegasse a esta conclusão certamente simples, seja qual for o sentido que os estudiosos da obra de Kafka queiram emprestar ao Castelo, no seu romance homônimo: em verdade o romance tem muito a ver com a vida de Kafka. O agrimensor K., personagem do romance, se não conseguiu medir as terras do Castelo, Kafka, seu criador, mediu o que tinha para medir. Em sua luta para alcançar (na interpretação magistral de Max Brod) uma ligação com a graça divina (simbolizada no Castelo) ele foi o agrimensor de suas dúvidas, sua angústia, seu desespero, seu sentimento de culpa, na expressão de uma obra literária genial e original. Embora Kafka o tenha deixado inacabado, o romance **O Castelo** se completa nos desdobramentos que tem no espírito de cada leitor, na análise profunda de cada um e nós: da nossa condição humana e da nossa alma. De uma forma ou de outra somos todos personagens de **O Castelo**.

✲✲✲

Publicou-se em livro tudo que de importante apareceu na imprensa em órgãos de instituições de cultura, sobre a morte de Luís Viana, inesquecível amigo. O livro chama-se **Homenagem a Luís Viana Filho**, organização de Edvaldo M. Boaventura. Naturalmente incluíram-se no volume as palavras proferidas pelos confrades do grande morto, na seção de saudade dedicada à sua memória na Academia Brasileira. Eu estava presente. Levei para ler na Academia o registro que fizera no meu ainda inédito **Subsidiário 2** (**Andanças por umas lembranças**). Deixei na secretaria o texto, em verdade uma xerox das páginas do meu livro, para publicação em nosso boletim. Pouco depois é lançado o meu **Subsidiário 2**, trazendo o registro consagrado à memória do meu desaparecido amigo e confrade. Reli as minhas palavras, tudo em ordem. De repente, eis que recebo um exemplar da publicação feita em homenagem a Luís Viana, por iniciativa de amigos seus, reunindo as despedidas de todos os seus amigos. O meu texto lá estava, não direi que para minha surpresa, mas de certa forma para meu pesar. Seguia-se colado a ele, numa gralha lamentável, uma nota que no meu livro escrevi sobre Herculano, e que assim aleatoriamente acrescentada, num intrometimento, não dava mesmo para ninguém entender. Todavia eu tudo entendi, logo. A xerox que servira de base para a composição do volume, tirada das páginas do meu **Subsidiário 2**, incluía no fim a nota sobre Herculano. Eu havia riscado de alto a baixo a nota com um traço vertical, a tinta, confiante em que isso bastava para indicar a supressão dela. Ou o seu corte. Em verdade uma tesourada teria sido mais indicada no caso. O resultado é que a nota, sem embargo do traço anulador, foi composta junto com o texto sobre Luís Viana. Que fazer? Como eu tinha no **Subsidiário 2** o texto em ordem, tratei de me desfazer do livro da homenagem.

Reencontrá-lo em qualquer ocasião só serviria para me aborrecer ainda mais, inutilmente. Enfim, a minha homenagem pessoal a Luís Viana estava feita e está em boa ordem no **Subsidiário 2**. E é nele que deve ela ser lida, por válida, em sua integridade

textual. Quer dizer: expurgada da intrometida gralha herculanea, que no livro da homenagem a confudiu e a enfeiou.

☆☆☆

*D*izer a verdade é uma virtude. Mas há verdades que não se dizem. Levei tempo para descobrir isso, coisa afinal tão simples, conquanto não destituída de complexidade. Há ocasiões em que se recomenda ocultar a verdade, embora não de todo. É preferível uma meia verdade do que uma mentira completa. Ou inteira. O mais difícil é você, tendo dito uma verdade, fazer crer aos outros que realmente o fez: que realmente disse uma verdade. Nesse caso a sua verdade passa a ser uma mentira, e como mentira fica desacreditada a sua verdade. Ninguém acredita no que você disse. E em sendo inocente a sua mentira, é ela encarada como uma brincadeira. Mentindo, você terá feito simplesmente graça. Contado uma piada. E no entanto você disse só e só a verdade.

Vou dar como exemplo um fato que há muitos anos aconteceu comigo, homem crédulo, que acreditando sempre no que lhe dizem os outros, sempre imaginou que os outros nele acreditassem.

Certa ocasião, numa homenagem que afoitamente me prestou um grupo de amigos, eu, pobre de mim, disse de público, na contingência de um discurso de agradecimento, que só me decidira a ser escritor depois de me julgar inapto para ser motorista de caminhão.

Houve uma gargalhada geral.

Fiquei sem entender. Que teria eu dito? Eu não estava inventando nada. Estava sendo rigorosamente verdadeiro. Estava dizendo uma verdade, contando a verdade. E, não tendo por que recuar na minha verdade, fui em frente com ela.

Impõe-se lembrar que até vir para o Rio de Janeiro, onde os amigos me homenageavam pelo sucesso ou boa carreira do meu romance **Cascalho**, eu vivera numa pequena cidade do interior da Bahia, Andaraí, então efetivamente uma cidade do interior: cerca de seis mil habitantes, em estado de atraso assumido, com a graça de Deus.

Descobri um dia que a minha vista não andava lá muito boa. Não havia oculista na cidade - que idéia! Fui a Salvador, e de lá

voltei sem graça e de óculos. E agora? Eu estava mesmo, como disse, sonhando ser motorista de caminhão. Agora, de óculos, não era mais possível. Tinha de mudar de sonho. Havia na cidade uma espécie de consenso sobre o uso de óculos. Óculos só para doutor. Motorista não usava, eu nunca vira em minha vida um motorista de óculos. Era uma aberração, que maior ainda pareceria se o motorista fosse de caminhão. Que fazer? Só me restava pensar em outra atividade qualquer, desde que compatível com os meus óculos. E aí resolvi ser escritor. Conhecia de fotos nas revistas vários escritores que usavam óculos. Quem sabe se eu não podia vir também a ser um deles? E foi assim, obrigado pela minha miopia, que acabei sendo escritor.

Contei tudo isso no meu discurso de agradecimento, que dizendo só e só a verdade encerrei com palavras mais ou menos como estas:

– Meus amigos, se não fosse a minha miopia, eu não estaria a esta hora com vocês, recebendo esta homenagem que tanto me honra e sensibiliza.

Os amigos vieram me abraçar. E sorrindo me diziam:

– Você é um grande gozador. Inventou aquela história do motorista de caminhão só para gozar a gente. Você tem mesmo muita imaginação.

Resultado: contei a verdade, e depois da homenagem fui dormir como mentiroso.

***

Esta nota, que ora na minha folha de papel escrevo, é de certa maneira continuação da nota anterior. Já de óculos, me lembro, comecei a rabiscar papel em Andaraí, no velho sobradão de meus pais, que a prefeitura se apressou a demolir mediante a picareta do progresso. Tentativas de contos, arremedos de artigos literários, começos abortados de romance, para afinal tudo acabar na lata do lixo. De fora ficava apenas a minha angústia, misturada com a minha teimosia.

Estava difícil ser escritor. Teria sido mais fácil ser motorista de caminhão, se os motoristas daqueles velhos tempos (pelo menos em Andaraí) usassem óculos. Ainda uma vez sofri influên-

cia das revistas com as suas fotos de gente importante. Na revista literária **Vamos ler!** (se não era a mais importante, certamente era a de maior circulação e prestígio do país) vi certo dia uma foto de Jorge Amado escrevendo a máquina. Ah, então daquela máquina saíra o **Jubiabá**, saíra o **Capitães da areia**, provavelmente o próprio **Cacau**, livro de que gosto tanto até hoje, tão cheio de espantos e novidades, no frêmito criador de um talento mal saído da adolescência? Fiquei impressionadíssimo. E resolvi comprar uma máquina de escrever. Sem ela a minha literatura não ia para a frente. Sem máquina de escrever não haveria escritor.

Havia porém um pequeno problema, não tão pequeno assim: eu não sabia escrever a máquina. Mas, que diabo, não sabia, mas haveria de aprender. Aprendem-se coisas mais difíceis na vida.

O caminho óbvio seria eu me matricular num curso de datilografia, que aliás não havia em Andaraí. Apelei para o recurso galináceo de catar milho; e, catando de grão em grão milho, cheguei a relativo domínio do teclado. Dava para o gasto.

Tendo aprendido a escrever a máquina, descobri, no entanto, que embora com a ajuda dela não conseguia escrever uma linha sequer de literatura. Da minha literatura. Tinha o hábito de escrever a mão, o que faço ainda hoje. No meu **Subsidiário** inicial fiz algumas reflexões sobre o ato de escrever a mão, que muito agradaram ao meu amigo João Condé. O leitor desta nota, conhecendo essas reflexões, conhecerá também o meu ponto de vista a esse respeito. Por ser ocioso repeti-las aqui, aconselho ao leitor consultar o **Subsidiário**, se tiver interesse nelas.

De toda maneira a minha máquina muito me ajudou. Nela datilografei os manuscritos de **Cascalho** e os das duas ou três versões do **Além dos marimbus**. Quando saí de Andaraí, me desfiz dela, precisava fazer dinheiro para a viagem. Tempos depois, um meu amigo, Albertino Silva, comprou a velha máquina que ainda rolava por Andaraí, e dela me fez presente. Voltou assim a minha máquina às minhas tão precariamente datilográficas mãos. Conservo-a comigo, em merecido descanso, dentro do meu armário. Não voltei a usá-la desde que de novo a tive comigo.

Mas de tempos em tempos, quando apertam as saudades, eu a tiro do armário e abro-a, como para uma visita. E entre mim e ela, no silêncio das teclas imobilizadas, vêm pousar de manso as lembranças recíprocas de nós dois, os anos passados juntos, o nosso reencontro inesperado, a velhice minha e dela.

Depois de Andaraí vieram os tempos da Empresa Gráfica O Cruzeiro, primeiro a revista **A Cigarra**, em seguida a revista e a editora xarás da empresa. Tive desde então secretárias, todas elas excelentes datilógrafas. Mercedes, Maria Luísa, Durvalina, a que mais e mais durou. Deixei de datilografar os meus próprios manuscritos, desaprendi a escrever a máquina. Elas se encarregaram disso ao longo do tempo, em diferentes ocasiões. Em Brasília foi a vez de Mirtes, com alternâncias episódicas de Celeste. Mirtes foi uma espécie de braço direito meu, minha animadora nos meus desânimos, meu anjo datilográfico da guarda. Todos sofriam com a minha terrível caligrafia. Neste instante em que as relembro e invoco, peço-lhes mais uma vez perdão.

Por fim veio Franco, que com esmero e competência datilografou nunca menos de oito livros meus. Sobre ele escrevi longamente no **Subsidiário** inicial e ainda no **Subsidiário 2**. Não direi contudo que sobre ele escrevi muito, porque por mais que sobre ele escrevesse, estaria ainda escrevendo pouco. Se o leitor me permite, peço-lhe que leia as coisas que sobre Franco escrevi. Franco morreu. Mas não o esqueço. Volta e meia pego a lembrança dele e ponho para tomar sol na minha gratidão.

Em Paris, por indicação da minha cara Edla Van Steen, cheguei até Márcia. Também sobre ela escrevi no **Subsidiário**. Márcia, criatura de Deus como poucas Ele fez. Foi ela que datilografou o **Subsidiário** e o **Subsidiário 2**, além do meu romance **Na relva da tua lembrança**, com absoluto domínio na leitura da minha letra. A inteligência dela facilitava no contexto a decifração dos meus hieróglifos. Márcia trabalhava sob remuneração pessoal minha. Mas continuo devedor dela.

Toda a minha gratidão é pouco para saldar o que lhe fiquei devendo em favor.

De volta ao Brasil, entrei em contato com um amigo de Franco, Giovani Mafra. Foi ele que datilografou os textos complementares deste **Subsidiário 3**, exceto este pós-escrito. Muito lhe agradeço.

Afinal eis-me agora para sempre em São Pedro da Aldeia, vivente desta pequena e histórica cidade à margem da lagoa de Araruama plantada. Sobretudo, sou vivente da minha solidão. Juraci não sabe escrever a máquina. Mesmo que soubesse, eu não teria coragem de pedir a ela, que tanta coisa já faz por mim e para mim, que também datilografasse os meus manuscritos. Não. Eu próprio, embora com muito esforço de readaptação, voltei a fazê-lo. Exatamente como no princípio, como nos velhos tempos de **Cascalho**, em Andaraí. Tudo voltou a ser como era antes, como quando eu queria ser escritor. De certo modo continuo querendo.

✲✲✲

Um meu camarada, ou que melhor nome tenha, costuma me dizer quando lhe ofereço um livro meu - o seu livro está cheio de erros de revisão. Nunca ouvi dele outra coisa notada nos meus livros, em livro meu. Um elogio, uma escassa palavra de louvor a uma possível página bem escrita, porque, sem favor, as há. Não. Nunca. Vem invariavelmente o reparo aos erros de revisão. Ora, releio com cuidado os meus livros, para expurgá-los de possíveis erros de revisão, com vista a eventuais reedições deles, e, por mais erros que eu neles tenha encontrado, nunca nenhum deles me pareceu "cheio de erros de revisão". O meu camarada evidentemente exagera. Faz-lhe bem isso, embora a mim não me faça tanto bem assim.

De toda maneira venho registrando para correções futuras os erros que pessoalmente vou encontrando na leitura dos meus livros impressos. Certamente que a esse crivo há de escapar algum erro. Não tendo no entanto dado por eles na minha revisão final, entrego as minhas falhas a Deus, que outra coisa já não posso fazer: o tempo, o meu tempo, encurta cada vez mais. Confio

também as minhas falhas à complacência do leitor. E à sua inteligência.

Sem embargo de sua muito boa revisão, descobri no **Andanças por umas lembranças (Subsidiário 2)** umas poucas falhas e uns tantos erros, que procurarei aqui corrigir. Ou sanar. São eles os seguintes:

Pág. 6 - Acrescente-se um ponto à dedicatória, que sem ele ficou solta no ar da página.

Pág. 90 - 5ª linha, de cima para baixo: Onde se lê **nos**, corrigir para **anos**.

Pág. 98 - 10ª linha, de baixo para cima: Depois de **contei**, colocar uma vírgula **absolutamente indispensável.**

Pág. 133 - 12ª linha, de baixo para cima: Em vez de **residenciais**, é **residência.** Como está não é possível.

Pág. 134 - 5ª linha, de baixo para cima: **Há um dos**, que precisa ir com urgência para o singular.

Pág. 142 - 5ª linha, de cima para baixo: Recompor em itálico o título do romance de Eça impresso em redondo.

Pág. 164 - 7ª linha, de cima para baixo: Depois da palavra **fora**, substituir os dois pontos por um ponto.

Pág. 166 - 13ª linha, de baixo para cima: Depois da palavra **grasse**, colocar o artigo **a** no lugar da conjunção **e.**

Pág. 189 - 7ª linha, de baixo para cima: Em lugar de **tempo**, escrever **outros tempos.** Coisa bem diferente.

Pág. 205 - 4ª linha, de cima para baixo: Sem **dúvida**, a falha é mais grave, porquanto torna ininteligível a frase. Depois de **ponta** acrescentar **a ponta.** O certo é **De ponta a ponta** etc.

Pág. 236 - 4ª linha, de baixo para cima: Corrigir para **costumávamos** o **costuma-se** que lá se enfiou com um **r** indevido.

Pág. 245 - Importantíssimo: Um evidente pastel. Suprimir a frase (aliás com um erro) **Continuando as minhas notas das (da) lembranças.**

Vai sobrar o claro, que deverá ser supresso com a junção dos textos que ele separa.

É tudo.

✲✲✲

Tudo começou com **Cascalho**, nome, ou título, que precedeu aliás o romance. Do título nasceu o livro, como da areia um cardo. E tudo vai agora terminar, nesta nota, ainda com **Cascalho**. Uma espécie de itinerário do meu espírito, começo e fim em mim, incluindo os meus arredores pessoais.

Recebi um dia em São Pedro da Aldeia um cartão de Jorge Amado me dando notícias da edição francesa de **Cascalho**. Um cartão enviado de Paris. Dizia o meu amigo do peito: - "Vejo **Cascalho** em francês nas livrarias, sinto-me feliz". Veio, também, um cartão de Isabel Meyrelles, tradutora do romance, que também traduziu para o francês alguns livros de Jorge, entre os quais **Le bateau négrier (ABC de Castro Alves)**, que tive a honra de prefaciar. Isabel Meyrelles me dizia no cartão: - "Espero que tenha gostado da nossa tradução, já que tanto contribuiu para ela." Enfim, cartões de Jorge Amado e Isabel Meyrelles falando do livro chegavam a São Pedro da Aldeia, onde todavia o livro não chegava. Passaram-se assim em branco uns quarenta dias, quarentena da minha natural ansiedade. De certa maneira eu vivia a mesma angústia de estréia de **Cascalho**, minha estréia como escritor, quando recebia telegramas de cumprimentos pelo romance, e ouvia pelo rádio seus anúncios freqüentes nas estações da rede "Associada", sem que, no entanto, no livro eu chegasse a pôr os olhos. Esperava-o pelo correio, ia esperançoso buscá-lo, e do correio voltava de mão abanando. Ia sempre ao correio e acontecia o mesmo, semana após semana.

Os quarenta dias de espera da tradução francesa de **Cascalho** me fizeram sofrer, quase me levaram ao desespero. Eu não agüentava mais. Que estaria havendo? Algum extravio do correio? Fiz então uma coisa que aos vinte anos seria desculpável, mas aos setenta e quatro foi simplesmente ridículo. Numa espécie de promessa leiga, decidi deixar crescer a barba até chegar a São Pedro o livro. Disse promessa leiga, mas prefiro admitir que ofereci ao próprio São Pedro, padroeiro da cidade, o sacrifício da

barba crescida. De uma ou de outra maneira uma tolice. E tão desprovido de fé estava mesmo o meu sacrifício, que ia ele pelo meio quando, dele desistindo, me escanhoei um dia pela manhã, na hora de costume. Tudo normal quanto à chegada do livro, que se fizesse a vontade de Deus.

De repente, telefonema de Jorge Amado, de Paris. Estava preocupado com o meu silêncio, e também o meu editor, Francis Combes, hoje meu amigo, diretor literário da Messidor, por onde saiu em Paris **Cascalho**. Me disse Jorge, quando para sua surpresa lhe falei que ainda não recebera o livro, que só não me mandara o exemplar que comprara porque o Francis Combes lhe disse haver já encaminhado à minha agente literária os exemplares destinados pelo contrato ao autor. Combes disse ainda a Jorge haver recebido o meu cartão de Natal, mas que estranhara não encontrar no cartão uma palavra minha sequer sobre o romance. Por acaso eu não teria gostado da edição? Ora, eu não me referira ao livro no cartão simplesmente porque não vira ainda o livro. Enquanto isso, Juraci ia diariamente ao correio, para ver se em nossa caixa postal estava por acaso posto em sossego algum exemplar do **Cascalho** francês. Quando eu ouvia tocar a buzina, ia abrir o portão, agarrado sempre a uma esperança. Quem sabe? Mas Juraci, mesmo de dentro do carro, me acenava negativamente com a mão, e desconsoladamente me olhava. Coitada, tinha pena de mim. Um dia, deu-se que ela desceu do carro com um pequeno pacote - sem dúvida um livro. Mas foi logo me avisando que ainda não era o **Cascalho** francês. Devia ser o **Cascalho** chinês, que quase simultaneamente com o francês saíra em Pequim. Os selos indicavam a origem do pacote. Era de fato a edição chinesa de **Cascalho**, por sinal bonita, e bem chinesa. Por sucessivas cinco vezes, em dias diferentes, chegaram um a um a São Pedro os exemplares da edição chinesa que o editor me mandou: um de cada vez, por conveniência dele. Não era possível. Chegarem de Pequim cinco **Cascalho** chineses, e de Paris, muito mais perto, não chegar no mesmo período nenhum **Cascalho** francês. Então, tomei a iniciativa de telefonar a uma minha amiga que mora em Paris, Lourdes Hallak, pedindo-lhe que comprasse e mandasse por um serviço urgente qualquer dois exemplares do

livro. Nisto, recebo outro cartão de Jorge avisando-me que pedira ao editor que me mandasse pelo meio mais rápido um exemplar do romance, já que eu ainda não recebera os remetidos através da minha agente literária. Passei um fax à agente, pedindo notícias do livro, coisa que devia ter feito desde o início. Mas não queria chatear ninguém. Além disso podia estar ocorrendo simplesmente um atraso do correio, coisa que acontece às melhores famílias.

E um dia, já não era sem tempo, eis que Juraci volta do correio trazendo com um sorriso os livros que a nossa boa amiga Lourdes me mandara. Foi uma festa. Com que sofreguidão abri o pacote, com que alegria de menino peguei e repeguei nos livros, nos chegados exemplares do livro por sinal lindo. Finalmente eu os via, tinha-os debaixo dos olhos. Liguei para os meus filhos no Rio e dei-lhes a notícia tão esperada. Beto disse logo - vamos comemorar! Quando no sábado os filhos vieram passar comigo e Juraci o fim-de-semana, juntando-se ao irmão mais velho, filho das minhas angústias, o meu velho **Cascalho** agora em francês, Beto cobrou a comemoração. Não houve comemoração. Abri a minha habitual garrafa de **whisky**, mas comemoração, mesmo, como na minha família e nos meus planos se fazia prenunciar, não houve. Afinal era sempre assim. A cada livro novo meu que sai, sem embargo da ameaça de comemoração festiva, a coisa acaba quase sempre numa espécie de alegria sem graça minha. Ora, deixássemos a comemoração para quando saísse outro livro meu. Todavia bebemos ao **Cascalho** francês, porque tudo é de resto pretexto para um filho de Deus tomar um trago, com livro novo ou sem livro novo. Até mesmo com livro velho.

Escrevi imediatamente a Jorge e ao Combes avisando-os da chegada do romance e contando-lhes do meu encantamento com a **très belle** edição. No dia seguinte, como se estivessem apenas concedendo a primazia da chegada aos da Lourdes, eis que chegam os oito exemplares enviados pela minha agente literária. Com eles veio uma carta de Marie-Ange, resposta ao meu fax. Tinha havido realmente um problema de correio, mas ali estavam sãos e salvos os livros. Na hipótese de por qualquer motivo não chegarem ao seu destino, Marie-Ange, minha agente e minha amiga, me pedia que a avisasse. Em caso de extravio, o editor se

dispunha a enviar outros exemplares. Não era preciso. Estava tudo em ordem, os livros comigo. E disso dei ciência em minha resposta à carta de Marie-Ange. Dois ou três dias depois, fieira puxada, vinham ter às minhas mãos os exemplares remetidos pelo Combes por sugestão de Jorge - exemplares, sim, porque em vez de apenas um, para matar a minha curiosidade, tinham vindo quatro.

Estava a minha casa povoada de exemplares do **Cascalho** francês, aos quais veio juntar-se o exemplar que Emilie, mulher do meu querido Mario Carelli, em viagem de férias ao Rio, me trouxe. Bem, acabou havendo mesmo uma festinha, com o meu filho Heitor no comando do churrasco em torno do qual se sentou a família penhorada da gente. Infelizmente, se a espera do livro durou muito, a alegria da festinha durou pouco, com os filhos e os netos retornando no dia seguinte ao Rio. De novo ficamos sozinhos em São Pedro, Juraci e eu, já agora, no entanto, com o **Cascalho** francês junto com as outras traduções do romance.

Vejo-os todas em nosso aprisco, pequeno rebanho editorial que pelos caminhos do mundo e do tempo se foi formando, crias estrangeiras do meu livro de estréia. Na ordem em que no repouso da minha estante vejo os volumes o primeiro é a edição portuguesa, feita em Lisboa, com o título óbvio, conservado de **Cascalho**. Depois, pelos idiomas, vêm as outras, com os respectivos títulos que nas diferentes traduções tomou o romance: tcheco (Tvrdy je diamant); romeno (Cautatorii de diamante); italiano (Cercatori di diamante); coreano (In-gan-u-Kyr-gok); espanhol (Diamante); polonês (Diamanty z Andarai); japonês (Daimondo gari); russo (Iskateli almazov); chinês (Zuan Shi Meng); e por último, francês (Les chercheurs de diamants). Num total de onze países.

O longo caminho de **Cascalho** passa por adaptações para o cinema, história em quadrinhos, condensação em revista de resumos de obras literárias, além de suas várias edições brasileiras, inclusive em círculo restrito de livros para associados. Várias edições brasileiras, sim, quantas não é possível saber ao certo, visto que em livro de bolso a editora deles não declara o número de edições que faz: uma condenável omissão bibliográfica para a

história de um livro, no cômputo geral bibliográfico brasileiro, e também um crime de estelionato editorial contra o autor, um desafio ao direito brasileiro e às sociedades ou sindicatos de autores. De toda maneira, creio que o romance anda por nunca menos de umas quinze edições, no curso das edições que em diferentes ocasiões e em diferentes editoras se fizeram dele.

A história de **Cascalho** é aqui contada em parte. Para o seu conhecimento completo é imprescindível rastreá-la nos **Subsidiários** anteriores. Se fiz questão de contá-la até o dia de hoje, até este momento, quando ainda posso fazê-lo, foi para testemunhar o muito que Deus fez por este seu mísero servo. Afinal foi muita coisa para um jovem desconhecido do interior da Bahia, que queria ser motorista de caminhão, chegar a ser hoje este escritor que vos escreve, dono de si mesmo e de um diploma de membro efetivo da academia fundada por Machado de Assis.

Aqui me despeço de **Cascalho**, dois velhos amigos que hoje matam saudades. Não sei se voltaremos a nos encontrar algum dia, se alguma novidade em nossas vidas nos porá de novo frente a frente no futuro. Se isso acontecer, tanto melhor. Se não acontecer, deixo-lhe desde já, nas incertezas desta despedida, o meu melhor adeus.

NOTA AO PÉ DA PÁGINA E AO PÉ DO TEMPO - 1991. Um ano muito bom para mim, especialmente no que diz respeito às minhas letras, à minha literatura. Publiquei dois livros novos no Brasil. Saíram em São Paulo **Andanças por umas lembranças (Subsidiário 2)** e um pequeno volume para crianças, chamado **O urso caçador**. Em Lisboa saiu a edição obviamente portuguesa do meu romance **Na relva da tua lembrança**. Em Pequim saiu, como já disse, a edição naturalmente chinesa de **Cascalho**. E saíram em Paris as traduções de dois romances meus: **Les visages du temps (Os pareceres do tempo)** e o já citado **Cascalho (Les chercheurs de diamants)**. Seis livros ao todo. Não é todo dia que acontece isso.

Sobre **O urso caçador**, por se tratar de uma história que se confunde com a própria história da minha propriedade em São Pedro da Aldeia, quero registrar aqui umas pequenas informações. Quando comecei a vir passar em São Pedro com os meus netos as férias, inventei que havia aqui um urso, que eu chamava urso caçador. Os meus netos ficaram impressionadíssimos e, naturalmente, temerosos do misterioso urso que ninguém via. A única pessoa que via o urso era eu, afinal seu inventor. Eu estava na obrigação de acreditar na minha invenção. Passaram os anos, os meus netos foram crescendo, e aos poucos começaram a desconfiar que o urso caçador que eu dizia ver, em verdade não existia. Era tudo uma brincadeira minha. Então... bem, o então está no livro, para quem quiser conhecer toda a história. Nunca pensei em escrevê-la. Minha nora Diane (é Diane, à inglesa, porque é filha de inglês), que a achava muito engraçada, acabou me convencendo a fazê-lo. Nisso foi ajudada pelo meu neto Sergito. E assim saiu em 1991 pela Melhoramentos a história, que teve na família aprovação geral.

✡✡✡

Pelo Natal, Juraci armou em São Pedro uma bela árvore iluminada e colorida, a partir de um cedrinho que ela transformou em pinheiro. Passamos com Heloisa e Fernanda (filha e neta) o Natal em São Pedro, os dois filhos e os outros netos só vieram para o **réveillon**. Tinham os seus compromissos natalinos no Rio. O Natal, que em geral é para os velhos uma festa triste, feita de recordações dos bons tempos que não voltam mais, foi todavia esse ano para nós uma noite de ternura. Só as saudades dos filhos e netos ausentes é que atrapalharam. Além da árvore de todos os anos, Juraci armou uma árvore menor, apenas para mim. E em volta da árvore arrumou os livros meus publicados no ano. Eles formaram em torno da árvore uma espécie de ciranda. Como se não bastasse tudo que fez para alegrar o meu Natal, a minha boa Juraci, com a lembrança dessa árvore rodeada de meus livros, comovedor gesto de carinho, me fez sentir mais uma vez que sem o seu amor eu não seria feliz.

São Pedro da Aldeia, 17.01.92.

Memorialística de Herberto Sales

SUBSIDIÁRIO
Memórias x Histórias

ANDANÇAS POR UMAS LEMBRANÇAS
SUBSIDIÁRIO 2
Segredos & Revelações

EU DE MIM COM CADA UM DE MIM
SUBSIDIÁRIO 3
Confidências & Penitências

Em preparo
NENHUM

Execução:
Parque gráfico da

EDITORA DO BRASIL S/A
Av. Mal. Humberto de Alencar Castello Branco, 368
07040-030 – Guarulhos / SP